



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ARTE NA TV
REFLEXÕES SOBRE MATÉRIAS DE ARTE EM TELEJORNALIS PARAENSES

Ana Paula Dias Andrade

Belém
2011

Ana Paula Dias Andrade

ARTE NA TV
REFLEXÕES SOBRE MATÉRIAS DE ARTE EM TELEJORNALIS PARAENSES

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós- Graduação em
Artes da Universidade Federal
do Pará, como requisito parcial
para obtenção do título de
Mestre em Arte.**

Orientador: Prof. Dr. Joel Cardoso

**Belém
2011**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Paula Dias Andrade

Arte na TV: REFLEXÕES SOBRE MATÉRIAS DE ARTE EM TELEJORNAIS
PARAENSES

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em Artes da
Universidade Federal do
Pará, para obtenção do
título de Mestre em Artes.

Data da aprovação: __/__/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Joel Cardoso (Orientador) – UFPA

Prof^a. Dr. Fábio Castro - UFPA

Prof^a. Dr^a. Bene Martins - UFPA

AGRADECIMENTOS

Que bons ventos o tempo me trouxe, transitar em duas áreas tão instigantes e inspiradoras: comunicação e artes. Fazeres de criatividade e principalmente de sociabilidade.

Esta dissertação e minhas reflexões foram feitos a muitas mãos e de muitas ideias. Primeiro veio o ato de observar o trabalho de colegas de profissão, depois o de compartilhar experiências com os novos colegas de mestrado e seus olhares sobre o trabalho de jornalistas, que, como eu, atuam em emissoras de TV paraenses.

A labuta seguiu sob a orientação incentivadora de meu orientador, Prof. Dr. Joel Cardoso, que com respeito e carinho, soube conduzir o fazer deste trabalho.

Mais pessoas se juntam a lista, houve os que me ajudaram na difícil tarefa de selecionar e de capturar os VTs. O Davi, a Jackeline e os colegas do arquivo da TV Cultura do Pará, Seu Graciano (meu amigo) e Ricardo. O designer Andrei Miralha que dividiu seu reconhecido talento com as artes na capa e no interior da Dissertação. Que honra!

Tudo isso sob olhar incentivador de amigos como: Adelaide Oliveira, Lara Lages, Paloma Andrade, Renata Ferreira, e tantos outros...

Profissionais a frente dos principais telejornais paraenses também não hesitaram em conceder entrevistas, contribuindo com a pesquisa.

É hora de dizer “obrigada” também aos meus pais e irmãos. Ao meu marido e ao meu filho Miguel: força, inspiração e motivação.

Receita Divina. Satisfação e orgulho. Pessoas amigas. Uma boa história e um caminho feliz. Impossível não agradecer.

*“ A cada momento de arte nos tornamos mais aptos à
captação da beleza do mundo e de seus significados.”
(Cristina Costa)*

*“ A massa ainda comerá o fino biscoito que fabrico.”
(Oswald de Andrade)*

RESUMO

Arte e comunicação, duas áreas do conhecimento capazes de provocar reflexões e questionamentos sobre a realidade humana, ainda precisam afinar o (com)passo. Esta dissertação propõe uma parceria entre os dois campos, para que juntos possam contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade crítica e enriquecida culturalmente. O ponto de convergência escolhido para o estudo é a mediação de informações sobre arte pelo telejornalismo paraense. Será que os telejornais valorizam, incentivam e dão visibilidade às pautas sobre arte, principalmente locais? Na tentativa de responder esta e outras perguntas, mergulha-se em uma pesquisa bibliográfica abordando temáticas referentes à linguagem artística e à televisiva, à crítica de arte e ao jornalismo cultural, levantando pilares para compreensão de como a TV, enquanto veículo de comunicação de massa, deve atuar para a correta mediação da informação artística. A partir de levantamento teórico, observa-se, na prática, matérias jornalísticas veiculadas em telejornais de emissoras paraenses de canal aberto: TV Liberal (Rede Globo); TV RBA (BAND) e TV Cultura do Pará (emissora pública); escolhidas para esta análise de conteúdo. Na pesquisa, as matérias trazem temáticas artísticas, parte do cenário contemporâneo. Coletar material de canais distintos colabora com a observação de como é abordada a informação artística em cada emissora; se é dada visibilidade à temática, valorizando-a; e se há incentivo, motivação ou colaboração com a formação do público de arte.

Palavras-chave:

Arte, Televisão, Comunicação, Telejornalismo.

ABSTRACT

Art and communication, two areas of knowledge that can contribute with reflections and questions about human reality, and still need to be more approximated. This work proposes a partnership between the two fields, to the development of the critical and culturally enriched. The focal point chosen for the study is the mediation of the art by the television news from the state of Pará, in Brazil. Does the TV news value, encourage and give visibility to the guidelines on art, primarily the local art? In attempting to answer this and other questions, we plunged into a theoretical literature addressing issues related to language of the arts and of the television, the critic of the art and cultural journalism, raising pillars for the understanding of how the TV, as mass media, must act to make a correct the mediation of artistic information. From theoretical approach, it is observed in practice, news reports broadcasted on the TV news stations in open channels from Pará: Liberal TV (Globo) TV RBA (BAND) and TV Cultura do Pará (public broadcaster), chosen for this content analysis. In the survey, the subjects bring artistic themes, part of the contemporary scene. Collect material on distinct channels contributes to the observation of how the information of art is addressed in each one, if visibility is given to the issue, valuing it, and if there is incentive, motivation or collaboration with the formation of a public of art.

Keywords: Art, Television, Communication.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS

LISTA DE SIGLAS

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO Á PESQUISA: PERSPECTIVAS DO ESTUDO | 11 |
| CAPÍTULO 1 | |
| 1. ARTE E COMUNICAÇÃO | 18 |
| 1.1 Arte para reflexão de quem? | 18 |
| 1.2 Comunicação para a sociedade? | 22 |
| 1.3 O encontro entre arte e comunicação social na TV | 25 |
| CAPÍTULO 2 | |
| 2. ENCONTRO DE LINGUAGENS | 32 |
| 2.1 O telejornalismo, a TV e a comunicação de massa | 32 |
| 2.2.1 Entre a pauta, o texto e a edição | 35 |
| 2.2.2 Texto e Imagem: a matéria telejornalística | 37 |
| 2.3 Arte, a linguagem polissêmica | 39 |
| CAPÍTULO 3 | |
| 3. CRÍTICA DE ARTE E JORNALISMO CULTURAL | 44 |
| 3.1 O Jornalismo Cultural | 44 |
| 3.1.1 Fundamentos para abordagem das informações | 49 |
| 3.2 A Crítica de Arte | 52 |
| 3.2.1 Fundamentos da crítica de arte | 55 |
| 3.3 Convergência de conceitos para análise da obra de arte pela mídia.. | 58 |
| CAPÍTULO 4 | |
| 4. ARTE NA TV PARAENSE | 61 |
| 4.1 Um pouco da história da TV no Pará | 61 |
| 4.2 Perfil das emissoras selecionadas | 64 |
| 4.3 Análise das matérias por emissora | 72 |
| 4.3.1 TV Liberal | 72 |
| 4.3.1.1 OFFs das matérias da TV Liberal | 72 |
| 4.3.1.2 Análise das matérias da TV Liberal | 76 |
| 4.3.2 TV RBA | 82 |
| 4.3.2.1 OFFs das matérias da TV RBA | 82 |
| 4.3.2.2 Análise das matérias da TV RBA | 86 |
| 4.3.2 TV Cultura | 93 |
| 4.3.2.1 OFFs das matérias da TV Cultura | 93 |
| 4.3.2.2 Análise das matérias da TV Cultura | 97 |
| 4.3.2 Matérias sobre o X Festival de Ópera: TV Liberal, TV RBA, TV Cultura | 102 |
| 4.3.2.1 OFFs das matérias da TV Liberal, TV RBA e TV Cultura | 102 |
| 4.3.2.2 Análise de matéria coberta pelas três emissoras | 106 |
| CONCLUSÃO | 114 |
| REFERENCIAL TEÓRICO | 119 |

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Arte. Primitiva ou moderna, antiga ou contemporânea, esta atividade intrínseca ao ser humano tem contribuído na relação dele com o mundo, principalmente através de representações simbólicas, já que o homem precisa de signos, símbolos, imagens, gestos e aspectos carregados de sentido para se comunicar, reconhecendo-se enquanto indivíduo e ser social.

Interpretação da realidade através de uma vasta possibilidade de leituras, educação, conscientização de valores, tantas funções são atribuídas à arte. A obra estética, também elemento de comunicação, proporciona razão e experimentação de sentimentos físicos e emocionais diversos. Um de seus valores mais relevantes está em sua ligação com o contexto dos fenômenos sociais na qual foi desenvolvida. (MUKAROVISKY, 1993).

Este conceito é um dos facilitadores da compreensão de obras artísticas.

Para que se possa compreender a obra de arte de nosso tempo, e também a de épocas passadas, é necessário sempre considerar a sua natureza dentro do contexto em que foi produzida e os princípios pelos quais foi estruturada.

A obra de arte pode ser definida como um objeto que possui a capacidade de expressar uma experiência, dentro de uma determinada organização ou disciplina. E essa experiência provém de circunstâncias que determinam uma obra de arte como: pensamento, imaginação, época, lugar e, sobretudo, o ambiente em que nasceu (DUILIO, 2003, p. x). (a citação não deve ter esse recuo de parágrafo, Ana, P.)

Tais experiências podem favorecer também o reconhecimento da cultura e identidade cultural ligado a um contexto de produção da obra estética, cada vez mais complexa. Em Hall, a identidade do sujeito pós-moderno se configura pela fragmentação e descentramento. Na tentativa de buscar no passado respaldo para sua Identidade presente, e mesmo para a futura, o homem acaba por criar uma nova cultura. (HALL, 1998)

Entender a fragmentação de identidades e as novas possibilidades culturais para se reconhecer é um dos anseios do homem pós-moderno e a arte é capaz de possibilitar este encontro, contribuindo com reflexões mais críticas sobre a realidade.

A história da arte nos traz muitos exemplos de trabalhos artísticos contestando visões colocadas para a sociedade como absolutas.

Mencionamos, como exemplo, o Impressionismo, movimento do século XIX, quando artistas como Claude Monet, Pierre Auguste Renoir, Edgar Degas e Paul Cézanne usavam suas obras para questionar o monopólio da arte e julgamentos de valor por uma elite intelectual entre academia e críticos. A frustração de uma arte definida por poucos e para poucos, um circuito fechado, levou os artistas a se rebelarem contra as convenções e o poder dos tradicionais guardiões da cultura quebrando padrões da época, abrindo caminhos para futuros movimentos de vanguarda, defendendo a liberdade artística e a inovação¹.

No Brasil, o Modernismo, marcado pela Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em 1922, buscou uma renovação das linguagens artísticas (música, poesia, arquitetura e artes plásticas) e uma ruptura com os ideais estéticos europeus propondo a valorização de elementos e de uma identidade nacionais. Já na década 60, músicos, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Hollanda, contestavam a ditadura Militar. Por denunciar a repressão política e aspectos sociais da época, foram exilados e tiveram suas músicas censuradas².

Quando se pensa nas relações entre arte e comunicação, é impossível não lembrar da visibilidade que a TV pode dar às ideias e a trabalhos artísticos. Ela, enquanto meio de comunicação de massa que participa da construção da concepção artística por parte do receptor, estimulando-o ou não a este encontro, tem relevância dentre os outros veículos de comunicação, por ser o preferido do público. A indústria de diversão, da educação e de notícias, exerce influência cada vez maior na formação da opinião pública, marcando estilos de vida e aspectos comportamentais das sociedades. Vivemos em um ambiente de mídia e a maior parte dos nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação. Dentre eles, a TV o mais

¹ Informações sobre os movimentos modernos em “Estilos, Escolas e Movimentos” de Amy Dempsey.

² As músicas *Apesar de Você* e *Cálice*, de Chico Buarque, por exemplo, foram censuradas. O artista adotou, então, o Pseudônimo Julinho Adelaide e compôs as canções *Acorda Amor*, *Milagre Brasileiro* e *Jorge Maravilha*. A canção *Meu Caro Amigo* é uma das mais evidentes críticas do compositor à ditadura, uma homenagem ao seu amigo Augusto Boal (dramaturgo e ensaísta brasileiro), na época exilado político.

influyente³, é a grande porta que pode se abrir para as reflexões propostas pela arte.

A TV não tem como negar espaço à arte, já que é um fenômeno humano, mas isso não garante comprometimento com a abordagem da informação artística enquanto atividade de desenvolvimento cultural e de produção de conhecimento. Trabalhar com temáticas culturais é um papel fundamental deste meio. Segundo Canclini,

Os meios de comunicação de massa facilitam o desenvolvimento dos espaços públicos e que os circuitos midiáticos se destacam em relação aos meios tradicionais de transmissão da informação e imaginários, propiciando uma oferta cultural a um grande contingente da população a partir das experiências macro urbanas. (CANCLINI, 2003, p. x)

Refletir sobre como ocorre a mediação da arte pela TV, ou seja, que critérios são adotados na concepção das matérias veiculadas em telejornais (foco deste estudo), como é construído o discurso e ao que é dada maior visibilidade por esta mídia de massa, dentro de um espaço que pode promover a arte e a cultura, estimulando o receptor a um contato com a atividade artística, faz parte da busca por compreender como TV e arte podem se relacionar de forma interativa, favorecendo a socialização do homem, o acesso cultural, a razão, elementos importantes contra a alienação.

Escolheu-se analisar o conteúdo de matérias sobre arte veiculadas por telejornais paraenses, em emissoras abertas⁴, para observar mais fielmente como se dá, na realidade, a mediação das informações artísticas dentro deste meio de comunicação de massa.

Este tema foi motivado pelo interesse em analisar mais profundamente a relação entre a arte e a televisão paraense, já que em termos locais, a arte carece de espaço tanto para crítica, quanto para divulgação nos meios de comunicação. Enquanto mediadora da informação artística e como veículo de grande alcance, a televisão, ao estimular o receptor a um contato com objetos ricos em estímulos, como as obras de arte, pode exercer também um jornalismo ético, afinal, é indubitável que ao aproximar o telespectador de

³ Ideia defendida em *Sociedade em Rede* (1999), pelo sociólogo Manuel Castells.

⁴ As TVs que participam desta análise são TV Liberal (afiliada à Rede Globo); TV RBA (afiliada à Bandeirantes) e TV Cultura do Pará (emissora pública de comunicação).

elementos como educação, conscientização de valores, interpretação da realidade e tantos outros que favorecem o desenvolvimento humano, ela está se comprometendo responsabilmente com a sociedade.

A própria Constituição Federal Brasileira⁵ prevê como dever das emissoras de rádio e televisão propagar e estimular a preferência por finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; a promoção da cultura nacional e regional; respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família; além da regionalização da produção cultural, artística e jornalística⁶.

Provocar esta reflexão para engrandecimento social é muito mais que abrir espaço ao tema: depende, principalmente, de uma correta abordagem da temática. De conformidade com Mukarovsky,

para compreender o fenômeno artístico tem que avaliar a obra de arte como signo, constituído pelo símbolo sensorial criado pelo artista, pela significação (objeto estético) que se encontra na consciência coletiva e pela sua relação com a coisa designada – relação que se refere ao contexto geral dos fenômenos sociais.” (MUKAROVISKY, 1993, p.12)

Vários índices devem ser considerados neste processo de mediação: que espaço é dado à arte dentro dos telejornais? Quanto tempo é destinado às matérias? Os profissionais são especializados ou tem o mínimo de envolvimento com o tema, ou é só mais uma pauta para cumprir? Todos estes fatores podem interferir na interpretação do objeto arte e, conseqüentemente, na matéria veiculada e no interesse final que esta poderia despertar no telespectador.

O objetivo desta pesquisa é contribuir com uma reflexão de como a construção das matérias podem realizar a adequada transmissão de informações sobre arte⁷ a partir do levantamento de conceitos teóricos que ajudem a entender os pilares da comunicação de uma obra estética. Estes referenciais teóricos servirão de base para observação e análise das matérias, refletindo-se sobre a mediação da mensagem artística pela televisão paraense, verificando distorções na compreensão da arte ou da obra estética, se é dada visibilidade ao tema e, ainda, se esta contribui com a formação do público

⁵ Capítulo V, Da Comunicação Social. Artigo 221, incisos I, II, III e IV.

⁶ A produção regional na televisão estará fortemente presente no estudo de caso desta pesquisa, ao analisar matérias produzidas e veiculadas por telejornais paraenses.

⁷ Não só as artes visuais, como também a dança, a música, a literatura e o teatro.

dentro da temática arte, cumprindo um papel social de desenvolvimento de conhecimentos e cultura.

Então, se consolidam como objetivos desta pesquisa:

- Levantar conceitos sobre arte, a fim de compreender como as diversas linguagens e manifestações artísticas esta podem ser trabalhadas enquanto informação para as matérias telejornalísticas sem que sofram interferências ou percam a sua especificidade;
- Compreender como a televisão, através do telejornalismo, é e como pode ser utilizada, enquanto meio de comunicação de massa, para valorização da arte e formação de um público de arte;
- Diagnosticar os pontos fortes e fracos do modelo de transmissão e discurso adotado para exibição de matérias sobre arte;
- Refletir sobre o papel social da arte e a contribuição do processo de mediação com o mesmo.

Para se alcançar os objetivos traçados, primeiramente houve um levantamento bibliográfico, tanto relacionado aos temas referentes à arte e à comunicação, buscando sempre uma convergência entre os campos. No âmbito da arte, detivemo-nos sobre noções como a especificidade da linguagem, suas funções e, ainda, elementos da crítica de arte que levam a uma compreensão não só da obra como também do contexto em que foi produzida, favorecendo uma compreensão global e profunda de sua estética.

Uma vez que as obras de arte são coisas às quais está relacionado um valor, há duas maneiras de tratá-las. Pode-se ter preocupação pelas coisas: procurá-las, identificá-las, classificá-las, conservá-las, restaurá-las, exhibi-las, comprá-las, vendê-las; ou então, pode-se ter em mente o valor: pesquisar em que ele consiste, como se gera e se transmite, se reconhece e se usufrui. (ARGAN, 2010, p. 13)

Em relação à mídia televisiva, refletimos sobre o seu papel enquanto mediadora de arte e cultura, desempenhando uma função socialmente responsável. Analisa-se ainda a linguagem massificada da TV, o formato telejornalístico e levanta-se conceitos em jornalismo cultural, que vem cada vez mais perdendo espaço e profundidade nos veículos de comunicação, a idéia é buscar princípios básicos desta área de especialização que possam

embasar o trabalho de jornalistas de TV, não especializados, na hora da cobertura de pautas sobre arte.

Para que a entrada na lógica, isto é, na estrutura e na dinâmica da produção televisiva, de onde viemos, não signifique a recaída numa generalidade vazia, devemos nos ater a um critério: o que importa é o que configura as condições específicas de produção, o que da estrutura produtiva deixa vestígios no formato, e os modos com que o sistema produtivo – a indústria televisiva – semantiza e recicla as demandas oriundas dos “públicos” e seus diferentes usos. Aparece então uma série de instâncias e dispositivos concretos por estudar. (BARBERO, 2001, p. 311)

As leituras foram escolhidas para possibilitar uma compreensão melhor dos elementos selecionados como objetos de estudo.

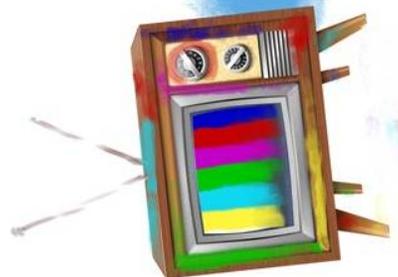
Na parte prática, foram coletadas amostras de matérias exibidas em jornais televisivos paraenses. Para ampliar as reflexões, selecionaram-se matérias exibidas em canais de televisão distintos, nos anos de 2010 e 2011, contribuindo com a comparação de discursos e visões de cada emissora.

Na fase de análise deste material, as matérias foram assistidas, os textos foram transcritos, inclusive as entrevistas. Observaram-se aspectos escolhidos para a composição da matéria jornalística, como o tempo destinado à matéria, encaminhamento, discurso entre outros aspectos, para verificar como são abordados os elementos referentes à arte ou à obra estética, se é dada visibilidade à temática e se esta é abordada respeitando sua complexidade. A análise fundamentou-se no referencial teórico.

Assim, busca-se estabelecer uma ligação entre a parte teórica do trabalho e a sua veracidade e aplicabilidade prática, lembrando o objetivo principal deste projeto: refletir sobre como o telejornalismo paraense media a informação artística e contribuir para que ele, enquanto linguagem dos meios de comunicação de massa, possibilite a valorização da arte, incentivando a formação de público, facilitando o acesso da sociedade à arte e cultura.

Quem sabe um dia as massas não possam consumir “biscoitos finos”, ou seja, trabalhos de arte carregados de conhecimentos, como esperava o escritor modernista brasileiro Oswald de Andrade?

CAPÍTULO 1



1. ARTE E COMUNICAÇÃO

Neste capítulo, faz-se um desenho dos campos da arte e da comunicação revelando o papel de cada um dentro da sociedade. Procura-se estabelecer um paralelo entre o que se propõe tanto na teoria quanto na prática para cada uma destas áreas. Ao levantamento de conceitos segue uma reflexão sobre o processo de convergência entre as áreas, processo que, como é notório, se intensificou consideravelmente no século XX.

1.1 Arte para reflexão de quem?

A arte nasce das mãos do homem em contato com a natureza, ou com a matéria. Produção sublime, pensamento em formato concreto, seja na representação iconográfica, pictórica, imagética, na partitura, no gesto ou na palavra. Talvez, mais um dos caminhos encontrados para o homem brincar de ser deus. Campo onde a noção de progresso não existe, a arte é imortal. As questões da arte são as questões de sempre, do hoje, da experiência atual, Assim, as obras são sempre ressignificadas em cada momento histórico. Moraes (2002) afirma que podem mudar os suportes, os meios de expressão, os materiais, as técnicas, as formas de apresentação, mas a essência da arte não muda. A arte se configura como elemento de necessidade vital para o homem, seja enquanto produtor ou receptor.

Sendo assim, todo objeto de arte é um testemunho de vivências e pontos de vista sobre o homem e o mundo. Ela reformula a vida a partir do olhar e se faz necessária em toda parte, na vida pública ou privada, da religião aos negócios⁸. O mistério da arte começa já na pré-história, com as pinturas rupestres do homem neolítico. Não nasceu adulta, foi se constituindo, progressiva e lentamente, na consciência e na ação humana. Ao longo dos séculos e de várias escolas e correntes de pensamento, permanece, em todas as obras de arte produzidas, a certeza de que a Arte é produto do trabalho humano, uma atividade mental em conexão com uma atividade operacional. A

⁸ Moraes (2002) cita pensamento de Joseph Albers de 1964, que reflete sobre a importância da presença da arte em todos os espaços da vivência humana, disciplinando o olhar e o espírito humano.

história da arte advém da relação entre todos os fenômenos artísticos, em qualquer dimensão espaço-temporal em que forem produzidos. Os fatos artísticos de um mesmo período e de períodos anteriores e sucessivos, entre a atividade artística em geral e as demais atividades do mesmo sistema cultural se conectam na intencionalidade da obra.

O valor artístico de um objeto, representado em sua mensagem, é forma de que é constituído, apresentado. Estas formas valem como significante das obras no momento em que uma consciência atribui significado a elas. Para Argan (1994), “uma obra de arte é uma obra de arte apenas na medida em que a consciência a recebe e julga como tal”.

No período absolutista europeu - entre os séculos XVI e XVIII - o belo passou a ser julgado por uma minoria de intelectuais, os estetas (filósofos, artistas e arquitetos), que definiam a qualidade da obra artística. A arte era feita para poucos, tanto quando falamos em produção, quanto em recepção. No século XIX, este panorama é alterado com a intensificação das atividades de arte e surgimento de um mercado de arte. Este momento também é marcado pela passagem da produção artesanal para a era da reprodutibilidade técnica, com a obra de arte sendo copiada, reproduzida em série e alcançando um público muito maior, tornando – sem entrarmos no debate sobre autenticidade da obra - seu acesso mais democrático.

Ainda hoje a arte tenta romper as barreiras e desmistificar a imagem elitista, de um campo complexo e difícil de entender, distante da realidade, algo escondido em museus, teatros e galerias. Arte não é só para acadêmicos, artistas e críticos: destina-se à sociedade. Afinal, está ligada à história da humanidade e suas conquistas, à natureza humana e seu simbolismo, à herança cultural dos grupos e ao desenvolvimento individual das pessoas. Para Costa (2004), despertar a intuição artística, desenvolver as suas formas de expressão e ampliar nossa capacidade de absorvê-la está relacionada intimamente com o despertar de nossa humanidade.

A arte é para sociedade tanto quanto nasce da cultura social. Surge de reflexões e experiências dentro de uma dada cultura e propõe a libertação de olhar a realidade sob novas perspectivas.

A arte se manifesta nas culturas ou nas camadas culturais que, em qualquer tempo ou lugar, fundamentam a realidade social, sempre e

tão só no contexto de uma ética dos valores, isto é, de uma concepção da vida como trabalho produtivo, das relações humanas como intercâmbio de experiências, da política como dialética de autoridade e de liberdade. Em toda a sua história, a arte sempre se encontra no pólo oposto do poder carismático e do dogmatismo político. Mesmo quando se apresenta normalmente sujeita a um poder despótico, faraônico, resgata e realiza em si, em seu fazer-se, a liberdade negada pelo sistema (ARGAN, 2005, p. 42).

A arte é fundamentada, ou concorre para fundamentar, a determinação de uma ideia de divino às suas produções, como uma aspiração social por liberdade⁹. Em sentido marxista, é uma forma ideológica que permite ao ser humano representar-se a si mesmo e a suas ações, não importa se de maneira autêntica ou distorcida (ARGAN, 2005).

Na Idade Média, a ciência enxergou a relevância e a racionalidade artísticas, o que evidenciou a possibilidade de um papel político e ideológico. Intelectuais passam a compreender e cobrar intervenções sociais a partir da arte. A arte engajada, persuasiva luta por seus posicionamentos, seu ideal (COSTA, 2004).

Claro que, a arte não promove a mágica de transformação do mundo, mas pode promover, por meio de sua mensagem, ações que incitem as transformações. E se é o público que faz a arte, ao lhe conferir sentido, é ele que também poderá contribuir, ou não, com sua destinação inicial, proveniente das hipóteses e experiências pessoais do artista. Referimo-nos à arte em função social desde sua idealização.

Este lugar de liberdade proporciona conhecimentos, visões críticas sobre a realidade para enriquecer e desenvolver a consciência humana. Para Mário de Andrade, o aprofundamento da consciência se faz capaz através da atividade artística pelo fato de esta nos abrir um penetrante caminho de introdução ao ser (MORAIS, 2002).

Como um espelho crítico da própria sociedade, busca revelar o que está oculto e o que é omitido, quebrar regras, padrões, através de seu hibridismo com outros campos, suas ambigüidades, seu pluralismo, seu diálogo com outras ou novas linguagens. Por isso, a linguagem da arte é uma

⁹ Como Giulio Carlo Argan, outros pensadores compartilham desta ideia. “A arte é o lugar da liberdade perfeita” (André Saurès); “é um exercício experimental de liberdade” (Mário Pedrosa); “é uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho para a vida” (Fayga Ostrower); “é um exercício de liberdade ou ela é inútil” (Daniel Abadie). Transcritas em MORAIS, 2002.

linguagem sempre atual, linguagem da qual o ser humano não pode mais ser desvinculado.

Apesar de intrínseca à vida humana, nem sempre o sentido da arte faz parte do cotidiano ou das experimentações do homem. Muitas vezes, talvez pela massificação, o indivíduo não se deixa contaminar pela arte. Não a procura, não a enxerga. E como um livro sem leitor, a arte pode viver sem o espectador?

Eis, pois, aí, um desafio para um país com baixos investimentos na educação de seu povo. Em pesquisa realizada em 2010, o Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, revela que em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) o Brasil está na 73ª posição entre 169 países. Um dos fatores que levou a esta colocação foram os baixos investimentos em educação. A sedução e popularização da arte poderiam contribuir com a formação de cidadãos.

A obra depende não apenas do trabalho de criação do artista, mas da fruição do público. E as características do receptor, como a sensibilidade, cultura e os hábitos artísticos, influenciam na leitura da obra. Logo, quanto mais próximo da arte o público for colocado, potencializam-se as trocas simbólicas e geração de conhecimentos, desenvolvimento de reflexões e críticas.

Para Costa (2004), nós nos tornamos mais humanos quanto mais próximos da arte nos colocamos. As conquistas do homem contemporâneo passam pela consciência do incalculável valor da arte, um patrimônio que nos identifica, aproxima e universaliza.

A sensibilização para a arte precisa ser exercitada. Principalmente em regiões com baixos investimentos, incentivos e procura do público para a arte – como, no caso, o estado do Pará.

É no ato de leitura das obras que o homem se familiariza com as linguagens. Mais do que na escola e nos livros, é nas galerias, teatros, museus, ou onde estiver a obra estética, que os olhares são construídos. A obra de arte pede público, a comunicação pode ser realmente social e contribuir para levar a população aos espaços destinados às artes. A TV pode,

além de promover o universo da arte, contribuir para a sensibilização do público.

1.2 Comunicação para a sociedade?

A vida humana está impregnada de atos de comunicação. A comunicação é inseparável do homem social, tanto que se tornou campo específico de estudo e ganhou estruturas, técnicas e veículos que mediam informações, símbolos, mantendo as pessoas conectadas através dos discursos propagados.

A Constituição Federal Brasileira, reconhecendo a importância e a influência dessas estruturas que fazem parte de nosso cotidiano, possui uma legislação específica para a área, prevendo não só direitos, como o da liberdade de expressão, mas, também, deveres. Vejamos, pois, alguns deles:

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – Preferência por finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – Promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação.

III – Regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Tantos exemplos de nossa realidade em meio ao mundo midiático podem nos trazer exemplos que colocam em xeque o disposto na Constituição Federal. Quais os limites, por exemplo, entre a censura e a cobrança por veículos que contribuam com a formação crítica dos cidadãos, prezando pela legitimidade e profundidade das informações?

Aqui começa a reflexão sobre a “missão” da comunicação, cujo foco é a sociedade. A etimologia da palavra “comunicar” já revela seu potencial altruísta, ela deriva do latim **communicare** que significa “tornar comum”.

Tornar comum o quê? Para quem? Em essência, no campo da comunicação, a palavra e a informação deveriam se envolver em processos

que favorecessem o despertar de consciências, motivando atitudes positivas, fiscalização do poder e a tomada de importantes decisões; que dessem voz a múltiplos grupos sociais; que propiciassem diálogo e integração, além de conhecimentos sobre política, educação, saúde, arte, etc; e, por fim, que colaborassem efetivamente com a construção de uma sociedade crítica, participativa, e solidária. Se o próprio comunicador se colocar como parte integrante desta estrutura social, a evitar a superficialidade e a omissão perniciosa, poderá ter consciência, à luz de sua própria realidade, da importância de seu trabalho para o processo de democratização de informações e conhecimentos para evolução do ser e do meio em que vive.

É fácil descrever posturas de ética profissional do comunicador, ou do jornalista. Cada vez mais, os veículos de comunicação se inserem em sistemas nos quais o mercado dita as regras do jogo, ou melhor, da veiculação, do discurso. Isso afasta os profissionais da realização de um trabalho pautado na comunicação com base social.

As mídias se apropriam do papel que lhe cabe de direito, mas não de fato – o de trabalhar à serviço do cidadão – para disseminar ideologias de interesse da elite que monopoliza os meios de comunicação - ideologias que determinam posicionamentos políticos, presentes dos editoriais até a seleção e condução das pautas. Muitas vezes, os empresários da comunicação formam trustes, dominando veículos diferentes (impressos, rádio, televisão), para manterem a hegemonia e maior alcance do público.

Os jornalistas passam a trabalhar mais para atender aos interesses dos veículos, mantendo o emprego, do que trabalhar para a sociedade. Afinal, onde ficou a independência do jornalista? Ela é afogada pela organização e funcionamento do trabalho. A grande imprensa confirma o avanço da forma de mercadoria em toda a sociedade, incluindo em si própria.

Na maior parte desses órgãos, o jornalista deve cumprir uma pauta preestabelecida, cuja elaboração, muitas vezes, não foi discutida por ele, como também deve dar uma perspectiva já determinada, para a cobertura de um fato. Na etapa posterior, da edição do texto, além de obedecer aos padrões dos manuais de redação, pode ter seu texto cortado e reescrito pelo seu editor-chefe de acordo com os interesses do jornal em determinado assunto. Assim como em outras esferas de produção capitalista, na grande imprensa também há, em algum grau, o fenômeno do afastamento do trabalhador do domínio do seu processo de trabalho, dificultando ao jornalista o exercício de sua consciência crítica e da autonomia para exercer sua atividade, com a

conseqüente perda do controle sobre sua produção (CASTRO, 2006, p. 56).

Neste contexto mercadológico, o jornalismo e a informação se tornam produtos, valorados como moeda, a fim de atingir os melhores resultados econômicos. Assim, assuntos de interesse público perdem espaço para temas pessoais e para matérias sensacionalistas.

No mundo atual, em que o homem muitas vezes se esquece de si, impera a errada concepção de que o jornalista deve noticiar o espetacular, o catastrófico, friamente. Não se leva em consideração que do outro lado da notícia (da personagem noticiada e do leitor, ouvinte ou telespectador), há pessoas que são também motivadas pela emoção, pelos sentimentos. Noticia-se para vender, custe o que custar.

... o jornalismo atual é mecânico, calculista, automático, frio. (VICCHIATTI, 2005, p. 11).

O espetáculo encontra sua força na imagem. Daí a importância da televisão, maior meio de comunicação de massa, dando alcance e visibilidade aos discursos veiculados. Ela é a mídia hegemônica na transmissão de informações, porém, também se submete à lógica econômica, dependendo dos índices de audiência e de verbas publicitárias.

Nela, o sensacionalismo deixa marcas através do discurso, operando a partir de generalizações, informações superficiais, exaltação de imagens, longe da educação e política sérias, sobrevivendo na indústria cultural como forte dispositivo de interpelação popular. (BARBERO, 2001)

Segundo Bourdieu (1997), o jornal televisivo, orientado pelo mercado, é conveniente, pois confirma o comum, não mexe com a cabeça do telespectador, deixa as estruturas mentais intactas. Para ele, os jornalistas desses meios operam na realidade social e nas produções simbólicas definindo o que vai ou não chegar ao público, em uma espécie de censura.

Na busca por notícias sensacionalistas, a TV confere prioridade à temáticas que envolvem, por exemplo, violência e pornografia, em uma comunicação que desinforma, deseduca ou, através de mensagens enganosas, tendenciosas, que iludem, desrespeitando o direito de realização, do telespectador, como cidadão. Deixa-se de lado temáticas mais relevantes para a sociedade, ferindo até mesmo pressupostos colocados como lei na Constituição Federal Brasileira, como o direito à produções com finalidades educativas, culturais e artísticas.

Nesta pesquisa, coloca-se a proposta de mediação da informação artística pela televisão como forma de exercício de uma comunicação comprometida com a sociedade. Ao deixar de lado a espetacularização da notícia e o sensacionalismo, compromete-se com temáticas que realmente proponham reflexões e mexam com a consciência crítica do receptor.

Não é um trabalho impossível. A arte, uma das possíveis fontes de informação, tem potencial para manter os índices de audiência, além de poder possibilitar um encontro do jornalista com a “missão” da comunicação social de “tornar comum”. As mensagens em arte, no entanto, devem ser abordadas com respeito a sua estrutura e conteúdo; para isso, o próprio jornalista - principalmente os não especializados, afinal, neste sistema que valoriza a superficialidade dos conteúdos, predominam os generalistas – devem ir ao encontro da arte, para entender seus pilares e poder mediá-la com aprofundamento mínimo necessário, possibilitando, por fim, a busca do público para a obra estética e um contágio pelas reflexões que arte suscita.

1.3 O encontro entre arte e comunicação social na TV

No mundo moderno, tecnológico, o homem vive rodeado de imagens, que refletem a cultura e os conhecimentos da civilização. Sustentado por uma explosão sem precedentes dos meios de comunicação social, a reprodutibilidade técnica da imagem se tornou ainda mais intensa. Provoca, muitas vezes, o desgaste do olhar. É quando o homem deixa de reagir ao mundo, assim como à arte, mediadora de novas experiências, de reajuste de percepções e de interpretações da realidade.

De acordo com Janson (1992), a superficialidade e a limitação do olhar podem determinar a rejeição à arte, e conseqüentemente a perda de seus benefícios ao desenvolvimento humano. Todos sempre têm opiniões formadas a respeito da temática artística, pautadas em conhecimentos empíricos, tal qual conhecem de política ou economia, por menos que se interesse por estes temas.

A arte está tal ponto entranhada no tecido da vida humana que estamos sempre em contato com ela, nem que seja através das capas de revistas ilustradas, dos cartazes publicitários, dos monumentos históricos ou dos edifícios onde vivemos, trabalhamos ou rezamos.

Muito desta arte é, sem dúvida, de bastante má qualidade- arte de terceira ou quarta ordem, gasta pela repetição.

O nosso gosto e as nossas opções são exclusivamente condicionados pela cultura em que estamos inseridos, e as culturas são tão diversificadas que se torna impossível reduzir a arte a um conjunto de regras suscetíveis de serem aplicadas em toda parte. (JANSON, 2004)

Entender que a arte é complexa, ou seja, não é formada por um conjunto de regras, como explicita Janson, é o primeiro passo para absorver sua linguagem.

A interação com pensamentos, culturas e sociedades, ao longo da história, faz a arte tão rica em significados e teorias. Na Idade Média, as artes visuais eram vistas como artesanato. No Renascimento, ganham *status* de arte com caráter intelectual. No século XVIII, é dividida em cinco áreas de belas artes (pintura, escultura, arquitetura, poesia e música). No século XIX, a revolução industrial muda o contexto social e os meios de comunicação ganham um espaço antes dedicado às letras e artes. No século XX, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, artes e comunicações começam a convergir.

A intersemiotividade dos meios de massa colocava-se em agudo contraste com a pureza estética que era típica das “belas artes”, especialmente da pintura e da escultura. Entretanto, as artes que, desde o Renascimento, estavam protegidas pelo invólucro de potentes sistemas de codificação, como é o caso da perspectiva monocular na pintura e o sistema tonal na música, não ficaram imunes às transformações culturais que as máquinas reprodutoras de linguagem, rebentos da Revolução Industrial e inauguradoras da comunicação massiva, estavam trazendo para o universo da cultura. Do Impressionismo até o Abstracionismo Informal de Pollock, assistiu-se a uma gradativa e cada vez mais radical desconstrução dos sistemas de codificação visuais herdados do passado renascentista. A par dessa desconstrução, as artes foram crescentemente incorporando os dispositivos tecnológicos dos meios de comunicação como meios para sua própria produção. (SANTAELLA, 2007,p.12-13)

Entre os anos 1950 e 1960, intensificam-se as transgressões aos sistemas tradicionais de arte. Mesmo permanecendo práticas dominantes de pintura e escultura, artistas passam a criar em novos sentidos de visualidade e em uma margem mais ampla de atividades. Teóricos como Duchamp, que propõe a renúncia à unicidade do objeto artístico e sua diferenciação de objetos comuns; Malevich coloca que a arte deve ser essencialmente complexa. Ambos têm os pensamentos refletidos em movimentos como o Minimalismo, a Arte Pop, Conceitualismo, Land Art, Body Art, entre outros.

Neste momento, passa-se a expressar que o significado de uma obra de arte não está em sua composição interna, como destacava o Modernismo e, sim, no contexto de sua existência. Os contextos social e político relacionam-se aos aspectos formais da obra. A partir de 1970, proliferam atividades criativas em arte com mudanças radicais nas formas de definição da mesma. Na década de 80, as discussões de temáticas artísticas são invadidas pelos conceitos de pluralismo e de pós-modernismo.

Na busca por produzir significados múltiplos e por atingir vários tipos de público, passa-se a mesclar o erudito e o popular, os estilos, as artes e as mídias. A hibridização e desterritorialização da cultura são reforçadas pela emergente ideia de globalização, misturando global e local, futuro e presente, a sofisticação e o *kitsch*.

É neste turbilhão que as artes e as mídias começam a perder seus contornos e transpor fronteiras, tornando-se permeáveis. A mídia e suas tecnologias passam a ser absorvidas pelas obras de arte, ao mesmo tempo que a comunicação de massa ajuda a disseminar, divulgar, as obras junto ao público.

Para sua própria divulgação, a arte passou a necessitar de materiais publicitários, reproduções coloridas, catálogos, críticas jornalísticas, fotografias e filmes de artistas, entrevistas com eles, programas de rádio e TV sobre eles. Embora possa parecer que um tal tipo de material seja secundário, cada vez mais as mídias desempenham um papel crucial no sucesso de uma carreira. Por isso mesmo, muitos artistas buscam manipular e controlar suas imagens e disseminação de suas obras por meio dos vários canais de comunicação. (SANTAELLA, 2007, p.14)

Nesta interação, entre comunicação e artes, as técnicas artísticas também são utilizadas pelos veículos de comunicação, o que não quer dizer que os veículos se tornem realizações artísticas.

Este contexto de trocas simbólicas entre artes e mídia contribuiu com a disseminação de conhecimentos em artes para um público mais amplo, influenciando na popularização das artes e, conseqüentemente, no aumento do interesse pelo tema e nas visitas a espaços dedicados à arte, como museus e galerias.

No universo da cultura de massa, a televisão é o meio de comunicação dominante. Não há como negar seu espaço e seus reflexos nos diversos campos sociais, inclusive no artístico.

A televisão, meio de comunicação de grande alcance, participa da mediação de mensagens referentes à arte e às obras estéticas, mas sua característica de padronização e sintetização de discursos podem interferir na referida complexidade e polissemia da arte, por desprezar que *em intertextos estão presentes outros textos, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis*. (BAKHTIN, apud BRAIT, 2008)

Entre a emissão e a recepção de uma mensagem, a comunicação de massa e a indústria cultural se forma um sistema simbólico direcionado às diferentes camadas sociais. Os meios buscam o que é culturalmente comum entre elas, criando uma espécie de standardização da cultura. A diversidade é um meio a ser ultrapassado e na massificação, as identidades são diluídas. (TRAVANCAS, 2004)

Enquanto meio de comunicação de massa, *“a TV inegavelmente conseguiu a formulação de uma linguagem e de mensagens facilmente reconhecíveis por enormes e variadas parcelas da população”* (Miranda & Pereira, 1983, p.15).

Com o objetivo de não segmentar profundamente o público, a TV cria um linguagem uniforme, permitindo que as mensagens transmitidas sejam reconhecidas por variados grupos sociais. Quando se trata da abordagem da informação, como, por exemplo, a artística, é comum a criação de mensagens superficiais, impregnadas de estereótipos redutores¹⁰. Referimo-nos aos telejornais, por exemplo. Para BOURDIEU (1996), quanto mais um jornal estende sua difusão, mais caminha para “assuntos-ônibus”, leves por excelência, que não levantam problemas, mostram o que já é conhecido e deixam intactas as estruturas mentais do receptor. O importante é atingir altos índices de audiência.

Há revoluções que atingem as bases materiais de uma sociedade, aquelas que são evocadas comumente e revoluções simbólicas, as realizadas pelos artistas, cientistas ou grandes profetas religiosos, ou por vezes, mais raramente, pelos grandes profetas políticos, que atingem as estruturas mentais, isto é, que mudam nossas maneiras

¹⁰ Conceito criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

de ver e pensar. No domínio da pintura, este é o caso de Monet, que subverteu uma oposição fundamental, uma estrutura sobre qual se baseava todo ensino acadêmico, a oposição entre o contemporâneo e o antigo. Se um instrumento tão poderoso quanto televisão se orientasse um pouquinho que fosse para uma revolução simbólica, eu lhes asseguro que se apressariam em detê-la... (BOURDIEU, 1996, p.64)

O campo telejornalístico detém um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala da informação. Ora, se estamos falando de campo que interage e reflete em outros campos, há que se observar e questionar como se dá a mediação das informações por ele, a fim de propor novos modos de levar ao público a matéria tratada, democratizando a difusão.

Ao selecionar os assuntos para serem exibidos, a TV acaba direcionando o olhar. Todo discurso ou ação que queira ter acesso a este meio de comunicação de massa de grande alcance deve se submeter ao princípio da seleção jornalística, retendo apenas o que é de interesse de suas categorias e grades, relegando à insignificância expressões simbólicas que seriam mais interessantes ao debate e ao conhecimento dos cidadãos. Exemplificamos com o tratamento dispensado à arte e à literatura. Os programas destinados a este segmento servem, muitas vezes, aos valores estabelecidos, ao conformismo e ao academicismo, ou aos valores de mercado.

A mídia não cessa enunciar veredictos aos seus espectadores com a autoridade que lhe confere a televisão. Os *fast-thinkers* da TV, profissionais que geram discursos sem parâmetros e aprofundamento, mas que acabam alcançando a massa, merecem ser questionados. A crítica vem em benefício social, já que este campo pesa sobre outros.

Neste momento, no campo da arte surge a divergência em relação à televisão: como a TV pode mediar informações artísticas para a massa, já que trabalha com uma linguagem uniforme, generalizante e, por essência, a arte é polissêmica, a rica em sentidos e interpretações?

Será que a televisão paraense, objeto deste estudo, já conseguiu adaptar sua mediação para evitar distorções na compreensão da arte ou da obra estética, auxiliando e incentivando a formação do público de arte, promovendo acesso cultural e a socialização?

A busca por uma colaboração entre as duas áreas pode levar a interações, de modo que haja um enriquecimento mútuo, com benefícios para a sociedade (LE COADIC, 2004).

CAPÍTULO 2



2. ENCONTRO DE LINGUAGENS

Duas áreas com linguagens distintas, porém com capacidade de colaborar e enriquecer uma a outra. Para dialogarem, antes de tudo, é necessário entender a sintetização de discursos do telejornalismo e a polissemia da arte. O levantamento de conceitos sobre esta problemática é o foco deste capítulo.

2.1 O telejornalismo, a TV e a comunicação de massa

O telejornal, como produto da televisão, um dos principais meios de comunicação de massa, para ter sua linguagem compreendida precisa ser contextualizado dentro do campo em que está inserido.

É cada vez mais difícil desvincular a sociedade contemporânea do poder que a mídia exerce sobre a mesma. Como uma das marcas registradas de modernidade e do capitalismo, os meios de comunicação atingem todos os indivíduos, seja como receptores ou consumidores de seus produtos. Entre a emissão e a recepção de uma mensagem, a comunicação de massa e a indústria cultural se formam como um sistema simbólico pleno de significações e seus produtos como produções simbólicas.

Em Canclini (2003, p. 159), os meios de comunicação de massa facilitam o desenvolvimento dos espaços públicos e que os circuitos midiáticos se destacam em relação aos meios tradicionais de transmissão da informação e imaginários, propiciando uma oferta cultural a um grande contingente da população a partir das experiências macro urbanas e de outros países.

Seja através de jornais, cinema, rádio, internet, ou televisão, a indústria cultural acaba por se tornar um instrumento de demolição de culturas distintas, a partir da pasteurização e homogeneização da sociedade. Ela nega à diversidade cultural espaço e presença em seus produtos, impedindo que estas se manifestem em seus veículos, com sua complexidade, que vai muito além dos estereótipos redutores exibidos nos meios de comunicação. (TRAVANCAS, 2004)

Com seu desenvolvimento, os meios de comunicação de massa ganharam espaço em nosso cotidiano, o que levou a proliferação de metáforas, como cultura do espetáculo, sedução e virtualidade. Ao se dirigirem às

diferentes camadas sociais, os meios buscam o que é culturalmente comum entre elas e como realmente se separam. Mas o não aprofundamento desta observação e consideração da diversidade, proposta anteriormente, leva os meios a apagarem tanto especificidades regionais, quanto separações entre urbano e rural, numa espécie de estandardização da cultura.

Desde o surgimento dos meios de comunicação de massa, os mecanismos de construção identitária sofreram novos processos de transformação. A televisão, em especial, participou destas significativas mudanças, operando processos de aculturação, responsáveis por novas características de comportamento e identidade. (MEUCCI, 2005, p. 2- 3)

A TV, enquanto meio de comunicação de massa¹¹ que participa da construção da identidade cultural, tem relevância dentre os outros, por ser o preferido da audiência. Ela é uma indústria de diversão, educação e notícias, que exerce influência cada vez maior na formação da opinião pública, marcando o estilo de vida e comportamento das sociedades. Em *Sociedade em Rede* (1999), o sociólogo Manuel Castells afirma que vivemos em um ambiente de mídia. Para ele, a maior parte dos nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação, sendo a televisão o mais influente. (PUC- Rio, 2004, pp. 18-19)

Segundo Miranda & Pereira (1983), é na relação da TV com o seu público que se constrói, de modo particular, um novo espaço simbólico e imaginário, onde são atualizados valores, sentimentos, emoções e fantasias. Neste seu processo significativo de comunicação com a população, “a TV inegavelmente conseguiu a formulação de uma linguagem e de mensagens facilmente reconhecíveis por enormes e variadas parcelas da população” (Miranda & Pereira, 1983, p.15).

Com o objetivo de não segmentar profundamente o público, a TV cria um linguagem uniforme, permitindo que a mensagem transmitida seja reconhecida por diferentes camadas sociais, buscando não enfatizar nenhuma das classes econômicas que estiverem assistindo a programação, também diminuindo as fronteiras entre o nível de conhecimento de cada indivíduo.

¹¹ Meio que atinge simultaneamente uma vasta audiência, heterogênea e geograficamente distante. Para Adorno e Horkheimer, gera a indústria cultural, fazendo das massas meros acessórios. “O consumidor não é rei, como pretende a indústria cultural; não é sujeito, mas seu objeto (BARBOSA 2002, pg.173, apud Adorno).

Em Travancas (2004), a televisão não é assim tão democrática, mas poderia ter sido um extraordinário instrumento da democracia se não estivesse vinculada ao poderio econômico e a indústria cultural. Ele destaca que a mídia, quando cria estereótipos redutores, mostra sua dificuldade de compreensão da complexidade dos problemas e questões sociais, reduz situações e perspectivas, encarando a diversidade como um meio a ser ultrapassado.

Meucci (2005) cita que pesquisas de recepção da mídia televisiva, realizadas por George Gerbner, revelam severas distorções da realidade nas mensagens televisivas. Segundo Gerbner (2002), quanto mais um indivíduo assiste televisão, mais ele vê a realidade de maneira deformada. Apesar de os indivíduos reconstruírem as informações a que são expostos, a distorção se daria por conta das imagens, na TV, produzirem um grau de legitimidade maior do que em qualquer outro meio. Algumas vezes, mensagens falsas podem ser veiculadas intencionalmente, a partir da manipulação dos recursos de legitimidade do discurso, oferecidos pelo veículo, no caso a televisão.

Através da massificação as identidades são diluídas nos meios de comunicação. A pretensão da linguagem da TV de apreender a verdadeira cultura nacional e expressá-la através de sua programação ganha a idéia de inautenticidade. A visão negativa em relação a essa pretensão parece ser uma das poucas unanimidades contemporâneas, compartilhada tanto por produtores da mensagem televisiva, como por receptores e por intelectuais, dentro e de fora do campo da comunicação.

Toda reflexão sobre a Televisão e a comunicação de massa, também se reflete no telejornalismo. Bourdieu (1997) analisa os telejornais como convenientes a todos, pois confirma o que é que já é conhecido e deixa intactas as estruturas mentais. Sua maior crítica é em relação à imposição de visões de mundo e enunciação de vereditos pelo jornalismo televisivo, que vem impregnadas pela pressão do campo econômico e da busca por altos índices de audiência.

Nossos apresentadores de jornais televisivos, nossos animadores de debate, nossos comentaristas esportivos tornaram-se pequenos diretores de consciência que se fazem, sem ter de forçar muito, os porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno-burguesa, que dizem "o que se deve pensar" sobre o que chamam de "os problemas da sociedade", as agressões nos subúrbios ou a violência na escola. A

mesma coisa é verdade no domínio da arte e da literatura: os mais conhecidos programas ditos literários servem – e de maneira cada vez mais servil – aos valores estabelecidos, ao conformismo, ao academicismo, ou aos valores do mercado (Bourdieu, 1997 p.65).

Neste contexto, o telejornalismo acaba operando fortemente na realidade social e nas produções simbólicas, sendo que, muitas vezes, para chegar ao debate público os discursos e ações tem que submeter-se e passar pelo crivo de uma censura velada, exercida pelo campo jornalístico, sem que, muitas vezes, os próprios profissionais da área se apercebam disso.

2.2.1 Entre a pauta, o texto e a edição

Na busca por entender a construção da linguagem e do texto das matérias tejournalísticas, antes é preciso compreender o sistema de produção no qual estão inseridas.

Para que uma pauta venha a ser realizada, o primeiro passo é a chegada da informação até a redação, que pode ocorrer através de releases; contato direto por e-mail ou telefone de cidadãos, fazendo a sugestão do tema; pesquisa dos produtores em variados meios de comunicação, entre outros.

A informação inicial é recebida pelos produtores e em uma reunião de pauta – com a presença apenas dos produtores e chefias de reportagem - são selecionadas as mais interessantes para o jornal, ou aquelas que serão executadas. Na construção da pauta, os produtores entram em contato com pessoas ligadas ao tema, por exemplo, tratando-se de um evento de arte como uma exposição, ele busca informações junto aos assessores, aos artistas, ou aos curadores.

A pauta traz horário, local, contatos dos entrevistados, sugestão de entrevistas, perguntas e imagens, mas, principalmente, as informações sobre o tema explicando do que se trata, fazendo contextualizações, dando o significado de termos técnicos, mostrando os personagens envolvidos e o perfil de entrevistados. Outro ponto fundamental na pauta é o encaminhamento, nele

são feitas as orientações, pré-definidas na reunião de pauta, de como o repórter deve conduzir, encaminhar o tema e, muitas vezes, o que deve ou não ser destacado.

Na redação, os repórteres são escalados por turnos, geralmente divididos em equipe de externa da manhã, tarde ou noite. Não há uma segmentação por afinidade ou interesse do profissional em relação à determinado tema. O repórter deve cumprir a pauta de seu horário, seja ela sobre economia, política, religião, polícia, comportamento ou arte. Dependendo da emissora, ele cumprirá de duas a três pautas em seu turno e elas podem trazer (normalmente trazem) temas distintos.

A equipe de externa (repórter, cinegrafista e auxiliar) sai para a realização das pautas. O tempo é curto para a demanda diária. Nas locações precisam realizar as sonoras¹², fazer imagens e levantar informações para a construção do texto em OFF¹³ e para a gravação da passagem¹⁴. Outra situação comum é encontrar na locação informações que divergem das apontadas na pauta, é quando o repórter deve buscar um novo encaminhamento para a matéria e entrar em contato com a redação para receber o aval da chefia e continuar o trabalho. Dificilmente as pautas são derrubadas, pois é necessário uma quantidade mínima de VTs¹⁵ diários para que o jornal preencha e cumpra seu tempo no ar.

De volta a redação, o repórter – que muitas vezes já traz o texto pronto da rua, escrevendo no local da entrevista, ou mesmo no carro - deve passar o texto com um editor, que vai fazer a revisão do mesmo e apontar, se necessário, possíveis modificações. O repórter então pode gravar o OFF.

Fita e OFF entregues à edição, é hora de montar a matéria. Na edição são definidos as imagens e os trechos de sonora que serão utilizados

¹² Entrevista gravada que terá trecho selecionado na edição.

¹³ Texto que o locutor apenas narra, sem aparecer (On) no vídeo.

¹⁴ Momento que o repórter aparece ON na matéria dando mais informações sobre o assunto abordado

¹⁵ Fita com matéria editada, pronta para ir ao ar.

na matéria. O editor também escreve a cabeça que será lida pelo apresentador para a chamada do VT.

Pode ser observado que todos os profissionais envolvidos não têm nenhum tipo de especialização ou comprometimento com determinado tema e que o trabalho é voltado para a notícia e qualquer tipo de informação que, segundo a linha editorial do jornal, tenha sido considerada de interesse público. Sem conhecimento aprofundado, ou mesmo de base, sobre o que é abordado, ficam mantidos padrões jornalísticos como objetividade e imparcialidade, verdade, precisão, confidencialidade e outros valores ligados à ética, para a correta abordagem da informação.

Outro ponto a ser destacado é que a demanda de trabalho é grande em todas as fases de construção da matéria telejornalística,

São estes fatores que levam à crítica sobre o comprometimento do jornalista com a informação e com a sociedade, como colocado no primeiro capítulo desta dissertação. Castro (2006) faz uma crítica ao volume de trabalho e a falta de discussão e envolvimento de todos os profissionais antes da execução das pautas. Para ele, a determinação de uma pauta preestabelecida ao repórter prejudica uma reflexão ampla sobre o tema. Na sequência os textos são cortados e avaliados por editores que seguem a linha editorial e os manuais de redação de interesse do jornal. Tudo isso afastaria o jornalista do exercício de sua crítica e levaria a perda do controle sobre sua produção. O profissional trabalharia para atender aos veículos, sem autonomia.

2.2.2 Texto e Imagem: a matéria telejornalística

Falar com todos e ser compreendido. Para atender a este objetivo de comunicação do veículo televisivo, o jornalismo desenvolveu algumas técnicas para a construção das matérias exibidas nesta mídia.

Na TV, antes de tudo, o texto tem uma relação com a imagem. A imagem mostra. A palavra esclarece. Em Paternostro (2006), a televisão se

impõe pela informação visual, mas prende o telespectador pela informação sonora. Para escrever para jornais de TV aberta devemos, segundo Paternostro (2006) destacar algumas características deste meio:

- Informação visual: a imagem transcende idiomas, pois é um signo acessível ao homem;

- Imediatismo: informação atualizada e, às vezes, veiculada no mesmo momento em que o fato ocorre;

- Instantaneidade: informação recebida no mesmo momento em que é emitida;

- Alcance: grande cobertura, atingindo os mais variados públicos;

- Envolvimento: transporta o telespectador para dentro de suas histórias. Tem o poder de aproximá-lo;

- Superficialidade: a TV tem um timing, um ritmo, que acaba tornando-a superficial;

- Audiência: trabalha para manter altos índices de audiência, interesse comercial.

Considerando estes aspectos intrínsecos à televisão é necessário pensar as matérias para os olhos e ouvidos.

O texto de matérias jornalísticas é um texto para ser lido e deve ser simples, direto, evitar frases intercaladas para que o telespectador possa entender a mensagem já na primeira vez que é dita, afinal, diferente do jornalismo impresso, não terá a oportunidade de voltar atrás para compreender o que foi dito. A sonoridade é um outro aspecto importante, o texto para TV deve evitar rimas e cacófat¹⁶. Frases curtas auxiliam na compreensão da

¹⁶ De cacofonia: vício de linguagem onde o encontro de duas palavras emitidas sem pausa faz surgir uma terceira, com sentido inconveniente; ou ainda produzindo som desagradável. (RABAÇA, 2002)

informação, já que as frases longas dificultam a locução e também a atenção de quem assiste.

Para que a mensagem textual seja assimilada pela massa, opta-se por textos coloquiais, explora-se a linguagem cotidiana, o OFF deve transcorrer como uma conversa, onde o locutor conta uma história ao telespectador. Ser coloquial não quer dizer que desrespeite às normas gramaticais, pelo contrário. Também no texto televisivo, expressões e tempos verbais devem ser simplificados (por exemplo, ao invés de “esteve fazendo”, usa-se “fez”). Tem que ser conciso, sintético, falar o que deve ser dito em poucas palavras e evitar ambiguidades e redundâncias. Chavões, gírias devem ser usados em momentos pontuais e com um objetivo pensado, caso contrário, podem resultar pobreza de vocabulário. Ao construir a matéria telejornalística, o repórter deve manter um raciocínio claro e coerente, contar uma história com começo, meio e fim.

A linguagem universal da imagem constrói a mensagem da matéria junto com o texto, dependendo de sua intensidade, pode até sobrepor a palavra e marcar a mente do público, emocionar. Mas, de maneira geral, imagem e texto devem se complementar: a palavra deve dar apoio à imagem sem que haja uma competição entre ambas. Assim também, o texto não deve servir para descrever a imagem, ele deve explorar elementos fundamentais da notícia e responder a questões básicas do jornalismo (Quem? O quê? Quando? Por quê? Onde? Como?). O ideal seria que o repórter revisasse as imagens do cinegrafista antes de compor o texto, algo improvável para a rotina de trabalho dentro das emissoras.

2.3 Arte, a linguagem polissêmica

Qual o significado de uma obra de arte? Muitos. A interpretação de uma obra é múltipla, depende do ponto de vista sob qual é analisada, de quem a significa, do contexto em que ocorre a significação, entre outros fatores.

A obra de arte é uma mensagem, onde o artista se comunica com o mundo. Ela pode utilizar os mais variados signos, seja sonoro (música), visual (artes plásticas) ou linguístico (literatura), ou ainda um pouco de todos (teatro, dança). O certo é que estes signos se transformam em plurissignos, ou seja, em símbolos e estes exigem uma capacidade de abstração e imaginação humana para decodificação da mensagem artística. É uma realidade perceptível pelos sentidos e mediante a qual expressamos outra realidade.

Para interagir com a mensagem artística é necessário o contato com sua representação material, concreta. Em BONNEMASOU (2002), a forma, o tipo de pincelada, a repetição de elementos, o ritmo, a aliteração e tantos outros recursos são capazes de prender a atenção humana em busca de compreender os sentidos da obra artística, ausentes ou metafóricos, ao invés de deter-se apenas ao sentido literal da obra.

Avaliando este contexto pelas funções de linguagem, em arte, haveria então uma ruptura entre a função referencial e a poética, já que o valor da arte está no signo e não no objeto. Diferentemente da referencial, é a função linguagem poética que se fundamenta no signo, o objeto não possui grande relevância.

Eis que para desenvolver a sensação da vida, para sentir os objetos, para experimentar que a pedra é de pedra, existe o que se chama arte. A finalidade da arte é dar uma sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento de singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, a aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o tornar-se do objeto, o que já se “ tornou” não importa para a arte (Chklovski Apud BENNEMASOU, 2002, p.2).

Nesta linguagem poética, voltada para o signo, a expressão literal ganha sentido metafórico, levando a polissemia na linguagem. Neste momento, separa-se essencialmente a linguagem da arte e a linguagem do sentido monossêmico, buscada nas matérias jornalísticas televisivas, como mostrado anteriormente, que visam uniformizar as informações para que atinjam os mais variados públicos objetivamente.

É esta vasta possibilidade de significações que leva à interpretações particulares da obra. Pessoas compreendendo e enxergando a obra de formas distintas.

Quanto maior a capacidade de interpretação, associação e de correlação simbólica por parte do receptor, mais ricas são as significações e conotações da linguagem artística. O processo de interpretação desta linguagem se desenvolve em cadeia, quanto maior a vivência da arte, maiores as possibilidades de compreendê-la, mais intimidade se cria com o campo. A sensibilidade artística é desenvolvida no contato, na educação, no conhecimento das correntes estéticas e história da arte.

As avaliações e interpretações também refletem os gostos e cultura da sociedade em que se está inserido. Mas, a obra de arte está sempre aberta à diversas leituras que, embora diferentes, não se anulam, podendo ser feita por pessoas distintas, ou até pela mesma pessoa que pode mudar sua interpretação em relação ao objeto estético, vê-lo sob uma nova perspectiva.

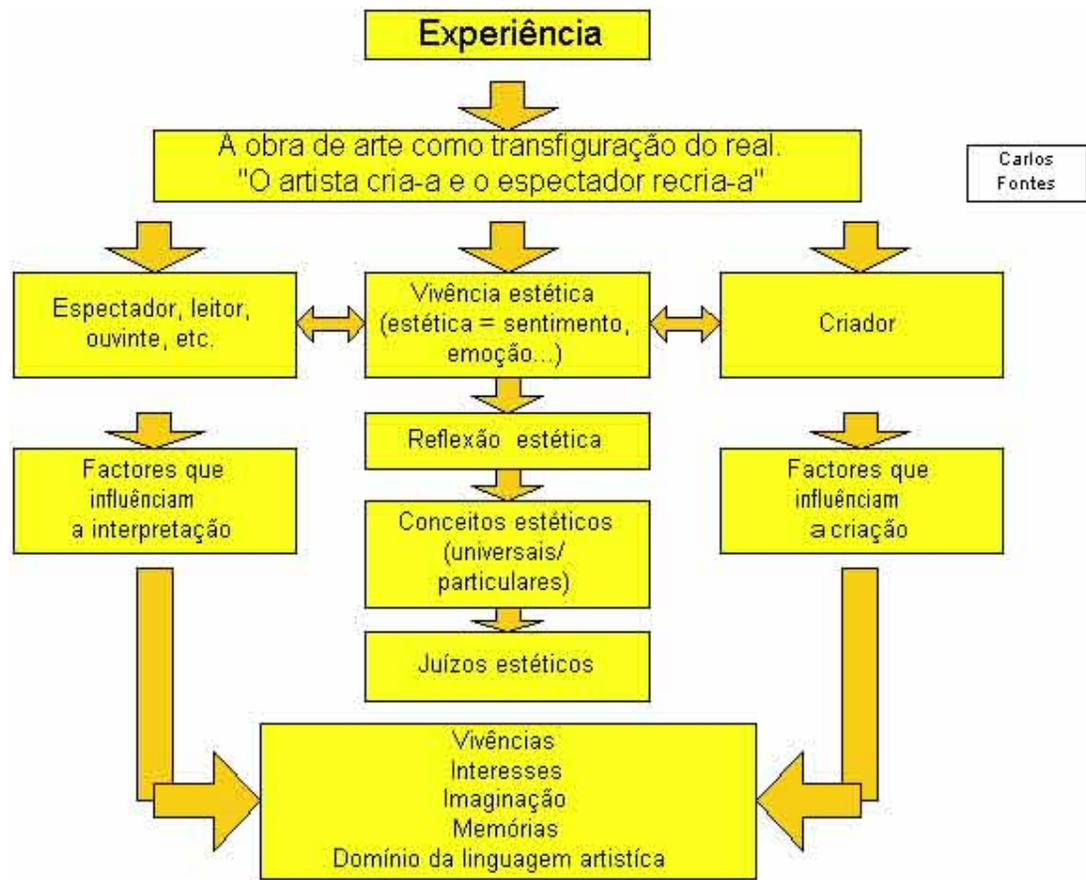
Para abarcar sua riqueza significativa, a leitura da obra deve, então, estar pautada em aspectos forma e conteúdo, abrangendo a dimensão técnico-formal, a simbólica e ainda contextual, esta última é referente aos elementos exteriores à obra como, por exemplo:

- História da obra; contextualização, correlação com escolas, história da arte, pensamentos, sociedade;

- História do artista, biografia, seu percurso na arte;

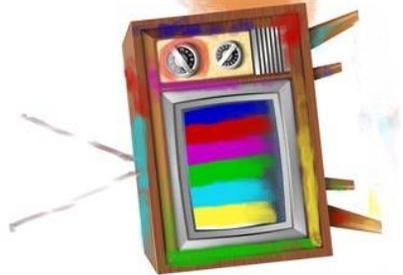
- O olhar do artista sobre sua obra

Para esclarecer o processo de transmissão da mensagem artística FONTES (1998) desenvolveu um diagrama para representar a experiência do contato com a arte, podendo ser observada individual ou coletivamente:



O diagrama sintetiza a pluralidade de aspectos que envolvem a transmissão e a compreensão da linguagem artística. Sendo esta capaz de contribuir com a geração de conhecimentos, proporcionar experiências sensíveis e revelar novas perspectivas. Resta o homem e a sociedade exercer “a capacidade contemplativa, isto é, abrir as janelas do espírito e ver o que está diante dos olhos”. (SANTAELLA, Apud Peirce, p.44).

CAPÍTULO 3



3. CRÍTICA DE ARTE E JORNALISMO CULTURAL

Neste capítulo, serão levantadas teorias dentro da Crítica da Arte e do Jornalismo Cultural em busca dos principais conceitos para interpretação de uma obra de arte. A partir de uma convergência entre estas duas áreas, a ideia é chegar aos pilares básicos para se entender ou falar de uma obra de arte, conceitos que possam e devam ser aplicados na abordagem de conteúdos sobre arte pelo jornalismo televisivo.

3.1 O Jornalismo Cultural

O jornalismo segmentado em áreas de atuação. Reflexo mercadológico capitalista com especificação da mão de obra? Necessidade de aprofundar conhecimentos? Muitas podem ser as respostas ou tentativas de interpretar esta realidade. O certo é que ainda hoje a prática de dividir os jornalistas em setores como polícia, economia, esporte e tantos outros, continua, principalmente em veículos impressos.

O jornalismo cultural é um dos segmentos. Ele dialoga diretamente com as artes e nasce junto com ensaios e críticas sobre seus temas e obras. No Brasil suas primeiras manifestações estão relacionadas à literatura.

Mundialmente, coloca-se como um marco do jornalismo cultural a criação da revista diária *The Spectator*, em 1711, em Londres. O veículo abordava temáticas como ópera, literatura, música, teatro, política e costumes.

A revista falava de tudo... Podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas da moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce. Podia citar Xenofonte para satirizar a falta de modéstia dos ingleses e Dom Quixote para atacar a mania de ridicularizar o outro por meio de risadas...A *The Spectator* se dirigia ao homem da cidade, “moderno”, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e para a mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política. Sua ideia é de que o conhecimento era divertido, não mais a atividade sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam (PIZA, 2003, p.12).

A revista *The Spectator* é um dos marcos do surgimento do jornalismo cultural- que já neste primeiro momento é multiplicado pela imprensa com o surgimento de vários impressos dedicados a temas culturais – que no início do século XVIII passa por um período de grande valorização na Europa, sendo tão influente quanto a política, a ciência ou a educação.

No Brasil, o jornalismo nasce tardiamente, no início do século XIX, assim também o Jornalismo Cultural, ganhando força só no final deste mesmo

século. Nestes 100 primeiros anos de história no país, a atividade nunca se distanciou da literatura, identificando-se fortemente com esta expressão cultural brasileira.

Nas primeiras décadas o jornalismo é extremamente politizado e nas seguintes sofre um processo contrário, tornando-se empresarial, mercadológico, uma opção de ganhar dinheiro. A busca pelo lucro é um novo objetivo. Assim, os intelectuais e escritores também têm que se adaptar. Agora, suas opiniões estavam abaixo das do empregador. Os escritores tinham na imprensa uma opção profissional que lhes garantiria renda e visibilidade para a vida artística (ZILBERMAN, 2001).

É neste período que grandes escritores trabalham para jornais impressos, como críticos, ensaístas e cronistas. Nomes como: Olavo Bilac, Cruz e Sousa, Lobo da Costa, Lima Barreto Machado de Assis e José Veríssimo.

Machado, por exemplo, escrevia ensaios semanais, foi polemista de teatro, crítico literário e resenhava romances de Eça de Queiroz. Já Veríssimo, atuou como ensaísta, crítico e historiador da literatura.

A importância destes nomes para o fortalecimento do Jornalismo Cultural no país é indiscutível, mas a relação entre imprensa e cultura mostra também a falta de valorização da literatura, não sendo valorizada enquanto profissão, nem tendo remuneração capaz de levar o escritores a sobreviver só de suas produções literárias.

O jornalismo cultural amadurece tardiamente no Brasil, mas no início do século XX segue história similar a de outros países. Os jornais e revistas passam, neste período, a dar mais espaço para a crítica e para a informação, sendo assim, as obras eram analisadas em seus lançamentos, assim como abordava-se também a cena literária e cultural.

No final do século XX o jornalismo cultural brasileiro passa a ser influenciado pelo formato adotado em outros segmentos (como política, economia, esporte, etc.), deixando de lado o peso dado à interpretação e opinião nos cadernos dedicados à cultura. Debate, análise e crítica se enfraquecem não só nos veículos (emissor) como no público (receptor), já que o jornalismo, de maneira geral, já não tem como uma de suas metas provocar novas perspectivas no leitor.

Neste cenário, os textos se encurtam e muitas vezes se tornam limitados, beirando o fútil e o leviano. As matérias exaltam grifes e celebridades, além de dar visibilidade acrítica aos grandes lançamentos da indústria do entretenimento, reproduzindo quase na íntegra os press-releases¹⁷. As poucas páginas dedicadas à temas como artes, espetáculos e crítica, divide espaço com entrevistas e matérias sobre a vida dos artistas, moda, gastronomia, em busca de uma leveza de informações atraente ao leitor – ou pelo menos que o marketing das empresas assim julgue- pouco se aprofunda sobre às temáticas abordadas pelo jornalismo cultural. Esta observação não se trata de um preconceito com os mais variados temas, eles podem e devem ter espaço, o que se questiona é o tom de frivolidade com que são emitidos.

O fato que se constata, em todas as editorias e cadernos ditos culturais em particular, é o aumento da arrogância opinativa e baixa densidade de autores criativos, sutis, aptos a lidar com o conflito das verdades, com a curiosidade aberta para a diferença ou com a percepção não engessada pelas hierarquias de valores. Seja na interpretação dos acontecimentos, seja no ensaio prospectivo ou na retrospectiva crítica, os jornalistas assinam com muita afoiteza textos que, submetidos a parâmetros contemporâneos da produção simbólica, têm mais rasuras do que as velhas e preciosas matérias do anonimato antigo. O Jornalismo Cultural que guarda a aura do mundo intelectual, não escapa desse reducionismo e, seguidamente, comete crimes contra a produção artística, sobretudo a local, nacional e regional (MEDINA, 2001, pgs.38 e 39).

Para ampliar os horizontes desta área, também é necessário refletir sobre expressão que a denomina “jornalismo cultural”. Hoje se abrem novos leques de compreensão e abordagem para esta a partir das noções de cultura. É preciso entender o conceito de “cultura”, e assim, o que pode ser considerado informação para este.

Voltando-se aos conceitos, a origem da palavra Cultura vem do latim *colere*, que quer dizer cultivar, e remete às práticas agrícolas das primeiras civilizações. O sentido de Cultura como comportamento, refinamento pessoal, foi introduzido por pensadores romanos. A Cultura só passou a ser estudada sistematicamente e se tornou uma preocupação da sociedade como

¹⁷ Texto informativo distribuído à imprensa para a divulgação de notícias sobre um cliente (produto, serviço, ação, etc.). É escrito por profissionais da assessoria de imprensa, normalmente jornalistas.

um todo a partir do final do século XVIII. Foi nesse período que a Europa experimentou uma fase de crescimento econômico acelerado e a necessidade de novos mercados consumidores levou ao contato com outras culturas.

PINTO (1999, p.48) cita o conceito de LOTMAN (1979, p.31), onde este afirma que a cultura é um conjunto de informações não-hereditárias que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam conservam e transmitem.

Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes (SANTOS, 1983). A diferença entre as culturas, subentende diferentes critérios de avaliação entre elas. Dessa forma, a tentativa de se criar uma ordem hierárquica poderia subjugar uma cultura em relação à outra.

Por vezes, o conceito de Cultura se confunde ao de civilização. Porém, Cultura se refere não só à sociedade como um todo, mas também a grupos que fazem parte dela. (Por exemplo, podemos falar em *Cultura Brasileira*, e dentro desta cultura existe a *Cultura nordestina*, *cultura capixaba* e assim por diante). A Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade, que diz respeito a todos os aspectos da vida social. (SANTOS, 1983, pág. 44). Essas culturas não estão isoladas, mas encontram-se em constante interação, o que muitas vezes ocasiona conflitos, preconceitos.

Em Pinto (1999, p.52), a cultura se constitui como um meio de o indivíduo se comunicar com a sociedade em que vive, acessar o mundo exterior. É um processo onde o homem vivencia e acumula experiências, sendo capaz de se expressar pelas formas, símbolos e sistemas de representação, baseados nos valores particulares de seu meio social. Se por um lado ela se apresenta através da materialização em instrumentos, produtos manufaturados, objetos de uso corrente, por outro, está repleta de ideias abstratas, concepções da realidade, conhecimento de fenômenos e criações de uma imaginação artística.

Nessa proposta de divisão da cultura as duas partes não estão isoladas e acabam por se correlacionar pela técnica, gerando a socialização do indivíduo. Pois, na busca pela preparação intencional de um instrumento e a codificação eficiente de seu uso surge a necessidade da ação coletiva para a realização de seu ser, levando à etapa social da produção da cultura, e quanto mais conhecimentos surgirem, mais ela se diversificará.

Santos afirma que são muitos os entendimentos sobre Cultura e cita alguns deles:

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma (SANTOS, 1983, p. 22).

A cultura pode, então, ser conceituada de duas formas, como tudo aquilo que representa a existência de determinado grupo e os costumes, crenças e conhecimento dentro dessa existência social. Embora sejam diferentes, as duas concepções não são opostas. Contrapô-las poderia levar ao equívoco de pensar a cultura como algo como algo imutável, estagnado, o que se opõe ao dinamismo das culturas humanas.

O que se conclui é que muito além das artes plásticas, da literatura, da música – já consolidados como pautas do jornalismo cultural- muitos outros temas podem ser abordados sob a perspectiva da cultura, pode-se por exemplo falar de futebol sob o aspecto cultural, também dos comportamentos e de costumes sob esta ótica, abrindo-se uma gama de possibilidades de matérias de cultura.

Cinema, música, moda, exposições... temas atraentes. Os assuntos tratados na seção cultural podem ser convidativos e seduzir o público, podem direcioná-lo à opções sobre coisas boas para se fazer ou vivenciar, como ver um filme, ler um livro, conhecer a obra de um artistas. E vai além: são estas informações, passadas com conteúdo, que podem criar novas perspectivas e reflexões na sociedade. É preciso respeitar as peculiaridades

deste tipo de jornalismo e seu papel tão específico dentro dos meios de comunicação. Apesar desta pesquisa se dedicar a compreensão de matérias sobre arte, que estão também ligadas ao jornalismo cultural, não havia a possibilidade de renegar a importância do debate sobre a ampliação dos horizontes para esta área e a consideração de novos temas como pauta relevantes a ela.

3.1.1 Fundamentos para abordagem das informações

Uma explosão de informações sem precedentes. Internet, televisão, jornais, revistas, outdoors, panfletos. Notícias, fatos, acontecimentos...

Densas também são as ofertas culturais aos cidadãos. Como selecionar o que é realmente indispensável? Para quem leva uma rotina diária de trabalho, família e afazeres do dia-a-dia moderno fica difícil ouvir tudo, ler tudo, ver tudo. Difícil não, impossível. Assim, o Jornalismo Cultural com seus profissionais, que trabalham para isso, podem auxiliar no filtro das informações mais relevantes.

O recorte aqui deve ir além da famosa agenda de eventos culturais e lançar mão de olhares a respeito das tendências atuais, fazer referências e correlações em relação ao presente e ao passado, seus ganhos e perdas. Ir além da obra, é necessário conhecer os autores e sua importância para o campo ao qual pertencem.

É considerada uma perda para o jornalismo a submissão ao cronograma de eventos culturais. A notícia, quase sempre, só acontece em lançamentos de filmes, livros, exposições. E o depois? Não se deve negligenciar os efeitos da obra. Qual foi sua verdadeira importância para a sociedade? Esta também deve ser uma informação repensada e repassada ao público. Mais que a notícia¹⁸, às vezes repassada quase como nos releases, é preciso pensar em reportagens¹⁹ e analisar contextos.

¹⁸ Fato ou tema novo e relevante para a sociedade

¹⁹ Aprofundamento de informações sobre determinado tema, com levantamento de conteúdo, entrevistas e busca de várias versões sobre o mesmo.

O jornalismo que faz parte desta história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política. Por outro lado, como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre tudo os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para a sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe (PIZA, 2003, p. 45).

O Jornalismo Cultural deve ser aberto e buscar a democratização das informações, sem menosprezar os possíveis temas a serem abordados. A cultura não é algo elitizado, não sob esta ótica banal de que conhecimento é para “eleitos” ou “privilegiados”. Elite para este deve ser o que há de maior qualidade em relação ao que é produzido, não interessam origens e classes sociais. Seja música pop, erudita, ou mesmo um filme hollywoodiano, é preciso olhar a pauta sem preconceitos e a abordá-la sem simplismo, maniqueísmo ou achismos – dentro deste último aspecto temos o juízo de gosto, característica tão inadmissível quanto a interpretação pessoal da obra, sem fundamentação; ou ainda confundir afinidades pessoais com avaliações estéticas.

Temas eruditos podem ser tratados com leveza, assim como o entretenimento pode ir além do superficial. Para Piza (2011), ao longo da história, a cultura sempre demonstrou aspectos de entretenimento, isso mesmo, este gênero tão questionado se mostra bem próximo das representações culturais em vários momentos. Gregos acompanhavam teatro na era clássica, assim como a população brasileira acompanha, hoje, as novelas televisivas. Mozart e Beethoven lotavam óperas e eram famosos a ponto de dar autógrafos nas ruas. Dickens e Balzac eram lidos tanto por intelectuais, quanto pela classe média. Vários exemplos demonstram que não há porque desvincular esta característica de entretenimento do cultural. Não é papel do Jornalismo Cultural tentar romper a ligação entre ambos, mas sim o de identificar em obras e ideias o que vai transcender aos modismos e marcar, se tornar uma referência para gerações.

Vale também ressaltar que no cenário de produções culturais, muito voltado para a indústria do entretenimento, o jornalismo cultural não deve se resumir a serviços. Ora, a matéria não deve existir só para anunciar um espetáculo. Literatura, dança, música, exposições, artes em geral, esses temas

tão abrangentes e que por si só abrem outros universos de informações, não devem se resumir à agendas. Infelizmente, o cenário atual do jornalismo segue este modelo. A realidade é que uma matéria jornalística deve ser também encarada como um produto cultural que pode estimular o contato direto do público com os temas abordados e não apenas com os espetáculos.

Em sua construção, o jornalismo cultural tem que seguir as velhas regras de um bom texto jornalístico, buscando clareza, coerência e agilidade. Também deve informar o leitor sobre as características gerais da obra, sua estrutura, sua linguagem, apontar sua história, falar de seu autor e da importância do mesmo, assim como os temas e percepções com que trabalha. E, principalmente, tem que ser um texto que demonstre criatividade e preparo intelectual para ir além do objeto analisado, usando-o para refletir sobre um aspecto da realidade.

A objetividade jornalística não exclui boas metáforas, riqueza verbal e humor. Além dos padrões, o texto deve ser atraente, evitar adjetivações, hierarquizar informações, ser cauteloso na utilização de advérbios, evitar chavões, termos pomposos e clichês, e traduzir jargões e termos específicos da área ou tema abordados.

Por fim, deve combinar ainda atributos como sinceridade e foco e ser uma peça cultural, trazer novidade e reflexão para o receptor, ser prazeroso por sua beleza, sagacidade ou argúcia.

Há ainda um tipo de reportagem cultural, ainda mais interpretativo, que não é fácil fazer e que tem escasseado na imprensa. É a reportagem que trata de uma “tendência” ou de uma questão em debate no meio cultural. É o caso quando o jornalista tem, por exemplo, de tratar da polêmica que envolve um best-seller, o qual está dividindo opiniões e precisa contar o motivo dessa polêmica e relatar as diversas opiniões sobre o autor. Ou quando tem de mostrar determinado comportamento cultural em alta – digamos, a moda das “raves”, que misturam música eletrônica e drogas como Ecstasy – e, sem preconceito, mas com senso crítico, ouvir as diversas opiniões sobre o assunto. Ou quando tem de tentar responder a uma pergunta como “Por que as biografias estão na moda?” sem fazer sua resposta em forma de um artigo de opinião, mas com apuração sobre números e histórias, com comentários de especialistas, etc. Esse jornalismo ainda é pouco praticado, e o que tende a ser feito é apenas a exaltação de uma nova moda, a qual em geral não passa de um modismo, com duração de alguns meses e desprezível herança cultural (PIZA, 2003, p. 83).

Questionam-se as abordagens atuais do Jornalismo Cultural, para que este seja realizado com qualidade, sendo capaz de convidar e provocar o leitor a conhecer o novo, instigar através de novos pontos de vista. Mas tem uma outra importante questão a ser transposta: o alcance do jornalismo cultural à outros meios de comunicação, não só os impressos. Uma das principais mídias que poderia reforçar as temáticas culturais, principalmente por seu poder de visibilidade, é a televisiva.

Com raras exceções em emissoras de Tvs públicas e em canais de TV à cabo, os telejornais só abordam matérias culturais na morte de celebridades, grandes lançamentos ou em pautas recomendadas. As matérias são vistas como ideais para encerrar os telejornais, pela superficialidade e tom direcionado apenas ao entretenimento. Nem mesmo os grandes programas de reportagem, que abordam os mais variados temas, como saúde, natureza, crime, costumam abrir espaço para as temáticas culturais e artísticas.

Repensar a importância das informações sobre cultura - em um país onde o orçamento para cultura não chega a 1%²⁰, o mínimo recomendado pela Unesco²¹ - é reforçar as estruturas ligadas à cultura em todos os níveis, sejam eles nacionais, ou locais, dando visibilidade também aos autores e suas obras e instigando os receptores a um contato com as mesmas, contribuindo com a formação de público.

3.2 A Crítica de Arte

A arte está ligada à história da humanidade, aos seu simbolismos, a heranças culturais de grupos e ao desenvolvimento também do indivíduo. É essa grandeza que faz a expressão artística não poder ser relegada a uma minoria de artistas e intelectuais.

Consideradas patrimônio cultural, as obras sempre receberam juízos de valor e a busca de várias sociedades por sua conservação e transmissão para futuras gerações. Um processo que vem desde a antiguidade, acompanhado por uma literatura vasta, em estilo crônico, memorialista, teórico, histórico, biográfico, erudito, interpretativo, entre outros. (ARGAN, 2010)

²⁰ Dados de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

²¹ Organização das Nações Unidas para a Educação.

Mas, é só no século XVIII, a partir do Iluminismo, que a crítica de arte enquanto ganha forma de disciplina, apresentando-se em diversos níveis, como o filosófico, o informativo e o jornalístico.

Na segunda metade do século XIX, o peso cultural da crítica é reforçado. Esta se torna necessária para a compreensão das obras, auxiliando na contextualização de fatos e movimentos artísticos, revelando comunicabilidades não imediatas das obras de arte e sentidos mais profundos, só observados por olhares treinados e com conhecimento suficiente para percebê-los. A crítica seria a ponte mediadora entre artistas e suas obras e o público. Mediação importante para tornar a arte acessível a toda sociedade, já que grande parte da população ainda está distante do consumo de bens culturais, especialmente os artísticos. ARGAN (2010) afirma que dessa forma a crítica ofereceria uma interpretação justa ou até mesmo científica das obras de arte, válida para todos, sem distinções de classe.

A maior necessidade da crítica vem junto com a crise da arte contemporânea e de sua dificuldade de integração ao atual sistema cultural. Ao contrário do que acontecia no passado, ela não está mais ligada funcionalmente às atividades sociais, o que gera o distanciamento social.

Embora no passado a arte tenha sido modelo da produção econômica e as suas técnicas tenham pertencido ao sistema tecnológico do artesanato – a ponto de relação arte-sociedade acontecer no circuito normal da produção e do consumo -, tal relação deixou de existir com a revolução industrial, com a instauração de uma tecnologia estruturalmente diferente, com a nova organização econômica e social, com a mutação radical da morfologia dos objetos e do próprio ambiente material da existência. Surge assim o problema da relação entre a arte, como atividade em que a função estética é dominante, e as outras atividades normais da sociedade, quer sejam estéticas (mas não artísticas), ou não-estéticas (ARGAN, 2010, p.129).

Na cultura moderna continuam os estudos especializados sobre arte. Ao longo de seu desenvolvimento, a crítica criou metodologias próprias para a avaliação e interpretação das obras artísticas e também terminologias e uma linguagem especial.

Na contemporaneidade, a crítica consiste substancialmente em revelar que o que é feito como arte é verdadeiramente arte, logo, está associado a outras atividades, até mesmo as não-artísticas e não-estéticas,

que fazem parte de um sistema cultural maior. Por conta disso, o vocabulário da crítica vai além de termos técnicos e científicos, adentrando nos literários, sociológicos, ou mesmo políticos.

Considerando também a problematização da arte e da cultura como aspectos da sociedade e de suas ideologias, a crítica vem para tornar experiências sensíveis em contribuições para a formação do cidadão (BUENO, 2007). A estrutura da obra é capaz de levar prazer ao atravessar a retina do receptor e seus temas, esmiuçados, podem provocar reflexões sobre os mais variados temas e sobre a realidade em que foi produzida ou em que está inserida em determinado momento.

A crítica dialoga com a historiografia da arte. No final do século XIX e início do XX, com os vastos estudos sobre temáticas artísticas, delinearam-se duas tendências, uma com essência historicista, atendo-se em levantamento de dados sobre aspectos históricos e reconstituindo personalidades históricas; o outro buscava fundamento científico tratando a obra como fenômeno e documento visual.

A história da arte se constrói na busca por explicar o fenômeno artístico em sua globalidade, admitindo uma relação entre a existência de todos os fenômenos artísticos, em qualquer momento e lugar em que foram criados.

A crítica vai além do senso comum de juízo de valor sobre a obra de arte, mas este é um aspecto importante para o fazer da historiografia. Ora, a história precisa conhecer a natureza da obra e sua experiência concreta para saber seu peso histórico, se é uma criação artística ou apenas um fato racional, moral, econômico ou religioso; estas referências podem ser encontradas nas críticas. (VENTURI, 2007)

Com o desenvolvimento de conceitos, conclui-se que não se faz história sem crítica e que os julgamentos críticos não são capazes de avaliar a qualidade artística de uma obra se, por sua vez, não a localizarem no tempo e espaço em que foi produzida, levando também em consideração o conjunto de relações históricas em que a produção esteja inserida e, por fim, no contexto geral da história da arte ao longo dos séculos. “Um crítico que julga uma obra de arte sem fazer a sua história, julga sem compreender” (VENTURI, 2007, pg.27)

A história da arte transcende os tempos e é capaz de provocar as mais variadas reflexões dependendo da circunstância em que é analisada. ARGAN (1992) ressalta que a obra nasceu para durar no tempo, não vale apenas pelo que significou na situação do momento, mas pelo que significou depois, significa para nós, significará para quem vier depois de nós. Para ele, “cada época deve definir o que significam as obras de arte do passado no âmbito de sua própria cultura e que problemas representam no quadro dos seus próprios problemas”. Daí a importância das relações e contextualizações levantadas pela crítica de arte.

A crítica constrói a ponte entre a arte e sociedade partindo da esfera artística para a social. É como um tentáculo tentando agarrar-se à sociedade.

3.2.1 Fundamentos da crítica de arte

A crítica de arte trabalha com o aprofundamento de conceitos e reflexões sobre determinada obra. Porém, antes de tudo, se faz necessário que esta seja reconhecida como arte. Dentro da poética e da conceituação do que é arte, um objeto pode ser arte e não arte, o que vai qualifica-lo é a intencionalidade ou a atitude da consciência do artista que a produziu, ou até do espectador. Ela se faz no presente absoluto da consciência que a percebe e, se de alta qualidade, transcende a história e cria novas percepções a cada novo olhar lançado sob a mesma. É um fenômeno artificial, produzido pelas mãos do homem.

Ao longo da história, muitas formas de fazer crítica a respeito das obras foram apresentadas. Entre estas temos como exemplo a “crítica da forma”, que visa pesquisar diretamente a obra, analisando-a em seu contexto técnico e estilístico. Há então uma separação entre os elementos estruturais da obra de seu conteúdo ou significado do que é representado.

Já “crítica da imagem” está embasada em fatores visuais, também prescindindo dos conteúdos ou temas. A imagem é vista como um todo, acreditando-se que exprime um significado particular no tempo e no lugar de sua concepção e que depois de criadas atraem outras ideias para sua própria esfera, mesmo após séculos.

A “crítica das motivações” segue uma linha sociológica, estudando relações entre as atividades artísticas e a esfera social. A obra é explicada como produto de uma sociedade e de uma cultura. Ela interpreta que a tarefa do artista é representar elementos do sistema em que está inserido e não a de intervir e agir no decurso das situações.

O último exemplo é a “crítica dos signos”, que centra-se no que considera o fator comum que pode ser isolado em todas as obras, o signo. Suas metodologias para a compreensão do signo como princípio estrutural da obra não se deduz de uma filosofia da arte ou de uma estética, mas sim da linguística, firma-se na semiologia. A crítica não parte de um conceito de arte, mas das especificidades das várias artes, entendidas como campos semânticos.

Combinando as diversas perspectivas e considerando que crítica avalie não só a forma ou estrutura, mas também o conteúdo e que consiga contextualizar a obra em um sistema social e cultura, chegamos a uma análise mais completa da produção. Outro aspecto importante para se refletir é o juízo de valor.

O juízo, seja ele estético ou moral, é sempre um juízo histórico. Em todas as épocas existiu o juízo de valor sobre as obras, sendo implícito ou explícito, mas formulado segundo parâmetros de cada período, logo, diversificados.

Ele deve seguir duas linhas, a da compreensão do valor artístico e da sua historicidade. Então, além de declarar se a obra é obra de arte e tem valor artístico, tem que localizá-la espacial e temporalmente, também a coordenando com outras obras as quais está relacionada, explicando a situação em que foi produzida e suas consequências.

Noutros tempos, os parâmetros do juízo de valor foram o belo, a fidelidade na imitação da natureza, a conformidade com certos cânones icônicos ou formais, o significado religioso, etc. Para nossa cultura, que se baseia na ciência e considera a história a ciência que estuda as ações humana, o parâmetro do juízo é a história. Uma obra é vista como obra de arte quando tem importância na história da arte e contribui para formação e desenvolvimento de uma cultura artística. Enfim: o juízo, que reconhece a qualidade artística de uma obra, dela reconhece ao mesmo tempo a historicidade. (ARGAN, 1992, pgs. 18 e 19)

No levantamento de informações sobre a produção da obra está também a compreensão do fazer artístico, de sua relação com seu criador. Cada artista pode trabalhar com uma noção de estética particular, estando ligado à questões teóricas, ou apenas à sensibilidade. Ele pode criar depositando valor estético no fazer, no cuidado, na perícia, nas sensações, ou, diferentemente, identificando-se com uma ideia universal de arte criar sua obra por aproximação com estas ideias. Este é um dos princípios para sua compreensão, é preciso entender a obra a partir do artista que a criou, como a criou, em que circunstância e para quem.

Se a arte é um dos grandes tipos de estrutura cultural, a análise da obra deve dizer respeito, de um lado, à matéria estruturada, de outro ao processo de estruturação. Em cada objeto artístico se reconhece facilmente um sedimento de noções que o artista tem em comum com a sociedade de que faz parte, sendo como a linguagem histórica e falada de que se serve o poeta. Acima dele encontra-se sempre uma camada cultural mais especificamente orientada e intencionada que poderia ser dita profissional. É o que Venturi chamou de gosto e que se compreende sobre a arte e as preferências artísticas, os conhecimentos técnicos, os modos convencionais de representação, as normas as normas ou as tradições iconográficas e, até mesmo certas predileções estilísticas geralmente comuns aos artistas do mesmo círculo cultural. Há, por fim, a última camada, cuja composição escapa à análise conduzida segundo modelos culturais determinados e que constitui a contribuição pessoal, inovadora do artista." (ARGAN, 2005, pg. 29).

É este interesse pelos diversos detalhes da obra que fazem transcender ao conhecimento empírico, levando a proposições teóricas. A crítica responsável e fundamentada é a que pesquisa o valor das obras, em que consistem, como são geradas, são transmitidas, são reconhecidas e usufruídas.

Retomando as relações da arte através da história, a força da obra está justamente em atingir com interesse atual um ponto do passado, o que leva a conclusão de que nada se cria, tudo renasce, do passado se faz o presente. Isto contribui para que todos os fenômenos artísticos estejam interligados, que cria a história da arte e suas escolas, gêneros, correntes de pensamento e técnicas variadas.

A obra é imortal porque vive através das gerações. A crítica deve entender que as obras têm diferentes compreensões advindas da temporalidade. Uma obra do passado não terá hoje o mesmo significado que

teve para o artista autor e para a sociedade de sua época de criação. A obra de arte é sempre a mesma, o que muda é sua comunicabilidade com o novo público.

Todas as obras de arte ainda constituem o tecido ambiental da vida moderna. Se a desejamos, preservamos, toleramos, é porque têm significado social e cultural, e, ao contrário, se a exportamos, vendemos, destruímos, também, ainda que de forma negativa, mostra que também significado. A crítica de arte vem para reforçar a importância das obras, qualquer que seja a mensagem a ser transmitida. Uma ação para valorização e aproximação da arte com o homem.

3.3 Convergência de conceitos para análise da obra de arte pela mídia

Somando-se os conceitos utilizados pela Crítica de Arte aos conceitos utilizados pelo Jornalismo Cultural, chega-se conclusões sobre o que deve realmente ser observado em uma obra de arte para constituição de um texto que não reflita apenas as sensações de um contato que qualquer observador possa ter com a obra estética e sim uma visão profissional sobre o tema, mesmo que esta não venha de um jornalista especialista em arte.

Na busca por um olhar especializado, os campos do jornalismo e da crítica cultural se encontram e algumas questões se tornam unanimidade. É o caso, por exemplo, da importância de análises contextualizadas com questões do presente e do passado, relacionando a obra com fatos históricos, com a história da arte, buscando as influências e conexões que ela traz com a arte produzida em outros períodos. As obras devem ser observadas não só na

Outra questão frisada por ambos é a necessidade de se conhecer o autor da obra, em uma biografia que aborde suas influências, seus objetivos com determinada criação, além, claro, do sistema social e cultural em que foi produzida, ou seja, o cenário em que nasce.

O combate ao preconceito contra as obras é colocado no jornalismo cultural pela visão de que não se pode excluir ou menosprezar as obras, já que o papel aqui é democratizar as informações. As matérias não

devem fazer levantamentos maniqueístas sobre as mesmas, ao contrário devem explorar conteúdos e gerar novas perspectivas junto ao público.

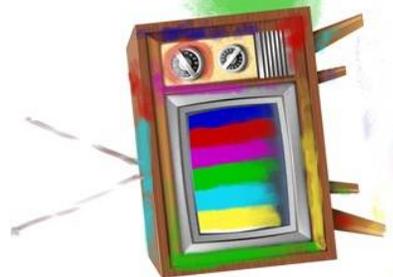
Na crítica de arte, a questão da responsabilidade com o juízo de valor também segue a mesma linha. É necessário olhar a obra em seu contexto histórico e tentar compreendê-la com fundamentação e conhecimento. As duas áreas – jornalismo cultural e crítica de arte - pensam que é medíocre um juízo de gosto pautado no senso comum, um “achismo” particular sobre a obra, atitudes repugnadas.

Todo este trabalho, pensado responsabilmente e comprometido com a arte tem um único objetivo: aproximar a sociedade da arte e contribuir com novas reflexões sobre a realidade e a cultura. Isto faz a necessidade do contato com as obras e o conhecimento sobre a história das artes.

Os referidos elementos podem ser utilizados como fundamentos básicos para quem quer ou tem a missão de falar sobre uma obra de arte, sem ter conhecimento específico na área. Seguindo-os, tem-se mais chance de não ser deturpada a informação final que chegará ao receptor, fugindo de erros cruciais (como por exemplo o preconceito, ou interpretação particular da obra, citados anteriormente) que podem comprometê-la.

Os apontamentos aqui levantados serão utilizados na análise das matérias televisivas no último capítulo. Será que empiricamente alguns desses elementos já fazem parte da abordagem da informação sobre arte? Eles também servirão como proposição para uma abordagem mais coerente sobre o campo da arte.

CAPÍTULO 4



4. ARTE NA TV PARAENSE

Neste, segue-se para análise das matérias selecionadas a partir do referencial teórico levantado nos capítulos anteriores. As matérias serão divididas em três grupos: 1- Matéria de pauta recomendada; 2- Matéria de pauta comum, do dia-a-dia ; 3- Matérias onde as três emissoras cobriram a mesma pauta. As temáticas permeiam vários campos da arte (artes visuais, dança, teatro e música). As matérias serão analisadas por emissora (TV RBA, TV Liberal e TV Cultura). Anteriormente, será contado um pouco da história dos veículos locais para auxiliar na compreensão de seus posicionamentos perante o público.

4.1 Um pouco da história da TV no Pará

Após onze anos de sua chegada no país, a televisão foi implantada no Pará em 30 de setembro de 1961. A TV Marajoara canal 2, primeira emissora paraense, surge em meio a uma grande movimentação pela posse de João Goulart (vice de Jânio Quadros, que havia renunciado), que era contestada pelas Forças Armadas.

A chegada da televisão representava o desejo da cidade de entrar em uma nova era e o veículo era saudado como “marco de progresso citadino, instrumento educacional e mesmo como um milagre”. Nas palavras de Frederico Barata, superintendente dos Diários Associados para a região norte “estava inaugurada no Pará a era da televisão”. (PEREIRA, 2002: 15)

A emissora entrava no ar no início da noite com uma programação que durava três horas por dia. Entre as exibições estavam telejornais diários, novelas e programas musicais. Tudo era apresentado ao vivo, por este fato o improvisado e o empirismo faziam parte da chegada da televisão ao estado, assim como no resto do país.

A novidade modificou os hábitos da população. Antes o costume era de sentar a porta para conversar no final da tarde, enquanto as crianças brincavam na rua. A TV Marajoara passa a reunir todos para assistir televisão, nas poucas casas que tinham condições de possuir o aparelho.

Apesar da grande oferta de enlatados norte-americanos (séries, desenhos e filmes) no início a programação da TV Marajoara era composta em grande parte por produções locais.

A TV Marajoara contribuiu para a formação de grandes profissionais - como Afonso Klautau e Francisco Cezar, que, em 1987, utilizaram a experiência adquirida para formular a grade de programação da recém criada TV Cultura do Pará – mas aos poucos a equipe (que envolvia diversos profissionais, como iluminadores, atores, cenógrafos) vai diminuindo, proporcionalmente a redução dos programas produzidos localmente, que passam a dar lugar aos enlatados nacionais, da matriz TV Tupi, e internacionais. O jornalismo, o esporte e os programas de variedades ainda continuaram sendo produzidos localmente por alguns anos.

Em 27 de Março de 1967, é inaugurada a TV Guajará, canal 4, como transmissora filiada à TV Globo. É o início da concorrência e disputa por audiência. Segundo PEREIRA (2002), a briga era tão grande que, em dezembro de 1967, a revista paraense TV Roteiro, fazia campanha pela compra do segundo televisor para evitar desavenças domésticas.

Nos anos 70, a TV Guajará perde a condição de filiada da Rede Globo, passando a transmitir a programação da TV Bandeirantes. A TV Liberal, canal 7, entra em cena, como nova filial da Globo. Inaugurada em abril de 1976, por Rômulo Maiorana, a TV Liberal teve pouco espaço para a produção local. Seguindo exigências da rede nacional, só produzia telejornais e programas esportivos.

Apesar das limitações de produção, com a força da Rede Globo e o suporte de dois veículos líderes de público - jornal e rádio Liberal – a TV Liberal conquista os telespectadores em pouco tempo, porém sua atuação fica restrita à região metropolitana de Belém, alcançando o interior ao longo dos anos 80.

Para aumentar sua abrangência no estado, o grupo liderado por Rômulo Maiorana firma um convênio com o governador Hélio Gueiros (ex-

diretor e redator do jornal O Liberal) e passa a utilizar as torres da Fundação de Telecomunicações do Pará (FUNTELPA), para a transmissão da TV Liberal, que ainda é remunerada por levar a programação da Globo ao interior paraense. O convênio foi denunciado ao ministério público, mas ainda se manteve por 15 anos.

A década de 80 será marcada pelo surgimento de novas emissoras no Estado. Em dezembro de 1981 entra no ar o SBT, utilizando o canal da então extinta TV Marajoara, canal 2 e posteriormente muda para o canal 5. Em 1986, sob a presidência de Orlando Carneiro, entra no ar a estatal TV Cultura, em fase experimental, como repetidora da TV Educativa do Rio de Janeiro, utilizando o canal 2. Em dezembro de 1988, o empresário Jair Bernardino, do setor de revenda de veículos e de distribuição de gás, monta a TV RBA (Rede Brasil Amazônia), Canal 13, como transmissora da Rede Manchete (com a extinção da Manchete, passa a ser afiliada da Rede Bandeirantes de Televisão). Com a morte do empresário, a emissora é comprada pelo ex-governador Jader Barbalho, empresário e político ligado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que já possuía a Rádio Clube do Pará e o jornal Diário do Pará.

Em julho de 1997, com o nome de Rádio e Televisão Marajoara, chega a Belém a repetidora da Rede Record, canal 10. A concessão foi adquirida pelo empresário Carlos Santos.

Em 11 de Maio de 2002, entra no ar a TV Nazaré é dirigida pela arquidiocese de Belém, é uma TV católica com caráter educativo, logo não pode lucrar com suas transmissões. Em 2006, é a vez da Rede TV chegar ao estado através da TV Livre, canal 47. E dois anos depois, em 12 de outubro de 2008, afiliada a Rede Brasileira de televisão e TV Esporte Interativo, entra no ar e TV Metropolitana, canal 17. Recentemente, segundo semestre de 2011, a TV Record News também abriu uma filial em Belém.

Crescem o número de filiais, mas o maior produto local das emissoras afiliadas ainda é o telejornalismo, poucas investem em outros formatos de programas locais.

4.2 Perfil das emissoras selecionadas

É preciso entender o cenário onde estão as três emissoras com matérias selecionadas para a análise que faremos adiante: TV Liberal, TV RBA e TV Cultura.

No início do século XXI, as emissoras locais continuam, como dito anteriormente, investindo apenas em telejornais. Produtos, muitas vezes, mais baratos de serem produzidos e que trabalham com notícias, uma necessidade para os cidadãos. O restante da grade de programação fica por conta das filiais, insistindo que o público local consuma o que é produzido no eixo Rio-São Paulo, onde a maioria está localizada. O contrário favoreceria uma visibilidade a aspectos da cultura mais local, aos trabalhos e as pessoas da região, mas não vamos nos estender muito nesta questão. A reprodução de padrões nacionais também é observada no jornalismo realizado regionalmente, em seus formatos, linhas editoriais e conteúdo.

Nos últimos anos cresceram no país os programas sensacionalísticos, onde os apresentadores fazem comentários sarcásticos e instigam os telespectadores a respeito de assuntos como violência, criminalidade, polícia, problemas sociais. Sobrevivendo de denúncias e das mazelas do povo. Este formato tem sido copiado para os jornais locais, que por sua vez cresce pela aceitação da audiência. As matérias mais reflexivas, contextualizadas, críticas são deixadas de lado.

O jornalismo “sangrento” toma espaço das matérias de educação, comportamento, política, economia, imagine as de cultura e artes. Até mesmo os jornais que mantinham pautas de cultura e arte em suas edições diárias - como o jornal do SBT que trazia este tipo de matéria com tempo maior e edição diferenciada - sucumbiram à nova tendência de mercado. Os jornais da TV Record que algumas vezes pautava arte e cultura, hoje não pauta o tema. De maneira geral, o máximo que podemos encontrar em algumas edições são agendas com serviços e indicações de lazer e entretenimento.

Vamos observar duas emissoras que participam deste mercado, mas que ainda assim mantém algumas pautas com temáticas de arte e cultura – com foco nas manifestações regionais – mesmo não tendo este comprometimento diariamente, e uma emissora pública, que não entra na

concorrência mercadológica e que se mantém a parte da tendência sensacionalista ou da exploração da violência.

Para entender o trabalho e a linha editorial de cada uma das emissoras, foram realizadas entrevistas com os principais nomes responsáveis pelos jornais das emissoras. Na TV Liberal, foi ouvida a chefe de redação do jornalismo, Simone Amaro; na TV RBA, o gerente de jornalismo, Adil Bahia; e na TV Cultura o diretor da TV, Tim Penner, que também já foi gerente de jornalismo. O objetivo é entender o material produzido a partir de suas várias facetas, como por exemplo a editorial.

Vejamos a seguir.



ADIL BAHIA

TV RBA

1- Quais os telejornais da emissora, horário de exibição, duração e o perfil resumido de cada um deles?

7h30 – Cidade Contra o Crime – Programa de conteúdo variado com reportagens nas áreas de polícia, saúde, segurança, utilidade pública, prestação de serviços, comunidade e outras.

12h30 – Barra Pesada – Programa de conteúdo variado voltado para a prestação de serviços, utilidade pública, saúde, polícia, defesa do consumidor, cultura, esporte e outros.

13h40 – Metendo Bronca – Programa que tem maioria da cobertura voltada para o jornalismo policial abordando homicídios, violência contra a mulher e outros.

18h5 - Jornal RBA – É uma união de um pouco de tudo o que é apresentado pela manhã e tarde com o reforço do factual vespertino.

2- Qual o público-alvo dos telejornais?

A pesquisa Ibope demonstra que o público predominante nestes programas é A/B, seguido do C/De finalmente o E. Destaque para as mulheres entre 25 e 39 anos, jovens entre 18 e 25 anos.

3- A linha editorial dos telejornais contempla pautas sobre arte? Quantos VTs sobre arte são veiculados por mês no jornal (média)? O VT é veiculado em todos os jornais do dia? Sofrem alguma alteração, dependendo do telejornal?

Pautas sobre arte são bastante comuns. Campanhas vitoriosas como “Orgulho de Ser do Pará”, “Feira Cultural Pará de Todas as Cores, de Todas as Raças” com o apoio do Jornal Diário do Pará tem sucesso e conquistado prêmios pelo case. Em média três vts sobre cultura são apresentados com temas como música, teatro, cinema, roteiros e muito mais. Além da participação fixa de Edgar Augusto, nosso comentarista cultural, às quintas e sextas, no Barra Pesada e sextas no Jornal RBA, ao vivo, os programas tem quadros segmentados como o “Meu Cantinho” que, é apresentado aos sábados, no Jornal RBA. Nos telejornais, o recurso de refundirmos os vts dando-lhes outra roupagem é comum.

4- O que define se uma pauta sobre arte vai ganhar ou não um VT?

Participações de comentarista e quadros fixos determinam a produção as quintas, sextas e aos sábados. Apresentem algo interessante de ser mostrado e estaremos lá cobrindo.

5- Vocês trabalham com pautas recomendadas? Como funciona a abordagem para este tipo de VT?

Sim. Algumas, ou a maioria das vezes são eventos promovidos por anunciantes, nem sempre tão atrativos quanto deveriam ser.

6- As matérias sobre arte normalmente fecham o jornal? Por quê?

Depois de uma carga tão pesada de reportagens carregadas de emoções negativas linkadas muitas vezes com doses a mais de violência, criminalidade, economia, problemas de saneamento, saúde e abordagens políticas, um toque de leveza e entretenimento cai sempre bem.

7- De maneira geral, qual o objetivo ao veicular as pautas de arte?

Estimular, valorizar, incrementar os promotores da arte nas mais variadas formas de manifestações.

8- Acredita que as matérias sobre arte são importantes para o público? Por quê?

Além de contribuírem para o desenvolvimento humano, estas reportagens influenciam consideravelmente na formação do caráter de cada cidadão. É mesmo uma interação com as necessidades do telespectador de receber certas doses de conhecimentos através da arte.

9 - Acredita que falta divulgação por parte dos eventos de arte? Por quê?

A praça é berço de uma cultura que se forma e perdura muito tempo no ninho onde surge. Só quando toma proporções maiores consegue reconhecimento nacional e dentro do próprio espaço onde teve origem.



SIMONE AMARO

TV LIBERAL

1- Quais os telejornais da emissora, horário de exibição, duração e o perfil resumido de cada um deles?

Bom Dia Pará: das 6H30 ÀS 7H30 - Jornal que aborda os assuntos de todo o estado. fco na economia, cidade, esporte, direito do consumidor

JL1: 12h às 12h45 - jornal que tem como foco os problemas da comunidade. aborda assuntos locais.

ge: 12h45 às 12h55 – esporte predominantemente profissional e não tanto o amador

JL2: 19h10 às 19h30 - hard news com assuntos que foram notícia no estado.

liberal comunidade: 07h às 07h30 (durante o hbv fica uma hora mais cedo) - aborda assuntos referentes á comunidade

É DO PARÁ: 12h às 12h25 : mostra projetos, arte, cultura, economia, tudo o que se refere a bons temas sobre o estado.

2- Qual o público-alvo dos telejornais?

Absolutamente todos em cada horário específico.

3- A linha editorial dos telejornais contempla pautas sobre arte? Quantos VTs sobre arte são veiculados por mês no jornal (média)? O Vt é veiculado em todos os jornais do dia? Sofrem alguma alteração, dependendo do telejornal?

Não um número específico. Abordamos arte no edp e nos telejornais locais quando há alguma cobertura importante, algum festival, apresentação que mobilize a cidade. No JL1 sempre exibimos às sextas a agenda cultural que dá um panorama de shows do fim de semana.

4- O que define se uma pauta sobre arte vai ganhar ou não um VT?

Importância, interesse do público, envolvimento, mobilização da cidade.

5- Vocês trabalham com pautas recomendadas? Como funciona a abordagem para este tipo de VT?

Raramente, mas quando há alguma recomendação sobre o vt aí buscamos sempre o que o vt pode ser de útil para o telespectador. O desafio é não olhar com preconceito mas sim com interesse jornalístico.

6- As matérias sobre arte normalmente fecham o jornal? Por quê?

Porque depois de uma série de vt's pesados, que causam um sentimento ruim para quem assiste o ideal é acabar com um vt leve, que nos de esperança, que traga um sorriso, que termine o jornal com vontade de querer ver mais...

7- De maneira geral, qual o objetivo ao veicular as pautas de arte?

Entretenimento, de serviço, de estímulo do que é bom.

8- Acredita que as matérias sobre arte são importantes para o público? Por quê?

Sim, por que ajudam a melhorar nosso dia a dia e por que expressam nossa cultura, nossos valores, nossa história.

9 - Acredita que falta divulgação por parte dos eventos de arte? Por quê?

Sim, falta um planejamento melhor por parte de quem organiza os eventos. saber mostrar o que é de interessante para a divulgação.



TIM PENNER

TV CULTURA

1- Quais os telejornais da emissora, horário de exibição, duração e o perfil resumido de cada um deles?

- Jornal da noite - cobertura de fatos importantes do Estado. Além de fatos "quentes", são exibidas matérias de interesse público, como serviços e pautas de ecologia e cultura. Uma característica marcante é a de ser diferente das emissoras comerciais, considerar crimes e sensacionalismo pautas pouco relevantes.

- Cultura da Hora - Boletim de hora em hora, com cerca de dois minutos de duração, onde está a cobertura mais imediatista.

2- Qual o público-alvo dos telejornais?

Historicamente, a TV Cultura do Pará é focada no público chamado "formador de opinião", uma camada que, supostamente, teria maior acesso à informação e, portanto, seria mais aberta à discussões mais complexas. Porém, essa avaliação está sendo revista, já que hoje em dia se pode observar que o acesso à informação já não é privilégio de poucos.

3- A linha editorial dos telejornais contempla pautas sobre arte? Quantos VTs sobre arte são veiculados por mês no jornal (média)? O Vt é veiculado em todos os jornais do dia? Sofrem alguma alteração, dependendo do telejornal?

Arte é pauta frequentemente presente nas edições do Jornal da Noite.

4- O que define se uma pauta sobre arte vai ganhar ou não um VT?

Normalmente o nível de interesse do público e a importância do fato para a cultura do Estado. Estes critérios são avaliados em reunião de pauta.

5- Vocês trabalham com pautas recomendadas? Como funciona a abordagem para este tipo de VT?

As pautas recomendadas existem, mas não são obrigatoriamente transformadas em matérias. A editoria tem autonomia para estabelecer os critérios editoriais.

6- As matérias sobre arte normalmente fecham o jornal? Por quê?

As pautas de arte geralmente estão no último bloco, mas não obrigatoriamente encerrando o jornal.

7- De maneira geral, qual o objetivo ao veicular as pautas de arte?

Estas pautas divulgam as manifestações culturais desenvolvidas na região. Muitas vezes, a TV Cultura é o único veículo a divulgar estas matérias de pouco interesse comercial.

8- Acredita que as matérias sobre arte são importantes para o público? Por quê?

São importantes pela documentação e preservação destas manifestações.

9 - Acredita que falta divulgação por parte dos eventos de arte? Por quê?

Muitos eventos são mal divulgados porque ainda há carência de profissionais voltados para esta área dentro da comunicação.

4.3 Análise das matérias por emissora

A seguir serão analisadas as matérias selecionadas, por emissora. Elas foram estão divididas em três temáticas: duas matérias comuns, que possuem um formato e abordagem comum à linha editorial do jornal; uma proveniente de pauta recomendada; uma onde o tema abordado seja comum às três emissoras, facilitando a observação de como cada emissora o conduz, esta última será observada a parte, para possibilitar comparações entre as matérias de cada emissora.

Foram escolhidas matérias que falam de manifestações artísticas regionais, afinal, acredita-se que o papel maior destas emissoras-filiadas é dar visibilidade aos aspectos locais que não são contemplados pelas matrizes das emissoras de televisão. O *off* será transcrito, para facilitar o acompanhamento da estrutura e do conteúdo da matéria.

4.3.1 TV Liberal

Nesta emissora foram selecionadas quatro matérias para nossa análise. As duas comuns a rotina e linha editorial do jornal são: “Teatro/ A cigarra e a formiga” e “Balé/ Projeto Social. A de caráter recomendado é sobre o “Arte Pará 2011”, evento realizado pelas Organizações Rômulo Maiorana, que também é proprietária da filial da Rede Globo de Televisão, no Pará, a TV Liberal. A matéria comum a todas as emissoras selecionadas é sobre a “Abertura/ Festival de Ópera 2011” e será avaliada ao final de todas as análises, juntamente com as das outras TVs, como dito anteriormente.

Os Vts da TV Liberal costumam ser exibidos nas edições Bom Dia, JL1 e JL2. Por isso, não houve divisão entre os VTs de cada jornal. Vejamos as matérias transcritas para termos uma noção de texto e estrutura. Sequencialmente discutiremos, em uma abordagem crítica, alguns pontos a partir do referencial teórico trabalhado nesta dissertação.

4.3.1.1 OFFs das matérias da TV Liberal

Como dito em capítulos anteriores, OFF é como é comumente denominado o texto dos repórteres, que ao chegar a redação é avaliado pelo editor. A seguir temos o OFF das matérias exatamente como foram exibidas, na mesma sequência citada no tópico acima.

MATÉRIA: TEATRO/ A CIGARRA E A FORMIGA

REPORTAGEM: CARLA ALBUQUERQUE

TEMPO: 1'30"

DATA:04/04/2011

OFF1: NO PALCO, ATORES BEM CARACTERIZADOS CONTAM A HISTÓRIA DE UMA DAS FÁBULAS MAIS FAMOSAS DO MUNDO. A CIGARRA E A FORMIGA, NA ADAPTAÇÃO PARAENSE, TEM A COMPANHIA DE UM ESPANTALHO DIVERTIDO, UM BESOURO RABUJENTO, A JOANINHA E A DONA MARRECA. ENQUANTO TODOS TRABALHARAM DURANTE O VERÃO, PARA SE PREVENIR CONTRA O FRIO DO INVERNO, A CIGARRA, ESPERTINHA, SÓ QUERIA SABER DE CANTAR, E AÍ..

SONORA COM UMA CRIANÇA QUE ASSISTIU A PEÇA (ÁUREA ISABEL, 7 ANOS): “ A CIGARRA CANTAVA E NINGUÉM GOSTAVA, MAS AÍ A PATA E A CIGARRA FICARAM BRIGANDO. E AÍ NINGUÉM QUERIA AJUDÁ-LA”.

OFF2: POIS É, MAIS A DONA FORMIGA TINHA BOM CORAÇÃO E MOSTROU PRA TODO MUNDO QUE VALIA A PENA DAR UMA CHANCE E VALORIZAR O TALENTO DA CIGARRA, AFINAL, A AMIZADE É UM DOS VALORES MAIS IMPORTANTES.///

SONORA COM CRIANÇA QUE ASSISTIU A PEÇA (SEM CRÉDITO): “TODO MUNDO SER AMIGO.”

SONORA COM ADRIANA CAVALCANTE (ATRIZ): A GENTE FEZ UMA ADAPTAÇÃO, NA VERDADE A GENTE PEGOU ESTA ADAPTAÇÃO, QUE MOSTRA QUE A GENTE PRECISA EQUILIBRAR AS COISAS, QUE É DISCIPLINA, TRABALHO, MAS A GENTE NÃO ESQUECER DO LAZER SENÃO A VIDA PERDE O SENTIDO, SEM A BELEZA, SEM A ARTE.”

SONORA COM FABRÍCIO BEZERRA (ATOR): “EU ME SINTO MUITO FELIZ DE FAZER PARTE DESTA ELENCO, PORQUE EU COSTUMO DIZER O SEGUINTE, QUE A MELHOR PARTE DESTA ESPETÁCULO É O INÍCIO E O FINAL. O INÍCIO PORQUE A GENTE ENTRA NO PALCO E O FINAL PORQUE A GENTE RECEBE O CARINHO DAS CRIANÇAS E ISTO NÃO TEM PREÇO”.

OFF3: DEPOIS DE UMA HORA DE ESPETÁCULO, AS CORTINAS SE FECHARAM, MAS A ANIMAÇÃO CONTINUOU. A CRIANÇADA APROVEITOU PARA FICAR PERTINHO DOS ATORES.///

VOLTA PARA O APRESENTADOR QUE DÁ UMA NOTA COM A AGENDA DO EVENTO.

MATÉRIA: BALÉ/ PROJETO SOCIAL

REPORTAGEM: POLLYANNA BASTOS

TEMPO: 1'50"

DATA:16/11/2011

OFF1: VERÔNICA FAZ BALÉ A MENOS DE DOIS ANOS E JÁ CONSEGUIU UM GRANDE FEITO: FOI SELECIONADA PARA UM PROGRAMA DE INTERCÂMBIO DE UMA DAS PRINCIPAIS ESCOLAS DE DANÇA DOS ESTADOS UNIDOS.

SONORA COM VERÔNICA PAES (ESTUDANTE DE BALÉ): “QUANDO EU SAÍ DE LÁ, EU NÃO TAVA COM MUITA ESPERANÇA DE QUE EU IA CONSEGUIR PASSAR, MAS QUANDO EU SOUBE EU FIQUEI MUITO FELIZ E SE DEUS QUISER NÓS IREMOS PRA LÁ”.

OFF2: A JOVEM BAILARINA FAZ PARTE DO PROJETO SOCIAL CORPO E MOVIMENTO, NO BAIRRO DA TERRA FIRME. O GRUPO SURTIU A POUCA MAIS DE TRÊS ANOS, POR INICIATIVA DESTA PROFESSORA, QUE COMEÇOU A CARREIRA DA MESMA FORMA QUE AS MENINAS.///

SONORA COM ELENE PINHEIRO (COORDENADORA DO PROJETO): “ A MINHA FORMAÇÃO VEIO DE UM PROJETO SOCIAL E DEPOIS EU FUI ATRÁS DE BUSCAR NOVOS CONHECIMENTOS, MAS COMEÇOU NO PROJETO SOCIAL. ENTÃO, EU ACREDITO QUE O PROJETO SOCIAL É UMA OPORTUNIDADE PRA ESTÁS CRIANÇAS, DE QUEM SABE ATÉ UMA OPORTUNIDADE PROFISSIONAL”.

OFF3: MAS VERÔNICA E AS QUATRO OUTRAS BAILARINAS DO GRUPO, APROVADAS NA AUDIÇÃO, CORREM O RISCO DE NÃO CONSEGUIR VIAJAR, POR FALTA DE RECURSOS.///

SONORA COM ELENE PINHEIRO (COORDENADORA DO PROJETO): “ÓS ESTAMOS DE TODAS AS FORMAS CORRENDO ATRÁS PRA VER SE CONSEGUE. OS PAIS TAMBÉM ESTÃO SE VIRANDO. E A GENTE TÁ BUSCANDO PARCERIA”,

PASSAGEM: ALÉM DA APROVAÇÃO DAS MENINAS PARA O INTERCÂMBIO, O GRUPO JÁ CONQUISTOU PRÊMIOS EM DIVERSOS FESTIVAIS DE DANÇA E ESTA É APENAS UMA DAS TURMAS DO PROJETO QUE TEM MAIS DE 150 ALUNOS.

OFF4: ENQUANTO ELAS SONHAM COM A CARREIRA INTERNACIONAL, OS PAIS ACOMPANHAM ORGULHOSOS CADA MOVIMENTO.//

SONORA COM PAIS DE ALUNAS: 1- RAIMUNDO MOREIRA (PORTEIRO): “EU ME ARREPIO TODINHO DE VER UMA COISA DESSAS É MUITO BONITO”.

2- AREDA CAVALCANTI (DONA DE CASA): VER ELAS DANÇANDO, A GENTE FICA EMOCIONADO, A GENTE BATE PALMA, A GENTE GRITA, A GENTE BERRA.”

3- MÃE NÃO CREDITADA : “ELA CONSEGUIU CHEGAR ONDE ELA QUERIA CHEGAR. AINDA TEM MAIS AINDA, NÉ?”

S/S FINAL - MENINAS DANÇANDO

VOLTA PARA A APRESENTADORA QUE INCENTIVA A CONTRIBUIREM COM O PROJETO E DÁ UM NUMERO DE TELEFONE PARA QUEM SE INTERESSAR EM AJUDAR.

MATÉRIA: ARTE PARÁ 2011

REPORTAGEM: TAINÁ AIRES

TEMPO: 1'40" DATA: 07/10/2011

OFF1: VÍDEOS, INSTALAÇÕES, PINTURAS...

ENQUETE COM MARIA ISABEL MAROJA (DONA DE CASA/ VISITANTE): "MUITO INTERESSANTE, ESTOU GOSTANDO MUITO DAS IDEIAS NOVAS"

OFF2: UM DOS CARTÕES POSTAIS MAIS FAMOSOS DE BELÉM, O MERCADO DE VER-O-PESO, FOI HOMENAGEADO NESTA SALA DO MUSEU HISTÓRICO DO ESTADO DO PARÁ. ESTE ANO, O CURADOR DO SALÃO ARTE PARÁ FOI O ARTISTA RICARDO REZENDE.///

SONORA COM RICARDO REZENDE (CURADOR DO SALÃO): "FOI UMA EXPERIÊNCIA ACIMA DE TUDO INCRÍVEL E ENRIQUECEDORA PRA MIM QUE TIVE A OPORTUNIDADE DE CONHECER PROFUNDAMENTE A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DE ARTE AQUI NO BELÉM DO PARÁ".

PASSAGEM: PARA ESTA TRIGÉSIMA EDIÇÃO DO SALÃO ARTE PARÁ FORAM 37 OBRAS SELECIONADAS QUE MOSTRARAM A RELAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA.

SONORA COM SIMÃO JATENE (GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ): "VOCÊ TER UM EVENTO DE ARTE NA AMAZÔNIA, NO PARÁ, QUE JÁ VIVE 30 ANOS, JÁ É POR SISÓ UMA ENORME VITÓRIA. SEGUNDO , É QUE, A CADA ANO, ELE TEM O CONDÃO DE REPRESENTAR E REPRESENTAR MELHOR NÃO APENAS A AMAZÔNIA, MAS REPRESENTAR O BRASIL."

OFF3: GERALDO SOUZA DIAS FOI O PRIMEIRO COLOCADO DO SALÃO DE ARTES. O ARTISTA DE SÃO PAULO LEVOU PARA CASA 12 MIL REAIS PELA OBRA "LIVRO DOSCENTE".///

SONORA COM GERALDO SOUZA DIAS (ARTISTA PLÁSTICO): "FOI MUITO LEGAL. É SEMPRE COISA INTERESSANTE VOCÊ SER RECONHECIDO PELO TRABALHO QUE FAZ."

OFF4: O SEGUNDO COLOCADO NÃO PODE IR A PREMIAÇÃO E FOI REPRESENTADO PELA DIRETORA EXECUTIVA DAS ORM, ROBERTA MAIORANA, E PELO CRÍTICO PAULO HERKENHORFF.///

SONORA: COM PAULO HERKENHORFF (CRÍTICO): "O ARTE PARÁ HOJE, ELE REPRESENTA UM MOMENTO EM QUE O PROCESSO CULTURAL, QUE LEVA UM ANO, É ENTREGUE A SOCIEDADE."

VOLTA PARA O APRESENTADOR QUE DÁ UMA NOTA COM A AGENDA DO EVENTO.

4.3.1.2 Análise das matérias da TV Liberal

Nosso grupo de matérias se inicia com uma pauta típica dos telejornais da TV Liberal. Apesar das contribuições do Jornalismo Cultural, que apontam na direção de não se fechar só para matérias de serviço, ou que sirvam como agenda dos eventos, o mais comum aqui são as com este enfoque, serviço, ou seja, as que mostram o evento, show, exposição, mostra, entre outros, e logo depois oriente o telespectador sobre dias e horários de exibição. Não estamos questionando a importância deste convite, e sim, apenas enfatizando que as pautas corriqueiras do jornalismo desta emissora (e das outras também), praticamente se fecha a outras possibilidades de matérias sobre arte, como esmiuçar alguma temática sobre as mais diferentes representações deste campo. Não veremos uma matéria com a história da ópera no Teatro da Paz, mas, se houver uma Ópera sendo apresentada neste teatro, há grandes possibilidades de se tornar matérias.



Imagem da peça a Cigarra e a Formiga, matéria da TV Liberal

Então, a primeira matéria é a “Teatro/ A Cigarra e a Formiga”. Temos aqui uma postura do repórter de apenas relatar o acontecido na peça apresentada e no lugar de sua apresentação, um texto meramente descritivo. Não há nenhum tipo de contextualização nos eixos histórico ou de autoral do espetáculo. As informações reforçam a característica televisiva de informação estandarizante (TRAVANCAS, 2004), uniformizada, superficial. A repórter começa falando que se trata da encenação de “uma das fábulas mais famosas

do mundo” em total senso comum e segue descrevendo o espetáculo, buscando em alguns poucos adjetivos, dar uma leveza e um diferencial ao seu texto, como por exemplo em “personagens bem caracterizados”, como foge da regra de objetividade e “imparcialidade” para fazer colocações estritamente particulares – seu próprio ponto de vista- e não se abre para fugir do tom superficial. Isso mostra que na TV as regras até podem ser quebradas, mas é preciso que o repórter saiba quebra-las com crítica e criatividade, para realmente conseguir elevar a qualidade da informação passada. Na sequência, com intervenções de entrevistas com crianças (público da peça), tentando dar um tom de descontraído à matéria, o repórter simplesmente conta toda a história da peça, rapidamente, começo, meio e fim. Sem questionamentos, associações, ou mesmo explorando as vastas possibilidades de leitura que a arte proporciona, como a educativa, a experimentação de sentimentos físicos ou emocionais diversos. Arranha-se mostrar que há uma conscientização de um valor através do espetáculo, quando coloca-se “a Dona Formiga tinha bom coração e mostrou para todo mundo que valia a pena dar uma chance e valorizar o talento da cigarra, afinal a amizade é um dos valores mais importantes”, avaliação que mais uma vez demonstra uma opinião banal sobre o tema abordado. A narração e o próprio texto tem um toque infantil, como se quisesse também falar com as crianças, isso seria positivo se as crianças assistissem ao jornal. A entrevista com um ator do grupo não é relevante e ele fala apenas da sensação de encenar para as crianças e diz que gosta de receber o carinho delas. A partir daí segue-se para mais descrições sobre o que aconteceu no evento, como a possibilidade das crianças tirarem foto com o elenco, tudo sem muitas reflexões. A matéria não foi sonorizada, ou seja, não traz um BG, uma música de fundo. Também não são explorados sobre sons, momentos em que se deixa imagens do evento e uma trilha de fundo ou até mesmo o som ambiente do espetáculo. Estes são recursos interessantes para diferenciar a pauta artística e ainda valorizar aos olhos do público o que ele pode encontrar ou vivenciar se for ao espetáculo. No final reforça-se o serviço, em nota o apresentador (âncora do jornal) informa os dias e a hora que a peça está sendo apresentada.

A segunda matéria “Balé/ Projeto Social” fala de um projeto social a partir do balé. A dança aqui fica como pano de fundo para a questão social. O

objetivo não é mostra-la como arte transformando a vida das estudantes - ou se e como a transforma- e sim pedir apoio para que as estudantes possam viajar para fazer um intercâmbio nos Estados Unidos. Isso mostra a busca por executar o jornalismo cidadão, tão enfatizado pela TV Liberal. Suprimem-se as possibilidades de se explorar o balé, seu caráter educativo e, cambiando-se para o sentimentalismo e tentativa de comover, persuadir o público a colaborar com o projeto.



Imagem da matéria "Balé/ Projeto Social", Tv Liberal

Aqui já há um cuidado maior com sobe sons. As imagens das bailarinas e suavidade dos movimentos são bastante exploradas. A matéria foi trilhada com um som delicado que parece caixa de música, talvez complementando a busca por sensibilizar quem vê. A matéria não enfoca a arte, e não tem esta obrigação, mas é preciso questionar esta busca excessiva por uma espetacularização da notícia. É importante que se tente colaborar com uma boa causa, sem dúvidas, mas porque a pauta artística só entra no jornal se tiver uma associação com serviço ou com comunidade? A arte já tem tão pouco espaço, por que diminuí-lo ainda mais? São estas questões que levam a questionar os encaminhamentos dados pela linha editorial do jornal.

Este tipo de posicionamento vem reforçar a submissão da TV à lógica econômica, buscando atingir altos índices de audiência e de verbas publicitárias, apostando, como tendência muito atual, no sensacionalismo. Um

discurso que tende à operar a partir de generalizações e fica longe da educação e política sérias, sobrevivendo na indústria cultural como forte dispositivo de interpelação popular. (BARBERO, 2001)

Na última matéria deste tópico, analisaremos a condução de uma pauta recomendada, neste caso a abertura do Arte Pará 2011. Um evento realizado pela mesma organização que é dona da emissora de televisão. Segundo a chefe de redação do jornalismo da TV Liberal, tenta-se não olhar com preconceito para a pauta, localizando nela o que é de interesse público. Na prática, o que se observou foi outra pauta descritiva, limitando-se a um registro do evento. Ela foi dada junto com agenda de eventos do final de semana veiculada às sextas-feiras. Fala-se dos eventos, depois, chama-se uma matéria sobre um deles, neste caso o Arte Pará.

A respeito do *off*, perdidamente em meio ao texto, fala-se do tema central “relação do homem com a natureza”, do que traz “vídeos, instalações, pinturas” – o telespectador sabe, por exemplo, o que são instalações? – faltando certa organização nas ideias expostas.

Todas as entrevistas realizadas se direcionam a ressaltar o evento, a importância do mesmo. Para isso, faz-se até mesmo sonora com o governador do estado, para fundamentar a premissa, assim como com o curador. E as obras? E os artistas?

O artista que ganhou o maior prêmio aparece recebendo os seus 12 mil reais pela obra “Livro Doscente”. Mas que obra é mesmo? Do que fala? Nada é dito ou mostrado pelas imagens, fica apenas a afirmação do entrevistado dizendo que foi muito legal participar do evento, em mais um reforço da importância do salão Arte Pará.

Em que as obras consistem, o que geram, o que transmitem? A matéria não mostra o que realmente seria de interesse público, atendendo, neste caso, apenas ao interesse do veículo. Exalta-se o evento “Arte Pará” em uma concepção política e não a arte que ele traz, as obras ou os artistas.

Para se ter uma ideia, dos um minuto e quarenta segundos de matéria no ar, apenas em vinte e oito segundos aparecem imagens das obras expostas no salão, menos de um terço da matéria. O restante é apenas a cerimônia de abertura, entrega de premiação e convidados. E mais uma vez, retorna-se para o apresentador que faz o convite para a visita do público, dando o período das exposições.



Solenidade de abertura do Arte Pará, TV Liberal



Obras do Arte Pará, TV Liberal

Em resumo, agenda de eventos, serviço, jornalismo cidadão, estes são os temas que mostram a arte na TV Liberal. Simone Amaro questiona a falta de planejamento de quem organiza os eventos de arte, levando informações que provoquem interesse pelos mesmos e que qualquer apresentação que mobilize a cidade e seja de interesse público podem se transformar em matéria. É preciso também pensar nesta via de mão dupla,

onde as informações sobre arte cheguem as emissoras de forma mais direta, um canal de comunicação também provocado por que está a frente dos eventos de arte, afinal, com tecnologia, pode-se comunicar até mesmo com um e-mail, mas também é questionável que só o que mobilize a cidade tenha espaço mais garantido na TV, pois assim diminui-se a possibilidade da TV contribuir com a mobilização, caso contrário, a função do telejornal se resumirá a relatar o que acontece, não contribuindo ou participando de um processo.

Outro aspecto colocado é a busca por atingir todos os públicos. Quando a TV cria um linguagem uniforme, permitindo que a mensagem transmitida seja reconhecida por diferentes camadas sociais, buscando não enfatizar nenhuma das classes econômicas que estiverem assistindo a programação, pode-se passar informações superficiais e generalizantes, como foi observado.

As pautas podem sim ser encaradas com leveza, ou até como entretenimento e se, segundo afirmação da editoria do jornalismo da TV Liberal, podem passar boas mensagens, nada melhor do que repensar as particularidades das matérias artísticas para que possam realmente transmitir e incentivar o contato com a produção artística local.

4.3.2 TV RBA

Na emissora Rede Brasil Amazônia – RBA- filiada a Rede Bandeirantes de televisão, também foram selecionadas quatro matérias com proposta similar a executada nas outras emissoras, a divisão em três temas: duas matérias do jornalismo diário, feitas com maior frequência (Teatro ajuda vítimas no Rio de Janeiro e, abrimos uma parêntesis para a uma matéria especial: Tecnomelody Orgulho do Pará); uma pauta recomendada (Prêmio Diário de Fotografia Contemporânea); e a matéria sobre a abertura do Festival de Ópera a ser analisada no em um tópico paralelo, juntamente com as da TV Cultura do Pará e TV Liberal.

As matérias foram selecionadas no Barra Pesada, veiculado no horário de 11h30 da manhã, com aproximadamente uma hora de duração, o programa jornalístico que explora pautas variadas, principalmente as factuais que mostram as agruras da cidade, em um formato onde o apresentador comenta e dá suas opiniões sobre as matérias. O segundo, é o Jornal da RBA, com formato padrão, apresentador na bancada e matérias com as notícias do dia. A maioria das matérias veiculadas em um se repetem no outro e vice-versa.

4.3.2.1 OFFs das matérias da TV RBA

Para facilitar a compreensão das matérias e facilitar a localização de alguns pontos dentro da análise de conteúdo, a seguir temos os OFFs transcritos na ordem: Teatro ajuda vítimas no Rio de Janeiro; Tecnomelody Orgulho do Par; e Prêmio Diário de Fotografia Contemporânea.

MATÉRIA: TEATRO AJUDA VÍTIMAS NO RIO DE JANEIRO

REPORTAGEM: DINAN LAREDO TEMPO: 2' DATA: 20/01/2011

OFF1: A FILA DE PESSOAS COM OS ALIMENTOS DEU A VOLTA NO HALL DO CENTUR. MUITA GENTE ATENDEU AO CHAMADO DO GRUPO EXPERIÊNCIA PARA AJUDAR OS DESABRIGADOS DO RIO DE JANEIRO.///

SONORA COM GERALDO SALES (DIRETOR TEATRAL): "ISSO SURTIU DE UMA IDEIA DO RIBAMAR CHACON QUE É PRODUTOR, É UM DOS PRODUTORES DO GRUPO EXPERIÊNCIA. EU ACHEI QUE ERA UMA IDEIA ÓTIMA, PORQUE O GRUPO TEM UMA OBRIGAÇÃO COM A QUALIDADE ARTÍSTICA, MAS TEM UM DEVER SOCIAL, TAMBÉM".

ENQUETE COM O PÚBLICO. TÂNIA SILVEIRA (UNIVERSITÁRIA): SABER QUE TEM UMA AÇÃO QUE POSSA AJUDAR PESSOAS QUE ESTÃO PRECISANDO NESTE MOMENTO, COM CERTEZA É MUITO IMPORTANTE. É UMA AÇÃO MUITO IMPORTANTE. INFELIZMENTE, NEM TODO MUNDO VAI TER ACESSO AO ESPETÁCULO, MAS O IMPORTANTE É AJUDAR.///

OFF2: O INGRESSO PARA ASSISTIR O ESPETÁCULO CUSTOU APENAS TRÊS QUILOS DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL.

ENQUETE COM O PÚBLICO. ANA PAULA PANPONET (ADMINISTRADORA): "AJUDAR E ASSISTIR JUSTAMENTE UMA ÓTIMA PEÇA, QUE É O VER DE VER-O-PESO.

OFF3: O TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA JÁ ESTAVA SUPERLOTADO E AINDA TINHA MUITA GENTE DO LADO DE FORA. A CONFUSÃO FOI INEVITÁVEL.

S/S PÚBLICO BRIGANDO PARA ENTRAR

OFF3: O SUFOCO VALEU A PENA. FORAM ARRECADADAS CERCA DE DUAS TONELADAS DE ALIMENTOS. TUDO SERÁ ENCAMINHADO, ATRAVÉS DA CRUZ VERMELHA, PARA A REGIÃO SERRANA DO RIO DE JANEIRO. A IDEIA DE AJUDAR AS VÍTIMAS MOTIVOU 22 PROFISSIONAIS, ENTRE ATORES E TÉCNICOS, PARA REMONTAR A PEÇA VER DE VER-O-PESO.

SONORA COM PAULÃO (ATOR): "É UMA MENIRA DA GENTE PARTICIPAR. É UMA MANEIRA DA NOSSA GOTINHA ENCHER UM COPO E MATAR A SEDE DE ALGUÉM, ENTENDEU? EU SEI QUE É POUCO, MAS POR ESSA RESPOSTA DO PÚBLICO, A GENTE TÁ SUPER FELIZ".

OFF4: O SUCESSO DE 28 ANOS DA MAIS CONSAGRADA MONTAGEM DO TEATRO PARAENSE MAIS UMA VEZ EMOCIONOU AS PESSOAS QUE CONSEGUIRAM ENTRAR NO MARGARIDA SCHIWAZAPPA.

S/S FINAL – IMAGENS DA PEÇA

MATÉRIA: SÉRIE ESPECIAL “ORGULHO DO PARÁ” MATÉRIA SOBRE O TECNOMELODY
REPORTAGEM: ÉRICA TORRES TEMPO: 4’ DATA: 27/09/2011

S/S INICIAL COM UM TECNOMELODY

OFF1: A BATIDA É ACELERADA. OS PASSOS MUDAM RAPIDAMENTE. ESTAMOS FALANDO DO RITMO QUE É A CARA DO PARÁ: O TECNOMELODY.//

S/S – TECNOMELODY (A CANTORA CANTA: “EU SOU DO NORTE, DE BELÉM DO PARÁ!”)

OFF2: NESTE ESTÚDIO DE DANÇA EM BELÉM, MUITOS ALUNOS QUEREM APRENDER A DANÇA TÃO ANIMADA. DEPOIS DO BREGA, O TECNOMELODY É A SEGUNDA DANÇA NASCIDA AQUI MESMO NO PARÁ.

PASSAGEM: AGORA O TECNOMELODY JÁ PODE SER CONSIDERADO UMA DANÇA DE SALÃO. O RITMO POSSUI INFLUÊNCIAS DE VÁRIAS OUTRAS DANÇAS, COMO A LIBANESA, A INDÍGENA E ATÉ DO CARIMBÓ.

SONORA COM MARCELO THIGANÁ (COREÓGRAFO): “O PASSO BÁSICO DO TECNOMELODY É TOTALMENTE ORIGINADO NAS TRIBOS INDÍGENAS. FOI BUSCAR NA TRIBO CAIAPÓ E NA TRIBO MUNDURUCU, PRA FAZER A BASE DISSO. ENTÃO CHAMA QUARUPE O PASSO BÁSICO MASCULINO E O PASSO BÁSICO FEMININO É O CARIBENHO POR TER MUITAS INFLUÊNCIAS CARIBENHAS, COMO DA CUMBIA E DO MERENGUE E ATÉ MESMO DA SALSA.

O SUCESSO DO TECNOMELODY SURTIU EM 2002, QUANDO O DJ BETO METRALHA COMEÇOU A FAZER VERSÕES DE MÚSICAS ORIGINALMENTE CANTADAS EM INGLÊS PARA O PORTUGUÊS, COM UM TOQUE BEM PARAENSE.

SONORA COM BETO METRALHA (PRODUTOR MUSICAL): “O BREGA ENTROU QUANDO EU TINHA UMA PRODUTORA DE ÁUDIO BEM PEQUENA. AÍ EU CONHECI A GABY E O MARQUINHOS, HOJE EM DIA A GABY AMARANTUS E O DJ MALIQUINHO, AÍ ME CONVIDARAM PRA FAZER TRÊS MÚSICAS. AÍ NÓS FIZEMOS, ELABORAMOS TRÊS MÚSICAS E DUAS VIRARAM SUCESSO”.

OFF3: MAS ANTES, BEM ANTES DISSO, OUTRO DJ JÁ SEQUENCIAVA BATIDAS MUSICAIS NO COMPUTADOR. NOS SAUDOSOS ANOS 80, A TÉCNICA ERA CONHECIDA COMO ELETRORITMO. EM 1995, TONNY BRASIL COMPÔS E GRAVOU A PRIMEIRA MÚSICA ELETRÔNICA EM BELÉM: LANA. S/S DA MÚSICA LANA

OFF4: ELE CONTA QUE O MOMENTO ERA DIFÍCIL PARA A MÚSICA PARAENSE.//

SONORA COM TONNY BRASIL (PRODUTOR MUSICAL E COMPOSITOR): “COM O SUCESSO DA BANDA CALYPSO, OS BONS MÚSICOS FORAM ARREBATADOS PARA VIAJAR COM A BANDA. E NÓS FICAMOS EM MATERIAL HUMANO AQUI. BEM QUE EU EXPERIMENTEI OUTROS ARTISTAS, OUTROS MÚSICOS, MAS NÃO CONSEGUI. NÃO TIVE RESULTADO BOM. E COMO A PARTIR DO MOMENTO QUE A GENTE PEGA UM TRABALHO A GENTE TEM QUE CUMPRIR, ENTÃO EU FUI BUSCAR ESTE RECURSO QUE FOI JUSTAMENTE FAZER SEQUÊNCIA, DE GRAVAR EM SEQUÊNCIA. E O RESULTADO FOI ESSE. E DEU MUITO CERTO”.

OFF5: ELE COMPÕEM, PRODUZ E GRAVA NESTE PEQUENO ESTUDIO NOS FUNDOS DA PRÓPRIA CASA. COM A EXPANSÃO DA MÚSICA ELETRÔNICA PARAENSE, EXISTEM VÁRIAS PESSOAS QUE HOJE FAZEM O MESMO QUE TONY, PRODUZEM O ESTILO E SUAS VARIANTES, COMO O ELETROBREGA, ARROCHA, TECNOBREGA, ELETROMELODY E CLARO, O TECNOMELODY.//

OFF6: HOJE O RITMO ARRASTA MULTIDÕES EM FESTAS ESPALHADAS PELO ESTADO E ATÉ MESMO FORA DELE.//

SONORA COM MARCELO THIGANÁ (COREÓGRAFO): “TODO MUNDO AQUI NESTE ESTADO GOSTA DE DANÇAS, SÓ QUE NINGUÉM SABE EXPLICAR COMO O CORPO SE MOVIMENTA, COMO É QUE SAI ISSO AQUI – ISSO AQUI É CARIBENHO, NÃO É? – COMO É QUE O MOVIMENTO DE QUADRIL É ÁRABE. ENTÃO QUANDO SE FUNDE ISSO E MONTA UMA DANÇA CHAMADA TECNOMELODY, O MUNDO TODO REALMENTE ABRAÇOU”.

SONORA COM TONNY BRASIL (PRODUTOR MUSICAL E COMPOSITOR): “O PARAENSE EM SIM ELE É ALTAMENTE CRIATIVO. EU ACHO QUE, EU NÃO SEI, É ALGUMA COISA QUE TÁ NO AÇAÍ, ENTENDEU? NO AÇAÍ, NO CUPUAÇU QUE A GENTE INGERE ALGUMA PROTEÍNA, ALGUMA COISA QUE FAZ COM QUE HAJA UM DINAMISMO MUITO GRANDE. A GENTE TEM UM RACIOCÍNIO MUITO RÁPIDO PRA ESSE TIPO DE COISA”.

S/S FINAL COM IMAGENS DE SHOWS E DANÇA.

MATÉRIA: PRÊMIO DIÁRIO DE FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA
REPORTAGEM: DINAN LAREDO TEMPO: 3' DATA: 16/03/2011

OFF1: O EVENTO DE LANÇAMENTO FOI REALIZADO NA PARTE EXTERNA DO MUSEU DA UFPA. COM A PRESENÇA DE FOTÓGRAFOS, PROFISSIONAIS DE OUTRAS ÁREAS E AMANTES DA ARTE. OS VENCEDORES RECEBERAM A PREMIAÇÃO DE 10 MIL REAIS. CADA.//

S/S – IMAGENS DA ENTREGA E DO PÚBLICO APLAUDINDO

OFF2: O FOTÓGRAFO CEARENSE SILAS DE PAULA APRESENTOU UM ENSAIO CAPTADO NO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA.///

SONORA COM SILAS DE PAULA (FOTÓGRAFO): “VIR PRA BELÉM, SER PREMIADO EM BELÉM É UMA FELICIDADE, PORQUE O TRABALHO AQUI É MUITO BOM.

OFF3: O PERNAMBUCANO, LEONARDO SETTE, APRESENTOU CENAS DO COTIDIANO DA CIDADE DE PARIS./// NESTE TRABALHO, EU NUNCA FUI ATRÁS DO MOTIVO, DO ASSUNTO, EU ESTAVA SIMPLISMENTE FOTOGRAFANDO AQUILO QUE ME TIRAVA A ATENÇÃO ENQUANTO EU ESTAVA ME DESLOCANDO DENTRO DAS SALAS DE CINEMA.//// A ARTISTA PARAENSE, ROBERTA CARVALHO, MOSTROU EM SIMBIOSES A IMAGEM DESMATERIALIZADA NO ESPAÇO.///

SONORA COM ROBERTA CARVALHO (ARTISTA VISUAL): “FOTOGRAFIA É UM DOS INSTRUMENTOS QUE EU UTILIZO PRO MEU TRABALHO. NA VERDADE, EU SOU ARTISTA VISUAL, TRABALHO COM PROJEÇÃO, COM A LINGUAGEM DO VÍDEO TAMBÉM, MAS A FOTOGRAFIA HOJE ESTÁ IMBUÍDA DESSE CONCEITO MAIS EXPANDIDO”.

OFF4: O FOTÓGRAFO DO DIÁRIO DO PARÁ, EVERALDO NASCIMENTO, FOI SELECIONADO PELA COMISSÃO, COM UM COJUNTO DE FOTOGRAFIAS FEITO EM SALVADOR, NA BAHIA.

SONORA COM EVERALDO MARTINS (FOTÓGRAFO): “EU QUERIA DIZER PARA QUEM POR ALGUM MOTIVO NÃO SE INSCREVEU, QUE SE INSCREVA, QUE VALE A PENA SIM, QUE TEM QUE ACREDITAR NA GENTE.

OFF5: 254 ARTISTAS DE VÁRIAS REGIÕES DO BRASIL SE INSCREVERAM E 21 OBRAS FORAM SELECIONADAS.

SONORA COM CAMILO CENTENO (DIRETOR/ RBA): “TIVEMOS MUITAS PESSOAS QUE SE INSCREVERAM DE OUTROS ESTADOS. INCLUSIVE DOIS DOS PREMIADOS SÃO. UM DO CEARÁ E OUTRO DE PERNAMBUCO”.

OFF6: O PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA TEM O APOIO DO MUSEU DA UFPA E PATROCÍNIO DA VALE.//

SONORA COM DANIELLE REDIG (ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO/ VALE): “A VALE TEM MUITO ORGULHO DE PATROCINAR ESTA INICIATIVA, QUE É MAIS UMA DE VÁRIAS OUTRAS EM PARCERIA COM A RBA.”

OFF7: O ALTO NÍVEL DAS OBRAS SELECIONADAS PELA COMISSÃO DO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO, REVELA A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA NO PARÁ.//

SONORA COM JADER FILHO (DIR. PRES. DO DIÁRIO DO PARÁ): “A FOTOGRAFIA PARAENSE, HOJE, ELA TEM UMA IMPORTÂNCIA NACIONAL COMO UMA DAS MELHORES FOTOGRAFIAS DO BRASIL. HOJE ELA É CONHECIDA MUNDIALMENTE COMO UMA FOTOGRAFIA DE ALTA QUALIDADE. E HOJE, NESSE PRÊMIO, ENFIM NO SEGUNDO PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO, A GENTE TEM A OPORTUNIDADE DE MOSTRAR O TRABALHO DE FOTÓGRAFOS PARAENSES RENOMADOS, MAS COMO TAMBÉM. MOSTRAR NOVOS TALENTOS PARAENSES QUE ESTÃO SURGINDO, COMO TAMBÉM TALENTOS DE OUTROS ESTADOS, ENFIM, DA FEDERAÇÃO.

S/S – Imagens da exposição

4.3.2.2 Análise das matérias da TV RBA

No estado do Pará, a TV RBA foi uma das precursoras na implantação do jornalismo policial, explorando temas como problemas da comunidade, violência e outras mazelas sociais associadas a estas temáticas. Talvez por este fato, ao se pensar em programas como o “Barra Pesada” seja difícil imaginar que contemple em suas matérias questões como a arte, um engano. O jornal traz quadros fixos e até comentarista. Na verdade houve uma transformação no perfil do programa, hoje, ele não deixou de lado os primeiros temas, mas agora aborda também variedades, e a arte passou a ser pautada, com uma frequência maior que na TV Liberal e talvez tão grande quanto na TV Cultura. O lado policial mais carregado fica por conta do programa Metendo Bronca. O Jornal da RBA tem um perfil mais tradicional, com apresentadora na bancada, exibido durante a noite, também traz pautas variadas, direcionando-se para notícias. Como dito anteriormente, é comum as matérias do Barra Pesada serem reexibidas no Jornal da RBA e vice-versa, por este fato selecionamos matérias destes dois programas para esta análise.

A primeira matéria “Teatro ajuda vítimas no Rio de Janeiro” mostra a reexibição da peça paraense Ver de Ver-o-Peso com objetivo de ajudar vítimas de enchentes e deslizamentos na região serrana do Rio de Janeiro. A narrativa se constrói direcionando o olhar para a iniciativa de artistas que, com seu espetáculo, mobilizam o público a colaborar com uma ação de cunho social, através da troca de ingressos por doação de alimentos. Todas as entrevistas caminham neste sentido. O público fala de maneira positiva sobre a iniciativa - “o importante é ajudar”- e os artistas sobre a possibilidade de ajudar com seu trabalho “o grupo tem uma obrigação com a qualidade artística, mas também um dever social”. A peça se torna mera coadjuvante na ação maior que, neste caso, é o auxílio às vítimas de enchente. Mais uma vez, este trabalho, não questiona o encaminhamento dado à pauta e sim a maior abertura de espaços para as abordagens de questões sociais problemáticas, deixando de lado a possibilidade de reflexões e visibilidade das temáticas artísticas. Talvez sejam as influências do sensacionalismo.

Nas observações para a construção desta análise nota-se que normalmente a arte se torna pauta para o telejornalismo quando há a possibilidade de dar ao público uma sugestão de programação, ou seja, no caso de uma peça que seja exibida em apenas um dia, é comum virar matéria telejornalística a partir de imagens e entrevistas em ensaios gerais, caso contrário não se tornará pauta, nem será abordada. Afinal, com esta busca por trabalhar com formato de agenda, a gravação no único dia de espetáculo para ser veiculado após este configura a perda da notícia, do hardnews, buscado por várias emissoras locais, inclusive a RBA. No caso da peça Ver de Ver-o-Peso, o que motivou a matéria sobre o espetáculo de apresentação única foi o tema a associado: colaboração com as vítimas de enchente no Rio de Janeiro. Não havia mais a possibilidade de assistir outro dia, nem mesmo para colaborar, mas a mobilização foi motim da pauta. Isso enfatiza a desvalorização dos eventos, das obras artísticas e das discussões e, ainda, a força do formato sensacionalista nos telejornais, assim como a abordagem de matérias de arte com foco em serviço.



Imagens da peça Ver de Ver-o-Peso, TV RBA

Voltemos a um outro ponto da matéria, o repórter faz referência a grande procura do público, que lotou a casa e ainda que faltaram ingressos para atender a todos, neste trecho ele destaca que “a confusão foi inevitável” e a matéria segue com um sobe som de um homem gritando e brigando com organizadores do evento por não ter conseguido entrar. Dentro da matéria esta abordagem foi desnecessária, mas reflete a busca pela espetacularização da

notícia, pelo flagrante, por mostrar com exclusividade situações agressivas, imprudentes. Talvez os próprios repórteres fiquem impregnados pelas constantes abordagens de crimes, morte, violência e na hora de cobrir temas diferentes, mesmo inconscientemente, quase como ato-reflexo, acabem por explorar estas questões, que aqui não contribuem em nada na transmissão das principais informações.

Na matéria com dois minutos de duração, as imagens da peça só começam a ser exibidas a um minuto e vinte e a única referência textual feita a mesma diz que “o sucesso de 28 anos da mais consagrada montagem paraense, mais uma vez emocionou as pessoas que conseguiram entrar no Margarida Schiwazappa”, colocações em senso comum que não trazem explicações às ideias apresentadas: a consagrada por quê? Emociona por quê? Questões que ficam no ar, sem resposta. A matéria termina com um belo sobe som dos atores cantando em cena.

A segunda matéria faz parte de uma série especial denominada Orgulho do Pará, que traz temáticas diversas relacionadas à cultura paraense, como por exemplo, culinária, artesanato, danças, música. O gerente de jornalismo destaca esta série como referência também na exibição de matérias ligadas à arte. A que trata sobre o Tecnomelody, estilo musical criado no Pará, vemos que realmente há um cuidado maior com a plástica e com a qualidade da matéria, e que foi produzida com mais tempo do que as apresentadas ao público diariamente. O VT especial é anunciado por uma vinheta de abertura com o tema da série “Orgulho do Pará”, a duração é maior que o comum, quatro minutos. Ele traz muitos sobe sons valorizando a música e as imagens de shows e pessoas dançando. A intenção é mostrar o Tecnomelody como música e como dança.

Neste, há uma busca por explicar como o ritmo foi criado historicamente e também se faz relações com outros ritmos de outras regiões ou de outros períodos. As entrevistas contribuem para a compreensão deste processo historicamente, com muitas contextualizações. Algumas personagens que contribuíram com a criação do ritmo são entrevistadas e explicam como se iniciou o processo e os outros ritmos que derivam do Tecnomelody, origens e

vertentes. Um coreógrafo Marcelo Thiganá mostra a influência de movimentos indígenas, caribenhos e até árabes executados nos passos da dança, que flui naturalmente, sem que o próprio público que dança saiba que tem tantas influências.



Dança ao som do Tecnomelody, TV RBA

As palavras finais de um dos DJs entrevistados, o Tonny Metralha revelam um certo ufanismo em relação as coisas da terra:

“O paraense em si, ele é altamente criativo. Eu acho que, eu não sei, é alguma coisa que tá no açaí, entendeu? No açaí, no cupuaçu que a gente ingere, alguma proteína, alguma coisa que faz com que haja esse dinamismo muito grande. A gente tem um raciocínio muito rápido pra esse tipo de coisa.”

A Priore, a seleção deste trecho não faz muito sentido no todo da matéria, que explora um conhecimento maior do Tecnomelody. Talvez a escolha deste pela edição seja uma identificação com o tema central da série “Orgulho do Pará”, que segue na mesma linha, ressaltando as belezas e dotes paraenses.

O mais importante desta reportagem é a ideia, destacada por PIZA (2009), de democratização das informações sem menosprezo a grande variedade de temas a serem abordados, já que em um passado recente, este

ritmo e era visto com preconceito e por isso ficava à margem nos meios de comunicação. A abordagem traz várias conexões interessantes para uma visão mais detalhada do tema, considerando-se que o faz em uma matéria televisiva, é uma proposta muito interessante.

A matéria “Prêmio Diário de Fotografia Contemporânea” é uma pauta recomendada, já que – assim como o Arte Pará na TV Liberal – este é um evento promovido pelo Grupo RBA de Comunicação, que inclui a TV RBA, a rádio Diário FM e o jornal Diário do Pará. A matéria dispõe de um tempo maior que o comum que fica em torno de dois minutos, esta apresenta três minutos. Inicia com sobre som inicial, imagens das obras música de fundo- se a linguagem universal da imagem constrói a mensagem junto com o texto escrito narrado, explorar imagens do tema relacionado é importante para que o telejornalismo, desperte a curiosidade e atraia o telespectador, não só para a matéria, como também para a temática da arte. Em todas as análises feitas até agora, este, que deveria ser um princípio básico da TV não é seguido, algumas matérias não exploram tanto quanto deveriam as imagens das apresentações e obras de arte, como vimos anteriormente.



Solenidade de abertura prêmio de fotografia, TV RBA



Entrevista com fotógrafo premiado, TV RBA

Segue-se então para o registro do evento de entrega das premiações com uma solenidade de abertura, sai-se do foco arte para entrar na valorização da ação do Grupo RBA. As entrevistas caminham no sentido de destacar a importância do prêmio e que este é de alcance nacional. Isso se torna ainda mais evidente nas entrevistas do fotógrafo do Diário do Pará (jornal do Grupo) que foi selecionado e incentiva todos a participarem do evento: “se inscreva que vale a pena sim, que tem que acreditar na gente”, Também na entrevista oficial da Vale, patrocinadora do evento: “a Vale tem orgulho de patrocinar esta iniciativa”. A sonora destaca a importância do prêmio, assim como abre espaço para dar visibilidade à marca da empresa.

Observa-se que o texto e as entrevistas caminham para afirmação de uma importância além do regional para o evento, enfatizado suas proporções e alcance nacional, mesmo estando na segunda edição, como em: “254 artistas de várias regiões do país se inscreveram”. Em alguns pontos chega-se a falácias por generalizações apressadas como em “o alto nível das obras selecionadas pela comissão do Diário Contemporâneo revela a importância da fotografia no Pará”. Sabemos que é um evento novo e apesar de ser uma iniciativa importante, ainda não tem um grande reconhecimento, tão buscado e enfatizado em vários momentos do texto, como nas falas oficiais, comuns nas pautas recomendadas.

O diretor da RBA também destaca a participação de artistas de fora do estado e que alguns foram até premiados, como se isso conferisse

maior credibilidade ao evento, ao passo que Jader Filho, presidente do Diário do Pará, ressalta a importância da fotografia paraense, também enfatiza este alcance nacional tão explorado ao longo da matéria: "...a gente tem a oportunidade de mostrar o trabalho de fotógrafos paraenses renomados, mas como também mostrar novos talentos paraenses que estão surgindo, como também talentos de outros estados, enfim, da federação."

Em poucos momentos o repórter foge às recomendações e segue sua consciência crítica tentando mostrar, mesmo que minimamente, o processo criativo e as obras de alguns artistas – Leonardo Setti e Roberta Carvalho-, tudo é muito superficial e fica no senso comum. No caso do trabalho de Roberta Carvalho, as ideias ficam conturbadas e provavelmente o telespectador comum não deve ter entendido a mensagem, nem o trecho editado da entrevista da artista que fala de maneira mais aprofundada das relações entre a linguagem da fotografia e do vídeo.

A matéria explora boas imagens e tem uma sonorização trabalhada, utilizando mais de uma música.

Considerando-se o cenário local de telejornalismo, de maneira geral, a RBA tem dado um bom espaço para as pautas sobre arte. Com ajustes, as influências das abordagens e textos policiais, comuns ao dia-a-dia dos repórteres, podem diminuir e abrir caminhos para uma cobertura com características mais afins às temáticas artísticas.

4.3.2 TV Cultura

A TV Cultura do Pará iniciou como uma fundação pública de direito público em 2009 mudou de personalidade jurídica passando a ser uma fundação pública de direito privado, mas a maior parte do dinheiro investido emissora ainda hoje vem de verba do governo estadual. Assim foi ao longo de sua história de mais de 25 anos. A proximidade com o governo, algumas vezes, acaba por induzir a abordagem de algumas temáticas do interesse governista.

A emissora segue uma tendência forte de regionalização da programação, com muitos programas sendo desenvolvidos no estado, para a valorização da cultura e dos atributos da região e de seus habitantes.

Entre as pautas culturais, as de arte tem um grande espaço na grade da emissora, seja nos programas locais ou no jornalismo diário. Nossa pesquisa se atém às matérias exibidas no Jornal da Noite, único jornal exibido na emissora, com duração de trinta minutos – existem também boletins que divulgam notícias de hora em hora, pela parte da manhã e pela tarde, mas não serão analisados.

Foram escolhidas para a análise as seguintes matérias: “Arte/ Reciclagem”, “Exposição/ Arte contemporânea” e, no quesito pauta recomendada, “Terruá Pará”.

A matéria sobre o X Festival de Ópera, como dito anteriormente, será avaliada em conjunto com a das outras duas emissoras.

4.3.2.1 OFFs das matérias da TV Cultura

Abaixo seguem os OFF's das matérias da TV Cultura na seguinte ordem de apresentação e também de análise: “Arte/ Reciclagem”, “Exposição/ Arte contemporânea” e “Terruá Pará”.

MATÉRIA: ARTE/ RECICLAGEM

REPORTAGEM: VANESSA MONTEIRO DATA: 05/11/11 TEMPO: 2'45"

OFF1: OS SACOS PLÁSTICOS TÊM VÁRIAS UTILIDADES, DESDE EMBRULHAR COMPRAS ATÉ SERVIR PARA FAZER PIPAS. MAS GRANDE PARTE DESSES SACOS ACABA INDO PARAR EM UM LUGAR COMUM.

ENQUETE COM CIDADÃO: "ESSE DAQUI VAI VIRAR MESMO POR... PRA POR... LIXO".

OFF2: BELÉM PRODUZ CERCA DE UMA TONELADA E MEIA DE LIXO DOMICILIAR POR DIA DE ACORDO COM DADOS DA SESAN. PARTE DESTES LIXO É ARMAZENADO EM SACOS PLÁSTICOS QUE VÃO PARAR EM LIXÕES COMO O AURÁ OU ACABAM PERMANECENDO NAS VIAS PÚBLICAS E NOS RIOS DA REGIÃO. PORÉM, UM DESTINO PARA TANTOS SACOS PODE SER OUTRO, A ARTE. É ASSIM QUE PENSA O ARTISTA PLÁSTICO FAELI MORAES, BOLSISTA DO PROGRAMA DE CRIAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO, PESQUISA E DIVULGAÇÃO ARTÍSTICA DO INSTITUTO DE ARTES DO PARÁ.

SONORA COM FAELI MORAES (ARTISTA PLÁSTICO): "A PROPOSTA BÁSICA É TÁ PESQUI... FAZENDO A PESQUISA, NÉ, DOS SACOS PLÁSTICOS... AQUI EU TENHO 600 SACOS PLÁSTICOS NUM TOTAL DE NOVE MIL SACOS. ENTÃO, A PROPOSTA BÁSICA, ACIMA DE TUDO, É DIRECIONAR A SOCIEDADE PARA A RESPONSABILIDADE DO SACO PLÁSTICO. EM CIMA DISSO, TAMBÉM, TÁ TRABALHANDO COM AS PERSONALIDADES HISTÓRICAS, QUE É O MAIS FUNDAMENTAL PRA MIM".

PASSAGEM: COM UM POUCO DE RESINA E FITA CREPE, OS SACOS PLÁSTICOS VÃO TOMANDO A FORMA DE IMPORTANTES ÍCONES DA HISTÓRIA PARAENSE, COMO POR EXEMPLO, MESTRE VEREQUETE, E ATÉ MESMO A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ.

OFF3: MAIS DE OITO MIL SACOS PLÁSTICOS FORAM NECESSÁRIOS PARA A CRIAÇÃO DAS 15 ESCULTURAS, QUE EXIGIRAM PESQUISA E TRABALHO SOCIAL.

SONORA COM ARTISTA PLÁSTICO AMIGO DE FAELI: "O FAELI ELE BUSCA UMA OUTRA, OUTRA VISÃO, NÃO SÓ DO ARTISTA, PORQUE ÀS VEZES NÓS ARTISTAS, ÀS VEZES, NÓS NOS EMPOLGAMOS, QUEREMOS FAZER TUDO SÓ, NÉ, ENTÃO ELE BUSCOU OUTRO OLHAR. NÓS PESQUISAMOS, ELE FAZ UMA PESQUISA HÁ MAIS QUASE 20 ANOS, ELE FOI FEIRANTE, TRABALHOU AQUI NO VER-O-PESO E ELE MUITO SE INCOMODAVA COM O SACO PLÁSTICO, NÉ, O QUE INCOMODA O MUNDO TODO".

OFF4: A EXPOSIÇÃO JÁ PASSOU PELO VER-O-PESO E POR ICOARACI, ONDE OS MORADORES PUDERAM CONHECER UM POUCO DE CASA PERSONAGEM QUE DE LONGE PARECEM COMUNS, MAS BASTA SE APROXIMAR PARA TER A SURPRESA.

SONORA COM O PÚBLICO: "EU JÁ VI, COMO ELE JÁ FALOU, EXPLICOU PRA GENTE, DE MADEIRA, DE PAU, DE OUTRAS COISAS, MAS DE PLÁSTICO É UMA COISA MUITO INÉDITA E AQUI EU AMEI REALMENTE, ESSA OBRA DE ARTE MUITO BONITA E É ALGO ASSIM ESPECIAL".

"ENQUANTO MUITOS TÃO JOGANDO SACO NÃO SABENDO RECICLAR, NÉ, ELE, COMO ELE JÁ DISSE QUE É O ÚNICO NO MUNDO QUE FAZ ISSO, EU ACHO UM... ÓTIMO, REALMENTE EU ACHO MUITO BOM, É UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL MAGNÍFICA MESMO".

MATÉRIA: EXPOSIÇÃO / ARTE CONTEMPORÂNEA
REPORTAGEM: ANNA CAMPOS DATA: 09/06/11 TEMPO:1'20"

S/S INICIAL

OFF1: A ARTE CONTEMPORÂNEA GANHA DESTAQUE NA EXPOSIÇÃO: UMA GENTIL INVENÇÃO. OBEJETOS, VÍDEOS, ESCULTURA, SERIGRAFIA E DESENHOS QUE REFLETEM DIFERENTES TENDÊNCIAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA.

S/S

OFF2: A EXPOSIÇÃO FUNCIONA COMO UM LABORATÓRIO CRIATIVO DE PERCEPÇÕES QUE SE ESTABELECEM A PARTIR DA RELAÇÃO PARTICIPATIVA DO ESPECTADOR COM AS OBRAS.

S/S

SONORA COM MONITOR DA EXPOSIÇÃO: "É UMA EXPOSIÇÃO ONDE AS PESSOAS PODEM TER UM CONTATO MAIS PRÓXIMO COM A OBRA. MANIPULAR A OBRA ATRAVÉS DE SENTIDOS. NÃO SÓ DA VISAO, MAS TAMBÉM DO TATO, DA AUDIÇÃO."

OFF3: A MOSTRA FAZ PARTE DO PROJETO ARTE SESC QUE PROMOVE A DIFUSÃO E O DIÁLOGO DA ARTE COM OS DIFERENTES PÚBLICOS, REALIZANDO EXPOSIÇÕES ITINERANTES DE ARTES VISUAIS EM TODO PAÍS.

SONORA COM MONITOR: "TRAZ TRABALHOS DE ARTISTAS DE TODO BRASIL. É UMA PRODUÇÃO DE ARTE A QUAL, MUITAS VEZES, O PÚBLICO NÃO TEM ACESSO. NÃO TEM TANTO CONHECIMENTO E É UMA OPORTUNIDADE DE FAZER COM QUE ELE TENHO CONTATO COM A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA".

S/S FINAL

MATÉRIA: TERRUÁ PARÁ

REPOTAGEM: RODRIGO MONTEIRO DATA: 26/07/2011 TEMPO: 1'54"

OFF1: UMA MISTURA DE RITMOS E ESTILOS EM UM SÓ ENCONTRO COM AS FERAS DA MÚSICA FEITA NO PARÁ. S/S

OFF2: ESSA FOI A PRIMEIRA NOITE DO TERRUÁ PARÁ EM BELÉM, DEPOIS DE TER SACUDIDO O AUDITÓRIO DO IBIRAPUERA EM SÃO PAULO. S/S

PASSAGEM: NO PALCO DO TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA 40 ARTISTAS VÃO SE APRESENTAR, COM OS ESTILOS MAIS VARIADOS. MÚSICA PARA TODOS OS GOSTOS.

OFF3: DESDE A PRIMEIRA EDIÇÃO, EM 2006, O TERRUÁ TEM PROCURADO MOSTRAR TODA NOSSA DIVERSIDADE CULTURAL ATRVÉS DA MÚSICA. S/S

SONORA COM ADELAIDE OLIVEIRA (PRES. DA FUNTELPA): "EU ACHO QUE A DIVERSIDADE DO PALCO DO TERRUÁ NÃO É SÓ UM EXEMPLO PRA QUEM NÃO É DO PARÁ. TEM MUITA GENTE NO PARÁ QUE, ÀS VEZES, NÃO CONHECE ESSA DIVERSIDADE. ENTÃO O TERRUÁ TAMBÉM TEM ESSA MISSÃO, PRA MOSTRAR COMO A GENTE PODE TRAZER TODA ESSA SONORIDADE, TODOS ESSES RITMOS PRA DENTRO DESSE PALCO. MOSTRAR PRO PARAENSE E TAMBÉM MOSTRAR PRA QUEM É DE FORA DO ESTADO". S/S

OFF4: O SHOW REÚNE ESTILOS TÃO VARIADOS E DIFERENTES QUANTO O CARIMBÓ, O TECNOMELODY, POP, JAZZ, CHORINHO E MISTURAS TÃO INESPERADAS, COMO UMA COMPOSIÇÃO DE WALDEMAR HENRIQUE TOCADAS POR VIOLONCELOS EM RITMO DE ROCK. S/S

OFF5: PARA A CANTORA GABY AMARANTOS O TERRUÁ É UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL. É UMA OPORTUNIDADE DE DIVIDIR O PALCO COM OUTROS GRANDES NOMES DA MÚSICA PARAENSE.//

SONORA COM GABY AMARANTOS (CANTORA): "EU CONHECI A FAFÁ NO TERRUÁ PASSADO, E DAÍ A GENTE FEZ UMA AMIZADE. EU TENHO MUITA ADMIRAÇÃO POR ELA POR ELA. A DONA ONETE EU TAMBÉM NÃO CONHECIA. E AGORA EU TÔ TENDO A OPORTUNIDADE DE CONHECER NOVOS ARTISTAS, COMO AS MENINAS DO CHARME DO CHORO".

OFF6: PARA A VELHA GUARDA DA MÚSICA PARAENSE, PODER SE APRESENTAR NO TERRUÁ É PODER CANTAR PARA O BRASIL E PARA O MUNDO. S/S

SONORA COM DONA ONETE (CANTORA): "EU ACHEI ASSIM PARECE UMA POROROCA O QUE ACONTECEU. VEM ESSA PRIMEIRA ONDA, NÃO DEMORA JÁ VEM OUTRA, NÃO DEMORA JÁ VEM OUTRA... DEPOIS VEM O REMANSO. EU COMPAREI E ACHEI DEMAIS BONITO, ME SENTI LISONGEADA DE VOLTAR A SÃO PAULO COM O TERRUÁ, VIU?".

OFF7: O TERRUÁ TAMBÉM TEVE MOMENTOS DE IMPROVISOS. A CANTORA FAFÁ QUE ESTAVA NA PLATÉIA SUBIU AO PALCO PARA DIVIDIR UMA APRESENTAÇÃO COM PAULO ANDRÉ BARATA. S/S

SONORA COM FAFÁ DE BELÉM (CANTORA): "O PARÁ É LONGE, NÓS SOMOS MUITOS E O NOSSO SOM É PLURAL, ENTÃO ESTA INICIATIVA É GENIAL, GENIAL, QUE ISSO CADA VEZ MAIS CRESÇA, QUE MAIS NOMES SURJAM, E MAIS PESSOAS DA ANTIGA E DA NOVA GERAÇÃO APAREÇAM E MAIS PESSOAS PERDIDAS PELO MEIO DO PARÁ APAREÇAM E ACHO QUE É ISSO QUE VAI DAR A NOSSA CARA FORA DAQUI".

OFF8: O TERRUÁ PARÁ TEM DISSO: PAI E FILHO DIVIDINDO O MESMO ESPAÇO COM O MELHOR DAS GUITARRADAS. S/S

OFF9: A GANG DO ELETRO NÃO DEIXOU NINGUÉM FICAR PARADO E MAIS UMA VEZ LEVANTOU O PÚBLICO. S/S

OFF10: AO FINAL DO SHOW A CONFRATERNIZAÇÃO DA MÚSICA PARENSE, CLARO, AO RITMO DO CARIMBÓ. S/S FINAL CANTORES DANÇANDO E CANTANDO JUNTOS.

4.3.2.2 Análise das matérias da TV Cultura

Em um estado onde quase a totalidade da grade de programação das emissoras abertas é composta por programas produzidos nas capitais do Rio e de São Paulo, a TV pública assume um espaço relevante ao abrir espaço em suas exibições para questões mais locais, mostrando conteúdos e informações regionais que dificilmente seriam contempladas por pautas desenvolvidas fora do estado. É a possibilidade de o próprio povo conhecer sobre o estado e se ver contemplado por este meio de comunicação.

Além deste papel e regionalização da produção televisiva, a TV Cultura também se coloca como uma emissora educativa, para isso dá destaque a questões educativas, artísticas, culturais e informativas.

Estando a arte também associada à cultura, a emissora mantém frequentemente pautas de arte em seu telejornal, segundo o atual diretor da TV, manter pautas de arte no jornal é divulgar as manifestações culturais desenvolvidas na região, principalmente as de pouco interesse comercial, que dificilmente são exibidas nas outras emissoras.

A intimidade na exibição deste tipo de conteúdo se traduz também na técnica. A edição das três matérias, que observamos a seguir, traz muitos sons e explora imagens variadas das obras, sejam de artes visuais ou da apresentação musical. As matérias costumam ser trilhadas com músicas instrumentais, variando entre estilos como o clássico e o regional. Edições que exploram muitas imagens e trilha são mais demoradas que o comum, ou seja, este recurso não é adotado em qualquer tipo de matéria, normalmente apenas na de arte e de comportamento. Talvez possamos considerar um recurso em busca de uma identidade particular a VTs com temáticas artísticas.

A primeira matéria “Arte/ Reciclagem”, aborda uma exposição que resultou de um projeto de pesquisa do Instituto de Artes do Pará. O artista criou escultura de personalidades da terra utilizando sacos plásticos. A exposição aconteceu no mercado Ver-o-Peso e na Orla de Icoaraci. Este é o tipo de pauta que dificilmente ganha espaço em emissoras privadas locais, principalmente por estar fora de circuitos como o das galerias. A TV Cutlura, na maioria dos casos, não restringe a divulgação destas pautas de artistas desconhecidos ou de pequenas exposições.

Nos primeiros 35 segundos a repórter coloca os problemas advindos da grande utilização de sacos plásticos nas cidades, utilizando dados para fundamentar o texto. Em seguida ela diz que uma das soluções para contornar os problemas vem da arte, começa um processo de entrada na ideia central da matéria, o trabalho de escultura com sacos plásticos.

Inicialmente, a introdução pode parecer uma certa fuga ao tema, um nariz de cera desnecessário a matéria, mas em um olhar mais atento, as colocações acabam assumindo um caráter educativo e associando a arte com outras questões que dizem respeito a vida moderna, neste caso, o ambiente onde ela nasce.

A matéria fala do processo de elaboração das obras, como por exemplo, a utilização de oito mil sacos, para fazer as 15 esculturas. Na passagem que dá alguns desses dados sobre a composição do trabalho, a repórter afirma que as esculturas exigiram “pesquisa e trabalho social”, mas não fica claro o que ela quer dizer com trabalho social, a construção do raciocínio não esclarece se é uma referência ao ato da obra contribuir com o meio ambiente ou qualquer outra questão. O texto para matérias de arte pode explorar uma linguagem diferenciada (PIZA, 2009), mas esta tem que cumprir o papel de transmitir a mensagem de forma eficaz.



Cena da matéria “Arte /Reciclagem” TV Cultura

A repórter mostra o olhar do artista sobre sua obra, assim como o ambiente social em que nasce, a experiência que determina a obra de arte como pensamento, imaginação, época, lugar. (MUKAROVISKY, 1993). Isso acontece quando é contada um pouco da história do artista, que foi feirante e se incomodava com a grande quantidade de sacos desperdiçados e que suas obras foram motivadas por isso e pelas atuais preocupações da sociedade com a alta produção de lixo plástico.

Ela termina falando resumidamente que as esculturas contam um pouco da história das personalidades retratadas. Depoimentos do público revelam a surpresa do público com o material utilizado e admiração pela criatividade do artista e por sua consciência ambiental. A associação do trabalho com a contribuição para a preservação do meio ambiente é explorado do início ao fim da matéria, valorizando o tema e não uma possível sugestão de programação ao público – não é utilizada para dar um serviço. Ela não foi trilhada, mas traz muitas imagens, revelando detalhes das obras e da exposição.

A matéria “Exposição/ Arte contemporânea” começa destacando que a exposição “Uma Gentil Invenção” dá destaque a arte contemporânea, mas o conceito não é explicado, nem resumidamente. O que é a referida arte contemporânea?

Ela segue com descrições simplificadas de que lá estão “objetos, esculturas, serigrafias, desenhos” que refletem diferentes “tendências da arte contemporânea”. Que tendências? O Vt não traz a resposta.

Utilizando linguagem metafórica para suavizar o texto, a repórter diz que a exposição é um “laboratório de percepções”, mas posteriormente explica que se trata de uma exposição interativa e a edição acrescenta a sonora de um monitor dando detalhes sobre o assunto.

Há também a divulgação da organização do evento promovido pelo Arte Sesc. Pode ser interessante fazê-lo. Uma forma de exaltar a boa iniciativa.

O OFF também não identifica autores das obras, nem mostra especificamente nenhuma delas. É bastante generalista. Um modelo com formato mais reduzido que a maioria das matérias sobre arte exibidas pela emissora.

A matéria traz um sobe som final que explora as imagens das obras, revelando um pouco mais da exposição ao público.

A última matéria mostra o Terruá Pará, evento organizado pela emissora em parceria com o governo do estado. Trata-se de um show com diversos artistas da terra que surgiu em 2006 com a proposta de levar para o restante do país a sonoridade e variedade musical do estado do Pará.

Com transições governistas o projeto só foi retomado em 2011. A TV fez várias matérias sobre ensaios e sobre o desenvolvimento da segunda edição do evento. A apresentação que aconteceu em São Paulo foi transmitida pela TV Cultura. A matéria escolhida fala da primeira apresentação do projeto na capital paraense.



Cena da matéria "Terruá Pará" TV Cultura

A matéria se prende bastante ao relato de como aconteceu o show, em Belém. O repórter coloca muitas expressões em senso comum fazendo referência a diversidade musical que o evento contempla, como em: "mistura de ritmos e estilos", "estilos variados", "música para todos os gostos", "variados e diferentes". Outras ideias, que reforçam esta primeira, são colocadas como na descrição de alguns ritmos que serão apresentados: "o carimbo, o tecnomelody, pop, jazz, chorinho e até misturas inesperadas como uma composição de Waldemar Henrique tocada por violoncelos em ritmo de rock".

As entrevistas com os artistas como, Dona Onete e Fafá de Belém, se direcionam para a importância da iniciativa.

A matéria relata os principais momentos do show, como a subida improvisada de Fafá de Belém, que estava na plateia, para cantar com Paulo André Barata; ou ainda a Gang do Eletro que agitou o público; ou músicos pai e filho dividindo o palco. A questão é que se mantém assim do começo ao fim. Não se aprofunda sobre o projeto, nem traz colocações mais densas sobre a referida diversidade musical.

A matéria encerra com o seguinte OFF “ao final do show, a confraternização da música paraense, claro, ao ritmo do carimbo”. É uma colocação contraditória. Se a matéria, desde o começo, enfatiza que o Pará é marcado por uma diversidade de ritmos - mostrada no show para serem conhecidas dentro e fora do estado - como terminar com “claro, ao ritmo do carimbó”. A música paraense é plural, ou o carimbo é sua marca?

A matéria explora muitos momentos do show traz sobre sons da apresentação, dando a oportunidade de vivenciar um pouco o que aconteceu na apresentação.

Apesar de alguns detalhes questionados, as matérias da TV Cultura do Pará sobre arte tem uma identidade visual particular. Os textos dos repórteres tentam se adequar à temática artística, buscando falar de forma diferenciada das matérias factuais, construídos com mais criatividade em relação as possibilidades linguísticas quando comparados ao texto das outras emissoras.

Não há como negar a importância deste trabalho para o cenário de arte local, dando o espaço de comunicar, não conquistado em emissoras privadas.

4.3.2 Matérias sobre o X Festival de Ópera: TV Liberal, TV RBA, TV Cultura

Após as análises e reflexões, fundamentadas nos referenciais teóricos deste trabalho, buscou-se refletir sobre o trabalho de cada emissora selecionada para este estudo, através de matérias telejornalísticas sobre arte. Agora, far-se-á uma avaliação em grupo, onde todas realizam a cobertura do mesmo evento/pauta, neste caso o X Festival de Ópera.

Por se tratar de um grande evento de arte, a procura por fazer matérias sobre o Festival de Ópera acontece espontaneamente. Os veículos buscam as informações junto à organização do evento, como releases e agendamento das entrevistas. Por este fato, escolheu-se este evento para que possa ser observada como se dá a abordagem do tema por cada emissora, como cada pauta é encaminhada. Assim, faz-se possível visualizar um pouco do perfil de cada uma delas – TV Liberal, TV RBA, TV Cultura- e sua proximidade com as temáticas artísticas.

4.3.2.1 OFFs das matérias da TV Liberal, TV RBA e TV Cultura

Como feito anteriormente, segue-se com a transcrição dos OFFs sobre o X Festival de Ópera, para facilitar o acompanhamento da análise a ser realizada e, ainda, a observação de como a matéria foi estruturada. Abaixo os textos seguem na ordem: TV Liberal, TV RBA e TV Cultura do Pará.

TV LIBERAL

MATÉRIA: ABERTURA/ FESTIVAL DE ÓPERA

REPORTAGEM: ANDRÉ MOUSINHO

TEMPO: 2'10"

DATA 09/11/2011

OFF1: IRINEU É CRÍTICO MUSICAL, VEIO DE SÃO PAULO A TRABALHO ACOMPANHAR O ESPETÁCULO E SE RENDEU AOS ENCANTOS DO TEATRO DA PAZ.//

ENQUETE COM IRINEU (NÃO CREDITARAM ESTE ENTREVISTADO) : “ESTE É UM DOS TEATROS MAIS ESPECIAIS DO BRASIL, COM UMA ARQUITETURA E COM UMA ACÚSTICA, ENTÃO, NADA MAIS JUSTO QUE ELE SEJA OCUPADO COM UMA PRODUÇÃO COMO ESTA TOSCA.”

OFF2: AUTORIDADES DE ESTADO, ENTRE ELAS O GOVERNADOR SIMÃO JATENE, TAMBÉM PRESTIGIARAM O EVENTO.///

SONORA COM SIMÃO JATENE (GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ): “NÃO SÓ A ÓPERA, MAS O ESFORÇO QUE FOI FEITO PRA RECUPERAR ESTE MONUMENTO, QUE TEM UM SIGNIFICADO MUITO GRANDE PRA NOSSA HISTÓRIA, QUE É O NOSSO THEATRO DA PAZ. EU TENHO CERTEZA QUE O ESPETÁCULO VAI REPRESENTAR TODO ESTE ESFORÇO.”

PASSAGEM: A ÓPERA MARCOU A REABERTURA DO TEATRO APÓS OITO MESES, TEMPO EM QUE CASA DE ESPETÁCULOS PASSOU POR RESTAURAÇÕES, QUE FORAM DA ESTRUTURA DO TELHADO ATÉ A RECUPERAÇÃO DE MÓVEIS DANIFICADOS POR CUPINS. A PRÓPRIA ESCOLHA DA ÓPERA TOSCA MARCOU UM MOMENTO BASTANTE SIGNIFICATIVO PARA A HISTÓRIA DO THEATRO DA PAZ.///

SONORA COM GILBERTO CHAVES (COORDENADOR DO FESTIVAL): “NA GRANDE REFORMA DESTE TEATRO, EM 1905, ELE FOI REABERTO COM A TOSCA. A ÚNICA VEZ QUE LA FOI APRESENTADA NESTE TEATRO. ENTÃO AGORA, MAIS DE 100 ANOS DEPOIS, APROVEITANDO TAMBÉM UMA REABERTURA, FIZEMOS A TOSCA. MAS NÃO SÓ POR ISSO, PORQUE ELA REALMENTE REPRESENTA UMA DAS 10 ÓPERAS MAIS IMPORTANTES DO MUNDO.”

OFF3: DIVIDIDA EM TRÊS ATOS, TOSCA É UMA OBRA DE FICÇÃO AMBIENTADA NA ITÁLIA, NO INÍCIO DO SÉCULO XIX, ÉPOCA DA CHAMADA GUERRA NAPOLEÔNICA, QUANDO O IMPERADOR FRANCÊS NAPOLEÃO BONAPARTE ESTENDEU O SEU DOMÍNIO A OUTROS PAÍSES DA EUROPA. A HISTÓRIA FALA DE POLÍTICA, ROMANCE E DOS SENTIMENTOS QUE RESULTAM DA COMBINAÇÃO DESTES DOIS ELEMENTOS.///

S/S – ARTISTAS CANTANDO

SONORA NÃO IDENTIFICADA COM UM ARTISTA DA ÓPERA: “ALÉM DISSO NÓS TEMOS CIÚMES, TEMOS AMOR, TEMOS COBIÇA. É UMA ÓPERA REALMENTE CHEIA DE SENTIMENTOS.”

OFF4: QUASE 400 PESSOAS ENTRE ELENCO, EQUIPE TÉCNICA E ORQUESTRA, PARTICIPARAM DA MONTAGEM. A ÓPERA TOSCA ORIGINAL ESTREOU EM ROMA EM 14 DE JANEIRO DE 1900, E COMO A 111 ANOS, EMOCIONOU O PÚBLICO

S/S FINAL – PÚBLICO APLAUDINDO

VOLTA PROAPRESENTADOR QUE FALA A AUTORIA DA OPERA TOSCA (DE GIACOMO PUCCINI) E A AGENDA DO EVENTO.

TV RBA

MATÉRIA: FESTIVAL DE ÓPERA/ ABERTURA

REPORTAGEM: VALÉRIA OLIVEIRA TEMPO: 2'20" DATA: 07/11/2011

OFF1: DEPOIS DE OITO MESES FECHADO PARA REFORMA, O THEATRO DA PAZ REABRE AS PORTAS EM GRANDE ESTILO. O PRÉDIO VAI SER PALCO PARA O DÉCIMO FESTIVAL DE ÓPERA DE BELÉM.///

PASSAGEM: DESDE QUE FOI INAUGURADO NO ANO DE 1878, O TEATRO DA PAZ JÁ PASSOU POR DUAS GRANDES REFORMAS. A PRIMEIRA FOI FINALIZADA NO ANO DE 1905. JÁ A SEGUNDA DUROU DOIS ANOS DE 200 A 2002.

OFF2: COM CAPACIDADE PARA ABRIGAR CERCA DE 900 PESSOAS. O TEATRO É UMA DAS HERANÇAS DEIXADAS PELO CICLO DA BORRACHA. NAS ESCADARIAS DE MÁRMORE E NOS BELOS LUSTRES DE CRISTAL, QUE ORNAM A ENTRADA DO PRÉDIO, ESTÃO AS LEMBRANÇAS DA ÉPOCA ÁUREA, EM QUE OS TEATROS TAMBÉM ERAM SÍMBOLOS DE STATUS E RIQUEZA.///

SONORA COM PAULO CHAVES (SECRETÁRIO DE CULTURA): "NAQUELA ÉPOCA, É COMO O SHOPPING CENTER HOJE, UMA GRANDE CIDADE, UMA GRANDE CAPITAL QUE NÃO TIVESSE UMA CASA DE ÓPERA, COMO HOJE NÃO TER UM SHOPPING CENTER, SIGNIFICAVA NA ÉPOCA ATRASO, ESTAR EM DESCOMPASSO COM A CIVILIZAÇÃO".

OFF3: PARA ABRIR O FESTIVAL DESTE ANO FOI ESCOLHIDA A ÓPERA TOSCA.

S/S – ÓPERA

OFF4: A OBRA DE GIACOMO PUCCINI SÓ HAVIA SIDO APRESENTADA UMA VEZ A CERCA DE 100 ANOS. ELA CONTA A TRÁGICA HISTÓRIA DE UM TRIÂNGULO AMOROSO.

S/S- ÓPERA

SONORA COM MÁRIO WRONA (DIRETOR CÊNICO): "A ESPECTATIVA, É PRIMEIRO, CLARO, QUE O ESPETÁCULO AGRADE MUITO E EU ACHO QUE O PÚBLICO FICARÁ BASTANTE SENSIBILIZADO COM A GRANDIOSIDADE DOS CENÁRIOS, PORQUE SÃO CENÁRIOS MUITO BONITOS, MUITO BEM EXECUTADOS".

OFF5: MAIS DE 300 ATORES ESTÃO ENVOLVIDOS NO ESPETÁCULO, QUE É CONSIDERADO UM DOS MAIORES DA HISTÓRIA DO TEATRO.///

SONORA COM GILBERTO CHAVES (DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL): "EU CREIO QUE É A MAIOR PRODUÇÃO JÁ FEITA NO THEATRO DA PAZ EM TODOS OS TEMPOS, MAS COM CERTEZA, A QUE EU VIVENCIO DE 2002 PRA CÁ, JÁ É UMA CERTEZA".

OFF6: O FESTIVAL DE ÓPERA COMEÇA DIA 8. O PROFESSOR SÉRGIO CASOY VEIO DE SÃO PAULO SÓ PARA VER AS APRESENTAÇÕES. ELE AVALIA DE FORMA POSITIVA OS AVANÇOS DO PARÁ EM APRESENTAÇÕES DO GÊNERO.

SONORA COM SÉRGIO CASOY (PROFESSOR DE HISTÓRIA DA ÓPERA): "FORTEMENTE IMPRESSIONADO COM A QUALIDADE DO ESPETÁCULO. É UMA COISA, QUE EU TE DISSE, TEM UM NÍVEL TOTALMENTE EUROPEU DE QUEM SABE FAZER ÓPERA HÁ MUITOS ANOS..."

CORTE E ENCERRAMENTO EM CIMA DA FALA DO ENTREVISTADO.

TV CULTURA

MATÉRIA: ABERTURA/ FESTIVAL DE ÓPERA

REPORTAGEM: CLÁUDIO LOBATO TEMPO: 3'26" DATA: 09/1/2011

S/S INICIAL

OFF1: A PAIXÃO ENTRE UM PINTOR E UMA CANTORA LÍRICA./// UMA GUERRA ENTRE O IDEAL REPUBLICANO E A TRADIÇÃO MONÁRQUICA REFLETIDA NA INVASÃO DA ITÁLIA PELAS TROPAS DE NAPOLEÃO BONAPARTE.

S/S

OFF2: INGREDIENTES QUE DÃO A TOSCA A CONDIÇÃO DE OBRA-PRIMA DE GIACOMO PUCCINI.
S/S ÓPERA

OFF3: O DIA É 17 DE JUNHO DE 1900. TRÊS DIAS DEPOIS DA BATALHA DE MARINGO, QUANDO AS TROPAS DE NAPOLEÃO DERROTAM OS EXÉRCITOS QUE PROTEGIAM A PENÍNSULA ITALIANA.

OFF4: A FUGA DE UM EX-CÔNSUL DA REPÚBLICA DÁ ORIGEM A TRAMA QUE ENVOLVE O PINTOR MÁRIO CAVARADOSSI, A CANTORA FLORIA TOSCA E O PODEROSO SÁDICO CHEFE DA POLÍCIA POLÍTICA ROMANA, BARÃO SCARPIA. S/S ÓPERA

OFF5: ROMANCE, CIÚMES, EROTISMO, TRAIÇÃO E IDEIAS POLÍTICAS CONDUZEM A TRAMA A UM FINAL TRÁGICO, ONDE TOSCA ASSASSINA SCARPIA E VÊ MORRER O SEU AMADO, CAVARADOSSI, SE SUICIDANDO LOGO EM SEGUIDA.

SOBE SOM ÓPERA/ TRECHO SUICÍDIO

OFF6: A ÓPERA TOSCA FOI REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ EM BELÉM EM 1905, NESTE MESMO PALCO, QUE MAIS DE CEM ANOS DEPOIS VÊ RENASCER O INTERESSE PELO GÊNERO E O CARINHO DE UM PÚBLICO PREPARADO PARA AS GRANDES OBRAS. S/S PÚBLICO APLAUDINDO

SONORA COM SILVIANE BELLATO (SOPRANO): "ME SINTO EM CASA AQUI, COM TODO CARINHO QUE EU TENHO RECEBIDO".

OFF7: OBRA DE GRANDE ESFORÇO TÉCNICO PARA TODOS OS PAPÉIS, PRINCIPALMENTE PARA OS SOLISTAS. S/S

SONORA ERIC HERRERO (TENOR): "SÃO PAPÉIS DENSOS, DE MUITA FORÇA. MUITA DRAMATICIDADE E CONHECIDOS. TODO PÚBLICO DE ÓPERA CONHECE".

OFF8: AS ESTRELAS SÃO DE FORA, MAS A QUALIDADE DE NOSSOS ARTISTAS TAMBÉM IMPRESSIONA.

SONORA COM CARLOS MORENO (MAESTRO): "A ORQUESTRA É ESTA GRATA SURPRESA. ESSA QUÍMICA DE JOVENS, MÚSICOS MUITO EXPERIENTES, OU SEJA, E UM TRABALHO QUE TAMBÉM DE FORMAÇÃO".

OFF9: MÚSICOS, CENÁRIOS, CANTORES, FIGURINOS. A OBRA-PRIMA DE UM OUTOR MERECE UMA MONTAGEM CUIDADOSA. NOSSA, SEGUNDO QUEM ENTENDE, NÃO FICA DEVENDO NADA A NINGUÉM.

SONORA COM GILBERTO CHAVES (COORD. DO FESTIVAL): "É UM ESPETÁCULO QUE NÓS FIZEMOS PARA SER DE PRIMEIRO MUNDO. EU ACHO QUE PASSOU ASSIM".

SONORA COM GOVERNADOR SIMÃO JATENE: "O QUE NÓS ASSISTIMOS AQUI É UMA COISA QUE DEVE MEXER NO FUNDO DO CORAÇÃO DE CADA UM DE NÓS. EU SEMPRE DIGO QUE O PARÁ TEM MUITOS DESAFIOS, MAS O PARÁ TEM UMA CAPACIDADE FANTÁSTICA DE SUPERAR DESAFIOS".

OFF10: NOITE DE GALA QUE PROMETE MARCAR POR MUITO TEMPO A HISTÓRIA DOS GRANDES EVENTOS CULTURAIS DO ESTADO.

S/S FINAL- 20 SEGUNDOS DE IMAGENS DA ÓPERA

4.3.2.2 Análise de matéria coberta pelas três emissoras

Na cobertura da abertura do X Festival de Ópera, observa-se semelhanças de abordagem entre as três emissoras, no sentido de mostrar o primeiro dia de evento como um serviço, chamando o público para os próximos dias de apresentação. A TV Liberal e a TV RBA seguem uma estrutura similar de construção do texto, a TV Cultura apresenta uma matéria completamente diferente das outras duas emissoras.

O tempo destinado para cada matéria foi de dois minutos e dez segundos pela TV Liberal, dois minutos e vinte segundos pela TV RBA e de três minutos e vinte e cinco segundos pela TV Cultura.



Cena da "Ópera Tosca" exibida pela TV Liberal

Quanto ao conteúdo de cada matéria, a TV Liberal apresenta um VT de caráter documental, em boa parte do tempo apenas registra o que aconteceu no primeiro dia do evento, quem compareceu, como as autoridades de estado, ou seja, até um minuto e vinte e cinco do VT só se fala disso, só nos últimos 45 segundos vai falar da ópera em si. Como exemplo desta ênfase em outras questões, que não a obra, temos as entrevistas no início da matéria, uma delas é com o governador Simão Jatene que fala dos esforços para recuperar o teatro e resume as colocações sobre o espetáculo dizendo que o evento representará estes esforços.

Já inicialmente o nome da ópera "Tosca" é citado em uma entrevista e na passagem do repórter, mas não traz explicações ao que se

refere, o que pode dificultar a compreensão da mensagem por quem desconhece o tema. As explicações mais detalhadas sobre a Ópera Tosca só vem a partir da sonora com o coordenador do festival, Gilberto Chaves, passado mais da metade da matéria.

O repórter apresenta superficialmente o enredo da ópera, o número de artistas e técnicos envolvidos e alguns dados históricos, como o ano em que foi apresentada pela primeira vez e o período em que se passa a estória. Um erro grosseiro é não citar a autoria da Ópera Tosca, este é corrigido pelo apresentador, que, ao fim da matéria, diz em nota, que esta é uma das obras-primas de Giacomo Puccini. Ele aproveita e dá o serviço, dizendo que será apresentada nos próximos dois dias, informando também os horários do evento, na comum estratégia da agenda.

Em relação às questões técnicas, as imagens da ópera só são exploradas passados um minuto e vinte e seis segundos, considerando que a matéria tem dois minutos e dez segundos, foi uma utilização tardia. Também não há grandes possibilidades de observar os cantores líricos em atuação, pois há apenas um sobe som na matéria mostrando os mesmos cantando. O instrumental da ópera, assim como os canto lírico, fica quase todo tempo encoberto pela locução do repórter, servindo de trilha para o OFF da matéria. O sobe som final mostrando a satisfação da plateia trouxe imagens das pessoas se retirando do teatro, o que ficou estranho (a matéria da TV Cultura conseguiu captar o momento em que o público aplaude de pé a apresentação, ou seja, na TV Liberal houve ou uma falha na captura das imagens, ou na seleção pela edição), afinal o repórter diz que a ópera “emocionou o público” e aparecem pessoas aplaudindo e outras saindo, é incoerente.

A matéria tem uma estrutura que começa com o registro do evento, assim como destaca a reabertura do Theatro da Paz após oito meses em reforma, para só a partir daí falar da Ópera Tosca. A matéria da TV RBA vai seguir a mesma estruturação. Talvez a necessidade de dedicar boa parte do tempo do VT à história, beleza e reabertura do teatro seja uma coincidência, porém, o mais provável é que os repórteres tenham seguido a estrutura dos releases de divulgação do evento.

A busca por pautar o Festival como sugestão de programação para o público também é um objetivo da matéria da TV RBA. Ela foi feita

durante o ensaio geral da Ópera Tosca. No trecho inicial do OFF, a repórter já localiza os dois grandes temas da matéria, a reabertura do teatro e o Festival de Ópera: “... o Theatro da Paz reabre as portas em grande estilo. O prédio vai ser palco do X Festival de Ópera”.



Cena da “Ópera Tosca” exibida pela TV RBA

Assim, a estrutura segue com a primeira metade da matéria dedicada a contar um pouco da história do Theatro da Paz, como o ano de sua abertura e o que representa para o estado, para confirmar a importância do teatro, uma entrevista com o secretário de cultura, Paulo Chaves onde ele fala que o teatro, na época em que foi construído, representava avanço, uma grande capital. Na segunda metade da matéria, o foco é o espetáculo. Sobre este, a repórter se resume a informar a autoria da obra e que o enredo mostra “a trágica história de um triângulo amoroso”. A sonora que cai na sequência poderia complementar ou aprofundar o que é dito no OFF, mas Mauro Wrona, diretor cênico do espetáculo, é questionado sobre a expectativa em relação ao espetáculo e diz acreditar que o público ficará sensibilizado, não são dadas informações adicionais sobre a Ópera Tosca, a não ser a respeito da grandiosidade do cenário.

A matéria segue mostrando a relevância da ópera, que envolve mais de 300 artistas e é uma das maiores realizadas no Theatro da Paz e segue com uma entrevista com Gilberto Chaves, coordenador do Festival, para

legitimar o que é dito em OFF, e ele fala exatamente que acredita que este é um dos maiores eventos de todos os tempos.

Na finalização do texto, é informada a data em que inicia o evento e na sequência é realizada uma entrevista com um professor de história da ópera que diz estar fortemente impressionado com a qualidade do espetáculo e a matéria termina com um corte em cima da fala do professor paulista, baixa-se o áudio e aparece só a imagem do professor falando e gesticulando, um acabamento ruim.

Em resumo, pouco é dito sobre a obra a ser apresentada, a preocupação maior é em destacar as grandes proporções e importância do evento. Apesar de trazer belas imagens do espetáculo, a matéria tem apenas dois sobes sons com o som da ópera, o resto do tempo é apenas a narração da repórter, sem nenhum tipo de trilha. Se estamos falando de uma ópera, por que não aproveitá-la como sonorização da matéria? Seria uma opção para o público ouvir trechos do elemento principal da informação.



Cena da "Ópera Tosca" exibida pela TV Cultura do Pará

A matéria da TV Cultura diverge das demais. Do início ao fim o foco é no espetáculo. Explora as imagens da Ópera Tosca, assim como a música, que serve de trilha sonora da matéria. Já no início temos um sobre som com os solistas em cena, muitos outros sobre sons ao longo da matéria demonstram ao telespectador a qualidade musical da ópera.

Apesar de informar que esta é uma obra-prima de Giacomo Puccini, o repórter não se estende a falar do autor. O texto narrado explica onde a história se passa e a contextualiza historicamente, conta um pouco de seu enredo e apresenta os personagens principais da história. As descrições são acompanhadas por imagens de cenas da ópera que facilitam a compreensão do que é dito em OFF. Mas, o repórter acaba contando também o final da ópera, o assassinato do barão, a morte do amado de Tosca e seu suicídio. Esta é uma grande falha, afinal, se escolhe-se o papel de instigar o público com uma sugestão de programação e a peça seria apresentada nos dois dias subsequentes, contar o final é tirar um pouco das surpresas do espetáculo de quem se interessar em assisti-lo.

Os trechos de entrevista escolhidos, em edição, para a matéria são pequenos e sofrem cortes antes que os entrevistados concluam o raciocínio, são superficiais e não acrescentam informações importantes ao texto, ora elogiam o público, ora elogiam os artistas que participam da ópera.

E por falar em valorização dos artistas o repórter anuncia “as estrelas são de fora, mas a qualidade de nossos artistas também impressiona” e que a ópera montada no Teatro da Paz “não fica devendo nada a ninguém” revelando uma busca por valorizar aos artistas locais. Nesta segunda parte ele diz que “segundo quem entende” a montagem da Tosa aqui não fica devendo nada a ninguém, só que ele segue com duas sonoras oficiais, uma do coordenador do festival e outra do governador, como se desse a palavra final da matéria a eles. Quem disse que eles é quem definem o que é bom ou ruim? A autoridade do cargo político? Temos aqui uma indução ideológica ao público, por parte de quem constrói o texto.

Mais uma vez a edição peca, ao escolher o trecho de sonora do governador, que pouco se encaixa ao conteúdo geral da matéria, ele fala: “o que nós assistimos aqui é uma coisa que deve mexer no fundo do coração de cada um de nós. Eu sempre digo que o Pará tem muitos desafios, mas o Pará tem uma capacidade fantástica de superar desafios”. Ficou no mínimo desconexo – talvez, e esta é uma interpretação possível, a fala do governador tenha sido colocada estrategicamente, por conta do estado, naquele período, estar passando por uma fase de decisão popular, através de um plebiscito, para uma possível divisão territorial, que acarretaria no surgimento de mais

dois estados, ação contrária ao posicionamento do governo. Exaltar as qualidades do estado e suas capacidades de superação é uma forma de dizer que ele é mais forte inteiro. A TV Cultura, também por estar associada a gestão pública acaba por incorporar alguns posicionamentos do governo.

O sobe som final é interessante e mostra o público inteiro aplaudindo de pé e intensamente os artistas e o espetáculo, Plasticamente é uma matéria bonita e que desperta o interesse pelo contato com a obra apresentada.

O que se pode observar nestas análises é que há maior intimidade com as temáticas artísticas em umas emissoras e em outras, menos. A TV Cultura, tradicionalmente, valoriza as pautas culturais, que são constantes em sua grade de programação, talvez por isso haja refinamento na edição e cuidado para trilhar, destacar as obras em sobe sons e construir o texto valorizando a obra em si, sem a busca por conexões que tragam um “quê” de notícia, factual. A TV RBA também revelou, em vários momentos este cuidado, apesar de já ficar mais claro que está ainda impregnada pela linha editorial sensacionalista em busca por audiência. Observamos por vezes, os repórteres deslocando o olhar do foco principal, a obra estética, para valorizar questões sem tanta importância para a temática da arte. A TV Liberal demonstra uma edição mais “dura” explorando menos o potencial das imagens e se atendo em informações básicas, sem grandes conexões, na busca por um jornalismo “imparcial” e factual mesmo nas matérias sobre arte, fazendo registros do que acontece.

Qual será o dia em que os telejornais vão deixar de ser convenientes e todos, confirmando o que já é conhecido e deixando intactas as estruturas mentais, como afirma Bourdieu (1997)?

No caso da arte, é preciso abarcar a riqueza significativa da obra, sua forma e conteúdo. Conexões são necessárias. Aprofundar as informações sobre as obras, ater-se nelas, mostrar aspectos históricos, contextualizar os momentos em que surgiram. Levantar estes conhecimentos não é impossível e o melhor, pode favorecer o público com acesso a conteúdos que vão além de uma sugestão de agenda para o fim de semana.

Já temos a presença da arte no telejornalismo paraense, agora precisamos entender e respeitar as peculiaridades dela e caminhar para um

espaço maior e conduções mais adequadas dos temas. Refletir, discutir, analisar podem trazer grandes contribuições para o futuro da arte nestes veículos. O processo é contínuo e envolve comunicadores e artistas, afinal, se de um lado é preciso comunicar adequadamente ao público, do outro é preciso comunicar-se diretamente com as emissoras, informar sobre seus trabalhos e também contribuir para o conhecimento de suas obras.

CONCLUSÃO



Este trabalho partiu da crença sincera de que a arte tem um papel social importante, que ainda está ocioso. Ela pode ser capaz de construir, junto com outras áreas de conhecimento, possibilidades de acesso à cultura e à educação, contribuindo para a formação de um povo mais crítico e reflexivo. Posicionamento utópico? Talvez! Utopia ou realidade, acredito que ainda há caminhos de se transformar cenários de pobreza e alienação em que vive nossa sociedade. A arte é um deles.

Felizmente não estamos sozinhos em nossas assertivas. Ao longo deste trabalho, foram apresentados muitos referenciais que compartilham esta premissa, como em Costa (2004), que também acredita em um despertar da humanidade a partir do desenvolvimento da intuição artística, das formas de expressão e da capacidade de absorver a arte.

A arte é para sociedade tanto quanto nasce da cultura social. Surge de reflexões e experiências dentro de determinada cultura e propõe a libertação de olhar a realidade sob novas perspectivas. É mais que um simples produto ou mero objeto. Então, é preciso valorizar mais o conteúdo das artes, como em Argan (2010), ter em mente seu valor, pesquisar em que consiste, como se gera, transmite, reconhece e usufrui.

Da paixão pela TV e da certeza de seu grande alcance veio o insight: se a TV se envolvesse mais com as temáticas artísticas - neste estudo, através do telejornalismo - não poderia aumentar o interesse pelo tema, instigar o público a conhecê-los e assim fazer parte desta cadeia de construção de novos conhecimentos?

É uma combinação muito possível. Uma simbiose perfeita, a TV sendo capaz de exercitar o papel social da comunicação e a arte se abrindo para todo tipo de público, deixando de estar restrita a circuitos fechados.

A arte, hoje, necessita divulgar seus temas e trabalhos, mas nem sempre há verba para investir em materiais publicitários, assessoria de imprensa, então, ter uma porta aberta em emissoras televisivas é uma grande contribuição para que os eventos sejam também anunciados ao público.

Em se tratando da arte como objeto a ser mediado pelo telejornalismo, foi necessário buscar referenciais teóricos para entender os pilares de uma obra de arte, o que essencialmente tem que ser entendido e transmitido, sendo o passo inicial para interpretação da arte e de seus objetos estéticos. A ideia

era identificar nas matérias telejornalísticas como se falava sobre arte e se os pontos essenciais das obras eram abordados. Não há exigência por um jornalismo especializado no tema dentro do veículo televisivo, mas sim o mínimo de conhecimento sobre a informação que é transmitida

Observou-se que já há um espaço quase que regular para as temáticas artísticas, mas que ainda é confuso e pouco explorado. Não se vê, principalmente nas emissoras particulares, grande intimidade com a arte, ou um cuidado com as especificidades deste campo. Muitas vezes os textos são construídos com linguagem e abordagem similar aos textos factuais, que mostram notícias e acontecimentos, meramente relatando-os, sem informações mais detalhadas, propondo reflexões sobre o assunto.

Neste sentido, viu-se também a necessidade de encontrar dentro das temáticas artísticas elementos com carácter factual, apontando questões próximas as do jornalismo sensacionalista, espetacularizando as informações, como por exemplo no caso do projeto social de balé, exibido pela TV Liberal, que deu enfoque à necessidade de apoio para que as estudantes pudessem fazer um intercâmbio nos Estados Unidos, sem ao menos falar de como o balé tem transformado a realidade do lugar e auxiliado no desenvolvimento das crianças. A dança ficou nula.

Na RBA, por exemplo, vimos o caso da peça sendo exibida para ajudar vítimas de enchente no Rio de Janeiro. Além de destacar somente a questão da contribuição social, a reportagem ainda explorou a discussão de um homem com a organização do evento, dando até sobe som para a gritaria.

Em outros casos vimos o descompasso entre texto e imagem. Uma matéria televisiva que não explora imagens do objeto ao qual se refere não tem êxito na transmissão de sua mensagem, afinal, na televisão a linguagem universal da imagem constrói a mensagem da matéria junto com o texto.

As matérias de arte não combinam com estas abordagens, que por sua vez, não são capazes de levar informações condizentes ao telespectador.

Do jornalismo cultural trouxemos alguns apontamentos interessantes, passíveis de serem utilizados no telejornalismo, como por exemplo, seguir as velhas regras de um bom texto jornalístico, buscando clareza, coerência e agilidade, mas que também informar sobre as características gerais da obra, sua estrutura, sua linguagem, sua história, falar de seu autor e da importância

do mesmo, assim como os temas e percepções com que trabalha. Deve ser um texto que demonstre criatividade e preparo intelectual para ir além do objeto analisado, usando-o para refletir sobre a realidade. Não há aqui preconceito com boas metáforas, riqueza verbal e humor, na busca por um texto atraente.

Vimos também que é uma prática comum no telejornalismo local as matérias de arte serem dadas como serviço, quase como uma agenda de eventos culturais. Não vamos desconsiderar ou descaracterizar o valor desta ação. Chamar o público para participar dos eventos e conhecer as obras de arte é uma importantíssima contribuição para a formação de público de arte e consequente valorização dos trabalhos e dos artistas locais. Diria até que é um dos papéis do telejornalismo, mas é, mais que possível, é preciso, indubitavelmente, ir além. É necessário melhorar a mediação das matérias veiculadas como dicas de programação cultural e também abrir espaço para temáticas ligadas à arte que não estejam, necessariamente, ligadas a um evento, mostrando tendências, projetos, resultados.

É preciso pensar em reportagens que, ousadamente, não só apresentem, mas, sobretudo, analisem os contextos. A matéria da TV RBA sobre o tecnomelody é um exemplo interessante. Ela foi capaz de contar a história do ritmo fazendo conexões com outros ritmos, coletando depoimento de quem ajudou a cria-lo, aprofundando conhecimentos sobre música e dança. Não estava ligada ao acontecimento de um espetáculo, mas a informação sobre o estilo musical criado no Pará.

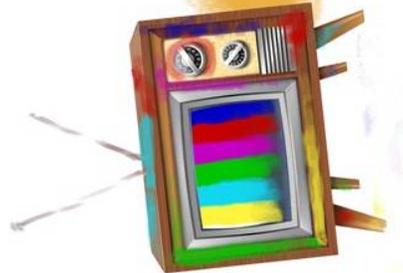
Esta dissertação escolheu a TV paraense e o trabalho de artistas locais por conta das grandes dificuldades que o cenário de arte enfrenta na capital, tanto em incentivos, quanto na formação de público e divulgação de eventos. Há pouco apoio aos artistas, que muitas vezes investem em espaços alternativos, na luta por manter aceso o circuito artístico e cultural paraense. As emissoras locais poderiam aproveitar a programação regional, e seus telejornais, para contribuir com a valorização dos trabalhos de artistas da terra.

Somos seres permanentemente mutantes. Mudamos ao longo de nossas trajetórias. Percebemos o mundo e agimos nele segunda cada etapa do nosso amadurecimento. O nosso lado sensorial, evidentemente, pode ser educado. Em outras palavras: sensibilidade se aprimora, se educa. Utilizando seu poder de envolvimento, transportando o telespectador para dentro das

notícias e reportagens, a TV pode motivar a ação de conhecer as galerias, teatros, museus, cinemas, seja onde estiver a obra estética, lá é que realmente os olhares, significações e interpretações de cada receptor serão construídos. Quanto maior a vivência da arte, maiores as possibilidades de compreendê-la.

Acreditamos que o nosso estudo aproximando estes dois campos, TV e Arte, em nível local, é pioneiro. Não houve aqui ainda uma busca por gerar uma revolução na maneira como se cobre arte na televisão paraense, e sim, apenas reflexões iniciais, que possam colaborar com novas formas de se fazer esta mediação em busca de um bem maior: levar a arte para a sociedade e fazê-la usufruir de seus benefícios.

BIBLIOGRAFIA



REFERÊNCIAS

SOBRE ARTE:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte e Crítica da Arte. Lisboa: Editorial Estampa, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARGAN, Giulio Carlo. Guia de História da Arte. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

ALVAREZ, Denise; BARRACA, Renato. Introdução a Comunicação e Artes. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1997.

BUENO, Guilherme. A teoria como projeto: Argan, Greenberg e Hitchcock. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

COSTA, Cristina. Questões de Arte. São Paulo: Moderna, 2004.

CRISPOLTI, Enrico. Como estudar a arte contemporânea. Lisboa: Editorial Estampa, 2004.

DUÍLIO, Battistone Filho. Pequena História da Arte. Campinas: Papyrus, 2003.

GERVEREAU, Laurent. *I – História dos métodos de análise das imagens; II – Uma grelha de análise.* In: _____. Ver, compreender, analisar as imagens. Lisboa: Edições 70, 2007.

JANSON, Horst Waldemar. História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MORAIS, Frederico. Arte é o que eu e você chamamos arte. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2002.

MUKAROVSKY, Jan. Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte. Portugal: Editorial Estampa, 1993.

OSÓRIO, Luiz Camillo. Razões da Crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

PRETTE, Maria Carla. Para Entender a Arte. São Paulo: Editora Globo, 2009.

VENTURI, Lionello. História da crítica de arte. Lisboa: Edições 70, 2007.

WOLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais de história da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOBRE TELEVISÃO E TELEJORNALISMO

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do Patrimônio Cultural e seus Significados. Revista Transformação. V.16. N.2. P. 111-112, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

BARBOSA, Gustavo. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

BITELLI, Marcos Alberto (Org.). Coletânea de legislação de comunicação social. Editora Revista dos Tribunais, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

CANCLINI, Néstor García. A Globalização Imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CAPARELLI, Sérgio. Televisão e Capitalismo no Brasil. Porto Alegre: LP&M, 1982.

CASADO, Alfredo. Os Meios de Comunicação Social e sua influência sobre o indivíduo e a sociedade. São Paulo: Cidade Nova, 1987.

CASTELSS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

CASTRO, Valdir José (Org.). Comunicação e Sociedade do Espetáculo. São Paulo: Paulus, 2006.

CHAREDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LE COADIC, Yves- François. A Ciência da Informação. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MARTINO, Luís Mauro. Comunicação: troca cultural? São Paulo: Paulus, 2005.

MEUCCI, Arthur. A criação de identidades virtuais através de linguagens digitais. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

PEREIRA, João Carlos (Org.). Memória da Televisão Paraense e os 25 anos da TV Liberal. Belém: SECULT, 2002.

PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. Por que as comunicações e as artes estão convergindo? São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e Artes do Pós-humano. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVERSTONE, Jaime. Por que Estudar Mídia?. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TRAVANCAS, Isabel. Comunicação de Massa e Diversidade Cultural. in Anais no Congresso anual da Intercom, 2004.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. Jornalismo: Comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

MACHADO, Arllindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. Galáxia: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC- SP. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/1309/1079>
Acessado em dezembro de 2010.

BONNEMASOU, Vera. A arte como linguagem. *Cadernos da Pós-graduação:* Instituto de Artes/ UNICAMP, ano 6, v. 6, n.2, 2002, p.144-150 e *A Fonte - revista de arte*, Curitiba, maio, 2003. Disponível em: www.fonte.ezdir.net.
Acessado em setembro de 2011.

BONNEMASOU, Vera. O sentido semiótico do signo de arte visual. *Revista Digital Art&*, ano 2, n. 1, abril 2004. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-01/trabalhos/pagina/13.htm>. Acessado em setembro de 2011.

BONNEMASOU, Vera. O objeto de arte como signo estético. *A Fonte - revista de arte*, Curitiba, dezembro, 2002. Disponível em: www.fonte.ezdir.net.
Acessado em setembro de 2011.

FONTES, Carlos. Navegando na Filosofia: a linguagem da arte. Disponível em: <http://afilosofia.no.sapo.pt/10varestet.htm>. Acessado em outubro de 2011.

SÁ, Olga. Psicanálise e Literatura: a interpretação. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cos/face/psicanal.htm>. Acessado em agosto de 2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ARTE NA TV
REFLEXÕES SOBRE MATÉRIAS DE ARTE EM TELEJORNALIS PARAENSES

Ana Paula Dias Andrade

Belém
2011

Ana Paula Dias Andrade

ARTE NA TV
REFLEXÕES SOBRE MATÉRIAS DE ARTE EM TELEJORNAL PARAENSES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arte.

Orientador: Prof. Dr. Joel Cardoso

Belém
2011

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Paula Dias Andrade

Arte na TV: REFLEXÕES SOBRE MATÉRIAS DE ARTE EM TELEJORNAIS
PARAENSES

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em Artes da
Universidade Federal do
Pará, para obtenção do
título de Mestre em Artes.

Data da aprovação: __/__/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Joel Cardoso (Orientador) – UFPA

Prof^a. Dr. Fábio Castro - UFPA

Prof^a. Dr^a. Bene Martins - UFPA

AGRADECIMENTOS

Que bons ventos o tempo me trouxe, transitar em duas áreas tão instigantes e inspiradoras: comunicação e artes. Fazer de criatividade e principalmente de sociabilidade.

Esta dissertação e minhas reflexões foram feitos a muitas mãos e de muitas ideias. Primeiro veio o ato de observar o trabalho de colegas de profissão, depois o de compartilhar experiências com os novos colegas de mestrado e seus olhares sobre o trabalho de jornalistas, que, como eu, atuam em emissoras de TV paraenses.

A labuta seguiu sob a orientação incentivadora de meu orientador, Prof. Dr. Joel Cardoso, que com respeito e carinho, soube conduzir o fazer deste trabalho.

Mais pessoas se juntam a lista, houve os que me ajudaram na difícil tarefa de selecionar e de capturar os VTs. O Davi, a Jackeline e os colegas do arquivo da TV Cultura do Pará, Seu Graciano (meu amigo) e Ricardo. O arquiteto e quadrinista Andrei Miralha que dividiu seu reconhecido talento com as artes na capa e no interior da Dissertação. Que honra!

Tudo isso sob olhar incentivador de amigos como: Adelaide Oliveira, Lara Lages, Paloma Andrade, Renata Ferreira, Sônia Ferro e tantos outros...

Profissionais a frente dos principais telejornais paraenses também não hesitaram em conceder entrevistas, contribuindo com a pesquisa.

É hora de dizer “obrigada” também aos meus pais e irmãos. Ao meu marido e ao meu filho Miguel: força, inspiração e motivação.

Receita Divina. Satisfação e orgulho. Pessoas amigas. Uma boa história e um caminho feliz. Impossível não agradecer.

*“ A cada momento de arte nos tornamos mais aptos à
captação da beleza do mundo e de seus significados.”
(Cristina Costa)*

*“ A massa ainda comerá o fino biscoito que fabrico.”
(Oswald de Andrade)*

RESUMO

Arte e comunicação, duas áreas do conhecimento capazes de provocar reflexões e questionamentos sobre a realidade humana, ainda precisam afinar o (com)passo. Esta dissertação propõe uma parceria entre os dois campos, para que juntos possam contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade crítica e enriquecida culturalmente. O ponto de convergência escolhido para o estudo é a mediação de informações sobre arte pelo telejornalismo paraense. Será que os telejornais valorizam, incentivam e dão visibilidade às pautas sobre arte, principalmente locais? Na tentativa de responder esta e outras perguntas, mergulha-se em uma pesquisa bibliográfica abordando temáticas referentes à linguagem artística e à televisiva, à crítica de arte e ao jornalismo cultural, levantando pilares para compreensão de como a TV, enquanto veículo de comunicação de massa, deve atuar para a correta mediação da informação artística. A partir de levantamento teórico, observa-se, na prática, matérias jornalísticas veiculadas em telejornais de emissoras paraenses de canal aberto: TV Liberal (Rede Globo); TV RBA (BAND) e TV Cultura do Pará (emissora pública); escolhidas para esta análise de conteúdo. Na pesquisa, as matérias trazem temáticas artísticas, parte do cenário contemporâneo. Coletar material de canais distintos colabora com a observação de como é abordada a informação artística em cada emissora; se é dada visibilidade à temática, valorizando-a; e se há incentivo, motivação ou colaboração com a formação do público de arte.

Palavras-chave:

Arte, Televisão, Comunicação, Telejornalismo.

ABSTRACT

Art and communication, two areas of knowledge that can contribute with reflections and questions about human reality, and still need to be more approximated. This work proposes a partnership between the two fields, to the development of the critical and culturally enriched. The focal point chosen for the study is the mediation of the art by the television news from the state of Pará, in Brazil. Does the TV news value, encourage and give visibility to the guidelines on art, primarily the local art? In attempting to answer this and other questions, we plunged into a theoretical literature addressing issues related to language of the arts and of the television, the critic of the art and cultural journalism, raising pillars for the understanding of how the TV, as mass media, must act to make a correct the mediation of artistic information. From theoretical approach, it is observed in practice, news reports broadcasted on the TV news stations in open channels from Pará: Liberal TV (Globo) TV RBA (BAND) and TV Cultura do Pará (public broadcaster), chosen for this content analysis. In the survey, the subjects bring artistic themes, part of the contemporary scene. Collect material on distinct channels contributes to the observation of how the information of art is addressed in each one, if visibility is given to the issue, valuing it, and if there is incentive, motivation or collaboration with the formation of a public of art.

Keywords: Art, Television, Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|------------|
| Figura 1: Diagrama sobre o processo de transmissão da mensagem artística (FONTES, 1998) | 41 |
| Figura 2: Cena da peça “A Cigarra e a Formiga”, TV Liberal | 76 |
| Figura 3: Cena da matéria “Balé/ Projeto Social”, TV Liberal | 78 |
| Figura 4: Cena da matéria sobre o Arte Pará, TV Liberal | 80 |
| Figura 5: Imagens da peça “Ver de Ver-o-Peso”, TV RBA | 87 |
| Figura 6: Cena da matéria sobre o <i>tecn melody</i> , TV RBA | 89 |
| Figura 7: Cena da matéria sobre prêmio de fotografia, TV RBA | 90 |
| Figura 8: Cena da matéria sobre prêmio de fotografia, TV RBA | 91 |
| Figura 9: Cena da matéria “Arte/ Reciclagem”, TV Cultura | 98 |
| Figura 10: Cena da matéria “Terruá Pará”, TV Cultura | 100 |
| Figura 11: Cena da matéria sobre o X Festival de Ópera, TV Liberal | 106 |
| Figura 12: Cena da matéria sobre o X Festival de Ópera, TV RBA | 108 |
| Figura 13: Cena da matéria sobre o X Festival de Ópera, TV Cultura | 109 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO À PESQUISA: PERSPECTIVAS DO ESTUDO | 11 |
| CAPÍTULO 1 | |
| 1. ARTE E COMUNICAÇÃO | 18 |
| 1.1 Arte para reflexão de quem? | 18 |
| 1.2 Comunicação para a sociedade? | 22 |
| 1.3 O encontro entre arte e comunicação social na TV | 25 |
| CAPÍTULO 2 | 32 |
| 2. ENCONTRO DE LINGUAGENS | |
| 2.1 O telejornalismo, a TV e a comunicação de massa | 32 |
| 2.2.1 Entre a pauta, o texto e a edição | 35 |
| 2.2.2 Texto e Imagem: a matéria telejornalística | 37 |
| 2.3 Arte, a linguagem polissêmica | 39 |
| CAPÍTULO 3 | |
| 3. CRÍTICA DE ARTE E JORNALISMO CULTURAL | 44 |
| 3.1 O Jornalismo Cultural | 44 |
| 3.1.1 Fundamentos para abordagem das informações | 49 |
| 3.2 A Crítica de Arte | 52 |
| 3.2.1 Fundamentos da crítica de arte | 55 |
| 3.3 Convergência de conceitos para análise da obra de arte pela mídia | 58 |
| CAPÍTULO 4 | |
| 4. ARTE NA TV PARAENSE | 61 |
| 4.1 Um pouco da história da TV no Pará | 61 |
| 4.2 Perfil das emissoras selecionadas | 64 |
| 4.3 Análise das matérias por emissora | 72 |
| 4.3.1 TV Liberal | 72 |
| 4.3.1.1 OFFs das matérias da TV Liberal | 72 |
| 4.3.1.2 Análise das matérias da TV Liberal | 76 |
| 4.3.2 TV RBA | 82 |

| | |
|---|------------|
| 4.3.2.1 <i>OFFs</i> das matérias da TV RBA | 82 |
| 4.3.2.2 Análise das matérias da TV RBA | 86 |
| 4.3.2 TV Cultura | 93 |
| 4.3.2.1 <i>OFFs</i> das matérias da TV Cultura | 93 |
| 4.3.2.2 Análise das matérias da TV Cultura | 97 |
| 4.3.2 Matérias sobre o X Festival de Ópera: TV Liberal, TV RBA, TV Cultura | 102 |
| 4.3.2.1 <i>OFFs</i> das matérias da TV Liberal, TV RBA e TV Cultura | 102 |
| 4.3.2.2 Análise de matéria coberta pelas três emissoras | 106 |
| CONCLUSÃO | 114 |
| REFERENCIAL TEÓRICO | 119 |

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Arte. Primitiva ou moderna, antiga ou contemporânea, esta atividade intrínseca ao ser humano tem contribuído na relação dele com o mundo, principalmente através de representações simbólicas, já que o homem precisa de signos, símbolos, imagens, gestos e aspectos carregados de sentido para se comunicar, reconhecendo-se enquanto indivíduo e ser social.

Interpretação da realidade através de uma vasta possibilidade de leituras, educação, conscientização de valores, tantas funções são atribuídas à arte. A obra estética, também elemento de comunicação, proporciona razão e experimentação de sentimentos físicos e emocionais diversos. Um de seus valores mais relevantes está em sua ligação com o contexto dos fenômenos sociais na qual foi desenvolvida. (MUKAROVISKY, 1993).

Este conceito é um dos facilitadores da compreensão de obras artísticas.

Para que se possa compreender a obra de arte de nosso tempo, e também a de épocas passadas, é necessário sempre considerar a sua natureza dentro do contexto em que foi produzida e os princípios pelos quais foi estruturada. A obra de arte pode ser definida como um objeto que possui a capacidade de expressar uma experiência, dentro de uma determinada organização ou disciplina. E essa experiência provém de circunstâncias que determinam uma obra de arte como: pensamento, imaginação, época, lugar e, sobretudo, o ambiente em que nasceu (DÚLIO, 2003).

Tais experiências podem favorecer também o reconhecimento da cultura e identidade cultural ligado a um contexto de produção da obra estética, cada vez mais complexa. Em Hall, a identidade do sujeito pós-moderno se configura pela fragmentação e descentramento. Na tentativa de buscar no passado respaldo para sua Identidade presente, e mesmo para a futura, o homem acaba por criar uma nova cultura. (HALL, 1998)

Entender a fragmentação de identidades e as novas possibilidades culturais para se reconhecer é um dos anseios do homem pós-moderno e a arte é capaz de possibilitar este encontro, contribuindo com reflexões mais críticas sobre a realidade.

A história da arte nos traz muitos exemplos de trabalhos artísticos contestando visões colocadas para a sociedade como absolutas. Mencionamos, como exemplo, o Impressionismo, movimento do século XIX,

quando artistas como Claude Monet, Pierre Auguste Renoir, Edgar Degas e Paul Cézanne usavam suas obras para questionar o monopólio da arte e julgamentos de valor por uma elite intelectual entre academia e críticos. A frustração de uma arte definida por poucos e para poucos, um circuito fechado, levou os artistas a se rebelarem contra as convenções e o poder dos tradicionais guardiões da cultura quebrando padrões da época, abrindo caminhos para futuros movimentos de vanguarda, defendendo a liberdade artística e a inovação¹.

No Brasil, o Modernismo, marcado pela Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em 1922, buscou uma renovação das linguagens artísticas (música, poesia, arquitetura e artes plásticas) e uma ruptura com os ideais estéticos europeus propondo a valorização de elementos e de uma identidade nacionais. Já na década 60, músicos, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Hollanda, contesavam a ditadura Militar. Por denunciar a repressão política e aspectos sociais da época, foram exilados e tiveram suas músicas censuradas².

Quando se pensa nas relações entre arte e comunicação, é impossível não lembrar da visibilidade que a TV pode dar às ideias e a trabalhos artísticos. Ela, enquanto meio de comunicação de massa que participa da construção da concepção artística por parte do receptor, estimulando-o ou não a este encontro, tem relevância dentre os outros veículos de comunicação, por ser o preferido do público. A indústria de diversão, da educação e de notícias, exerce influência cada vez maior na formação da opinião pública, marcando estilos de vida e aspectos comportamentais das sociedades. Vivemos em um ambiente de mídia e a maior parte dos nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação. Dentre eles, a TV o mais influente³, é a grande porta que pode se abrir para as reflexões propostas pela arte.

¹ Informações sobre os movimentos modernos em “Estilos, Escolas e Movimentos” de Amy Dempsey.

² As músicas *Apesar de Você* e *Cálice*, de Chico Buarque, por exemplo, foram censuradas. O artista adotou, então, o Pseudônimo Julinho Adelaide e compôs as canções *Acorda Amor*, *Milagre Brasileiro* e *Jorge Maravilha*. A canção *Meu Caro Amigo* é uma das mais evidentes críticas do compositor à ditadura, uma homenagem ao seu amigo Augusto Boal (dramaturgo e ensaísta brasileiro), na época exilado político.

³ Ideia defendida em *Sociedade em Rede* (1999), pelo sociólogo Manuel Castells.

A TV não tem como negar espaço à arte, já que é um fenômeno humano, mas isso não garante comprometimento com a abordagem da informação artística enquanto atividade de desenvolvimento cultural e de produção de conhecimento. Trabalhar com temáticas culturais é um papel fundamental deste meio. Segundo Canclini,

Os meios de comunicação de massa facilitam o desenvolvimento dos espaços públicos e que os circuitos midiáticos se destacam em relação aos meios tradicionais de transmissão da informação e imaginários, propiciando uma oferta cultural a um grande contingente da população a partir das experiências macro urbanas. (CANCLINI, 2003)

Refletir sobre como ocorre a mediação da arte pela TV, ou seja, que critérios são adotados na concepção das matérias veiculadas em telejornais (foco deste estudo), como é construído o discurso e ao que é dada maior visibilidade por esta mídia de massa, dentro de um espaço que pode promover a arte e a cultura, estimulando o receptor a um contato com a atividade artística, faz parte da busca por compreender como TV e arte podem se relacionar de forma interativa, favorecendo a socialização do homem, o acesso cultural, a razão, elementos importantes contra a alienação.

Escolheu-se analisar o conteúdo de matérias sobre arte veiculadas por telejornais paraenses, em emissoras abertas⁴, para observar mais fielmente como se dá, na realidade, a mediação das informações artísticas dentro deste meio de comunicação de massa.

Este tema foi motivado pelo interesse em analisar mais profundamente a relação entre a arte e a televisão paraense, já que em termos locais, a arte carece de espaço tanto para crítica, quanto para divulgação nos meios de comunicação. Enquanto mediadora da informação artística e como veículo de grande alcance, a televisão, ao estimular o receptor a um contato com objetos ricos em estímulos, como as obras de arte, pode exercer também um jornalismo ético, afinal, é indubitável que ao aproximar o telespectador de elementos como educação, conscientização de valores, interpretação da realidade e tantos outros que favorecem o desenvolvimento humano, ela está se comprometendo responsabilmente com a sociedade.

⁴ As TVs que participam desta análise são TV Liberal (afiliada à Rede Globo); TV RBA (afiliada à Bandeirantes) e TV Cultura do Pará (emissora pública de comunicação).

A própria Constituição Federal Brasileira⁵ prevê como dever das emissoras de rádio e televisão propagar e estimular a preferência por finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; a promoção da cultura nacional e regional; respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família; além da regionalização da produção cultural, artística e jornalística⁶.

Provocar esta reflexão para engrandecimento social é muito mais que abrir espaço ao tema: depende, principalmente, de uma correta abordagem da temática. De conformidade com Mukarovsky,

para compreender o fenômeno artístico tem que avaliar a obra de arte como signo, constituído pelo símbolo sensorial criado pelo artista, pela significação (objeto estético) que se encontra na consciência coletiva e pela sua relação com a coisa designada – relação que se refere ao contexto geral dos fenômenos sociais.” (MUKAROVISKY, 1993, p.12)

Vários índices devem ser considerados neste processo de mediação: que espaço é dado à arte dentro dos telejornais? Quanto tempo é destinado às matérias? Os profissionais são especializados ou tem o mínimo de envolvimento com o tema, ou é só mais uma pauta para cumprir? Todos estes fatores podem interferir na interpretação do objeto arte e, conseqüentemente, na matéria veiculada e no interesse final que esta poderia despertar no telespectador.

O objetivo desta pesquisa é contribuir com uma reflexão de como a construção das matérias podem realizar a adequada transmissão de informações sobre arte⁷ a partir do levantamento de conceitos teóricos que ajudem a entender os pilares da comunicação de uma obra estética. Estes referenciais teóricos servirão de base para observação e análise das matérias, refletindo-se sobre a mediação da mensagem artística pela televisão paraense, verificando distorções na compreensão da arte ou da obra estética, se é dada visibilidade ao tema e, ainda, se esta contribui com a formação do público dentro da temática arte, cumprindo um papel social de desenvolvimento de conhecimentos e cultura.

Então, se consolidam como objetivos desta pesquisa:

⁵ Capítulo V, Da Comunicação Social. Artigo 221, incisos I, II, III e IV.

⁶ A produção regional na televisão estará fortemente presente no estudo de caso desta pesquisa, ao analisar matérias produzidas e veiculadas por telejornais paraenses.

⁷ Não só as artes visuais, como também a dança, a música, a literatura e o teatro.

- Levantar conceitos sobre arte, a fim de compreender como as diversas linguagens e manifestações artísticas esta podem ser trabalhadas enquanto informação para as matérias telejornalísticas sem que sofram interferências ou percam a sua especificidade;
- Compreender como a televisão, através do telejornalismo, é e como pode ser utilizada, enquanto meio de comunicação de massa, para valorização da arte e formação de um público de arte;
- Diagnosticar os pontos fortes e fracos do modelo de transmissão e discurso adotado para exibição de matérias sobre arte;
- Refletir sobre o papel social da arte e a contribuição do processo de mediação com o mesmo.

Para se alcançar os objetivos traçados, primeiramente houve um levantamento bibliográfico, tanto relacionado aos temas referentes à arte e à comunicação, buscando sempre uma convergência entre os campos. No âmbito da arte, detivemo-nos sobre noções como a especificidade da linguagem, suas funções e, ainda, elementos da crítica de arte que levam a uma compreensão não só da obra como também do contexto em que foi produzida, favorecendo uma compreensão global e profunda de sua estética.

Uma vez que as obras de arte são coisas às quais está relacionado um valor, há duas maneiras de tratá-las. Pode-se ter preocupação pelas coisas: procurá-las, identificá-las, classificá-las, conservá-las, restaurá-las, exibi-las, comprá-las, vendê-las; ou então, pode-se ter em mente o valor: pesquisar em que ele consiste, como se gera e se transmite, se reconhece e se usufrui. (ARGAN, 2010, p. 13)

Em relação à mídia televisiva, refletimos sobre o seu papel enquanto mediadora de arte e cultura, desempenhando uma função socialmente responsável. Analisa-se ainda a linguagem massificada da TV, o formato telejornalístico e levanta-se conceitos em jornalismo cultural, que vem cada vez mais perdendo espaço e profundidade nos veículos de comunicação, a idéia é buscar princípios básicos desta área de especialização que possam embasar o trabalho de jornalistas de TV, não especializados, na hora da cobertura de pautas sobre arte.

Para que a entrada na lógica, isto é, na estrutura e na dinâmica da produção televisiva, de onde viemos, não signifique a recaída numa

generalidade vazia, devemos nos ater a um critério: o que importa é o que configura as condições específicas de produção, o que da estrutura produtiva deixa vestígios no formato, e os modos com que o sistema produtivo – a indústria televisiva – semantiza e recicla as demandas oriundas dos “públicos” e seus diferentes usos. Aparece então uma série de instâncias e dispositivos concretos por estudar. (BARBERO, 2001, p. 311)

As leituras foram escolhidas para possibilitar uma compreensão melhor dos elementos selecionados como objetos de estudo.

Na parte prática, foram coletadas amostras de matérias exibidas em jornais televisivos paraenses. Para ampliar as reflexões, selecionaram-se matérias exibidas em canais de televisão distintos, nos anos de 2010 e 2011, contribuindo com a comparação de discursos e visões de cada emissora.

Na fase de análise deste material, as matérias foram assistidas, os textos foram transcritos, inclusive as entrevistas. Observaram-se aspectos escolhidos para a composição da matéria jornalística, como o tempo destinado à matéria, encaminhamento, discurso entre outros aspectos, para verificar como são abordados os elementos referentes à arte ou à obra estética, se é dada visibilidade à temática e se esta é abordada respeitando sua complexidade. A análise fundamentou-se no referencial teórico.

Assim, busca-se estabelecer uma ligação entre a parte teórica do trabalho e a sua veracidade e aplicabilidade prática, lembrando o objetivo principal deste projeto: refletir sobre como o telejornalismo paraense media a informação artística e contribuir para que ele, enquanto linguagem dos meios de comunicação de massa, possibilite a valorização da arte, incentivando a formação de público, facilitando o acesso da sociedade à arte e cultura.

Quem sabe um dia as massas não possam consumir “biscoitos finos”, ou seja, trabalhos de arte carregados de conhecimentos, como esperava o escritor modernista brasileiro Oswald de Andrade?

CAPÍTULO 1



1. ARTE E COMUNICAÇÃO

Neste capítulo, faz-se um desenho dos campos da arte e da comunicação revelando o papel de cada um dentro da sociedade. Procura-se estabelecer um paralelo entre o que se propõe tanto na teoria quanto na prática para cada uma destas áreas. Ao levantamento de conceitos segue uma reflexão sobre o processo de convergência entre as áreas, processo que, como é notório, se intensificou consideravelmente no século XX.

1.1 Arte para reflexão de quem?

A arte nasce das mãos do homem em contato com a natureza, ou com a matéria. Produção sublime, pensamento em formato concreto, seja na representação iconográfica, pictórica, imagética, na partitura, no gesto ou na palavra. Talvez, mais um dos caminhos encontrados para o homem brincar de ser deus. Campo onde a noção de progresso não existe, a arte é imortal. As questões da arte são as questões de sempre, do hoje, da experiência atual, Assim, as obras são sempre ressignificadas em cada momento histórico. Morais (2002) afirma que podem mudar os suportes, os meios de expressão, os materiais, as técnicas, as formas de apresentação, mas a essência da arte não muda. A arte se configura como elemento de necessidade vital para o homem, seja enquanto produtor ou receptor.

Sendo assim, todo objeto de arte é um testemunho de vivências e pontos de vista sobre o homem e o mundo. Ela reformula a vida a partir do olhar e se faz necessária em toda parte, na vida pública ou privada, da religião aos negócios⁸. O mistério da arte começa já na pré-história, com as pinturas rupestres do homem neolítico. Não nasceu adulta, foi se constituindo, progressiva e lentamente, na consciência e na ação humana. Ao longo dos séculos e de várias escolas e correntes de pensamento, permanece, em todas as obras de arte produzidas, a certeza de que a Arte é produto do trabalho humano, uma atividade mental em conexão com uma atividade operacional. A

⁸ Morais (2002) cita pensamento de Joseph Albers de 1964, que reflete sobre a importância da presença da arte em todos os espaços da vivência humana, disciplinando o olhar e o espírito humano.

história da arte advém da relação entre todos os fenômenos artísticos, em qualquer dimensão espaço-temporal em que forem produzidos. Os fatos artísticos de um mesmo período e de períodos anteriores e sucessivos, entre a atividade artística em geral e as demais atividades do mesmo sistema cultural se conectam na intencionalidade da obra.

O valor artístico de um objeto, representado em sua mensagem, é forma de que é constituído, apresentado. Estas formas valem como significante das obras no momento em que uma consciência atribui significado a elas. Para Argan (1994), “uma obra de arte é uma obra de arte apenas na medida em que a consciência a recebe e julga como tal”.

No período absolutista europeu - entre os séculos XVI e XVIII - o belo passou a ser julgado por uma minoria de intelectuais, os estetas (filósofos, artistas e arquitetos), que definiam a qualidade da obra artística. A arte era feita para poucos, tanto quando falamos em produção, quanto em recepção. No século XIX, este panorama é alterado com a intensificação das atividades de arte e surgimento de um mercado de arte. Este momento também é marcado pela passagem da produção artesanal para a era da reprodutibilidade técnica, com a obra de arte sendo copiada, reproduzida em série e alcançando um público muito maior, tornando – sem entrarmos no debate sobre autenticidade da obra - seu acesso mais democrático.

Ainda hoje a arte tenta romper as barreiras e desmistificar a imagem elitista, de um campo complexo e difícil de entender, distante da realidade, algo escondido em museus, teatros e galerias. Arte não é só para acadêmicos, artistas e críticos: destina-se à sociedade. Afinal, está ligada à história da humanidade e suas conquistas, à natureza humana e seu simbolismo, à herança cultural dos grupos e ao desenvolvimento individual das pessoas. Para Costa (2004), despertar a intuição artística, desenvolver as suas formas de expressão e ampliar nossa capacidade de absorvê-la está relacionada intimamente com o despertar de nossa humanidade.

A arte é para sociedade tanto quanto nasce da cultura social. Surge de reflexões e experiências dentro de uma dada cultura e propõe a libertação de olhar a realidade sob novas perspectivas.

A arte se manifesta nas culturas ou nas camadas culturais que, em qualquer tempo ou lugar, fundamentam a realidade social, sempre e

tão só no contexto de uma ética dos valores, isto é, de uma concepção da vida como trabalho produtivo, das relações humanas como intercâmbio de experiências, da política como dialética de autoridade e de liberdade. Em toda a sua história, a arte sempre se encontra no pólo oposto do poder carismático e do dogmatismo político. Mesmo quando se apresenta normalmente sujeita a um poder despótico, faraônico, resgata e realiza em si, em seu fazer-se, a liberdade negada pelo sistema (ARGAN, 2005, p. 42).

A arte é fundamentada, ou concorre para fundamentar, a determinação de uma ideia de divino às suas produções, como uma aspiração social por liberdade⁹. Em sentido marxista, é uma forma ideológica que permite ao ser humano representar-se a si mesmo e a suas ações, não importa se de maneira autêntica ou distorcida (ARGAN, 2005).

Na Idade Média, a ciência enxergou a relevância e a racionalidade artísticas, o que evidenciou a possibilidade de um papel político e ideológico. Intelectuais passam a compreender e cobrar intervenções sociais a partir da arte. A arte engajada, persuasiva luta por seus posicionamentos, seu ideal (COSTA, 2004).

Claro que, a arte não promove a mágica de transformação do mundo, mas pode promover, por meio de sua mensagem, ações que incitem as transformações. E se é o público que faz a arte, ao lhe conferir sentido, é ele que também poderá contribuir, ou não, com sua destinação inicial, proveniente das hipóteses e experiências pessoais do artista. Referimo-nos à arte em função social desde sua idealização.

Este lugar de liberdade proporciona conhecimentos, visões críticas sobre a realidade para enriquecer e desenvolver a consciência humana. Para Mário de Andrade, o aprofundamento da consciência se faz capaz através da atividade artística pelo fato de esta nos abrir um penetrante caminho de introdução ao ser (MORAIS, 2002).

Como um espelho crítico da própria sociedade, busca revelar o que está oculto e o que é omitido, quebrar regras, padrões, através de seu hibridismo com outros campos, suas ambigüidades, seu pluralismo, seu diálogo com outras ou novas linguagens. Por isso, a linguagem da arte é uma

⁹ Como Giulio Carlo Argan, outros pensadores compartilham desta ideia. "A arte é o lugar da liberdade perfeita" (André Saurès); "é um exercício experimental de liberdade" (Mário Pedrosa); "é uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho para a vida" (Fayga Ostrower); "é um exercício de liberdade ou ela é inútil" (Daniel Abadie). Transcritas em MORAIS, 2002.

linguagem sempre atual, linguagem da qual o ser humano não pode mais ser desvinculado.

Apesar de intrínseca à vida humana, nem sempre o sentido da arte faz parte do cotidiano ou das experimentações do homem. Muitas vezes, talvez pela massificação, o indivíduo não se deixa contaminar pela arte. Não a procura, não a enxerga. E como um livro sem leitor, a arte pode viver sem o espectador?

Eis, pois, aí, um desafio para um país com baixos investimentos na educação de seu povo. Em pesquisa realizada em 2010, o Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, revela que em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) o Brasil está na 73ª posição entre 169 países. Um dos fatores que levou a esta colocação foram os baixos investimentos em educação. A sedução e popularização da arte poderiam contribuir com a formação de cidadãos.

A obra depende não apenas do trabalho de criação do artista, mas da fruição do público. E as características do receptor, como a sensibilidade, cultura e os hábitos artísticos, influenciam na leitura da obra. Logo, quanto mais próximo da arte o público for colocado, potencializam-se as trocas simbólicas e geração de conhecimentos, desenvolvimento de reflexões e críticas.

Para Costa (2004), nós nos tornamos mais humanos quanto mais próximos da arte nos colocamos. As conquistas do homem contemporâneo passam pela consciência do incalculável valor da arte, um patrimônio que nos identifica, aproxima e universaliza.

A sensibilização para a arte precisa ser exercitada. Principalmente em regiões com baixos investimentos, incentivos e procura do público para a arte – como, no caso, o estado do Pará.

É no ato de leitura das obras que o homem se familiariza com as linguagens. Mais do que na escola e nos livros, é nas galerias, teatros, museus, ou onde estiver a obra estética, que os olhares são construídos. A obra de arte pede público, a comunicação pode ser realmente social e contribuir para levar a população aos espaços destinados às artes. A TV pode,

além de promover o universo da arte, contribuir para a sensibilização do público.

1.2 Comunicação para a sociedade?

A vida humana está impregnada de atos de comunicação. A comunicação é inseparável do homem social, tanto que se tornou campo específico de estudo e ganhou estruturas, técnicas e veículos que mediam informações, símbolos, mantendo as pessoas conectadas através dos discursos propagados.

A Constituição Federal Brasileira, reconhecendo a importância e a influência dessas estruturas que fazem parte de nosso cotidiano, possui uma legislação específica para a área, prevendo não só direitos, como o da liberdade de expressão, mas, também, deveres. Vejamos, pois, alguns deles:

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – Preferência por finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – Promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação.

III – Regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Tantos exemplos de nossa realidade em meio ao mundo midiático podem nos trazer exemplos que colocam em xeque o disposto na Constituição Federal. Quais os limites, por exemplo, entre a censura e a cobrança por veículos que contribuam com a formação crítica dos cidadãos, prezando pela legitimidade e profundidade das informações?

Aqui começa a reflexão sobre a “missão” da comunicação, cujo foco é a sociedade. A etimologia da palavra “comunicar” já revela seu potencial altruísta, ela deriva do latim **communicare** que significa “tornar comum”.

Tornar comum o quê? Para quem? Em essência, no campo da comunicação, a palavra e a informação deveriam se envolver em processos

que favorecessem o despertar de consciências, motivando atitudes positivas, fiscalização do poder e a tomada de importantes decisões; que dessem voz a múltiplos grupos sociais; que propiciassem diálogo e integração, além de conhecimentos sobre política, educação, saúde, arte, etc; e, por fim, que colaborassem efetivamente com a construção de uma sociedade crítica, participativa, e solidária. Se o próprio comunicador se colocar como parte integrante desta estrutura social, a evitar a superficialidade e a omissão perniciosa, poderá ter consciência, à luz de sua própria realidade, da importância de seu trabalho para o processo de democratização de informações e conhecimentos para evolução do ser e do meio em que vive.

É fácil descrever posturas de ética profissional do comunicador, ou do jornalista. Cada vez mais, os veículos de comunicação se inserem em sistemas nos quais o mercado dita as regras do jogo, ou melhor, da veiculação, do discurso. Isso afasta os profissionais da realização de um trabalho pautado na comunicação com base social.

As mídias se apropriam do papel que lhe cabe de direito, mas não de fato – o de trabalhar à serviço do cidadão – para disseminar ideologias de interesse da elite que monopoliza os meios de comunicação - ideologias que determinam posicionamentos políticos, presentes dos editoriais até a seleção e condução das pautas. Muitas vezes, os empresários da comunicação formam trustes, dominando veículos diferentes (impressos, rádio, televisão), para manterem a hegemonia e maior alcance do público.

Os jornalistas passam a trabalhar mais para atender aos interesses dos veículos, mantendo o emprego, do que trabalhar para a sociedade. Afinal, onde ficou a independência do jornalista? Ela é afogada pela organização e funcionamento do trabalho. A grande imprensa confirma o avanço da forma de mercadoria em toda a sociedade, incluindo em si própria.

Na maior parte desses órgãos, o jornalista deve cumprir uma pauta preestabelecida, cuja elaboração, muitas vezes, não foi discutida por ele, como também deve dar uma perspectiva já determinada, para a cobertura de um fato. Na etapa posterior, da edição do texto, além de obedecer aos padrões dos manuais de redação, pode ter seu texto cortado e reescrito pelo seu editor-chefe de acordo com os interesses do jornal em determinado assunto. Assim como em outras esferas de produção capitalista, na grande imprensa também há, em algum grau, o fenômeno do afastamento do trabalhador do domínio do seu processo de trabalho, dificultando ao jornalista o exercício de sua consciência

crítica e da autonomia para exercer sua atividade, com a conseqüente perda do controle sobre sua produção (CASTRO, 2006, p. 56).

Neste contexto mercadológico, o jornalismo e a informação se tornam produtos, valorados como moeda, a fim de atingir os melhores resultados econômicos. Assim, assuntos de interesse público perdem espaço para temas pessoais e para matérias sensacionalistas.

No mundo atual, em que o homem muitas vezes se esquece de si, impera a errada concepção de que o jornalista deve noticiar o espetacular, o catastrófico, friamente. Não se leva em consideração que do outro lado da notícia (da personagem noticiada e do leitor, ouvinte ou telespectador), há pessoas que são também motivadas pela emoção, pelos sentimentos. Noticia-se para vender, custe o que custar.

... o jornalismo atual é mecânico, calculista, automático, frio. (VICCHIATTI, 2005, p. 11).

O espetáculo encontra sua força na imagem. Daí a importância da televisão, maior meio de comunicação de massa, dando alcance e visibilidade aos discursos veiculados. Ela é a mídia hegemônica na transmissão de informações, porém, também se submete à lógica econômica, dependendo dos índices de audiência e de verbas publicitárias.

Nela, o sensacionalismo deixa marcas através do discurso, operando a partir de generalizações, informações superficiais, exaltação de imagens, longe da educação e política sérias, sobrevivendo na indústria cultural como forte dispositivo de interpelação popular. (BARBERO, 2001)

Segundo Bourdieu (1997), o jornal televisivo, orientado pelo mercado, é conveniente, pois confirma o comum, não mexe com a cabeça do telespectador, deixa as estruturas mentais intactas. Para ele, os jornalistas desses meios operam na realidade social e nas produções simbólicas definindo o que vai ou não chegar ao público, em uma espécie de censura.

Na busca por notícias sensacionalistas, a TV confere prioridade à temáticas que envolvem, por exemplo, violência e pornografia, em uma comunicação que desinforma, deseduca ou, através de mensagens enganosas, tendenciosas, que iludem, desrespeitando o direito de realização, do telespectador, como cidadão. Deixa-se de lado temáticas mais relevantes para a sociedade, ferindo até mesmo pressupostos colocados como lei na Constituição Federal Brasileira, como o direito à produções com finalidades educativas, culturais e artísticas.

Nesta pesquisa, coloca-se a proposta de mediação da informação artística pela televisão como forma de exercício de uma comunicação comprometida com a sociedade. Ao deixar de lado a espetacularização da notícia e o sensacionalismo, compromete-se com temáticas que realmente proponham reflexões e mexam com a consciência crítica do receptor.

Não é um trabalho impossível. A arte, uma das possíveis fontes de informação, tem potencial para manter os índices de audiência, além de poder possibilitar um encontro do jornalista com a “missão” da comunicação social de “tornar comum”. As mensagens em arte, no entanto, devem ser abordadas com respeito a sua estrutura e conteúdo; para isso, o próprio jornalista - principalmente os não especializados, afinal, neste sistema que valoriza a superficialidade dos conteúdos, predominam os generalistas – devem ir ao encontro da arte, para entender seus pilares e poder mediá-la com aprofundamento mínimo necessário, possibilitando, por fim, a busca do público para a obra estética e um contágio pelas reflexões que arte suscita.

1.3 O encontro entre arte e comunicação social na TV

No mundo moderno, tecnológico, o homem vive rodeado de imagens, que refletem a cultura e os conhecimentos da civilização. Sustentado por uma explosão sem precedentes dos meios de comunicação social, a reprodutibilidade técnica da imagem se tornou ainda mais intensa. Provoca, muitas vezes, o desgaste do olhar. É quando o homem deixa de reagir ao mundo, assim como à arte, mediadora de novas experiências, de reajuste de percepções e de interpretações da realidade.

De acordo com Janson (1992), a superficialidade e a limitação do olhar podem determinar a rejeição à arte, e conseqüentemente a perda de seus benefícios ao desenvolvimento humano. Todos sempre têm opiniões formadas a respeito da temática artística, pautadas em conhecimentos empíricos, tal qual conhecem de política ou economia, por menos que se interesse por estes temas.

A arte está tal ponto entranhada no tecido da vida humana que estamos sempre em contato com ela, nem que seja através das capas de revistas ilustradas, dos cartazes publicitários, dos monumentos históricos ou dos edifícios onde vivemos, trabalhamos ou rezamos.

Muito desta arte é, sem dúvida, de bastante má qualidade- arte de terceira ou quarta ordem, gasta pela repetição.

O nosso gosto e as nossas opções são exclusivamente condicionados pela cultura em que estamos inseridos, e as culturas são tão diversificadas que se torna impossível reduzir a arte a um conjunto de regras suscetíveis de serem aplicadas em toda parte. (JANSON, 2004)

Entender que a arte é complexa, ou seja, não é formada por um conjunto de regras, como explicita Janson, é o primeiro passo para absorver sua linguagem.

A interação com pensamentos, culturas e sociedades, ao longo da história, faz a arte tão rica em significados e teorias. Na Idade Média, as artes visuais eram vistas como artesanato. No Renascimento, ganham *status* de arte com caráter intelectual. No século XVIII, é dividida em cinco áreas de belas artes (pintura, escultura, arquitetura, poesia e música). No século XIX, a revolução industrial muda o contexto social e os meios de comunicação ganham um espaço antes dedicado às letras e artes. No século XX, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, artes e comunicações começam a convergir.

A intersemiotividade dos meios de massa colocava-se em agudo contraste com a pureza estética que era típica das “belas artes”, especialmente da pintura e da escultura. Entretanto, as artes que, desde o Renascimento, estavam protegidas pelo invólucro de potentes sistemas de codificação, como é o caso da perspectiva monocular na pintura e o sistema tonal na música, não ficaram imunes às transformações culturais que as máquinas reprodutoras de linguagem, rebentos da Revolução Industrial e inauguradoras da comunicação massiva, estavam trazendo para o universo da cultura. Do Impressionismo até o Abstracionismo Informal de Pollock, assistiu-se a uma gradativa e cada vez mais radical desconstrução dos sistemas de codificação visuais herdados do passado renascentista. A par dessa desconstrução, as artes foram crescentemente incorporando os dispositivos tecnológicos dos meios de comunicação como meios para sua própria produção. (SANTAELLA, 2007,p.12-13)

Entre os anos 1950 e 1960, intensificam-se as transgressões aos sistemas tradicionais de arte. Mesmo permanecendo práticas dominantes de pintura e escultura, artistas passam a criar em novos sentidos de visualidade e em uma margem mais ampla de atividades. Teóricos como Duchamp, que propõe a renúncia à unicidade do objeto artístico e sua diferenciação de objetos comuns; Malevich coloca que a arte deve ser essencialmente complexa. Ambos têm os pensamentos refletidos em movimentos como o Minimalismo, a Arte Pop, Conceitualismo, Land Art, Body Art, entre outros.

Neste momento, passa-se a expressar que o significado de uma obra de arte não está em sua composição interna, como destacava o Modernismo e, sim, no contexto de sua existência. Os contextos social e político relacionam-se aos aspectos formais da obra. A partir de 1970, proliferam atividades criativas em arte com mudanças radicais nas formas de definição da mesma. Na década de 80, as discussões de temáticas artísticas são invadidas pelos conceitos de pluralismo e de pós-modernismo.

Na busca por produzir significados múltiplos e por atingir vários tipos de público, passa-se a mesclar o erudito e o popular, os estilos, as artes e as mídias. A hibridização e desterritorialização da cultura são reforçadas pela emergente ideia de globalização, misturando global e local, futuro e presente, a sofisticação e o *kitsch*.

É neste turbilhão que as artes e as mídias começam a perder seus contornos e transpor fronteiras, tornando-se permeáveis. A mídia e suas tecnologias passam a ser absorvidas pelas obras de arte, ao mesmo tempo que a comunicação de massa ajuda a disseminar, divulgar, as obras junto ao público.

Para sua própria divulgação, a arte passou a necessitar de materiais publicitários, reproduções coloridas, catálogos, críticas jornalísticas, fotografias e filmes de artistas, entrevistas com eles, programas de rádio e TV sobre eles. Embora possa parecer que um tal tipo de material seja secundário, cada vez mais as mídias desempenham um papel crucial no sucesso de uma carreira. Por isso mesmo, muitos artistas buscam manipular e controlar suas imagens e disseminação de suas obras por meio dos vários canais de comunicação. (SANTAELLA, 2007, p.14)

Nesta interação, entre comunicação e artes, as técnicas artísticas também são utilizadas pelos veículos de comunicação, o que não quer dizer que os veículos se tornem realizações artísticas.

Este contexto de trocas simbólicas entre artes e mídia contribuiu com a disseminação de conhecimentos em artes para um público mais amplo, influenciando na popularização das artes e, conseqüentemente, no aumento do interesse pelo tema e nas visitas a espaços dedicados à arte, como museus e galerias.

No universo da cultura de massa, a televisão é o meio de comunicação dominante. Não há como negar seu espaço e seus reflexos nos diversos campos sociais, inclusive no artístico.

A televisão, meio de comunicação de grande alcance, participa da mediação de mensagens referentes à arte e às obras estéticas, mas sua característica de padronização e sintetização de discursos podem interferir na referida complexidade e polissemia da arte, por desprezar que *em intertextos estão presentes outros textos, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis*. (BAKHTIN, apud BRAIT, 2008)

Entre a emissão e a recepção de uma mensagem, a comunicação de massa e a indústria cultural se forma um sistema simbólico direcionado às diferentes camadas sociais. Os meios buscam o que é culturalmente comum entre elas, criando uma espécie de standardização da cultura. A diversidade é um meio a ser ultrapassado e na massificação, as identidades são diluídas. (TRAVANCAS, 2004)

Enquanto meio de comunicação de massa, *“a TV inegavelmente conseguiu a formulação de uma linguagem e de mensagens facilmente reconhecíveis por enormes e variadas parcelas da população”* (Miranda & Pereira, 1983, p.15).

Com o objetivo de não segmentar profundamente o público, a TV cria um linguagem uniforme, permitindo que as mensagens transmitidas sejam reconhecidas por variados grupos sociais. Quando se trata da abordagem da informação, como, por exemplo, a artística, é comum a criação de mensagens superficiais, impregnadas de estereótipos redutores¹⁰. Referimo-nos aos telejornais, por exemplo. Para BOURDIEU (1996), quanto mais um jornal estende sua difusão, mais caminha para “assuntos-ônibus”, leves por excelência, que não levantam problemas, mostram o que já é conhecido e deixam intactas as estruturas mentais do receptor. O importante é atingir altos índices de audiência.

Há revoluções que atingem as bases materiais de uma sociedade, aquelas que são evocadas comumente e revoluções simbólicas, as realizadas pelos artistas, cientistas ou grandes profetas religiosos, ou por vezes, mais raramente, pelos grandes profetas políticos, que atingem as estruturas mentais, isto é, que mudam nossas maneiras

¹⁰ Conceito criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

de ver e pensar. No domínio da pintura, este é o caso de Monet, que subverteu uma oposição fundamental, uma estrutura sobre qual se baseava todo ensino acadêmico, a oposição entre o contemporâneo e o antigo. Se um instrumento tão poderoso quanto televisão se orientasse um pouquinho que fosse para uma revolução simbólica, eu lhes asseguro que se apressariam em detê-la... (BOURDIEU, 1996, p.64)

O campo telejornalístico detém um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala da informação. Ora, se estamos falando de campo que interage e reflete em outros campos, há que se observar e questionar como se dá a mediação das informações por ele, a fim de propor novos modos de levar ao público a matéria tratada, democratizando a difusão.

Ao selecionar os assuntos para serem exibidos, a TV acaba direcionando o olhar. Todo discurso ou ação que queira ter acesso a este meio de comunicação de massa de grande alcance deve se submeter ao princípio da seleção jornalística, retendo apenas o que é de interesse de suas categorias e grades, relegando à insignificância expressões simbólicas que seriam mais interessantes ao debate e ao conhecimento dos cidadãos. Exemplificamos com o tratamento dispensado à arte e à literatura. Os programas destinados a este segmento servem, muitas vezes, aos valores estabelecidos, ao conformismo e ao academicismo, ou aos valores de mercado.

A mídia não cessa enunciar veredictos aos seus espectadores com a autoridade que lhe confere a televisão. Os *fast-thinkers* da TV, profissionais que geram discursos sem parâmetros e aprofundamento, mas que acabam alcançando a massa, merecem ser questionados. A crítica vem em benefício social, já que este campo pesa sobre outros.

Neste momento, no campo da arte surge a divergência em relação à televisão: como a TV pode mediar informações artísticas para a massa, já que trabalha com uma linguagem uniforme, generalizante e, por essência, a arte é polissêmica, a rica em sentidos e interpretações?

Será que a televisão paraense, objeto deste estudo, já conseguiu adaptar sua mediação para evitar distorções na compreensão da arte ou da obra estética, auxiliando e incentivando a formação do público de arte, promovendo acesso cultural e a socialização?

A busca por uma colaboração entre as duas áreas pode levar a interações, de modo que haja um enriquecimento mútuo, com benefícios para a sociedade (LE COADIC, 2004).

CAPÍTULO 2



2. ENCONTRO DE LINGUAGENS

Duas áreas com linguagens distintas, porém com capacidade de colaborar e enriquecer uma a outra. Para dialogarem, antes de tudo, é necessário entender a sintetização de discursos do telejornalismo e a polissemia da arte. O levantamento de conceitos sobre esta problemática é o foco deste capítulo.

2.1 O telejornalismo, a TV e a comunicação de massa

O telejornal, como produto da televisão, um dos principais meios de comunicação de massa, para ter sua linguagem compreendida precisa ser contextualizado dentro do campo em que está inserido.

É cada vez mais difícil desvincular a sociedade contemporânea do poder que a mídia exerce sobre a mesma. Como uma das marcas registradas de modernidade e do capitalismo, os meios de comunicação atingem todos os indivíduos, seja como receptores ou consumidores de seus produtos. Entre a emissão e a recepção de uma mensagem, a comunicação de massa e a indústria cultural se formam como um sistema simbólico pleno de significações e seus produtos como produções simbólicas.

Em Canclini (2003, p. 159), os meios de comunicação de massa facilitam o desenvolvimento dos espaços públicos e que os circuitos midiáticos se destacam em relação aos meios tradicionais de transmissão da informação e imaginários, propiciando uma oferta cultural a um grande contingente da população a partir das experiências macro urbanas e de outros países.

Seja através de jornais, cinema, rádio, internet, ou televisão, a indústria cultural acaba por se tornar um instrumento de demolição de culturas distintas, a partir da pasteurização e homogeneização da sociedade. Ela nega à diversidade cultural espaço e presença em seus produtos, impedindo que estas se manifestem em seus veículos, com sua complexidade, que vai muito além dos estereótipos redutores exibidos nos meios de comunicação. (TRAVANCAS, 2004)

Com seu desenvolvimento, os meios de comunicação de massa ganharam espaço em nosso cotidiano, o que levou a proliferação de metáforas, como cultura do espetáculo, sedução e virtualidade. Ao se dirigirem às

diferentes camadas sociais, os meios buscam o que é culturalmente comum entre elas e como realmente se separam. Mas o não aprofundamento desta observação e consideração da diversidade, proposta anteriormente, leva os meios a apagarem tanto especificidades regionais, quanto separações entre urbano e rural, numa espécie de estandardização da cultura.

Desde o surgimento dos meios de comunicação de massa, os mecanismos de construção identitária sofreram novos processos de transformação. A televisão, em especial, participou destas significativas mudanças, operando processos de aculturação, responsáveis por novas características de comportamento e identidade. (MEUCCI, 2005, p. 2- 3)

A TV, enquanto meio de comunicação de massa¹¹ que participa da construção da identidade cultural, tem relevância dentre os outros, por ser o preferido da audiência. Ela é uma indústria de diversão, educação e notícias, que exerce influência cada vez maior na formação da opinião pública, marcando o estilo de vida e comportamento das sociedades. Em *Sociedade em Rede* (1999), o sociólogo Manuel Castells afirma que vivemos em um ambiente de mídia. Para ele, a maior parte dos nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação, sendo a televisão o mais influente. (PUC- Rio, 2004, pp. 18-19)

Segundo Miranda & Pereira (1983), é na relação da TV com o seu público que se constrói, de modo particular, um novo espaço simbólico e imaginário, onde são atualizados valores, sentimentos, emoções e fantasias. Neste seu processo significativo de comunicação com a população, “a TV inegavelmente conseguiu a formulação de uma linguagem e de mensagens facilmente reconhecíveis por enormes e variadas parcelas da população” (Miranda & Pereira, 1983, p.15).

Com o objetivo de não segmentar profundamente o público, a TV cria um linguagem uniforme, permitindo que a mensagem transmitida seja reconhecida por diferentes camadas sociais, buscando não enfatizar nenhuma das classes econômicas que estiverem assistindo a programação, também diminuindo as fronteiras entre o nível de conhecimento de cada indivíduo.

¹¹ Meio que atinge simultaneamente uma vasta audiência, heterogênea e geograficamente distante. Para Adorno e Horkheimer, gera a indústria cultural, fazendo das massas meros acessórios. “O consumidor não é rei, como pretende a indústria cultural; não é sujeito, mas seu objeto (BARBOSA 2002, pg.173, apud Adorno).

Em Travancas (2004), a televisão não é assim tão democrática, mas poderia ter sido um extraordinário instrumento da democracia se não estivesse vinculada ao poderio econômico e a indústria cultural. Ele destaca que a mídia, quando cria estereótipos redutores, mostra sua dificuldade de compreensão da complexidade dos problemas e questões sociais, reduz situações e perspectivas, encarando a diversidade como um meio a ser ultrapassado.

Meucci (2005) cita que pesquisas de recepção da mídia televisiva, realizadas por George Gerbner, revelam severas distorções da realidade nas mensagens televisivas. Segundo Gerbner (2002), quanto mais um indivíduo assiste televisão, mais ele vê a realidade de maneira deformada. Apesar de os indivíduos reconstruírem as informações a que são expostos, a distorção se daria por conta das imagens, na TV, produzirem um grau de legitimidade maior do que em qualquer outro meio. Algumas vezes, mensagens falsas podem ser veiculadas intencionalmente, a partir da manipulação dos recursos de legitimidade do discurso, oferecidos pelo veículo, no caso a televisão.

Através da massificação as identidades são diluídas nos meios de comunicação. A pretensão da linguagem da TV de apreender a verdadeira cultura nacional e expressá-la através de sua programação ganha a idéia de inautenticidade. A visão negativa em relação a essa pretensão parece ser uma das poucas unanimidades contemporâneas, compartilhada tanto por produtores da mensagem televisiva, como por receptores e por intelectuais, dentro e de fora do campo da comunicação.

Toda reflexão sobre a Televisão e a comunicação de massa, também se reflete no telejornalismo. Bourdieu (1997) analisa os telejornais como convenientes a todos, pois confirma o que é que já é conhecido e deixa intactas as estruturas mentais. Sua maior crítica é em relação à imposição de visões de mundo e enunciação de vereditos pelo jornalismo televisivo, que vem impregnadas pela pressão do campo econômico e da busca por altos índices de audiência.

Nossos apresentadores de jornais televisivos, nossos animadores de debate, nossos comentaristas esportivos tornaram-se pequenos diretores de consciência que se fazem, sem ter de forçar muito, os porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno-burguesa, que dizem "o que se deve pensar" sobre o que chamam de "os problemas da sociedade", as agressões nos subúrbios ou a violência na escola. A

mesma coisa é verdade no domínio da arte e da literatura: os mais conhecidos programas ditos literários servem – e de maneira cada vez mais servil – aos valores estabelecidos, ao conformismo, ao academicismo, ou aos valores do mercado (Bourdieu, 1997 p.65).

Neste contexto, o telejornalismo acaba operando fortemente na realidade social e nas produções simbólicas, sendo que, muitas vezes, para chegar ao debate público os discursos e ações tem que submeter-se e passar pelo crivo de uma censura velada, exercida pelo campo jornalístico, sem que, muitas vezes, os próprios profissionais da área se apercebam disso.

2.2.1 Entre a pauta, o texto e a edição

Na busca por entender a construção da linguagem e do texto das matérias tejournalísticas, antes é preciso compreender o sistema de produção no qual estão inseridas.

Para que uma pauta venha a ser realizada, o primeiro passo é a chegada da informação até a redação, que pode ocorrer através de releases; contato direto por e-mail ou telefone de cidadãos, fazendo a sugestão do tema; pesquisa dos produtores em variados meios de comunicação, entre outros.

A informação inicial é recebida pelos produtores e em uma reunião de pauta – com a presença apenas dos produtores e chefias de reportagem - são selecionadas as mais interessantes para o jornal, ou aquelas que serão executadas. Na construção da pauta, os produtores entram em contato com pessoas ligadas ao tema, por exemplo, tratando-se de um evento de arte como uma exposição, ele busca informações junto aos assessores, aos artistas, ou aos curadores.

A pauta traz horário, local, contatos dos entrevistados, sugestão de entrevistas, perguntas e imagens, mas, principalmente, as informações sobre o tema explicando do que se trata, fazendo contextualizações, dando o significado de termos técnicos, mostrando os personagens envolvidos e o perfil de entrevistados. Outro ponto fundamental na pauta é o encaminhamento, nele

são feitas as orientações, pré-definidas na reunião de pauta, de como o repórter deve conduzir, encaminhar o tema e, muitas vezes, o que deve ou não ser destacado.

Na redação, os repórteres são escalados por turnos, geralmente divididos em equipe de externa da manhã, tarde ou noite. Não há uma segmentação por afinidade ou interesse do profissional em relação à determinado tema. O repórter deve cumprir a pauta de seu horário, seja ela sobre economia, política, religião, polícia, comportamento ou arte. Dependendo da emissora, ele cumprirá de duas a três pautas em seu turno e elas podem trazer (normalmente trazem) temas distintos.

A equipe de externa (repórter, cinegrafista e auxiliar) sai para a realização das pautas. O tempo é curto para a demanda diária. Nas locações precisam realizar as sonoras¹², fazer imagens e levantar informações para a construção do texto em *OFF*¹³ e para a gravação da passagem¹⁴. Outra situação comum é encontrar na locação informações que divergem das apontadas na pauta, é quando o repórter deve buscar um novo encaminhamento para a matéria e entrar em contato com a redação para receber o aval da chefia e continuar o trabalho. Dificilmente as pautas são derrubadas, pois é necessário uma quantidade mínima de *VTs*¹⁵ diários para que o jornal preencha e cumpra seu tempo no ar.

De volta a redação, o repórter – que muitas vezes já traz o texto pronto da rua, escrevendo no local da entrevista, ou mesmo no carro - deve passar o texto com um editor, que vai fazer a revisão do mesmo e apontar, se necessário, possíveis modificações. O repórter então pode gravar o *OFF*.

Fita e *OFF* entregues à edição, é hora de montar a matéria. Na edição são definidos as imagens e os trechos de sonora que serão utilizados

¹² Entrevista gravada que terá trecho selecionado na edição.

¹³ Texto que o locutor apenas narra, sem aparecer (On) no vídeo.

¹⁴ Momento que o repórter aparece ON na matéria dando mais informações sobre o assunto abordado.

¹⁵ Fita com matéria editada, pronta para ir ao ar, também faz referência a matéria editada.

na matéria. O editor também escreve a cabeça que será lida pelo apresentador para a chamada do VT.

Pode ser observado que todos os profissionais envolvidos não têm nenhum tipo de especialização ou comprometimento com determinado tema e que o trabalho é voltado para a notícia e qualquer tipo de informação que, segundo a linha editorial do jornal, tenha sido considerada de interesse público. Sem conhecimento aprofundado, ou mesmo de base, sobre o que é abordado, ficam mantidos padrões jornalísticos como objetividade e imparcialidade, verdade, precisão, confidencialidade e outros valores ligados à ética, para a correta abordagem da informação.

Outro ponto a ser destacado é que a demanda de trabalho é grande em todas as fases de construção da matéria telejornalística,

São estes fatores que levam à crítica sobre o comprometimento do jornalista com a informação e com a sociedade, como colocado no primeiro capítulo desta dissertação. Castro (2006) faz uma crítica ao volume de trabalho e a falta de discussão e envolvimento de todos os profissionais antes da execução das pautas. Para ele, a determinação de uma pauta preestabelecida ao repórter prejudica uma reflexão ampla sobre o tema. Na sequência os textos são cortados e avaliados por editores que seguem a linha editorial e os manuais de redação de interesse do jornal. Tudo isso afastaria o jornalista do exercício de sua crítica e levaria a perda do controle sobre sua produção. O profissional trabalharia para atender aos veículos, sem autonomia.

2.2.2 Texto e Imagem: a matéria telejornalística

Falar com todos e ser compreendido. Para atender a este objetivo de comunicação do veículo televisivo, o jornalismo desenvolveu algumas técnicas para a construção das matérias exibidas nesta mídia.

Na TV, antes de tudo, o texto tem uma relação com a imagem. A imagem mostra. A palavra esclarece. Em Paternostro (2006), a televisão se

impõe pela informação visual, mas prende o telespectador pela informação sonora. Para escrever para jornais de TV aberta devemos, segundo Paternostro (2006) destacar algumas características deste meio:

- Informação visual: a imagem transcende idiomas, pois é um signo acessível ao homem;

- Imediatismo: informação atualizada e, às vezes, veiculada no mesmo momento em que o fato ocorre;

- Instantaneidade: informação recebida no mesmo momento em que é emitida;

- Alcance: grande cobertura, atingindo os mais variados públicos;

- Envolvimento: transporta o telespectador para dentro de suas histórias. Tem o poder de aproximá-lo;

- Superficialidade: a TV tem um timing, um ritmo, que acaba tornando-a superficial;

- Audiência: trabalha para manter altos índices de audiência, interesse comercial.

Considerando estes aspectos intrínsecos à televisão é necessário pensar as matérias para os olhos e ouvidos.

O texto de matérias jornalísticas é um texto para ser lido e deve ser simples, direto, evitar frases intercaladas para que o telespectador possa entender a mensagem já na primeira vez que é dita, afinal, diferente do jornalismo impresso, não terá a oportunidade de voltar atrás para compreender o que foi dito. A sonoridade é um outro aspecto importante, o texto para TV deve evitar rimas e cacófat¹⁶. Frases curtas auxiliam na compreensão da

¹⁶ De cacofonia: vício de linguagem onde o encontro de duas palavras emitidas sem pausa faz surgir uma terceira, com sentido inconveniente; ou ainda produzindo som desagradável. (BARBOSA, 2002)

informação, já que as frases longas dificultam a locução e também a atenção de quem assiste.

Para que a mensagem textual seja assimilada pela massa, opta-se por textos coloquiais, explora-se a linguagem cotidiana, o *OFF* deve transcorrer como uma conversa, onde o locutor conta uma história ao telespectador. Ser coloquial não quer dizer que desrespeite às normas gramaticais, pelo contrário. Também no texto televisivo, expressões e tempos verbais devem ser simplificados (por exemplo, ao invés de “esteve fazendo”, usa-se “fez”). Tem que ser conciso, sintético, falar o que deve ser dito em poucas palavras e evitar ambiguidades e redundâncias. Chavões, gírias devem ser usados em momentos pontuais e com um objetivo pensado, caso contrário, podem resultar pobreza de vocabulário. Ao construir a matéria telejornalística, o repórter deve manter um raciocínio claro e coerente, contar uma história com começo, meio e fim.

A linguagem universal da imagem constrói a mensagem da matéria junto com o texto, dependendo de sua intensidade, pode até sobrepor a palavra e marcar a mente do público, emocionar. Mas, de maneira geral, imagem e texto devem se complementar: a palavra deve dar apoio à imagem sem que haja uma competição entre ambas. Assim também, o texto não deve servir para descrever a imagem, ele deve explorar elementos fundamentais da notícia e responder a questões básicas do jornalismo (Quem? O quê? Quando? Por quê? Onde? Como?). O ideal seria que o repórter revisasse as imagens do cinegrafista antes de compor o texto, algo improvável para a rotina de trabalho dentro das emissoras.

2.3 Arte, a linguagem polissêmica

Qual o significado de uma obra de arte? Muitos. A interpretação de uma obra é múltipla, depende do ponto de vista sob qual é analisada, de quem a significa, do contexto em que ocorre a significação, entre outros fatores.

A obra de arte é uma mensagem, onde o artista se comunica com o mundo. Ela pode utilizar os mais variados signos, seja sonoro (música), visual (artes plásticas) ou linguístico (literatura), ou ainda um pouco de todos (teatro, dança). O certo é que estes signos se transformam em plurissignos, ou seja, em símbolos e estes exigem uma capacidade de abstração e imaginação humana para decodificação da mensagem artística. É uma realidade perceptível pelos sentidos e mediante a qual expressamos outra realidade.

Para interagir com a mensagem artística é necessário o contato com sua representação material, concreta. Em BONNEMASOU (2002), a forma, o tipo de pincelada, a repetição de elementos, o ritmo, a aliteração e tantos outros recursos são capazes de prender a atenção humana em busca de compreender os sentidos da obra artística, ausentes ou metafóricos, ao invés de deter-se apenas ao sentido literal da obra.

Avaliando este contexto pelas funções de linguagem, em arte, haveria então uma ruptura entre a função referencial e a poética, já que o valor da arte está no signo e não no objeto. Diferentemente da referencial, é a função linguagem poética que se fundamenta no signo, o objeto não possui grande relevância.

Eis que para desenvolver a sensação da vida, para sentir os objetos, para experimentar que a pedra é de pedra, existe o que se chama arte. A finalidade da arte é dar uma sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento de singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, a aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o tornar-se do objeto, o que já se “ tornou” não importa para a arte (Chklovski Apud BENNEMASOU, 2002, p.2).

Nesta linguagem poética, voltada para o signo, a expressão literal ganha sentido metafórico, levando a polissemia na linguagem. Neste momento, separa-se essencialmente a linguagem da arte e a linguagem do sentido monossêmico, buscada nas matérias jornalísticas televisivas, como mostrado anteriormente, que visam uniformizar as informações para que atinjam os mais variados públicos objetivamente.

É esta vasta possibilidade de significações que leva à interpretações particulares da obra. Pessoas compreendendo e enxergando a obra de formas distintas.

Quanto maior a capacidade de interpretação, associação e de correlação simbólica por parte do receptor, mais ricas são as significações e conotações da linguagem artística. O processo de interpretação desta linguagem se desenvolve em cadeia, quanto maior a vivência da arte, maiores as possibilidades de compreendê-la, mais intimidade se cria com o campo. A sensibilidade artística é desenvolvida no contato, na educação, no conhecimento das correntes estéticas e história da arte.

As avaliações e interpretações também refletem os gostos e cultura da sociedade em que se está inserido. Mas, a obra de arte está sempre aberta à diversas leituras que, embora diferentes, não se anulam, podendo ser feita por pessoas distintas, ou até pela mesma pessoa que pode mudar sua interpretação em relação ao objeto estético, vê-lo sob uma nova perspectiva.

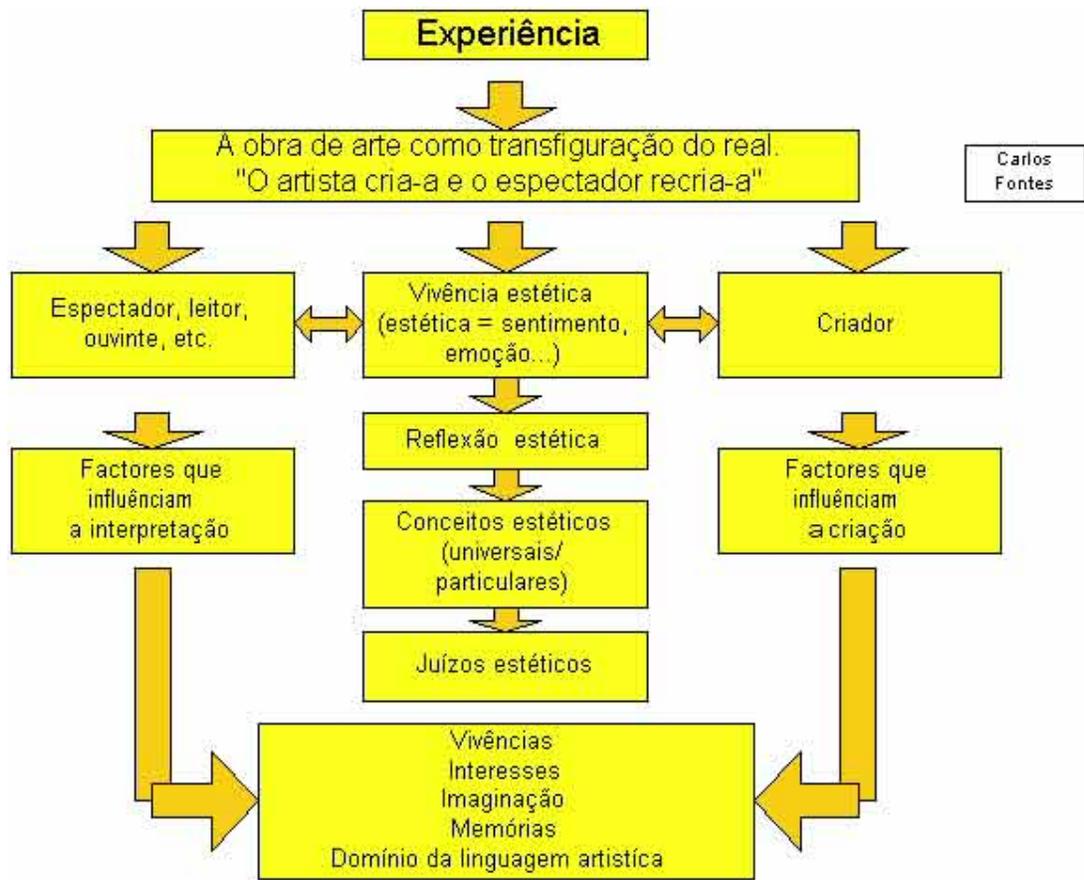
Para abarcar sua riqueza significativa, a leitura da obra deve, então, estar pautada em aspectos forma e conteúdo, abrangendo a dimensão técnico-formal, a simbólica e ainda contextual, esta última é referente aos elementos exteriores à obra como, por exemplo:

- História da obra; contextualização, correlação com escolas, história da arte, pensamentos, sociedade;

- História do artista, biografia, seu percurso na arte;

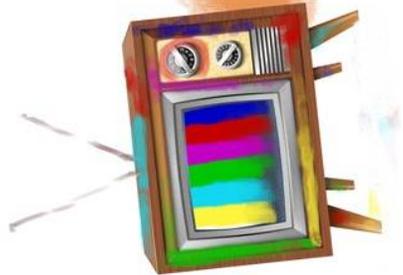
- O olhar do artista sobre sua obra

Para esclarecer o processo de transmissão da mensagem artística FONTES (1998) desenvolveu um diagrama para representar a experiência do contato com a arte, podendo ser observada individual ou coletivamente:



O diagrama sintetiza a pluralidade de aspectos que envolvem a transmissão e a compreensão da linguagem artística. Sendo esta capaz de contribuir com a geração de conhecimentos, proporcionar experiências sensíveis e revelar novas perspectivas. Resta o homem e a sociedade exercer “a capacidade contemplativa, isto é, abrir as janelas do espírito e ver o que está diante dos olhos”. (SANTAELLA, Apud Peirce, p.44).

CAPÍTULO 3



3. CRÍTICA DE ARTE E JORNALISMO CULTURAL

Neste capítulo, serão levantadas teorias dentro da Crítica da Arte e do Jornalismo Cultural em busca dos principais conceitos para interpretação de uma obra de arte. A partir de uma convergência entre estas duas áreas, a ideia é chegar aos pilares básicos para se entender ou falar de uma obra de arte, conceitos que possam e devam ser aplicados na abordagem de conteúdos sobre arte pelo jornalismo televisivo.

3.1 O Jornalismo Cultural

O jornalismo segmentado em áreas de atuação. Reflexo mercadológico capitalista com especificação da mão de obra? Necessidade de aprofundar conhecimentos? Muitas podem ser as respostas ou tentativas de interpretar esta realidade. O certo é que ainda hoje a prática de dividir os jornalistas em setores como polícia, economia, esporte e tantos outros, continua, principalmente em veículos impressos.

O jornalismo cultural é um dos segmentos. Ele dialoga diretamente com as artes e nasce junto com ensaios e críticas sobre seus temas e obras. No Brasil suas primeiras manifestações estão relacionadas à literatura.

Mundialmente, coloca-se como um marco do jornalismo cultural a criação da revista diária *The Spectator*, em 1711, em Londres. O veículo abordava temáticas como ópera, literatura, música, teatro, política e costumes.

A revista falava de tudo... Podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas da moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce. Podia citar Xenofonte para satirizar a falta de modéstia dos ingleses e Dom Quixote para atacar a mania de ridicularizar o outro por meio de risadas...A *The Spectator* se dirigia ao homem da cidade, “moderno”, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e para a mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política. Sua ideia é de que o conhecimento era divertido, não mais a atividade sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam (PIZA, 2003, p.12).

A revista *The Spectator* é um dos marcos do surgimento do jornalismo cultural- que já neste primeiro momento é multiplicado pela imprensa com o surgimento de vários impressos dedicados a temas culturais – que no início do século XVIII passa por um período de grande valorização na Europa, sendo tão influente quanto a política, a ciência ou a educação.

No Brasil, o jornalismo nasce tardiamente, no início do século XIX, assim também o Jornalismo Cultural, ganhando força só no final deste mesmo

século. Nestes 100 primeiros anos de história no país, a atividade nunca se distanciou da literatura, identificando-se fortemente com esta expressão cultural brasileira.

Nas primeiras décadas o jornalismo é extremamente politizado e nas seguintes sofre um processo contrário, tornando-se empresarial, mercadológico, uma opção de ganhar dinheiro. A busca pelo lucro é um novo objetivo. Assim, os intelectuais e escritores também têm que se adaptar. Agora, suas opiniões estavam abaixo das do empregador. Os escritores tinham na imprensa uma opção profissional que lhes garantiria renda e visibilidade para a vida artística (ZILBERMAN, 2001).

É neste período que grandes escritores trabalham para jornais impressos, como críticos, ensaístas e cronistas. Nomes como: Olavo Bilac, Cruz e Sousa, Lobo da Costa, Lima Barreto Machado de Assis e José Veríssimo.

Machado, por exemplo, escrevia ensaios semanais, foi polemista de teatro, crítico literário e resenhava romances de Eça de Queiroz. Já Veríssimo, atuou como ensaísta, crítico e historiador da literatura.

A importância destes nomes para o fortalecimento do Jornalismo Cultural no país é indiscutível, mas a relação entre imprensa e cultura mostra também a falta de valorização da literatura, não sendo valorizada enquanto profissão, nem tendo remuneração capaz de levar o escritores a sobreviver só de suas produções literárias.

O jornalismo cultural amadurece tardiamente no Brasil, mas no início do século XX segue história similar a de outros países. Os jornais e revistas passam, neste período, a dar mais espaço para a crítica e para a informação, sendo assim, as obras eram analisadas em seus lançamentos, assim como abordava-se também a cena literária e cultural.

No final do século XX o jornalismo cultural brasileiro passa a ser influenciado pelo formato adotado em outros segmentos (como política, economia, esporte, etc.), deixando de lado o peso dado à interpretação e opinião nos cadernos dedicados à cultura. Debate, análise e crítica se enfraquecem não só nos veículos (emissor) como no público (receptor), já que o jornalismo, de maneira geral, já não tem como uma de suas metas provocar novas perspectivas no leitor.

Neste cenário, os textos se encurtam e muitas vezes se tornam limitados, beirando o fútil e o leviano. As matérias exaltam grifes e celebridades, além de dar visibilidade acrítica aos grandes lançamentos da indústria do entretenimento, reproduzindo quase na íntegra os press-releases¹⁷. As poucas páginas dedicadas à temas como artes, espetáculos e crítica, divide espaço com entrevistas e matérias sobre a vida dos artistas, moda, gastronomia, em busca de uma leveza de informações atraente ao leitor – ou pelo menos que o marketing das empresas assim julgue- pouco se aprofunda sobre às temáticas abordadas pelo jornalismo cultural. Esta observação não se trata de um preconceito com os mais variados temas, eles podem e devem ter espaço, o que se questiona é o tom de frivolidade com que são emitidos.

O fato que se constata, em todas as editorias e cadernos ditos culturais em particular, é o aumento da arrogância opinativa e baixa densidade de autores criativos, sutis, aptos a lidar com o conflito das verdades, com a curiosidade aberta para a diferença ou com a percepção não engessada pelas hierarquias de valores. Seja na interpretação dos acontecimentos, seja no ensaio prospectivo ou na retrospectiva crítica, os jornalistas assinam com muita afoiteza textos que, submetidos a parâmetros contemporâneos da produção simbólica, têm mais rasuras do que as velhas e preciosas matérias do anonimato antigo. O Jornalismo Cultural que guarda a aura do mundo intelectual, não escapa desse reducionismo e, seguidamente, comete crimes contra a produção artística, sobretudo a local, nacional e regional (MEDINA, 2001, pgs.38 e 39).

Para ampliar os horizontes desta área, também é necessário refletir sobre expressão que a denomina “jornalismo cultural”. Hoje se abrem novos leques de compreensão e abordagem para esta a partir das noções de cultura. É preciso entender o conceito de “cultura”, e assim, o que pode ser considerado informação para este.

Voltando-se aos conceitos, a origem da palavra Cultura vem do latim *colere*, que quer dizer cultivar, e remete às práticas agrícolas das primeiras civilizações. O sentido de Cultura como comportamento, refinamento pessoal, foi introduzido por pensadores romanos. A Cultura só passou a ser estudada sistematicamente e se tornou uma preocupação da sociedade como

¹⁷ Texto informativo distribuído à imprensa para a divulgação de notícias sobre um cliente (produto, serviço, ação, etc.). É escrito por profissionais da assessoria de imprensa, normalmente jornalistas.

um todo a partir do final do século XVIII. Foi nesse período que a Europa experimentou uma fase de crescimento econômico acelerado e a necessidade de novos mercados consumidores levou ao contato com outras culturas.

PINTO (1999, p.48) cita o conceito de LOTMAN (1979, p.31), onde este afirma que a cultura é um conjunto de informações não-hereditárias que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam conservam e transmitem.

Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes (SANTOS, 1983). A diferença entre as culturas, subentende diferentes critérios de avaliação entre elas. Dessa forma, a tentativa de se criar uma ordem hierárquica poderia subjugar uma cultura em relação à outra.

Por vezes, o conceito de Cultura se confunde ao de civilização. Porém, Cultura se refere não só à sociedade como um todo, mas também a grupos que fazem parte dela. (Por exemplo, podemos falar em *Cultura Brasileira*, e dentro desta cultura existe a *Cultura nordestina*, *cultura capixaba* e assim por diante). A Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade, que diz respeito a todos os aspectos da vida social. (SANTOS, 1983, pág. 44). Essas culturas não estão isoladas, mas encontram-se em constante interação, o que muitas vezes ocasiona conflitos, preconceitos.

Em Pinto (1999, p.52), a cultura se constitui como um meio de o indivíduo se comunicar com a sociedade em que vive, acessar o mundo exterior. É um processo onde o homem vivencia e acumula experiências, sendo capaz de se expressar pelas formas, símbolos e sistemas de representação, baseados nos valores particulares de seu meio social. Se por um lado ela se apresenta através da materialização em instrumentos, produtos manufaturados, objetos de uso corrente, por outro, está repleta de ideias abstratas, concepções da realidade, conhecimento de fenômenos e criações de uma imaginação artística.

Nessa proposta de divisão da cultura as duas partes não estão isoladas e acabam por se correlacionar pela técnica, gerando a socialização do indivíduo. Pois, na busca pela preparação intencional de um instrumento e a codificação eficiente de seu uso surge a necessidade da ação coletiva para a realização de seu ser, levando à etapa social da produção da cultura, e quanto mais conhecimentos surgirem, mais ela se diversificará.

Santos afirma que são muitos os entendimentos sobre Cultura e cita alguns deles:

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma (SANTOS, 1983, p. 22).

A cultura pode, então, ser conceituada de duas formas, como tudo aquilo que representa a existência de determinado grupo e os costumes, crenças e conhecimento dentro dessa existência social. Embora sejam diferentes, as duas concepções não são opostas. Contrapô-las poderia levar ao equívoco de pensar a cultura como algo como algo imutável, estagnado, o que se opõe ao dinamismo das culturas humanas.

O que se conclui é que muito além das artes plásticas, da literatura, da música – já consolidados como pautas do jornalismo cultural- muitos outros temas podem ser abordados sob a perspectiva da cultura, pode-se por exemplo falar de futebol sob o aspecto cultural, também dos comportamentos e de costumes sob esta ótica, abrindo-se uma gama de possibilidades de matérias de cultura.

Cinema, música, moda, exposições... temas atraentes. Os assuntos tratados na seção cultural podem ser convidativos e seduzir o público, podem direcioná-lo à opções sobre coisas boas para se fazer ou vivenciar, como ver um filme, ler um livro, conhecer a obra de um artistas. E vai além: são estas informações, passadas com conteúdo, que podem criar novas perspectivas e reflexões na sociedade. É preciso respeitar as peculiaridades

deste tipo de jornalismo e seu papel tão específico dentro dos meios de comunicação. Apesar desta pesquisa se dedicar a compreensão de matérias sobre arte, que estão também ligadas ao jornalismo cultural, não havia a possibilidade de renegar a importância do debate sobre a ampliação dos horizontes para esta área e a consideração de novos temas como pauta relevantes a ela.

3.1.1 Fundamentos para abordagem das informações

Uma explosão de informações sem precedentes. Internet, televisão, jornais, revistas, outdoors, panfletos. Notícias, fatos, acontecimentos...

Densas também são as ofertas culturais aos cidadãos. Como selecionar o que é realmente indispensável? Para quem leva uma rotina diária de trabalho, família e afazeres do dia-a-dia moderno fica difícil ouvir tudo, ler tudo, ver tudo. Difícil não, impossível. Assim, o Jornalismo Cultural com seus profissionais, que trabalham para isso, podem auxiliar no filtro das informações mais relevantes.

O recorte aqui deve ir além da famosa agenda de eventos culturais e lançar mão de olhares a respeito das tendências atuais, fazer referências e correlações em relação ao presente e ao passado, seus ganhos e perdas. Ir além da obra, é necessário conhecer os autores e sua importância para o campo ao qual pertencem.

É considerada uma perda para o jornalismo a submissão ao cronograma de eventos culturais. A notícia, quase sempre, só acontece em lançamentos de filmes, livros, exposições. E o depois? Não se deve negligenciar os efeitos da obra. Qual foi sua verdadeira importância para a sociedade? Esta também deve ser uma informação repensada e repassada ao público. Mais que a notícia¹⁸, às vezes repassada quase como nos releases, é preciso pensar em reportagens¹⁹ e analisar contextos.

¹⁸ Fato ou tema novo e relevante para a sociedade

¹⁹ Aprofundamento de informações sobre determinado tema, com levantamento de conteúdo, entrevistas e busca de várias versões sobre o mesmo.

O jornalismo que faz parte desta história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política. Por outro lado, como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre tudo os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para a sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe (PIZA, 2003, p. 45).

O Jornalismo Cultural deve ser aberto e buscar a democratização das informações, sem menosprezar os possíveis temas a serem abordados. A cultura não é algo elitizado, não sob esta ótica banal de que conhecimento é para “eleitos” ou “privilegiados”. Elite para este deve ser o que há de maior qualidade em relação ao que é produzido, não interessam origens e classes sociais. Seja música pop, erudita, ou mesmo um filme hollywoodiano, é preciso olhar a pauta sem preconceitos e a abordá-la sem simplismo, maniqueísmo ou achismos – dentro deste último aspecto temos o juízo de gosto, característica tão inadmissível quanto a interpretação pessoal da obra, sem fundamentação; ou ainda confundir afinidades pessoais com avaliações estéticas.

Temas eruditos podem ser tratados com leveza, assim como o entretenimento pode ir além do superficial. Para Piza (2011), ao longo da história, a cultura sempre demonstrou aspectos de entretenimento, isso mesmo, este gênero tão questionado se mostra bem próximo das representações culturais em vários momentos. Gregos acompanhavam teatro na era clássica, assim como a população brasileira acompanha, hoje, as novelas televisivas. Mozart e Beethoven lotavam óperas e eram famosos a ponto de dar autógrafos nas ruas. Dickens e Balzac eram lidos tanto por intelectuais, quanto pela classe média. Vários exemplos demonstram que não há porque desvincular esta característica de entretenimento do cultural. Não é papel do Jornalismo Cultural tentar romper a ligação entre ambos, mas sim o de identificar em obras e ideias o que vai transcender aos modismos e marcar, se tornar uma referência para gerações.

Vale também ressaltar que no cenário de produções culturais, muito voltado para a indústria do entretenimento, o jornalismo cultural não deve se resumir a serviços. Ora, a matéria não deve existir só para anunciar um espetáculo. Literatura, dança, música, exposições, artes em geral, esses temas

tão abrangentes e que por si só abrem outros universos de informações, não devem se resumir à agendas. Infelizmente, o cenário atual do jornalismo segue este modelo. A realidade é que uma matéria jornalística deve ser também encarada como um produto cultural que pode estimular o contato direto do público com os temas abordados e não apenas com os espetáculos.

Em sua construção, o jornalismo cultural tem que seguir as velhas regras de um bom texto jornalístico, buscando clareza, coerência e agilidade. Também deve informar o leitor sobre as características gerais da obra, sua estrutura, sua linguagem, apontar sua história, falar de seu autor e da importância do mesmo, assim como os temas e percepções com que trabalha. E, principalmente, tem que ser um texto que demonstre criatividade e preparo intelectual para ir além do objeto analisado, usando-o para refletir sobre um aspecto da realidade.

A objetividade jornalística não exclui boas metáforas, riqueza verbal e humor. Além dos padrões, o texto deve ser atraente, evitar adjetivações, hierarquizar informações, ser cauteloso na utilização de advérbios, evitar chavões, termos pomposos e clichês, e traduzir jargões e termos específicos da área ou tema abordados.

Por fim, deve combinar ainda atributos como sinceridade e foco e ser uma peça cultural, trazer novidade e reflexão para o receptor, ser prazeroso por sua beleza, sagacidade ou argúcia.

Há ainda um tipo de reportagem cultural, ainda mais interpretativo, que não é fácil fazer e que tem escasseado na imprensa. É a reportagem que trata de uma “tendência” ou de uma questão em debate no meio cultural. É o caso quando o jornalista tem, por exemplo, de tratar da polêmica que envolve um best-seller, o qual está dividindo opiniões e precisa contar o motivo dessa polêmica e relatar as diversas opiniões sobre o autor. Ou quando tem de mostrar determinado comportamento cultural em alta – digamos, a moda das “raves”, que misturam música eletrônica e drogas como Ecstasy – e, sem preconceito, mas com senso crítico, ouvir as diversas opiniões sobre o assunto. Ou quando tem de tentar responder a uma pergunta como “Por que as biografias estão na moda?” sem fazer sua resposta em forma de um artigo de opinião, mas com apuração sobre números e histórias, com comentários de especialistas, etc. Esse jornalismo ainda é pouco praticado, e o que tende a ser feito é apenas a exaltação de uma nova moda, a qual em geral não passa de um modismo, com duração de alguns meses e desprezível herança cultural (PIZA, 2003, p. 83).

Questionam-se as abordagens atuais do Jornalismo Cultural, para que este seja realizado com qualidade, sendo capaz de convidar e provocar o leitor a conhecer o novo, instigar através de novos pontos de vista. Mas tem uma outra importante questão a ser transposta: o alcance do jornalismo cultural à outros meios de comunicação, não só os impressos. Uma das principais mídias que poderia reforçar as temáticas culturais, principalmente por seu poder de visibilidade, é a televisiva.

Com raras exceções em emissoras de Tvs públicas e em canais de TV à cabo, os telejornais só abordam matérias culturais na morte de celebridades, grandes lançamentos ou em pautas recomendadas. As matérias são vistas como ideais para encerrar os telejornais, pela superficialidade e tom direcionado apenas ao entretenimento. Nem mesmo os grandes programas de reportagem, que abordam os mais variados temas, como saúde, natureza, crime, costumam abrir espaço para as temáticas culturais e artísticas.

Repensar a importância das informações sobre cultura - em um país onde o orçamento para cultura não chega a 1%²⁰, o mínimo recomendado pela Unesco²¹ - é reforçar as estruturas ligadas à cultura em todos os níveis, sejam eles nacionais, ou locais, dando visibilidade também aos autores e suas obras e instigando os receptores a um contato com as mesmas, contribuindo com a formação de público.

3.2 A Crítica de Arte

A arte está ligada à história da humanidade, aos seu simbolismos, a heranças culturais de grupos e ao desenvolvimento também do indivíduo. É essa grandeza que faz a expressão artística não poder ser relegada a uma minoria de artistas e intelectuais.

Consideradas patrimônio cultural, as obras sempre receberam juízos de valor e a busca de várias sociedades por sua conservação e transmissão para futuras gerações. Um processo que vem desde a antiguidade, acompanhado por uma literatura vasta, em estilo cronístico, memorialista, teórico, histórico, biográfico, erudito, interpretativo, entre outros. (ARGAN, 2010)

²⁰ Dados de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

²¹ Organização das Nações Unidas para a Educação.

Mas, é só no século XVIII, a partir do Iluminismo, que a crítica de arte enquanto ganha forma de disciplina, apresentando-se em diversos níveis, como o filosófico, o informativo e o jornalístico.

Na segunda metade do século XIX, o peso cultural da crítica é reforçado. Esta se torna necessária para a compreensão das obras, auxiliando na contextualização de fatos e movimentos artísticos, revelando comunicabilidades não imediatas das obras de arte e sentidos mais profundos, só observados por olhares treinados e com conhecimento suficiente para percebê-los. A crítica seria a ponte mediadora entre artistas e suas obras e o público. Mediação importante para tornar a arte acessível a toda sociedade, já que grande parte da população ainda está distante do consumo de bens culturais, especialmente os artísticos. ARGAN (2010) afirma que dessa forma a crítica ofereceria uma interpretação justa ou até mesmo científica das obras de arte, válida para todos, sem distinções de classe.

A maior necessidade da crítica vem junto com a crise da arte contemporânea e de sua dificuldade de integração ao atual sistema cultural. Ao contrário do que acontecia no passado, ela não está mais ligada funcionalmente às atividades sociais, o que gera o distanciamento social.

Embora no passado a arte tenha sido modelo da produção econômica e as suas técnicas tenham pertencido ao sistema tecnológico do artesanato – a ponto de relação arte-sociedade acontecer no circuito normal da produção e do consumo -, tal relação deixou de existir com a revolução industrial, com a instauração de uma tecnologia estruturalmente diferente, com a nova organização econômica e social, com a mutação radical da morfologia dos objetos e do próprio ambiente material da existência. Surge assim o problema da relação entre a arte, como atividade em que a função estética é dominante, e as outras atividades normais da sociedade, quer sejam estéticas (mas não artísticas), ou não-estéticas (ARGAN, 2010, p.129).

Na cultura moderna continuam os estudos especializados sobre arte. Ao longo de seu desenvolvimento, a crítica criou metodologias próprias para a avaliação e interpretação das obras artísticas e também terminologias e uma linguagem especial.

Na contemporaneidade, a crítica consiste substancialmente em revelar que o que é feito como arte é verdadeiramente arte, logo, está associado a outras atividades, até mesmo as não-artísticas e não-estéticas,

que fazem parte de um sistema cultural maior. Por conta disso, o vocabulário da crítica vai além de termos técnicos e científicos, adentrando nos literários, sociológicos, ou mesmo políticos.

Considerando também a problematização da arte e da cultura como aspectos da sociedade e de suas ideologias, a crítica vem para tornar experiências sensíveis em contribuições para a formação do cidadão (BUENO, 2007). A estrutura da obra é capaz de levar prazer ao atravessar a retina do receptor e seus temas, esmiuçados, podem provocar reflexões sobre os mais variados temas e sobre a realidade em que foi produzida ou em que está inserida em determinado momento.

A crítica dialoga com a historiografia da arte. No final do século XIX e início do XX, com os vastos estudos sobre temáticas artísticas, delinearam-se duas tendências, uma com essência historicista, atendo-se em levantamento de dados sobre aspectos históricos e reconstituindo personalidades históricas; o outro buscava fundamento científico tratando a obra como fenômeno e documento visual.

A história da arte se constrói na busca por explicar o fenômeno artístico em sua globalidade, admitindo uma relação entre a existência de todos os fenômenos artísticos, em qualquer momento e lugar em que foram criados.

A crítica vai além do senso comum de juízo de valor sobre a obra de arte, mas este é um aspecto importante para o fazer da historiografia. Ora, a história precisa conhecer a natureza da obra e sua experiência concreta para saber seu peso histórico, se é uma criação artística ou apenas um fato racional, moral, econômico ou religioso; estas referências podem ser encontradas nas críticas. (VENTURI, 2007)

Com o desenvolvimento de conceitos, conclui-se que não se faz história sem crítica e que os julgamentos críticos não são capazes de avaliar a qualidade artística de uma obra se, por sua vez, não a localizarem no tempo e espaço em que foi produzida, levando também em consideração o conjunto de relações históricas em que a produção esteja inserida e, por fim, no contexto geral da história da arte ao longo dos séculos. “Um crítico que julga uma obra de arte sem fazer a sua história, julga sem compreender” (VENTURI, 2007, pg.27)

A história da arte transcende os tempos e é capaz de provocar as mais variadas reflexões dependendo da circunstância em que é analisada. ARGAN (1992) ressalta que a obra nasceu para durar no tempo, não vale apenas pelo que significou na situação do momento, mas pelo que significou depois, significa para nós, significará para quem vier depois de nós. Para ele, “cada época deve definir o que significam as obras de arte do passado no âmbito de sua própria cultura e que problemas representam no quadro dos seus próprios problemas”. Daí a importância das relações e contextualizações levantadas pela crítica de arte.

A crítica constrói a ponte entre a arte e sociedade partindo da esfera artística para a social. É como um tentáculo tentando agarrar-se à sociedade.

3.2.1 Fundamentos da crítica de arte

A crítica de arte trabalha com o aprofundamento de conceitos e reflexões sobre determinada obra. Porém, antes de tudo, se faz necessário que esta seja reconhecida como arte. Dentro da poética e da conceituação do que é arte, um objeto pode ser arte e não arte, o que vai qualifica-lo é a intencionalidade ou a atitude da consciência do artista que a produziu, ou até do espectador. Ela se faz no presente absoluto da consciência que a percebe e, se de alta qualidade, transcende a história e cria novas percepções a cada novo olhar lançado sob a mesma. É um fenômeno artificial, produzido pelas mãos do homem.

Ao longo da história, muitas formas de fazer crítica a respeito das obras foram apresentadas. Entre estas temos como exemplo a “crítica da forma”, que visa pesquisar diretamente a obra, analisando-a em seu contexto técnico e estilístico. Há então uma separação entre os elementos estruturais da obra de seu conteúdo ou significado do que é representado.

Já “crítica da imagem” está embasada em fatores visuais, também prescindindo dos conteúdos ou temas. A imagem é vista como um todo, acreditando-se que exprime um significado particular no tempo e no lugar de sua concepção e que depois de criadas atraem outras ideias para sua própria esfera, mesmo após séculos.

A “crítica das motivações” segue uma linha sociológica, estudando relações entre as atividades artísticas e a esfera social. A obra é explicada como produto de uma sociedade e de uma cultura. Ela interpreta que a tarefa do artista é representar elementos do sistema em que está inserido e não a de intervir e agir no decurso das situações.

O último exemplo é a “crítica dos signos”, que centra-se no que considera o fator comum que pode ser isolado em todas as obras, o signo. Suas metodologias para a compreensão do signo como princípio estrutural da obra não se deduz de uma filosofia da arte ou de uma estética, mas sim da linguística, firma-se na semiologia. A crítica não parte de um conceito de arte, mas das especificidades das várias artes, entendidas como campos semânticos.

Combinando as diversas perspectivas e considerando que crítica avalie não só a forma ou estrutura, mas também o conteúdo e que consiga contextualizar a obra em um sistema social e cultura, chegamos a uma análise mais completa da produção. Outro aspecto importante para se refletir é o juízo de valor.

O juízo, seja ele estético ou moral, é sempre um juízo histórico. Em todas as épocas existiu o juízo de valor sobre as obras, sendo implícito ou explícito, mas formulado segundo parâmetros de cada período, logo, diversificados.

Ele deve seguir duas linhas, a da compreensão do valor artístico e da sua historicidade. Então, além de declarar se a obra é obra de arte e tem valor artístico, tem que localizá-la espacial e temporalmente, também a coordenando com outras obras as quais está relacionada, explicando a situação em que foi produzida e suas consequências.

Noutros tempos, os parâmetros do juízo de valor foram o belo, a fidelidade na imitação da natureza, a conformidade com certos cânones icônicos ou formais, o significado religioso, etc. Para nossa cultura, que se baseia na ciência e considera a história a ciência que estuda as ações humana, o parâmetro do juízo é a história. Uma obra é vista como obra de arte quando tem importância na história da arte e contribui para formação e desenvolvimento de uma cultura artística. Enfim: o juízo, que reconhece a qualidade artística de uma obra, dela reconhece ao mesmo tempo a historicidade. (ARGAN, 1992, pgs. 18 e 19)

No levantamento de informações sobre a produção da obra está também a compreensão do fazer artístico, de sua relação com seu criador. Cada artista pode trabalhar com uma noção de estética particular, estando ligado à questões teóricas, ou apenas à sensibilidade. Ele pode criar depositando valor estético no fazer, no cuidado, na perícia, nas sensações, ou, diferentemente, identificando-se com uma ideia universal de arte criar sua obra por aproximação com estas ideias. Este é um dos princípios para sua compreensão, é preciso entender a obra a partir do artista que a criou, como a criou, em que circunstância e para quem.

Se a arte é um dos grandes tipos de estrutura cultural, a análise da obra deve dizer respeito, de um lado, à matéria estruturada, de outro ao processo de estruturação. Em cada objeto artístico se reconhece facilmente um sedimento de noções que o artista tem em comum com a sociedade de que faz parte, sendo como a linguagem histórica e falada de que se serve o poeta. Acima dele encontra-se sempre uma camada cultural mais especificamente orientada e intencionada que poderia ser dita profissional. É o que Venturi chamou de gosto e que se compreende sobre a arte e as preferências artísticas, os conhecimentos técnicos, os modos convencionais de representação, as normas as normas ou as tradições iconográficas e, até mesmo certas predileções estilísticas geralmente comuns aos artistas do mesmo círculo cultural. Há, por fim, a última camada, cuja composição escapa à análise conduzida segundo modelos culturais determinados e que constitui a contribuição pessoal, inovadora do artista." (ARGAN, 2005, pg. 29).

É este interesse pelos diversos detalhes da obra que fazem transcender ao conhecimento empírico, levando a proposições teóricas. A crítica responsável e fundamentada é a que pesquisa o valor das obras, em que consistem, como são geradas, são transmitidas, são reconhecidas e usufruídas.

Retomando as relações da arte através da história, a força da obra está justamente em atingir com interesse atual um ponto do passado, o que leva a conclusão de que nada se cria, tudo renasce, do passado se faz o presente. Isto contribui para que todos os fenômenos artísticos estejam interligados, que cria a história da arte e suas escolas, gêneros, correntes de pensamento e técnicas variadas.

A obra é imortal porque vive através das gerações. A crítica deve entender que as obras têm diferentes compreensões advindas da temporalidade. Uma obra do passado não terá hoje o mesmo significado que

teve para o artista autor e para a sociedade de sua época de criação. A obra de arte é sempre a mesma, o que muda é sua comunicabilidade com o novo público.

Todas as obras de arte ainda constituem o tecido ambiental da vida moderna. Se a desejamos, preservamos, toleramos, é porque têm significado social e cultural, e, ao contrário, se a exportamos, vendemos, destruímos, também, ainda que de forma negativa, mostra que também significado. A crítica de arte vem para reforçar a importância das obras, qualquer que seja a mensagem a ser transmitida. Uma ação para valorização e aproximação da arte com o homem.

3.3 Convergência de conceitos para análise da obra de arte pela mídia

Somando-se os conceitos utilizados pela Crítica de Arte aos conceitos utilizados pelo Jornalismo Cultural, chega-se conclusões sobre o que deve realmente ser observado em uma obra de arte para constituição de um texto que não reflita apenas as sensações de um contato que qualquer observador possa ter com a obra estética e sim uma visão profissional sobre o tema, mesmo que esta não venha de um jornalista especialista em arte.

Na busca por um olhar especializado, os campos do jornalismo e da crítica cultural se encontram e algumas questões se tornam unanimidade. É o caso, por exemplo, da importância de análises contextualizadas com questões do presente e do passado, relacionando a obra com fatos históricos, com a história da arte, buscando as influências e conexões que ela traz com a arte produzida em outros períodos. As obras devem ser observadas não só na

Outra questão frisada por ambos é a necessidade de se conhecer o autor da obra, em uma biografia que aborde suas influências, seus objetivos com determinada criação, além, claro, do sistema social e cultural em que foi produzida, ou seja, o cenário em que nasce.

O combate ao preconceito contra as obras é colocado no jornalismo cultural pela visão de que não se pode excluir ou menosprezar as obras, já que o papel aqui é democratizar as informações. As matérias não

devem fazer levantamentos maniqueístas sobre as mesmas, ao contrário devem explorar conteúdos e gerar novas perspectivas junto ao público.

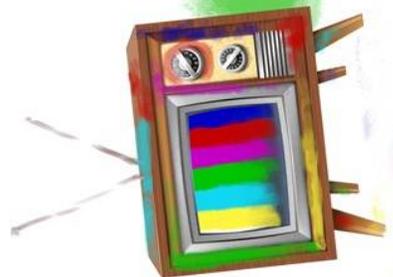
Na crítica de arte, a questão da responsabilidade com o juízo de valor também segue a mesma linha. É necessário olhar a obra em seu contexto histórico e tentar compreendê-la com fundamentação e conhecimento. As duas áreas – jornalismo cultural e crítica de arte - pensam que é medíocre um juízo de gosto pautado no senso comum, um “achismo” particular sobre a obra, atitudes repugnadas.

Todo este trabalho, pensado responsavelmente e comprometido com a arte tem um único objetivo: aproximar a sociedade da arte e contribuir com novas reflexões sobre a realidade e a cultura. Isto faz a necessidade do contato com as obras e o conhecimento sobre a história das artes.

Os referidos elementos podem ser utilizados como fundamentos básicos para quem quer ou tem a missão de falar sobre uma obra de arte, sem ter conhecimento específico na área. Seguindo-os, tem-se mais chance de não ser deturpada a informação final que chegará ao receptor, fugindo de erros cruciais (como por exemplo o preconceito, ou interpretação particular da obra, citados anteriormente) que podem comprometê-la.

Os apontamentos aqui levantados serão utilizados na análise das matérias televisivas no último capítulo. Será que empiricamente alguns desses elementos já fazem parte da abordagem da informação sobre arte? Eles também servirão como proposição para uma abordagem mais coerente sobre o campo da arte.

CAPÍTULO 4



4. ARTE NA TV PARAENSE

Neste, segue-se para análise das matérias selecionadas a partir do referencial teórico levantado nos capítulos anteriores. As matérias serão divididas em três grupos: 1- Matéria de pauta recomendada; 2- Matéria de pauta comum, do dia-a-dia ; 3- Matérias onde as três emissoras cobriram a mesma pauta. As temáticas permeiam vários campos da arte (artes visuais, dança, teatro e música). As matérias serão analisadas por emissora (TV RBA, TV Liberal e TV Cultura). Anteriormente, será contado um pouco da história dos veículos locais para auxiliar na compreensão de seus posicionamentos perante o público.

4.1 Um pouco da história da TV no Pará

Após onze anos de sua chegada no país, a televisão foi implantada no Pará em 30 de setembro de 1961. A TV Marajoara canal 2, primeira emissora paraense, surge em meio a uma grande movimentação pela posse de João Goulart (vice de Jânio Quadros, que havia renunciado), que era contestada pelas Forças Armadas.

A chegada da televisão representava o desejo da cidade de entrar em uma nova era e o veículo era saudado como “marco de progresso citadino, instrumento educacional e mesmo como um milagre”. Nas palavras de Frederico Barata, superintendente dos Diários Associados para a região norte “estava inaugurada no Pará a era da televisão”. (PEREIRA, 2002: 15)

A emissora entrava no ar no início da noite com uma programação que durava três horas por dia. Entre as exibições estavam telejornais diários, novelas e programas musicais. Tudo era apresentado ao vivo, por este fato o improvisado e o empirismo faziam parte da chegada da televisão ao estado, assim como no resto do país.

A novidade modificou os hábitos da população. Antes o costume era de sentar a porta para conversar no final da tarde, enquanto as crianças brincavam na rua. A TV Marajoara passa a reunir todos para assistir televisão, nas poucas casas que tinham condições de possuir o aparelho.

Apesar da grande oferta de enlatados norte-americanos (séries, desenhos e filmes) no início a programação da TV Marajoara era composta em grande parte por produções locais.

A TV Marajoara contribuiu para a formação de grandes profissionais - como Afonso Klautau e Francisco Cezar, que, em 1987, utilizaram a experiência adquirida para formular a grade de programação da recém criada TV Cultura do Pará – mas aos poucos a equipe (que envolvia diversos profissionais, como iluminadores, atores, cenógrafos) vai diminuindo, proporcionalmente a redução dos programas produzidos localmente, que passam a dar lugar aos enlatados nacionais, da matriz TV Tupi, e internacionais. O jornalismo, o esporte e os programas de variedades ainda continuaram sendo produzidos localmente por alguns anos.

Em 27 de Março de 1967, é inaugurada a TV Guajará, canal 4, como transmissora filiada à TV Globo. É o início da concorrência e disputa por audiência. Segundo PEREIRA (2002), a briga era tão grande que, em dezembro de 1967, a revista paraense TV Roteiro, fazia campanha pela compra do segundo televisor para evitar desavenças domésticas.

Nos anos 70, a TV Guajará perde a condição de filiada da Rede Globo, passando a transmitir a programação da TV Bandeirantes. A TV Liberal, canal 7, entra em cena, como nova filial da Globo. Inaugurada em abril de 1976, por Rômulo Maiorana, a TV Liberal teve pouco espaço para a produção local. Seguindo exigências da rede nacional, só produzia telejornais e programas esportivos.

Apesar das limitações de produção, com a força da Rede Globo e o suporte de dois veículos líderes de público - jornal e rádio Liberal – a TV Liberal conquista os telespectadores em pouco tempo, porém sua atuação fica restrita à região metropolitana de Belém, alcançando o interior ao longo dos anos 80.

Para aumentar sua abrangência no estado, o grupo liderado por Rômulo Maiorana firma um convênio com o governador Hélio Gueiros (ex-

diretor e redator do jornal O Liberal) e passa a utilizar as torres da Fundação de Telecomunicações do Pará (FUNTELPA), para a transmissão da TV Liberal, que ainda é remunerada por levar a programação da Globo ao interior paraense. O convênio foi denunciado ao ministério público, mas ainda se manteve por 15 anos.

A década de 80 será marcada pelo surgimento de novas emissoras no Estado. Em dezembro de 1981 entra no ar o SBT, utilizando o canal da então extinta TV Marajoara, canal 2 e posteriormente muda para o canal 5. Em 1986, sob a presidência de Orlando Carneiro, entra no ar a estatal TV Cultura, em fase experimental, como repetidora da TV Educativa do Rio de Janeiro, utilizando o canal 2. Em dezembro de 1988, o empresário Jair Bernardino, do setor de revenda de veículos e de distribuição de gás, monta a TV RBA (Rede Brasil Amazônia), Canal 13, como transmissora da Rede Manchete (com a extinção da Manchete, passa a ser afiliada da Rede Bandeirantes de Televisão). Com a morte do empresário, a emissora é comprada pelo ex-governador Jader Barbalho, empresário e político ligado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que já possuía a Rádio Clube do Pará e o jornal Diário do Pará.

Em julho de 1997, com o nome de Rádio e Televisão Marajoara, chega a Belém a repetidora da Rede Record, canal 10. A concessão foi adquirida pelo empresário Carlos Santos.

Em 11 de Maio de 2002, entra no ar a TV Nazaré é dirigida pela arquidiocese de Belém, é uma TV católica com caráter educativo, logo não pode lucrar com suas transmissões. Em 2006, é a vez da Rede TV chegar ao estado através da TV Livre, canal 47. E dois anos depois, em 12 de outubro de 2008, afiliada a Rede Brasileira de televisão e TV Esporte Interativo, entra no ar e TV Metropolitana, canal 17. Recentemente, segundo semestre de 2011, a TV Record News também abriu uma filial em Belém.

Crescem o número de filiais, mas o maior produto local das emissoras afiliadas ainda é o telejornalismo, poucas investem em outros formatos de programas locais.

4.2 Perfil das emissoras selecionadas

É preciso entender o cenário onde estão as três emissoras com matérias selecionadas para a análise que faremos adiante: TV Liberal, TV RBA e TV Cultura.

No início do século XXI, as emissoras locais continuam, como dito anteriormente, investindo apenas em telejornais. Produtos, muitas vezes, mais baratos de serem produzidos e que trabalham com notícias, uma necessidade para os cidadãos. O restante da grade de programação fica por conta das filiais, insistindo que o público local consuma o que é produzido no eixo Rio-São Paulo, onde a maioria está localizada. O contrário favoreceria uma visibilidade a aspectos da cultura mais local, aos trabalhos e as pessoas da região, mas não vamos nos estender muito nesta questão. A reprodução de padrões nacionais também é observada no jornalismo realizado regionalmente, em seus formatos, linhas editoriais e conteúdo.

Nos últimos anos cresceram no país os programas sensacionalísticos, onde os apresentadores fazem comentários sarcásticos e instigam os telespectadores a respeito de assuntos como violência, criminalidade, polícia, problemas sociais. Sobrevivendo de denúncias e das mazelas do povo. Este formato tem sido copiado para os jornais locais, que por sua vez cresce pela aceitação da audiência. As matérias mais reflexivas, contextualizadas, críticas são deixadas de lado.

O jornalismo “sangrento” toma espaço das matérias de educação, comportamento, política, economia, imagine as de cultura e artes. Até mesmo os jornais que mantinham pautas de cultura e arte em suas edições diárias - como o jornal do SBT que trazia este tipo de matéria com tempo maior e edição diferenciada - sucumbiram à nova tendência de mercado. Os jornais da TV Record que algumas vezes pautava arte e cultura, hoje não pauta o tema. De maneira geral, o máximo que podemos encontrar em algumas edições são agendas com serviços e indicações de lazer e entretenimento.

Vamos observar duas emissoras que participam deste mercado, mas que ainda assim mantém algumas pautas com temáticas de arte e cultura – com foco nas manifestações regionais – mesmo não tendo este comprometimento diariamente, e uma emissora pública, que não entra na

concorrência mercadológica e que se mantém a parte da tendência sensacionalista ou da exploração da violência.

Para entender o trabalho e a linha editorial de cada uma das emissoras, foram realizadas entrevistas com os principais nomes responsáveis pelos jornais das emissoras. Na TV Liberal, foi ouvida a chefe de redação do jornalismo, Simone Amaro; na TV RBA, o gerente de jornalismo, Adil Bahia; e na TV Cultura o diretor da TV, Tim Penner, que também já foi gerente de jornalismo. O objetivo é entender o material produzido a partir de suas várias facetas, como por exemplo a editorial.

Vejamos a seguir.



ADIL BAHIA

TV RBA

1- Quais os telejornais da emissora, horário de exibição, duração e o perfil resumido de cada um deles?

7h30 – Cidade Contra o Crime – Programa de conteúdo variado com reportagens nas áreas de polícia, saúde, segurança, utilidade pública, prestação de serviços, comunidade e outras.

12h30 – Barra Pesada – Programa de conteúdo variado voltado para a prestação de serviços, utilidade pública, saúde, polícia, defesa do consumidor, cultura, esporte e outros.

13h40 – Metendo Bronca – Programa que tem maioria da cobertura voltada para o jornalismo policial abordando homicídios, violência contra a mulher e outros.

18h5 - Jornal RBA – É uma união de um pouco de tudo o que é apresentado pela manhã e tarde com o reforço do factual vespertino.

2- Qual o público-alvo dos telejornais?

A pesquisa Ibope demonstra que o público predominante nestes programas é A/B, seguido do C/De finalmente o E. Destaque para as mulheres entre 25 e 39 anos, jovens entre 18 e 25 anos.

3- A linha editorial dos telejornais contempla pautas sobre arte? Quantos VTs sobre arte são veiculados por mês no jornal (média)? O VT é veiculado em todos os jornais do dia? Sofrem alguma alteração, dependendo do telejornal?

Pautas sobre arte são bastante comuns. Campanhas vitoriosas como “Orgulho de Ser do Pará”, “Feira Cultural Pará de Todas as Cores, de Todas as Raças” com o apoio do Jornal Diário do Pará tem sucesso e conquistado prêmios pelo case. Em média três VTs sobre cultura são apresentados com temas como música, teatro, cinema, roteiros e muito mais. Além da participação fixa de Edgar Augusto, nosso comentarista cultural, às quintas e sextas, no Barra Pesada e sextas no Jornal RBA, ao vivo, os programas tem quadros segmentados como o “Meu Cantinho” que, é apresentado aos sábados, no Jornal RBA. Nos telejornais, o recurso de refundirmos os VTs dando-lhes outra roupagem é comum.

4- O que define se uma pauta sobre arte vai ganhar ou não um VT?

Participações de comentarista e quadros fixos determinam a produção as quintas, sextas e aos sábados. Apresentem algo interessante de ser mostrado e estaremos lá cobrindo.

5- Vocês trabalham com pautas recomendadas? Como funciona a abordagem para este tipo de VT?

Sim. Algumas, ou a maioria das vezes são eventos promovidos por anunciantes, nem sempre tão atrativos quanto deveriam ser.

6- As matérias sobre arte normalmente fecham o jornal? Por quê?

Depois de uma carga tão pesada de reportagens carregadas de emoções negativas linkadas muitas vezes com doses a mais de violência, criminalidade, economia, problemas de saneamento, saúde e abordagens políticas, um toque de leveza e entretenimento cai sempre bem.

7- De maneira geral, qual o objetivo ao veicular as pautas de arte?

Estimular, valorizar, incrementar os promotores da arte nas mais variadas formas de manifestações.

8- Acredita que as matérias sobre arte são importantes para o público? Por quê?

Além de contribuírem para o desenvolvimento humano, estas reportagens influenciam consideravelmente na formação do caráter de cada cidadão. É mesmo uma interação com as necessidades do telespectador de receber certas doses de conhecimentos através da arte.

9 - Acredita que falta divulgação por parte dos eventos de arte? Por quê?

A praça é berço de uma cultura que se forma e perdura muito tempo no ninho onde surge. Só quando toma proporções maiores consegue reconhecimento nacional e dentro do próprio espaço onde teve origem.



SIMONE AMARO

TV LIBERAL

1- Quais os telejornais da emissora, horário de exibição, duração e o perfil resumido de cada um deles?

Bom Dia Pará: das 6H30 ÀS 7H30 - Jornal que aborda os assuntos de todo o estado. fco na economia, cidade, esporte, direito do consumidor

JL1: 12h às 12h45 - jornal que tem como foco os problemas da comunidade. aborda assuntos locais.

ge: 12h45 às 12h55 – esporte predominantemente profissional e não tanto o amador

JL2: 19h10 às 19h30 - hard news com assuntos que foram notícia no estado.

liberal comunidade: 07h às 07h30 (durante o hbv fica uma hora mais cedo) - aborda assuntos referentes á comunidade

É DO PARÁ: 12h às 12h25 : mostra projetos, arte, cultura, economia, tudo o que se refere a bons temas sobre o estado.

2- Qual o público-alvo dos telejornais?

Absolutamente todos em cada horário específico.

3- A linha editorial dos telejornais contempla pautas sobre arte? Quantos VTs sobre arte são veiculados por mês no jornal (média)? O VT é veiculado em todos os jornais do dia? Sofrem alguma alteração, dependendo do telejornal?

Não um número específico. Abordamos arte no edp e nos telejornais locais quando há alguma cobertura importante, algum festival, apresentação que mobilize a cidade. No JL1 sempre exibimos às sextas a agenda cultural que dá um panorama de shows do fim de semana.

4- O que define se uma pauta sobre arte vai ganhar ou não um VT?

Importância, interesse do público, envolvimento, mobilização da cidade.

5- Vocês trabalham com pautas recomendadas? Como funciona a abordagem para este tipo de VT?

Raramente, mas quando há alguma recomendação sobre o VT aí buscamos sempre o que o VT pode ser de útil para o telespectador. O desafio é não olhar com preconceito mas sim com interesse jornalístico.

6- As matérias sobre arte normalmente fecham o jornal? Por quê?

Porque depois de uma série de VTs pesados, que causam um sentimento ruim para quem assiste o ideal é acabar com um VT leve, que nos dá esperança, que traga um sorriso, que termine o jornal com vontade de querer ver mais...

7- De maneira geral, qual o objetivo ao veicular as pautas de arte?

Entretenimento, de serviço, de estímulo do que é bom.

8- Acredita que as matérias sobre arte são importantes para o público? Por quê?

Sim, por que ajudam a melhorar nosso dia a dia e por que expressam nossa cultura, nossos valores, nossa história.

9 - Acredita que falta divulgação por parte dos eventos de arte? Por quê?

Sim, falta um planejamento melhor por parte de quem organiza os eventos. saber mostrar o que é de interessante para a divulgação.



TIM PENNER **TV CULTURA**

1- Quais os telejornais da emissora, horário de exibição, duração e o perfil resumido de cada um deles?

- Jornal da noite - cobertura de fatos importantes do Estado. Além de fatos "quentes", são exibidas matérias de interesse público, como serviços e pautas de ecologia e cultura. Uma característica marcante é a de ser diferente das emissoras comerciais, considerar crimes e sensacionalismo pautas pouco relevantes.

- Cultura da Hora - Boletim de hora em hora, com cerca de dois minutos de duração, onde está a cobertura mais imediatista.

2- Qual o público-alvo dos telejornais?

Historicamente, a TV Cultura do Pará é focada no público chamado "formador de opinião", uma camada que, supostamente, teria maior acesso à informação e, portanto, seria mais aberta à discussões mais complexas. Porém, essa avaliação está sendo revista, já que hoje em dia se pode observar que o acesso à informação já não é privilégio de poucos.

3- A linha editorial dos telejornais contempla pautas sobre arte? Quantos VTs sobre arte são veiculados por mês no jornal (média)? O VT é veiculado em todos os jornais do dia? Sofrem alguma alteração, dependendo do telejornal?

Arte é pauta frequentemente presente nas edições do Jornal da Noite.

4- O que define se uma pauta sobre arte vai ganhar ou não um VT?

Normalmente o nível de interesse do público e a importância do fato para a cultura do Estado. Estes critérios são avaliados em reunião de pauta.

5- Vocês trabalham com pautas recomendadas? Como funciona a abordagem para este tipo de VT?

As pautas recomendadas existem, mas não são obrigatoriamente transformadas em matérias. A editoria tem autonomia para estabelecer os critérios editoriais.

6- As matérias sobre arte normalmente fecham o jornal? Por quê?

As pautas de arte geralmente estão no último bloco, mas não obrigatoriamente encerrando o jornal.

7- De maneira geral, qual o objetivo ao veicular as pautas de arte?

Estas pautas divulgam as manifestações culturais desenvolvidas na região. Muitas vezes, a TV Cultura é o único veículo a divulgar estas matérias de pouco interesse comercial.

8- Acredita que as matérias sobre arte são importantes para o público? Por quê?

São importantes pela documentação e preservação destas manifestações.

9 - Acredita que falta divulgação por parte dos eventos de arte? Por quê?

Muitos eventos são mal divulgados porque ainda há carência de profissionais voltados para esta área dentro da comunicação.

4.3 Análise das matérias por emissora

A seguir serão analisadas as matérias selecionadas, por emissora. Elas foram estão divididas em três temáticas: duas matérias comuns, que possuem um formato e abordagem comum à linha editorial do jornal; uma proveniente de pauta recomendada; uma onde o tema abordado seja comum às três emissoras, facilitando a observação de como cada emissora o conduz, esta última será observada a parte, para possibilitar comparações entre as matérias de cada emissora.

Foram escolhidas matérias que falam de manifestações artísticas regionais, afinal, acredita-se que o papel maior destas emissoras-filiadas é dar visibilidade aos aspectos locais que não são contemplados pelas matrizes das emissoras de televisão. O *OFF* será transcrito, para facilitar o acompanhamento da estrutura e do conteúdo da matéria.

4.3.1 TV Liberal

Nesta emissora foram selecionadas quatro matérias para nossa análise. As duas comuns a rotina e linha editorial do jornal são: “Teatro/ A cigarra e a formiga” e “Balé/ Projeto Social. A de caráter recomendado é sobre o “Arte Pará 2011”, evento realizado pelas Organizações Rômulo Maiorana, que também é proprietária da filial da Rede Globo de Televisão, no Pará, a TV Liberal. A matéria comum a todas as emissoras selecionadas é sobre a “Abertura/ Festival de Ópera 2011” e será avaliada ao final de todas as análises, juntamente com as das outras TVs, como dito anteriormente.

Os VTs da TV Liberal costumam ser exibidos nas edições Bom Dia, JL1 e JL2. Por isso, não houve divisão entre os VTs de cada jornal. Vejamos as matérias transcritas para termos uma noção de texto e estrutura. Sequencialmente discutiremos, em uma abordagem crítica, alguns pontos a partir do referencial teórico trabalhado nesta dissertação.

4.3.1.1 OFFs das matérias da TV Liberal

Como dito em capítulos anteriores, *OFF* é como é comumente denominado o texto dos repórteres, que ao chegar a redação é avaliado pelo editor. A seguir temos o *OFF* das matérias exatamente como foram exibidas, na mesma sequência citada no tópico acima.

MATÉRIA: TEATRO/ A CIGARRA E A FORMIGA

REPORTAGEM: CARLA ALBUQUERQUE

TEMPO: 1'30"

DATA:04/04/2011

OFF1: NO PALCO, ATORES BEM CARACTERIZADOS CONTAM A HISTÓRIA DE UMA DAS FÁBULAS MAIS FAMOSAS DO MUNDO. A CIGARRA E A FORMIGA, NA ADAPTAÇÃO PARAENSE, TEM A COMPANHIA DE UM ESPANTALHO DIVERTIDO, UM BESOURO RABUJENTO, A JOANINHA E A DONA MARRECA. ENQUANTO TODOS TRABALHARAM DURANTE O VERÃO, PARA SE PREVENIR CONTRA O FRIO DO INVERNO, A CIGARRA, ESPERTINHA, SÓ QUERIA SABER DE CANTAR, E AÍ..

SONORA COM UMA CRIANÇA QUE ASSISTIU A PEÇA (ÁUREA ISABEL, 7 ANOS): “ A CIGARRA CANTAVA E NINGUÉM GOSTAVA, MAS AÍ A PATA E A CIGARRA FICARAM BRIGANDO. E AÍ NINGUÉM QUERIA AJUDÁ-LA”.

OFF2: POIS É, MAIS A DONA FORMIGA TINHA BOM CORAÇÃO E MOSTROU PRA TODO MUNDO QUE VALIA A PENA DAR UMA CHANCE E VALORIZAR O TALENTO DA CIGARRA, AFINAL, A AMIZADE É UM DOS VALORES MAIS IMPORTANTES.///

SONORA COM CRIANÇA QUE ASSISTIU A PEÇA (SEM CRÉDITO): “TODO MUNDO SER AMIGO.”

SONORA COM ADRIANA CAVALCANTE (ATRIZ): A GENTE FEZ UMA ADAPTAÇÃO, NA VERDADE A GENTE PEGOU ESTA ADAPTAÇÃO, QUE MOSTRA QUE A GENTE PRECISA EQUILIBRAR AS COISAS, QUE É DISCIPLINA, TRABALHO, MAS A GENTE NÃO ESQUECER DO LAZER SENÃO A VIDA PERDE O SENTIDO, SEM A BELEZA, SEM A ARTE.”

SONORA COM FABRÍCIO BEZERRA (ATOR): “EU ME SINTO MUITO FELIZ DE FAZER PARTE DESTA ELENCO, PORQUE EU COSTUMO DIZER O SEGUINTE, QUE A MELHOR PARTE DESTA ESPETÁCULO É O INÍCIO E O FINAL. O INÍCIO PORQUE A GENTE ENTRA NO PALCO E O FINAL PORQUE A GENTE RECEBE O CARINHO DAS CRIANÇAS E ISTO NÃO TEM PREÇO”.

OFF3: DEPOIS DE UMA HORA DE ESPETÁCULO, AS CORTINAS SE FECHARAM, MAS A ANIMAÇÃO CONTINUOU. A CRIANÇADA APROVEITOU PARA FICAR PERTINHO DOS ATORES.///

VOLTA PARA O APRESENTADOR QUE DÁ UMA NOTA COM A AGENDA DO EVENTO.

MATÉRIA: BALÉ/ PROJETO SOCIAL

REPORTAGEM: POLLYANNA BASTOS

TEMPO: 1'50"

DATA:16/11/2011

OFF1: VERÔNICA FAZ BALÉ A MENOS DE DOIS ANOS E JÁ CONSEGUIU UM GRANDE FEITO: FOI SELECIONADA PARA UM PROGRAMA DE INTERCÂMBIO DE UMA DAS PRINCIPAIS ESCOLAS DE DANÇA DOS ESTADOS UNIDOS.

SONORA COM VERÔNICA PAES (ESTUDANTE DE BALÉ): “QUANDO EU SAÍ DE LÁ, EU NÃO TAVA COM MUITA ESPERANÇA DE QUE EU IA CONSEGUIR PASSAR, MAS QUANDO EU SOUBE EU FIQUEI MUITO FELIZ E SE DEUS QUIZER NÓS IREMOS PRA LÁ”.

OFF2: A JOVEM BAILARINA FAZ PARTE DO PROJETO SOCIAL CORPO E MOVIMENTO, NO BAIRRO DA TERRA FIRME. O GRUPO SURTIU A POUCA MAIS DE TRÊS ANOS, POR INICIATIVA DESTA PROFESSORA, QUE COMEÇOU A CARREIRA DA MESMA FORMA QUE AS MENINAS.///

SONORA COM ELENE PINHEIRO (COORDENADORA DO PROJETO): “ A MINHA FORMAÇÃO VEIO DE UM PROJETO SOCIAL E DEPOIS EU FUI ATRÁS DE BUSCAR NOVOS CONHECIMENTOS, MAS COMEÇOU NO PROJETO SOCIAL. ENTÃO, EU ACREDITO QUE O PROJETO SOCIAL É UMA OPORTUNIDADE PRA ESTÁS CRIANÇAS, DE QUEM SABE ATÉ UMA OPORTUNIDADE PROFISSIONAL”.

OFF3: MAS VERÔNICA E AS QUATRO OUTRAS BAILARINAS DO GRUPO, APROVADAS NA AUDIÇÃO, CORREM O RISCO DE NÃO CONSEGUIR VIAJAR, POR FALTA DE RECURSOS.///

SONORA COM ELENE PINHEIRO (COORDENADORA DO PROJETO): “ÓS ESTAMOS DE TODAS AS FORMAS CORRENDO ATRÁS PRA VER SE CONSEGUE. OS PAIS TAMBÉM ESTÃO SE VIRANDO. E A GENTE TÁ BUSCANDO PARCERIA”,

PASSAGEM: ALÉM DA APROVAÇÃO DAS MENINAS PARA O INTERCÂMBIO, O GRUPO JÁ CONQUISTOU PRÊMIOS EM DIVERSOS FESTIVAIS DE DANÇA E ESTA É APENAS UMA DAS TURMAS DO PROJETO QUE TEM MAIS DE 150 ALUNOS.

OFF4: ENQUANTO ELAS SONHAM COM A CARREIRA INTERNACIONAL, OS PAIS ACOMPANHAM ORGULHOSOS CADA MOVIMENTO.//

SONORA COM PAIS DE ALUNAS: 1- RAIMUNDO MOREIRA (PORTEIRO): “EU ME ARREPIO TODINHO DE VER UMA COISA DESSAS É MUITO BONITO”.

2- AREDA CAVALCANTI (DONA DE CASA): VER ELAS DANÇANDO, A GENTE FICA EMOCIONADO, A GENTE BATE PALMA, A GENTE GRITA, A GENTE BERRA.”

3- MÃE NÃO CREDITADA : “ELA CONSEGUIU CHEGAR ONDE ELA QUERIA CHEGAR. AINDA TEM MAIS AINDA, NÉ?”

S/S FINAL - MENINAS DANÇANDO

VOLTA PARA A APRESENTADORA QUE INCENTIVA A CONTRIBUIREM COM O PROJETO E DÁ UM NUMERO DE TELEFONE PARA QUEM SE INTERESSAR EM AJUDAR.

MATÉRIA: ARTE PARÁ 2011

REPORTAGEM: TAINÁ AIRES

TEMPO: 1'40" DATA: 07/10/2011

OFF1: VÍDEOS, INSTALAÇÕES, PINTURAS...

ENQUETE COM MARIA ISABEL MAROJA (DONA DE CASA/ VISITANTE): "MUITO INTERESSANTE, ESTOU GOSTANDO MUITO DAS IDEIAS NOVAS"

OFF2: UM DOS CARTÕES POSTAIS MAIS FAMOSOS DE BELÉM, O MERCADO DE VER-O-PESO, FOI HOMENAGEADO NESTA SALA DO MUSEU HISTÓRICO DO ESTADO DO PARÁ. ESTE ANO, O CURADOR DO SALÃO ARTE PARÁ FOI O ARTISTA RICARDO REZENDE.///

SONORA COM RICARDO REZENDE (CURADOR DO SALÃO): "FOI UMA EXPERIÊNCIA ACIMA DE TUDO INCRÍVEL E ENRIQUECEDORA PRA MIM QUE TIVE A OPORTUNIDADE DE CONHECER PROFUNDAMENTE A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DE ARTE AQUI NO BELÉM DO PARÁ".

PASSAGEM: PARA ESTA TRIGÉSIMA EDIÇÃO DO SALÃO ARTE PARÁ FORAM 37 OBRAS SELECIONADAS QUE MOSTRARAM A RELAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA.

SONORA COM SIMÃO JATENE (GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ): "VOCÊ TER UM EVENTO DE ARTE NA AMAZÔNIA, NO PARÁ, QUE JÁ VIVE 30 ANOS, JÁ É POR SISÓ UMA ENORME VITÓRIA. SEGUNDO , É QUE, A CADA ANO, ELE TEM O CONDÃO DE REPRESENTAR E REPRESENTAR MELHOR NÃO APENAS A AMAZÔNIA, MAS REPRESENTAR O BRASIL."

OFF3: GERALDO SOUZA DIAS FOI O PRIMEIRO COLOCADO DO SALÃO DE ARTES. O ARTISTA DE SÃO PAULO LEVOU PARA CASA 12 MIL REAIS PELA OBRA "LIVRO DOSCENTE".///

SONORA COM GERALDO SOUZA DIAS (ARTISTA PLÁSTICO): "FOI MUITO LEGAL. É SEMPRE COISA INTERESSANTE VOCÊ SER RECONHECIDO PELO TRABALHO QUE FAZ."

OFF4: O SEGUNDO COLOCADO NÃO PODE IR A PREMIAÇÃO E FOI REPRESENTADO PELA DIRETORA EXECUTIVA DAS ORM, ROBERTA MAIORANA, E PELO CRÍTICO PAULO HERKENHORFF.///

SONORA: COM PAULO HERKENHORFF (CRÍTICO): "O ARTE PARÁ HOJE, ELE REPRESENTA UM MOMENTO EM QUE O PROCESSO CULTURAL, QUE LEVA UM ANO, É ENTREGUE A SOCIEDADE."

VOLTA PARA O APRESENTADOR QUE DÁ UMA NOTA COM A AGENDA DO EVENTO.

4.3.1.2 Análise das matérias da TV Liberal

Nosso grupo de matérias se inicia com uma pauta típica dos telejornais da TV Liberal. Apesar das contribuições do Jornalismo Cultural, que apontam na direção de não se fechar só para matérias de serviço, ou que sirvam como agenda dos eventos, o mais comum aqui são as com este enfoque, serviço, ou seja, as que mostram o evento, show, exposição, mostra, entre outros, e logo depois oriente o telespectador sobre dias e horários de exibição. Não estamos questionando a importância deste convite, e sim, apenas enfatizando que as pautas corriqueiras do jornalismo desta emissora (e das outras também), praticamente se fecha a outras possibilidades de matérias sobre arte, como esmiuçar alguma temática sobre as mais diferentes representações deste campo. Não veremos uma matéria com a história da ópera no Teatro da Paz, mas, se houver uma Ópera sendo apresentada neste teatro, há grandes possibilidades de se tornar matérias.



Imagem da peça “A Cigarra e a Formiga”, matéria da TV Liberal

Então, a primeira matéria é a “Teatro/ A Cigarra e a Formiga”. Temos aqui uma postura do repórter de apenas relatar o acontecido na peça apresentada e no lugar de sua apresentação, um texto meramente descritivo. Não há nenhum tipo de contextualização nos eixos histórico ou de autoral do espetáculo. As informações reforçam a característica televisiva de informação estandarizante (TRAVANCAS, 2004), uniformizada, superficial. A repórter começa falando que se trata da encenação de “uma das fábulas mais famosas

do mundo” em total senso comum e segue descrevendo o espetáculo, buscando em alguns poucos adjetivos, dar uma leveza e um diferencial ao seu texto, como por exemplo em “personagens bem caracterizados”, como foge da regra de objetividade e “imparcialidade” para fazer colocações estritamente particulares – seu próprio ponto de vista- e não se abre para fugir do tom superficial. Isso mostra que na TV as regras até podem ser quebradas, mas é preciso que o repórter saiba quebra-las com crítica e criatividade, para realmente conseguir elevar a qualidade da informação passada. Na sequência, com intervenções de entrevistas com crianças (público da peça), tentando dar um tom de descontraído à matéria, o repórter simplesmente conta toda a história da peça, rapidamente, começo, meio e fim. Sem questionamentos, associações, ou mesmo explorando as vastas possibilidades de leitura que a arte proporciona, como a educativa, a experimentação de sentimentos físicos ou emocionais diversos. Arranha-se mostrar que há uma conscientização de um valor através do espetáculo, quando coloca-se “a Dona Formiga tinha bom coração e mostrou para todo mundo que valia a pena dar uma chance e valorizar o talento da cigarra, afinal a amizade é um dos valores mais importantes”, avaliação que mais uma vez demonstra uma opinião banal sobre o tema abordado. A narração e o próprio texto tem um toque infantil, como se quisesse também falar com as crianças, isso seria positivo se as crianças assistissem ao jornal. A entrevista com um ator do grupo não é relevante e ele fala apenas da sensação de encenar para as crianças e diz que gosta de receber o carinho delas. A partir daí segue-se para mais descrições sobre o que aconteceu no evento, como a possibilidade das crianças tirarem foto com o elenco, tudo sem muitas reflexões. A matéria não foi sonorizada, ou seja, não traz um BG, uma música de fundo. Também não são explorados sobre sons, momentos em que se deixa imagens do evento e uma trilha de fundo ou até mesmo o som ambiente do espetáculo. Estes são recursos interessantes para diferenciar a pauta artística e ainda valorizar aos olhos do público o que ele pode encontrar ou vivenciar se for ao espetáculo. No final reforça-se o serviço, em nota o apresentador (âncora do jornal) informa os dias e a hora que a peça está sendo apresentada.

A segunda matéria “Balé/ Projeto Social” fala de um projeto social a partir do balé. A dança aqui fica como pano de fundo para a questão social. O

objetivo não é mostra-la como arte transformando a vida das estudantes - ou se e como a transforma- e sim pedir apoio para que as estudantes possam viajar para fazer um intercâmbio nos Estados Unidos. Isso mostra a busca por executar o jornalismo cidadão, tão enfatizado pela TV Liberal. Suprimem-se as possibilidades de se explorar o balé, seu caráter educativo e, cambiando-se para o sentimentalismo e tentativa de comover, persuadir o público a colaborar com o projeto.



Imagem da matéria "Balé/ Projeto Social", TV Liberal

Aqui já há um cuidado maior com sobre sons. As imagens das bailarinas e suavidade dos movimentos são bastante exploradas. A matéria foi trilhada com um som delicado que parece caixa de música, talvez complementando a busca por sensibilizar quem vê. A matéria não enfoca a arte, e não tem esta obrigação, mas é preciso questionar esta busca excessiva por uma espetacularização da notícia. É importante que se tente colaborar com uma boa causa, sem dúvidas, mas porque a pauta artística só entra no jornal se tiver uma associação com serviço ou com comunidade? A arte já tem tão pouco espaço, por que diminuí-lo ainda mais? São estas questões que levam a questionar os encaminhamentos dados pela linha editorial do jornal.

Este tipo de posicionamento vem reforçar a submissão da TV à lógica econômica, buscando atingir altos índices de audiência e de verbas publicitárias, apostando, como tendência muito atual, no sensacionalismo. Um

discurso que tende à operar a partir de generalizações e fica longe da educação e política sérias, sobrevivendo na indústria cultural como forte dispositivo de interpelação popular. (BARBERO, 2001)

Na última matéria deste tópico, analisaremos a condução de uma pauta recomendada, neste caso a abertura do Arte Pará 2011. Um evento realizado pela mesma organização que é dona da emissora de televisão. Segundo a chefe de redação do jornalismo da TV Liberal, tenta-se não olhar com preconceito para a pauta, localizando nela o que é de interesse público. Na prática, o que se observou foi outra pauta descritiva, limitando-se a um registro do evento. Ela foi dada junto com agenda de eventos do final de semana veiculada às sextas-feiras. Fala-se dos eventos, depois, chama-se uma matéria sobre um deles, neste caso o Arte Pará.

A respeito do *OFF*, perdidamente em meio ao texto, fala-se do tema central “relação do homem com a natureza”, do que traz “vídeos, instalações, pinturas” – o telespectador sabe, por exemplo, o que são instalações? – faltando certa organização nas ideias expostas.

Todas as entrevistas realizadas se direcionam a ressaltar o evento, a importância do mesmo. Para isso, faz-se até mesmo sonora com o governador do estado, para fundamentar a premissa, assim como com o curador. E as obras? E os artistas?

O artista que ganhou o maior prêmio aparece recebendo os seus 12 mil reais pela obra “Livro Doscente”. Mas que obra é mesmo? Do que fala? Nada é dito ou mostrado pelas imagens, fica apenas a afirmação do entrevistado dizendo que foi muito legal participar do evento, em mais um reforço da importância do salão Arte Pará.

Em que as obras consistem, o que geram, o que transmitem? A matéria não mostra o que realmente seria de interesse público, atendendo, neste caso, apenas ao interesse do veículo. Exalta-se o evento “Arte Pará” em uma concepção política e não a arte que ele traz, as obras ou os artistas.

Para se ter uma ideia, dos um minuto e quarenta segundos de matéria no ar, apenas em vinte e oito segundos aparecem imagens das obras expostas no salão, menos de um terço da matéria. O restante é apenas a cerimônia de abertura, entrega de premiação e convidados. E mais uma vez, retorna-se para o apresentador que faz o convite para a visita do público, dando o período das exposições.



Solenidade de abertura do Arte Pará, TV Liberal



Obras do Arte Pará, TV Liberal

Em resumo, agenda de eventos, serviço, jornalismo cidadão, estes são os temas que mostram a arte na TV Liberal. Simone Amaro questiona a falta de planejamento de quem organiza os eventos de arte, levando informações que provoquem interesse pelos mesmos e que qualquer apresentação que mobilize a cidade e seja de interesse público podem se transformar em matéria. É preciso também pensar nesta via de mão dupla,

onde as informações sobre arte cheguem as emissoras de forma mais direta, um canal de comunicação também provocado por que está a frente dos eventos de arte, afinal, com tecnologia, pode-se comunicar até mesmo com um e-mail, mas também é questionável que só o que mobilize a cidade tenha espaço mais garantido na TV, pois assim diminui-se a possibilidade da TV contribuir com a mobilização, caso contrário, a função do telejornal se resumirá a relatar o que acontece, não contribuindo ou participando de um processo.

Outro aspecto colocado é a busca por atingir todos os públicos. Quando a TV cria um linguagem uniforme, permitindo que a mensagem transmitida seja reconhecida por diferentes camadas sociais, buscando não enfatizar nenhuma das classes econômicas que estiverem assistindo a programação, pode-se passar informações superficiais e generalizantes, como foi observado.

As pautas podem sim ser encaradas com leveza, ou até como entretenimento e se, segundo afirmação da editoria do jornalismo da TV Liberal, podem passar boas mensagens, nada melhor do que repensar as particularidades das matérias artísticas para que possam realmente transmitir e incentivar o contato com a produção artística local.

4.3.2 TV RBA

Na emissora Rede Brasil Amazônia – RBA- filiada a Rede Bandeirantes de televisão, também foram selecionadas quatro matérias com proposta similar a executada nas outras emissoras, a divisão em três temas: duas matérias do jornalismo diário, feitas com maior frequência (Teatro ajuda vítimas no Rio de Janeiro e, abrimos uma parêntesis para a uma matéria especial: Tecnomelody Orgulho do Pará); uma pauta recomendada (Prêmio Diário de Fotografia Contemporânea); e a matéria sobre a abertura do Festival de Ópera a ser analisada no em um tópico paralelo, juntamente com as da TV Cultura do Pará e TV Liberal.

As matérias foram selecionadas no Barra Pesada, veiculado no horário de 11h30 da manhã, com aproximadamente uma hora de duração, o programa jornalístico que explora pautas variadas, principalmente as factuais que mostram as agruras da cidade, em um formato onde o apresentador comenta e dá suas opiniões sobre as matérias. O segundo, é o Jornal da RBA, com formato padrão, apresentador na bancada e matérias com as notícias do dia. A maioria das matérias veiculadas em um se repetem no outro e vice-versa.

4.3.2.1 OFFs das matérias da TV RBA

Para facilitar a compreensão das matérias e facilitar a localização de alguns pontos dentro da análise de conteúdo, a seguir temos os OFFs transcritos na ordem: Teatro ajuda vítimas no Rio de Janeiro; Tecnomelody Orgulho do Par; e Prêmio Diário de Fotografia Contemporânea.

MATÉRIA: TEATRO AJUDA VÍTIMAS NO RIO DE JANEIRO

REPORTAGEM: DINAN LAREDO TEMPO: 2' DATA: 20/01/2011

OFF1: A FILA DE PESSOAS COM OS ALIMENTOS DEU A VOLTA NO HALL DO CENTUR. MUITA GENTE ATENDEU AO CHAMADO DO GRUPO EXPERIÊNCIA PARA AJUDAR OS DESABRIGADOS DO RIO DE JANEIRO.///

SONORA COM GERALDO SALES (DIRETOR TEATRAL): "ISSO SURTIU DE UMA IDEIA DO RIBAMAR CHACON QUE É PRODUTOR, É UM DOS PRODUTORES DO GRUPO EXPERIÊNCIA. EU ACHEI QUE ERA UMA IDEIA ÓTIMA, PORQUE O GRUPO TEM UMA OBRIGAÇÃO COM A QUALIDADE ARTÍSTICA, MAS TEM UM DEVER SOCIAL, TAMBÉM".

ENQUETE COM O PÚBLICO. TÂNIA SILVEIRA (UNIVERSITÁRIA): SABER QUE TEM UMA AÇÃO QUE POSSA AJUDAR PESSOAS QUE ESTÃO PRECISANDO NESTE MOMENTO, COM CERTEZA É MUITO IMPORTANTE. É UMA AÇÃO MUITO IMPORTANTE. INFELIZMENTE, NEM TODO MUNDO VAI TER ACESSO AO ESPETÁCULO, MAS O IMPORTANTE É AJUDAR.///

OFF2: O INGRESSO PARA ASSISTIR O ESPETÁCULO CUSTOU APENAS TRÊS QUILOS DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL.

ENQUETE COM O PÚBLICO. ANA PAULA PANPONET (ADMINISTRADORA): "AJUDAR E ASSISTIR JUSTAMENTE UMA ÓTIMA PEÇA, QUE É O VER DE VER-O-PESO.

OFF3: O TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA JÁ ESTAVA SUPERLOTADO E AINDA TINHA MUITA GENTE DO LADO DE FORA. A CONFUSÃO FOI INEVITÁVEL.

S/S PÚBLICO BRIGANDO PARA ENTRAR

OFF3: O SUFOCO VALEU A PENA. FORAM ARRECADADAS CERCA DE DUAS TONELADAS DE ALIMENTOS. TUDO SERÁ ENCAMINHADO, ATRAVÉS DA CRUZ VERMELHA, PARA A REGIÃO SERRANA DO RIO DE JANEIRO. A IDEIA DE AJUDAR AS VÍTIMAS MOTIVOU 22 PROFISSIONAIS, ENTRE ATORES E TÉCNICOS, PARA REMONTAR A PEÇA VER DE VER-O-PESO.

SONORA COM PAULÃO (ATOR): "É UMA MANEIRA DA GENTE PARTICIPAR. É UMA MANEIRA DA NOSSA GOTINHA ENCHER UM COPO E MATAR A SEDE DE ALGUÉM, ENTENDEU? EU SEI QUE É POUCO, MAS POR ESSA RESPOSTA DO PÚBLICO, A GENTE TÁ SUPER FELIZ".

OFF4: O SUCESSO DE 28 ANOS DA MAIS CONSAGRADA MONTAGEM DO TEATRO PARAENSE MAIS UMA VEZ EMOCIONOU AS PESSOAS QUE CONSEGUIRAM ENTRAR NO MARGARIDA SCHIWAZAPPA.

S/S FINAL – IMAGENS DA PEÇA

MATÉRIA: SÉRIE ESPECIAL “ORGULHO DO PARÁ” MATÉRIA SOBRE O TECNOMELODY
REPORTAGEM: ÉRICA TORRES TEMPO: 4’ DATA: 27/09/2011

S/S INICIAL COM UM TECNOMELODY

OFF1: A BATIDA É ACELERADA. OS PASSOS MUDAM RAPIDAMENTE. ESTAMOS FALANDO DO RITMO QUE É A CARA DO PARÁ: O TECNOMELODY.//

S/S – TECNOMELODY (A CANTORA CANTA: “EU SOU DO NORTE, DE BELÉM DO PARÁ!”)

OFF2: NESTE ESTÚDIO DE DANÇA EM BELÉM, MUITOS ALUNOS QUEREM APRENDER A DANÇA TÃO ANIMADA. DEPOIS DO BREGA, O TECNOMELODY É A SEGUNDA DANÇA NASCIDA AQUI MESMO NO PARÁ.

PASSAGEM: AGORA O TECNOMELODY JÁ PODE SER CONSIDERADO UMA DANÇA DE SALÃO. O RITMO POSSUI INFLUÊNCIAS DE VÁRIAS OUTRAS DANÇAS, COMO A LIBANESA, A INDÍGENA E ATÉ DO CARIMBÓ.

SONORA COM MARCELO THIGANÁ (COREÓGRAFO): “O PASSO BÁSICO DO TECNOMELODY É TOTALMENTE ORIGINADO NAS TRIBOS INDÍGENAS. FOI BUSCAR NA TRIBO CAIAPÓ E NA TRIBO MUNDURUCU, PRA FAZER A BASE DISSO. ENTÃO CHAMA QUARUPE O PASSO BÁSICO MASCULINO E O PASSO BÁSICO FEMININO É O CARIBENHO POR TER MUITAS INFLUÊNCIAS CARIBENHAS, COMO DA CUMBIA E DO MERENGUE E ATÉ MESMO DA SALSA.

O SUCESSO DO TECNOMELODY SURTIU EM 2002, QUANDO O DJ BETO METRALHA COMEÇOU A FAZER VERSÕES DE MÚSICAS ORIGINALMENTE CANTADAS EM INGLÊS PARA O PORTUGUÊS, COM UM TOQUE BEM PARAENSE.

SONORA COM BETO METRALHA (PRODUTOR MUSICAL): “O BREGA ENTROU QUANDO EU TINHA UMA PRODUTORA DE ÁUDIO BEM PEQUENA. AÍ EU CONHECI A GABY E O MARQUINHOS, HOJE EM DIA A GABY AMARANTUS E O DJ MALIQUINHO, AÍ ME CONVIDARAM PRA FAZER TRÊS MÚSICAS. AÍ NÓS FIZEMOS, ELABORAMOS TRÊS MÚSICAS E DUAS VIRARAM SUCESSO”.

OFF3: MAS ANTES, BEM ANTES DISSO, OUTRO DJ JÁ SEQUENCIAVA BATIDAS MUSICAIS NO COMPUTADOR. NOS SAUDOSOS ANOS 80, A TÉCNICA ERA CONHECIDA COMO ELETRORITMO. EM 1995, TONNY BRASIL COMPÔS E GRAVOU A PRIMEIRA MÚSICA ELETRÔNICA EM BELÉM: LANA. S/S DA MÚSICA LANA

OFF4: ELE CONTA QUE O MOMENTO ERA DIFÍCIL PARA A MÚSICA PARAENSE.//

SONORA COM TONNY BRASIL (PRODUTOR MUSICAL E COMPOSITOR): “COM O SUCESSO DA BANDA CALYPSO, OS BONS MÚSICOS FORAM ARREBATADOS PARA VIAJAR COM A BANDA. E NÓS FICAMOS EM MATERIAL HUMANO AQUI. BEM QUE EU EXPERIMENTEI OUTROS ARTISTAS, OUTROS MÚSICOS, MAS NÃO CONSEGUI. NÃO TIVE RESULTADO BOM. E COMO A PARTIR DO MOMENTO QUE A GENTE PEGA UM TRABALHO A GENTE TEM QUE CUMPRIR, ENTÃO EU FUI BUSCAR ESTE RECURSO QUE FOI JUSTAMENTE FAZER SEQUÊNCIA, DE GRAVAR EM SEQUÊNCIA. E O RESULTADO FOI ESSE. E DEU MUITO CERTO”.

OFF5: ELE COMPÕEM, PRODUZ E GRAVA NESTE PEQUENO ESTUDIO NOS FUNDOS DA PRÓPRIA CASA. COM A EXPANSÃO DA MÚSICA ELETRÔNICA PARAENSE, EXISTEM VÁRIAS PESSOAS QUE HOJE FAZEM O MESMO QUE TONY, PRODUZEM O ESTILO E SUAS VARIANTES, COMO O ELETROBREGA, ARROCHA, TECNOBREGA, ELETROMELODY E CLARO, O TECNOMELODY.//

OFF6: HOJE O RITMO ARRASTA MULTIDÕES EM FESTAS ESPALHADAS PELO ESTADO E ATÉ MESMO FORA DELE.//

SONORA COM MARCELO THIGANÁ (COREÓGRAFO): “TODO MUNDO AQUI NESTE ESTADO GOSTA DE DANÇAS, SÓ QUE NINGUÉM SABE EXPLICAR COMO O CORPO SE MOVIMENTA, COMO É QUE SAI ISSO AQUI – ISSO AQUI É CARIBENHO, NÃO É? – COMO É QUE O MOVIMENTO DE QUADRIL É ÁRABE. ENTÃO QUANDO SE FUNDE ISSO E MONTA UMA DANÇA CHAMADA TECNOMELODY, O MUNDO TODO REALMENTE ABRAÇOU”.

SONORA COM TONNY BRASIL (PRODUTOR MUSICAL E COMPOSITOR): “O PARAENSE EM SIM ELE É ALTAMENTE CRIATIVO. EU ACHO QUE, EU NÃO SEI, É ALGUMA COISA QUE TÁ NO AÇAÍ, ENTENDEU? NO AÇAÍ, NO CUPUAÇU QUE A GENTE INGERE ALGUMA PROTEÍNA, ALGUMA COISA QUE FAZ COM QUE HAJA UM DINAMISMO MUITO GRANDE. A GENTE TEM UM RACIOCÍNIO MUITO RÁPIDO PRA ESSE TIPO DE COISA”.

S/S FINAL COM IMAGENS DE SHOWS E DANÇA.

MATÉRIA: PRÊMIO DIÁRIO DE FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA
REPORTAGEM: DINAN LAREDO TEMPO: 3' DATA: 16/03/2011

OFF1: O EVENTO DE LANÇAMENTO FOI REALIZADO NA PARTE EXTERNA DO MUSEU DA UFPA. COM A PRESENÇA DE FOTÓGRAFOS, PROFISSIONAIS DE OUTRAS ÁREAS E AMANTES DA ARTE. OS VENCEDORES RECEBERAM A PREMIAÇÃO DE 10 MIL REAIS. CADA.//

S/S – IMAGENS DA ENTREGA E DO PÚBLICO APLAUDINDO

OFF2: O FOTÓGRAFO CEARENSE SILAS DE PAULA APRESENTOU UM ENSAIO CAPTADO NO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA.///

SONORA COM SILAS DE PAULA (FOTÓGRAFO): “VIR PRA BELÉM, SER PREMIADO EM BELÉM É UMA FELICIDADE, PORQUE O TRABALHO AQUI É MUITO BOM.

OFF3: O PERNAMBUCANO, LEONARDO SETTE, APRESENTOU CENAS DO COTIDIANO DA CIDADE DE PARIS./// NESTE TRABALHO, EU NUNCA FUI ATRÁS DO MOTIVO, DO ASSUNTO, EU ESTAVA SIMPLISMENTE FOTOGRAFANDO AQUILO QUE ME TIRAVA A ATENÇÃO ENQUANTO EU ESTAVA ME DESLOCANDO DENTRO DAS SALAS DE CINEMA.//// A ARTISTA PARAENSE, ROBERTA CARVALHO, MOSTROU EM SIMBIOSES A IMAGEM DESMATERIALIZADA NO ESPAÇO.///

SONORA COM ROBERTA CARVALHO (ARTISTA VISUAL): “FOTOGRAFIA É UM DOS INSTRUMENTOS QUE EU UTILIZO PRO MEU TRABALHO. NA VERDADE, EU SOU ARTISTA VISUAL, TRABALHO COM PROJEÇÃO, COM A LINGUAGEM DO VÍDEO TAMBÉM, MAS A FOTOGRAFIA HOJE ESTÁ IMBUÍDA DESSE CONCEITO MAIS EXPANDIDO”.

OFF4: O FOTÓGRAFO DO DIÁRIO DO PARÁ, EVERALDO NASCIMENTO, FOI SELECIONADO PELA COMISSÃO, COM UM COJUNTO DE FOTOGRAFIAS FEITO EM SALVADOR, NA BAHIA.

SONORA COM EVERALDO MARTINS (FOTÓGRAFO): “EU QUERIA DIZER PARA QUEM POR ALGUM MOTIVO NÃO SE INSCREVEU, QUE SE INSCREVA, QUE VALE A PENA SIM, QUE TEM QUE ACREDITAR NA GENTE.

OFF5: 254 ARTISTAS DE VÁRIAS REGIÕES DO BRASIL SE INSCREVERAM E 21 OBRAS FORAM SELECIONADAS.

SONORA COM CAMILO CENTENO (DIRETOR/ RBA): “TIVEMOS MUITAS PESSOAS QUE SE INSCREVERAM DE OUTROS ESTADOS. INCLUSIVE DOIS DOS PREMIADOS SÃO. UM DO CEARÁ E OUTRO DE PERNAMBUCO”.

OFF6: O PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA TEM O APOIO DO MUSEU DA UFPA E PATROCÍNIO DA VALE.//

SONORA COM DANIELLE REDIG (ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO/ VALE): “A VALE TEM MUITO ORGULHO DE PATROCINAR ESTA INICIATIVA, QUE É MAIS UMA DE VÁRIAS OUTRAS EM PARCERIA COM A RBA.”

OFF7: O ALTO NÍVEL DAS OBRAS SELECIONADAS PELA COMISSÃO DO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO, REVELA A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA NO PARÁ.//

SONORA COM JADER FILHO (DIR. PRES. DO DIÁRIO DO PARÁ): “A FOTOGRAFIA PARAENSE, HOJE, ELA TEM UMA IMPORTÂNCIA NACIONAL COMO UMA DAS MELHORES FOTOGRAFIAS DO BRASIL. HOJE ELA É CONHECIDA MUNDIALMENTE COMO UMA FOTOGRAFIA DE ALTA QUALIDADE. E HOJE, NESSE PRÊMIO, ENFIM NO SEGUNDO PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO, A GENTE TEM A OPORTUNIDADE DE MOSTRAR O TRABALHO DE FOTÓGRAFOS PARAENSES RENOMADOS, MAS COMO TAMBÉM. MOSTRAR NOVOS TALENTOS PARAENSES QUE ESTÃO SURGINDO, COMO TAMBÉM TALENTOS DE OUTROS ESTADOS, ENFIM, DA FEDERAÇÃO.

S/S – Imagens da exposição

4.3.2.2 Análise das matérias da TV RBA

No estado do Pará, a TV RBA foi uma das precursoras na implantação do jornalismo policial, explorando temas como problemas da comunidade, violência e outras mazelas sociais associadas a estas temáticas. Talvez por este fato, ao se pensar em programas como o “Barra Pesada” seja difícil imaginar que contemple em suas matérias questões como a arte, um engano. O jornal traz quadros fixos e até comentarista. Na verdade houve uma transformação no perfil do programa, hoje, ele não deixou de lado os primeiros temas, mas agora aborda também variedades, e a arte passou a ser pautada, com uma frequência maior que na TV Liberal e talvez tão grande quanto na TV Cultura. O lado policial mais carregado fica por conta do programa Metendo Bronca. O Jornal da RBA tem um perfil mais tradicional, com apresentadora na bancada, exibido durante a noite, também traz pautas variadas, direcionando-se para notícias. Como dito anteriormente, é comum as matérias do Barra Pesada serem reexibidas no Jornal da RBA e vice-versa, por este fato selecionamos matérias destes dois programas para esta análise.

A primeira matéria “Teatro ajuda vítimas no Rio de Janeiro” mostra a reexibição da peça paraense Ver de Ver-o-Peso com objetivo de ajudar vítimas de enchentes e deslizamentos na região serrana do Rio de Janeiro. A narrativa se constrói direcionando o olhar para a iniciativa de artistas que, com seu espetáculo, mobilizam o público a colaborar com uma ação de cunho social, através da troca de ingressos por doação de alimentos. Todas as entrevistas caminham neste sentido. O público fala de maneira positiva sobre a iniciativa - “o importante é ajudar”- e os artistas sobre a possibilidade de ajudar com seu trabalho “o grupo tem uma obrigação com a qualidade artística, mas também um dever social”. A peça se torna mera coadjuvante na ação maior que, neste caso, é o auxílio às vítimas de enchente. Mais uma vez, este trabalho, não questiona o encaminhamento dado à pauta e sim a maior abertura de espaços para as abordagens de questões sociais problemáticas, deixando de lado a possibilidade de reflexões e visibilidade das temáticas artísticas. Talvez sejam as influências do sensacionalismo.

Nas observações para a construção desta análise nota-se que normalmente a arte se torna pauta para o telejornalismo quando há a possibilidade de dar ao público uma sugestão de programação, ou seja, no caso de uma peça que seja exibida em apenas um dia, é comum virar matéria telejornalística a partir de imagens e entrevistas em ensaios gerais, caso contrário não se tornará pauta, nem será abordada. Afinal, com esta busca por trabalhar com formato de agenda, a gravação no único dia de espetáculo para ser veiculado após este configura a perda da notícia, do hardnews, buscado por várias emissoras locais, inclusive a RBA. No caso da peça Ver de Ver-o-Peso, o que motivou a matéria sobre o espetáculo de apresentação única foi o tema a associado: colaboração com as vítimas de enchente no Rio de Janeiro. Não havia mais a possibilidade de assistir outro dia, nem mesmo para colaborar, mas a mobilização foi motim da pauta. Isso enfatiza a desvalorização dos eventos, das obras artísticas e das discussões e, ainda, a força do formato sensacionalista nos telejornais, assim como a abordagem de matérias de arte com foco em serviço.



Imagens da peça Ver de Ver-o-Peso, TV RBA

Voltemos a um outro ponto da matéria, o repórter faz referência a grande procura do público, que lotou a casa e ainda que faltaram ingressos para atender a todos, neste trecho ele destaca que “a confusão foi inevitável” e

a matéria segue com um *sobe som*²² de um homem gritando e brigando com organizadores do evento por não ter conseguido entrar. Dentro da matéria esta abordagem foi desnecessária, mas reflete a busca pela espetacularização da notícia, pelo flagrante, por mostrar com exclusividade situações agressivas, imprudentes. Talvez os próprios repórteres fiquem impregnados pelas constantes abordagens de crimes, morte, violência e na hora de cobrir temas diferentes, mesmo inconscientemente, quase como ato-reflexo, acabem por explorar estas questões, que aqui não contribuem em nada na transmissão das principais informações.

Na matéria com dois minutos de duração, as imagens da peça só começam a ser exibidas a um minuto e vinte e a única referência textual feita a mesma diz que “o sucesso de 28 anos da mais consagrada montagem paraense, mais uma vez emocionou as pessoas que conseguiram entrar no Margarida Schiwazappa”, colocações em senso comum que não trazem explicações às ideias apresentadas: a consagrada por quê? Emociona por quê? Questões que ficam no ar, sem resposta. A matéria termina com um belo *sobe som* dos atores cantando em cena.

A segunda matéria faz parte de uma série especial denominada Orgulho do Pará, que traz temáticas diversas relacionadas à cultura paraense, como por exemplo, culinária, artesanato, danças, música. O gerente de jornalismo destaca esta série como referência também na exibição de matérias ligadas à arte. A que trata sobre o Tecnomelody, estilo musical criado no Pará, vemos que realmente há um cuidado maior com a plástica e com a qualidade da matéria, e que foi produzida com mais tempo do que as apresentadas ao público diariamente. O *VT* especial é anunciado por uma vinheta de abertura com o tema da série “Orgulho do Pará”, a duração é maior que o comum, quatro minutos. Ele traz muitos *sobe sons* valorizando a música e as imagens de shows e pessoas dançando. A intenção é mostrar o Tecnomelody como música e como dança.

²² Imagens apresentadas apenas acompanhadas por som, que pode ser ambiente ou uma trilha musical. O recurso é utilizado para destacar e valorizar imagens referentes a informação passada. Pode-se referir como “*sobe som*” ou, pela sigla, S/S.

Neste, há uma busca por explicar como o ritmo foi criado historicamente e também se faz relações com outros ritmos de outras regiões ou de outros períodos. As entrevistas contribuem para a compreensão deste processo historicamente, com muitas contextualizações. Algumas personagens que contribuíram com a criação do ritmo são entrevistadas e explicam como se iniciou o processo e os outros ritmos que derivam do Tecnomelody, origens e vertentes. Um coreógrafo Marcelo Thiganá mostra a influência de movimentos indígenas, caribenhos e até árabes executados nos passos da dança, que flui naturalmente, sem que o próprio público que dança saiba que tem tantas influências.



Dança ao som do Tecnomelody, TV RBA

As palavras finais de um dos DJs entrevistados, o Tonny Metralha revelam um certo ufanismo em relação as coisas da terra:

“O paraense em si, ele é altamente criativo. Eu acho que, eu não sei, é alguma coisa que tá no açai, entendeu? No açai, no cupuaçu que a gente ingere, alguma proteína, alguma coisa que faz com que haja esse dinamismo muito grande. A gente tem um raciocínio muito rápido pra esse tipo de coisa.”

A Priore, a seleção deste trecho não faz muito sentido no todo da matéria, que explora um conhecimento maior do Tecnomelody. Talvez a escolha deste pela edição seja uma identificação com o tema central da série

“Orgulho do Pará”, que segue na mesma linha, ressaltando as belezas e dotes paraenses.

O mais importante desta reportagem é a ideia, destacada por PIZA (2009), de democratização das informações sem menosprezo a grande variedade de temas a serem abordados, já que em um passado recente, este ritmo e era visto com preconceito e por isso ficava à margem nos meios de comunicação. A abordagem traz várias conexões interessantes para uma visão mais detalhada do tema, considerando-se que o faz em uma matéria televisiva, é uma proposta muito interessante.

A matéria “Prêmio Diário de Fotografia Contemporânea” é uma pauta recomendada, já que – assim como o Arte Pará na TV Liberal – este é um evento promovido pelo Grupo RBA de Comunicação, que inclui a TV RBA, a rádio Diário FM e o jornal Diário do Pará. A matéria dispõe de um tempo maior que o comum que fica em torno de dois minutos, esta apresenta três minutos. Inicia com sobre som inicial, imagens das obras música de fundo- se a linguagem universal da imagem constrói a mensagem junto com o texto escrito narrado, explorar imagens do tema relacionado é importante para que o telejornalismo, desperte a curiosidade e atraia o telespectador, não só para a matéria, como também para a temática da arte. Em todas as análises feitas até agora, este, que deveria ser um princípio básico da TV não é seguido, algumas matérias não exploram tanto quanto deveriam as imagens das apresentações e obras de arte, como vimos anteriormente.



Solenidade de abertura prêmio de fotografia, TV RBA



Entrevista com fotógrafo premiado, TV RBA

Segue-se então para o registro do evento de entrega das premiações com uma solenidade de abertura, sai-se do foco arte para entrar na valorização da ação do Grupo RBA. As entrevistas caminham no sentido de destacar a importância do prêmio e que este é de alcance nacional. Isso se torna ainda mais evidente nas entrevistas do fotógrafo do Diário do Pará (jornal do Grupo) que foi selecionado e incentiva todos a participarem do evento: “se inscreva que vale a pena sim, que tem que acreditar na gente”, Também na entrevista oficial da Vale, patrocinadora do evento: “a Vale tem orgulho de patrocinar esta iniciativa”. A sonora destaca a importância do prêmio, assim como abre espaço para dar visibilidade à marca da empresa.

Observa-se que o texto e as entrevistas caminham para afirmação de uma importância além do regional para o evento, enfatizado suas proporções e alcance nacional, mesmo estando na segunda edição, como em: “254 artistas de várias regiões do país se inscreveram”. Em alguns pontos chega-se a falácias por generalizações apressadas como em “o alto nível das obras selecionadas pela comissão do Diário Contemporâneo revela a importância da fotografia no Pará”. Sabemos que é um evento novo e apesar de ser uma iniciativa importante, ainda não tem um grande reconhecimento, tão buscado e enfatizado em vários momentos do texto, como nas falas oficiais, comuns nas pautas recomendadas.

O diretor da RBA também destaca a participação de artistas de fora do estado e que alguns foram até premiados, como se isso conferisse maior credibilidade ao evento, ao passo que Jader Filho, presidente do Diário

do Pará, ressalta a importância da fotografia paraense, também enfatiza este alcance nacional tão explorado ao longo da matéria: "...a gente tem a oportunidade de mostrar o trabalho de fotógrafos paraenses renomados, mas como também mostrar novos talentos paraenses que estão surgindo, como também talentos de outros estados, enfim, da federação."

Em poucos momentos o repórter foge às recomendações e segue sua consciência crítica tentando mostrar, mesmo que minimamente, o processo criativo e as obras de alguns artistas – Leonardo Setti e Roberta Carvalho-, tudo é muito superficial e fica no senso comum. No caso do trabalho de Roberta Carvalho, as ideias ficam conturbadas e provavelmente o telespectador comum não deve ter entendido a mensagem, nem o trecho editado da entrevista da artista que fala de maneira mais aprofundada das relações entre a linguagem da fotografia e do vídeo.

A matéria explora boas imagens e tem uma sonorização trabalhada, utilizando mais de uma música.

Considerando-se o cenário local de telejornalismo, de maneira geral, a RBA tem dado um bom espaço para as pautas sobre arte. Com ajustes, as influências das abordagens e textos policiais, comuns ao dia-a-dia dos repórteres, podem diminuir e abrir caminhos para uma cobertura com características mais afins às temáticas artísticas.

4.3.2 TV Cultura

A TV Cultura do Pará iniciou como uma fundação pública de direito público. Em 2009 mudou de personalidade jurídica passando a ser uma fundação pública de direito privado, mas a maior parte do dinheiro investido emissora ainda hoje vem de verba do governo estadual. Assim foi ao longo de sua história de mais de 25 anos. A proximidade com o governo, algumas vezes, acaba por induzir a abordagem de algumas temáticas de interesse governista.

A emissora segue uma tendência forte de regionalização da programação, com muitos programas sendo desenvolvidos no estado, para a valorização da cultura e dos atributos da região e de seus habitantes.

Entre as pautas culturais, as de arte tem um grande espaço na grade da emissora, seja nos programas locais ou no jornalismo diário. Nossa pesquisa se atém às matérias exibidas no Jornal da Noite, único jornal exibido na emissora, com duração de trinta minutos – existem também boletins que divulgam notícias de hora em hora, pela parte da manhã e pela tarde, mas não serão analisados.

Foram escolhidas para a análise as seguintes matérias: “Arte/ Reciclagem”, “Exposição/ Arte contemporânea” e, no quesito pauta recomendada, “Terruá Pará”.

A matéria sobre o X Festival de Ópera, como dito anteriormente, será avaliada em conjunto com a das outras duas emissoras.

4.3.2.1 OFFs das matérias da TV Cultura

Abaixo seguem os *OFFs* das matérias da TV Cultura na seguinte ordem de apresentação e também de análise: “Arte/ Reciclagem”, “Exposição/ Arte contemporânea” e “Terruá Pará”.

MATÉRIA: ARTE/ RECICLAGEM

REPORTAGEM: VANESSA MONTEIRO DATA: 05/11/11 TEMPO: 2'45"

OFF1: OS SACOS PLÁSTICOS TÊM VÁRIAS UTILIDADES, DESDE EMBRULHAR COMPRAS ATÉ SERVIR PARA FAZER PIPAS. MAS GRANDE PARTE DESSES SACOS ACABA INDO PARAR EM UM LUGAR COMUM.

ENQUETE COM CIDADÃO: "ESSE DAQUI VAI VIRAR MESMO POR... PRA POR... LIXO".

OFF2: BELÉM PRODUZ CERCA DE UMA TONELADA E MEIA DE LIXO DOMICILIAR POR DIA DE ACORDO COM DADOS DA SESAN. PARTE DESTES LIXO É ARMAZENADO EM SACOS PLÁSTICOS QUE VÃO PARAR EM LIXÕES COMO O AURÁ OU ACABAM PERMANECENDO NAS VIAS PÚBLICAS E NOS RIOS DA REGIÃO. PORÉM, UM DESTINO PARA TANTOS SACOS PODE SER OUTRO, A ARTE. É ASSIM QUE PENSA O ARTISTA PLÁSTICO FAELI MORAES, BOLSISTA DO PROGRAMA DE CRIAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO, PESQUISA E DIVULGAÇÃO ARTÍSTICA DO INSTITUTO DE ARTES DO PARÁ.

SONORA COM FAELI MORAES (ARTISTA PLÁSTICO): "A PROPOSTA BÁSICA É TÁ PESQUI... FAZENDO A PESQUISA, NÉ, DOS SACOS PLÁSTICOS... AQUI EU TENHO 600 SACOS PLÁSTICOS NUM TOTAL DE NOVE MIL SACOS. ENTÃO, A PROPOSTA BÁSICA, ACIMA DE TUDO, É DIRECIONAR A SOCIEDADE PARA A RESPONSABILIDADE DO SACO PLÁSTICO. EM CIMA DISSO, TAMBÉM, TÁ TRABALHANDO COM AS PERSONALIDADES HISTÓRICAS, QUE É O MAIS FUNDAMENTAL PRA MIM".

PASSAGEM: COM UM POUCO DE RESINA E FITA CREPE, OS SACOS PLÁSTICOS VÃO TOMANDO A FORMA DE IMPORTANTES ÍCONES DA HISTÓRIA PARAENSE, COMO POR EXEMPLO, MESTRE VEREQUETE, E ATÉ MESMO A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ.

OFF3: MAIS DE OITO MIL SACOS PLÁSTICOS FORAM NECESSÁRIOS PARA A CRIAÇÃO DAS 15 ESCULTURAS, QUE EXIGIRAM PESQUISA E TRABALHO SOCIAL.

SONORA COM ARTISTA PLÁSTICO AMIGO DE FAELI: "O FAELI ELE BUSCA UMA OUTRA, OUTRA VISÃO, NÃO SÓ DO ARTISTA, PORQUE ÀS VEZES NÓS ARTISTAS, ÀS VEZES, NÓS NOS EMPOLGAMOS, QUEREMOS FAZER TUDO SÓ, NÉ, ENTÃO ELE BUSCOU OUTRO OLHAR. NÓS PESQUISAMOS, ELE FAZ UMA PESQUISA HÁ MAIS QUASE 20 ANOS, ELE FOI FEIRANTE, TRABALHOU AQUI NO VER-O-PESO E ELE MUITO SE INCOMODAVA COM O SACO PLÁSTICO, NÉ, O QUE INCOMODA O MUNDO TODO".

OFF4: A EXPOSIÇÃO JÁ PASSOU PELO VER-O-PESO E POR ICOARACI, ONDE OS MORADORES PUDERAM CONHECER UM POUCO DE CASA PERSONAGEM QUE DE LONGE PARECEM COMUNS, MAS BASTA SE APROXIMAR PARA TER A SURPRESA.

SONORA COM O PÚBLICO: "EU JÁ VI, COMO ELE JÁ FALOU, EXPLICOU PRA GENTE, DE MADEIRA, DE PAU, DE OUTRAS COISAS, MAS DE PLÁSTICO É UMA COISA MUITO INÉDITA E AQUI EU AMEI REALMENTE, ESSA OBRA DE ARTE MUITO BONITA E É ALGO ASSIM ESPECIAL".

"ENQUANTO MUITOS TÃO JOGANDO SACO NÃO SABENDO RECICLAR, NÉ, ELE, COMO ELE JÁ DISSE QUE É O ÚNICO NO MUNDO QUE FAZ ISSO, EU ACHO UM... ÓTIMO, REALMENTE EU ACHO MUITO BOM, É UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL MAGNÍFICA MESMO".

MATÉRIA: EXPOSIÇÃO / ARTE CONTEMPORÂNEA
REPORTAGEM: ANNA CAMPOS DATA: 09/06/11 TEMPO:1'20"

S/S INICIAL

OFF1: A ARTE CONTEMPORÂNEA GANHA DESTAQUE NA EXPOSIÇÃO: UMA GENTIL INVENÇÃO. OBEJETOS, Vídeos, ESCULTURA, SERIGRAFIA E DESENHOS QUE REFLETEM DIFERENTES TENDÊNCIAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA.

S/S

OFF2: A EXPOSIÇÃO FUNCIONA COMO UM LABORATÓRIO CRIATIVO DE PERCEPÇÕES QUE SE ESTABELECEM A PARTIR DA RELAÇÃO PARTICIPATIVA DO ESPECTADOR COM AS OBRAS.

S/S

SONORA COM MONITOR DA EXPOSIÇÃO: "É UMA EXPOSIÇÃO ONDE AS PESSOAS PODEM TER UM CONTATO MAIS PRÓXIMO COM A OBRA. MANIPULAR A OBRA ATRAVÉS DE SENTIDOS. NÃO SÓ DA VISAO, MAS TAMBÉM DO TATO, DA AUDIÇÃO."

OFF3: A MOSTRA FAZ PARTE DO PROJETO ARTE SESC QUE PROMOVE A DIFUSÃO E O DIÁLOGO DA ARTE COM OS DIFERENTES PÚBLICOS, REALIZANDO EXPOSIÇÕES ITINERANTES DE ARTES VISUAIS EM TODO PAÍS.

SONORA COM MONITOR: "TRAZ TRABALHOS DE ARTISTAS DE TODO BRASIL. É UMA PRODUÇÃO DE ARTE A QUAL, MUITAS VEZES, O PÚBLICO NÃO TEM ACESSO. NÃO TEM TANTO CONHECIMENTO E É UMA OPORTUNIDADE DE FAZER COM QUE ELE TENHO CONTATO COM A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA".

S/S FINAL

MATÉRIA: TERRUÁ PARÁ

REPOTAGEM: RODRIGO MONTEIRO DATA: 26/07/2011 TEMPO: 1'54"

OFF1: UMA MISTURA DE RITMOS E ESTILOS EM UM SÓ ENCONTRO COM AS FERAS DA MÚSICA FEITA NO PARÁ. S/S

OFF2: ESSA FOI A PRIMEIRA NOITE DO TERRUÁ PARÁ EM BELÉM, DEPOIS DE TER SACUDIDO O AUDITÓRIO DO IBIRAPUERA EM SÃO PAULO. S/S

PASSAGEM: NO PALCO DO TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA 40 ARTISTAS VÃO SE APRESENTAR, COM OS ESTILOS MAIS VARIADOS. MÚSICA PARA TODOS OS GOSTOS.

OFF3: DESDE A PRIMEIRA EDIÇÃO, EM 2006, O TERRUÁ TEM PROCURADO MOSTRAR TODA NOSSA DIVERSIDADE CULTURAL ATRVÉS DA MÚSICA. S/S

SONORA COM ADELAIDE OLIVEIRA (PRES. DA FUNTELPA): "EU ACHO QUE A DIVERSIDADE DO PALCO DO TERRUÁ NÃO É SÓ UM EXEMPLO PRA QUEM NÃO É DO PARÁ. TEM MUITA GENTE NO PARÁ QUE, ÀS VEZES, NÃO CONHECE ESSA DIVERSIDADE. ENTÃO O TERRUÁ TAMBÉM TEM ESSA MISSÃO, PRA MOSTRAR COMO A GENTE PODE TRAZER TODA ESSA SONORIDADE, TODOS ESSES RITMOS PRA DENTRO DESSE PALCO. MOSTRAR PRO PARAENSE E TAMBÉM MOSTRAR PRA QUEM É DE FORA DO ESTADO". S/S

OFF4: O SHOW REÚNE ESTILOS TÃO VARIADOS E DIFERENTES QUANTO O CARIMBÓ, O TECNOMELODY, POP, JAZZ, CHORINHO E MISTURAS TÃO INESPERADAS, COMO UMA COMPOSIÇÃO DE WALDEMAR HENRIQUE TOCADAS POR VIOLONCELOS EM RITMO DE ROCK. S/S

OFF5: PARA A CANTORA GABY AMARANTOS O TERRUÁ É UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL. É UMA OPORTUNIDADE DE DIVIDIR O PALCO COM OUTROS GRANDES NOMES DA MÚSICA PARAENSE.//

SONORA COM GABY AMARANTOS (CANTORA): "EU CONHECI A FAFÁ NO TERRUÁ PASSADO, E DAÍ A GENTE FEZ UMA AMIZADE. EU TENHO MUITA ADMIRAÇÃO POR ELA POR ELA. A DONA ONETE EU TAMBÉM NÃO CONHECIA. E AGORA EU TÔ TENDO A OPORTUNIDADE DE CONHECER NOVOS ARTISTAS, COMO AS MENINAS DO CHARME DO CHORO".

OFF6: PARA A VELHA GUARDA DA MÚSICA PARAENSE, PODER SE APRESENTAR NO TERRUÁ É PODER CANTAR PARA O BRASIL E PARA O MUNDO. S/S

SONORA COM DONA ONETE (CANTORA): "EU ACHEI ASSIM PARECE UMA POROROCA O QUE ACONTECEU. VEM ESSA PRIMEIRA ONDA, NÃO DEMORA JÁ VEM OUTRA, NÃO DEMORA JÁ VEM OUTRA... DEPOIS VEM O REMANSO. EU COMPAREI E ACHEI DEMAIS BONITO, ME SENTI LISONGEADA DE VOLTAR A SÃO PAULO COM O TERRUÁ, VIU?".

OFF7: O TERRUÁ TAMBÉM TEVE MOMENTOS DE IMPROVISOS. A CANTORA FAFÁ QUE ESTAVA NA PLATÉIA SUBIU AO PALCO PARA DIVIDIR UMA APRESENTAÇÃO COM PAULO ANDRÉ BARATA. S/S

SONORA COM FAFÁ DE BELÉM (CANTORA): "O PARÁ É LONGE, NÓS SOMOS MUITOS E O NOSSO SOM É PLURAL, ENTÃO ESTA INICIATIVA É GENIAL, GENIAL, QUE ISSO CADA VEZ MAIS CRESÇA, QUE MAIS NOMES SURJAM, E MAIS PESSOAS DA ANTIGA E DA NOVA GERAÇÃO APAREÇAM E MAIS PESSOAS PERDIDAS PELO MEIO DO PARÁ APAREÇAM E ACHO QUE É ISSO QUE VAI DAR A NOSSA CARA FORA DAQUI".

OFF8: O TERRUÁ PARÁ TEM DISSO: PAI E FILHO DIVIDINDO O MESMO ESPAÇO COM O MELHOR DAS GUITARRADAS. S/S

OFF9: A GANG DO ELETRO NÃO DEIXOU NINGUÉM FICAR PARADO E MAIS UMA VEZ LEVANTOU O PÚBLICO. S/S

OFF10: AO FINAL DO SHOW A CONFRATERNIZAÇÃO DA MÚSICA PARENSE, CLARO, AO RITMO DO CARIMBÓ. S/S FINAL CANTORES DANÇANDO E CANTANDO JUNTOS.

4.3.2.2 Análise das matérias da TV Cultura

Em um estado onde quase a totalidade da grade de programação das emissoras abertas é composta por programas produzidos nas capitais do Rio e de São Paulo, a TV pública assume um espaço relevante ao abrir espaço em suas exibições para questões mais locais, mostrando conteúdos e informações regionais que dificilmente seriam contempladas por pautas desenvolvidas fora do estado. É a possibilidade de o próprio povo conhecer sobre o estado e se ver contemplado por este meio de comunicação.

Além deste papel e regionalização da produção televisiva, a TV Cultura também se coloca como uma emissora educativa, para isso dá destaque a questões educativas, artísticas, culturais e informativas.

Estando a arte também associada à cultura, a emissora mantém frequentemente pautas de arte em seu telejornal, segundo o atual diretor da TV, manter pautas de arte no jornal é divulgar as manifestações culturais desenvolvidas na região, principalmente as de pouco interesse comercial, que dificilmente são exibidas nas outras emissoras.

A intimidade na exibição deste tipo de conteúdo se traduz também na técnica. A edição das três matérias, que observamos a seguir, traz muitos sons e explora imagens variadas das obras, sejam de artes visuais ou da apresentação musical. As matérias costumam ser trilhadas com músicas instrumentais, variando entre estilos como o clássico e o regional. Edições que exploram muitas imagens e trilha são mais demoradas que o comum, ou seja, este recurso não é adotado em qualquer tipo de matéria, normalmente apenas na de arte e de comportamento. Talvez possamos considerar um recurso em busca de uma identidade particular a VTs com temáticas artísticas.

A primeira matéria “Arte/ Reciclagem”, aborda uma exposição que resultou de um projeto de pesquisa do Instituto de Artes do Pará. O artista criou escultura de personalidades da terra utilizando sacos plásticos. A exposição aconteceu no mercado Ver-o-Peso e na Orla de Icoaraci. Este é o tipo de pauta que dificilmente ganha espaço em emissoras privadas locais, principalmente por estar fora de circuitos como o das galerias. A TV Cutlura, na maioria dos casos, não restringe a divulgação destas pautas de artistas desconhecidos ou de pequenas exposições.

Nos primeiros 35 segundos, a repórter coloca os problemas advindos da grande utilização de sacos plásticos nas cidades, utilizando dados para fundamentar o texto. Em seguida, ela diz que uma das soluções para contornar os problemas vem da arte, começa um processo de entrada na ideia central da matéria, o trabalho de escultura com sacos plásticos.

Inicialmente, a introdução pode parecer uma certa fuga ao tema, um nariz de cera desnecessário a matéria, mas em um olhar mais atento, as colocações acabam assumindo um caráter educativo e associando a arte com outras questões que dizem respeito a vida moderna, neste caso, o ambiente onde ela nasce.

A matéria fala do processo de elaboração das obras, como, por exemplo, a utilização de oito mil sacos, para fazer as 15 esculturas. Na passagem que dá alguns desses dados sobre a composição do trabalho, a repórter afirma que as esculturas exigiram “pesquisa e trabalho social”, mas não fica claro o que ela quer dizer com trabalho social, a construção do raciocínio não esclarece se é uma referência ao ato da obra contribuir com o meio ambiente ou qualquer outra questão. O texto para matérias de arte pode explorar uma linguagem diferenciada (PIZA, 2009), mas esta tem que cumprir o papel de transmitir a mensagem de forma eficaz.



Cena da matéria “Arte /Reciclagem” TV Cultura

A repórter mostra o olhar do artista sobre sua obra, assim como o ambiente social em que nasce, a experiência que determina a obra de arte como pensamento, imaginação, época, lugar. (MUKAROVISKY, 1993). Isso acontece quando é contada um pouco da história do artista, que foi feirante e se incomodava com a grande quantidade de sacos desperdiçados e que suas obras foram motivadas por isso e pelas atuais preocupações da sociedade com a alta produção de lixo plástico.

Ela termina falando resumidamente que as esculturas contam um pouco da história das personalidades retratadas. Depoimentos do público revelam a surpresa do público com o material utilizado e admiração pela criatividade do artista e por sua consciência ambiental. A associação do trabalho com a contribuição para a preservação do meio ambiente é explorado do início ao fim da matéria, valorizando o tema e não uma possível sugestão de programação ao público – não é utilizada para dar um serviço. Ela não foi trilhada, mas traz muitas imagens, revelando detalhes das obras e da exposição.

A matéria “Exposição/ Arte contemporânea” começa destacando que a exposição “Uma Gentil Invenção” dá destaque a arte contemporânea, mas o conceito não é explicado, nem resumidamente. O que é a referida arte contemporânea?

Ela segue com descrições simplificadas de que lá estão “objetos, esculturas, serigrafias, desenhos” que refletem diferentes “tendências da arte contemporânea”. Que tendências? O VT não traz a resposta.

Utilizando linguagem metafórica para suavizar o texto, a repórter diz que a exposição é um “laboratório de percepções”, mas, posteriormente, explica que se trata de uma exposição interativa e a edição acrescenta a sonora de um monitor dando detalhes sobre o assunto.

Há também a divulgação da organização do evento promovido pelo Arte Sesc. Pode ser interessante fazê-lo. Uma forma de exaltar a boa iniciativa.

O *OFF* também não identifica autores das obras, nem mostra especificamente nenhuma delas. É bastante generalista. Um modelo com formato mais reduzido que a maioria das matérias sobre arte exibidas pela emissora.

A matéria traz um sobe som final que explora as imagens das obras, revelando um pouco mais da exposição ao público.

A última matéria mostra o Terruá Pará, evento organizado pela emissora em parceria com o governo do estado. Trata-se de um *show* com diversos artistas da terra que surgiu em 2006 com a proposta de levar para o restante do país a sonoridade e variedade musical do estado do Pará.

Com transições governistas o projeto só foi retomado em 2011. A TV fez várias matérias sobre ensaios e sobre o desenvolvimento da segunda edição do evento. A apresentação que aconteceu em São Paulo foi transmitida pela TV Cultura. A matéria escolhida fala da primeira apresentação do projeto na capital paraense.



Cena da matéria "Terruá Pará" TV Cultura

A matéria se prende bastante ao relato de como aconteceu o *show*, em Belém. O repórter coloca muitas expressões em senso comum fazendo referência a diversidade musical que o evento contempla, como em: "mistura de ritmos e estilos", "estilos variados", "música para todos os gostos", "variados e diferentes". Outras ideias, que reforçam esta primeira, são colocadas como na descrição de alguns ritmos que serão apresentados: "o carimbo, o *tecnomelody*, *pop*, *jazz*, chorinho e até misturas inesperadas como uma composição de Waldemar Henrique tocada por violoncelos em ritmo de *rock*".

As entrevistas com os artistas como, Dona Onete e Fafá de Belém, se direcionam para a importância da iniciativa.

A matéria relata os principais momentos do show, como a subida improvisada de Fafá de Belém, que estava na plateia, para cantar com Paulo André Barata; ou ainda a Gang do Eletro que agitou o público; ou músicos pai e filho dividindo o palco. A questão é que se mantém assim do começo ao fim. Não se aprofunda sobre o projeto, nem traz colocações mais densas sobre a referida diversidade musical.

A matéria encerra com o seguinte *OFF* “ao final do *show*, a confraternização da música paraense, claro, ao ritmo do carimbo”. É uma colocação contraditória. Se a matéria, desde o começo, enfatiza que o Pará é marcado por uma diversidade de ritmos - mostrada no *show* para serem conhecidas dentro e fora do estado - como terminar com “**claro**, ao ritmo do carimbó”. A música paraense é plural, ou o carimbo é sua marca?

A matéria explora muitos momentos do *show* traz sobre sons da apresentação, dando a oportunidade de vivenciar um pouco o que aconteceu na apresentação.

Apesar de alguns detalhes questionados, as matérias da TV Cultura do Pará sobre arte tem uma identidade visual particular. Os textos dos repórteres tentam se adequar à temática artística, buscando falar de forma diferenciada das matérias factuais, construídos com mais criatividade em relação as possibilidades linguísticas quando comparados ao texto das outras emissoras.

Não há como negar a importância deste trabalho para o cenário de arte local, dando o espaço de comunicar, não conquistado em emissoras privadas.

4.3.2 Matérias sobre o X Festival de Ópera: TV Liberal, TV RBA, TV Cultura

Após as análises e reflexões, fundamentadas nos referenciais teóricos deste trabalho, buscou-se refletir sobre o trabalho de cada emissora selecionada para este estudo, através de matérias telejornalísticas sobre arte. Agora, far-se-á uma avaliação em grupo, onde todas realizam a cobertura do mesmo evento/pauta, neste caso o X Festival de Ópera.

Por se tratar de um grande evento de arte, a procura por fazer matérias sobre o Festival de Ópera acontece espontaneamente. Os veículos buscam as informações junto à organização do evento, como releases e agendamento das entrevistas. Por este fato, escolheu-se este evento para que possa ser observada como se dá a abordagem do tema por cada emissora, como cada pauta é encaminhada. Assim, faz-se possível visualizar um pouco do perfil de cada uma delas – TV Liberal, TV RBA, TV Cultura- e sua proximidade com as temáticas artísticas.

4.3.2.1 OFFs das matérias da TV Liberal, TV RBA e TV Cultura

Como feito anteriormente, segue-se com a transcrição dos *OFFs* sobre o X Festival de Ópera, para facilitar o acompanhamento da análise a ser realizada e, ainda, a observação de como a matéria foi estruturada. Abaixo os textos seguem na ordem: TV Liberal, TV RBA e TV Cultura do Pará.

TV LIBERAL

MATÉRIA: ABERTURA/ FESTIVAL DE ÓPERA

REPORTAGEM: ANDRÉ MOUSINHO

TEMPO: 2'10"

DATA 09/11/2011

OFF1: IRINEU É CRÍTICO MUSICAL, VEIO DE SÃO PAULO A TRABALHO ACOMPANHAR O ESPETÁCULO E SE RENDEU AOS ENCANTOS DO TEATRO DA PAZ.//

ENQUETE COM IRINEU (NÃO CREDITARAM ESTE ENTREVISTADO) : “ESTE É UM DOS TEATROS MAIS ESPECIAIS DO BRASIL, COM UMA ARQUITETURA E COM UMA ACÚSTICA, ENTÃO, NADA MAIS JUSTO QUE ELE SEJA OCUPADO COM UMA PRODUÇÃO COMO ESTA TOSCA.”

OFF2: AUTORIDADES DE ESTADO, ENTRE ELAS O GOVERNADOR SIMÃO JATENE, TAMBÉM PRESTIGIARAM O EVENTO.///

SONORA COM SIMÃO JATENE (GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ): “NÃO SÓ A ÓPERA, MAS O ESFORÇO QUE FOI FEITO PRA RECUPERAR ESTE MONUMENTO, QUE TEM UM SIGNIFICADO MUITO GRANDE PRA NOSSA HISTÓRIA, QUE É O NOSSO THEATRO DA PAZ. EU TENHO CERTEZA QUE O ESPETÁCULO VAI REPRESENTAR TODO ESTE ESFORÇO.”

PASSAGEM: A ÓPERA MARCOU A REABERTURA DO TEATRO APÓS OITO MESES, TEMPO EM QUE CASA DE ESPETÁCULOS PASSOU POR RESTAURAÇÕES, QUE FORAM DA ESTRUTURA DO TELHADO ATÉ A RECUPERAÇÃO DE MÓVEIS DANIFICADOS POR CUPINS. A PRÓPRIA ESCOLHA DA ÓPERA TOSCA MARCOU UM MOMENTO BASTANTE SIGNIFICATIVO PARA A HISTÓRIA DO THEATRO DA PAZ.///

SONORA COM GILBERTO CHAVES (COORDENADOR DO FESTIVAL): “NA GRANDE REFORMA DESTE TEATRO, EM 1905, ELE FOI REABERTO COM A TOSCA. A ÚNICA VEZ QUE LA FOI APRESENTADA NESTE TEATRO. ENTÃO AGORA, MAIS DE 100 ANOS DEPOIS, APROVEITANDO TAMBÉM UMA REABERTURA, FIZEMOS A TOSCA. MAS NÃO SÓ POR ISSO, PORQUE ELA REALMENTE REPRESENTA UMA DAS 10 ÓPERAS MAIS IMPORTANTES DO MUNDO.”

OFF3: DIVIDIDA EM TRÊS ATOS, TOSCA É UMA OBRA DE FICÇÃO AMBIENTADA NA ITÁLIA, NO INÍCIO DO SÉCULO XIX, ÉPOCA DA CHAMADA GUERRA NAPOLEÔNICA, QUANDO O IMPERADOR FRANCÊS NAPOLEÃO BONAPARTE ESTENDEU O SEU DOMÍNIO A OUTROS PAÍSES DA EUROPA. A HISTÓRIA FALA DE POLÍTICA, ROMANCE E DOS SENTIMENTOS QUE RESULTAM DA COMBINAÇÃO DESTES DOIS ELEMENTOS.///

S/S – ARTISTAS CANTANDO

SONORA NÃO IDENTIFICADA COM UM ARTISTA DA ÓPERA: “ALÉM DISSO NÓS TEMOS CIÚMES, TEMOS AMOR, TEMOS COBIÇA. É UMA ÓPERA REALMENTE CHEIA DE SENTIMENTOS.”

OFF4: QUASE 400 PESSOAS ENTRE ELENCO, EQUIPE TÉCNICA E ORQUESTRA, PARTICIPARAM DA MONTAGEM. A ÓPERA TOSCA ORIGINAL ESTREOU EM ROMA EM 14 DE JANEIRO DE 1900, E COMO A 111 ANOS, EMOCIONOU O PÚBLICO

S/S FINAL – PÚBLICO APLAUDINDO

VOLTA PROAPRESENTADOR QUE FALA A AUTORIA DA OPERA TOSCA (DE GIACOMO PUCCINI) E A AGENDA DO EVENTO.

TV RBA

MATÉRIA: FESTIVAL DE ÓPERA/ ABERTURA

REPORTAGEM: VALÉRIA OLIVEIRA TEMPO: 2'20" DATA: 07/11/2011

OFF1: DEPOIS DE OITO MESES FECHADO PARA REFORMA, O THEATRO DA PAZ REABRE AS PORTAS EM GRANDE ESTILO. O PRÉDIO VAI SER PALCO PARA O DÉCIMO FESTIVAL DE ÓPERA DE BELÉM.///

PASSAGEM: DESDE QUE FOI INAUGURADO NO ANO DE 1878, O TEATRO DA PAZ JÁ PASSOU POR DUAS GRANDES REFORMAS. A PRIMEIRA FOI FINALIZADA NO ANO DE 1905. JÁ A SEGUNDA DUROU DOIS ANOS DE 200 A 2002.

OFF2: COM CAPACIDADE PARA ABRIGAR CERCA DE 900 PESSOAS. O TEATRO É UMA DAS HERANÇAS DEIXADAS PELO CICLO DA BORRACHA. NAS ESCADARIAS DE MÁRMORE E NOS BELOS LUSTRES DE CRISTAL, QUE ORNAM A ENTRADA DO PRÉDIO, ESTÃO AS LEMBRANÇAS DA ÉPOCA ÁUREA, EM QUE OS TEATROS TAMBÉM ERAM SÍMBOLOS DE STATUS E RIQUEZA.///

SONORA COM PAULO CHAVES (SECRETÁRIO DE CULTURA): "NAQUELA ÉPOCA, É COMO O SHOPPING CENTER HOJE, UMA GRANDE CIDADE, UMA GRANDE CAPITAL QUE NÃO TIVESSE UMA CASA DE ÓPERA, COMO HOJE NÃO TER UM SHOPPING CENTER, SIGNIFICAVA NA ÉPOCA ATRASO, ESTAR EM DESCOMPASSO COM A CIVILIZAÇÃO".

OFF3: PARA ABRIR O FESTIVAL DESTE ANO FOI ESCOLHIDA A ÓPERA TOSCA.

S/S – ÓPERA

OFF4: A OBRA DE GIACOMO PUCCINI SÓ HAVIA SIDO APRESENTADA UMA VEZ A CERCA DE 100 ANOS. ELA CONTA A TRÁGICA HISTÓRIA DE UM TRIÂNGULO AMOROSO.

S/S- ÓPERA

SONORA COM MÁRIO WRONA (DIRETOR CÊNICO): "A ESPECTATIVA, É PRIMEIRO, CLARO, QUE O ESPETÁCULO AGRADE MUITO E EU ACHO QUE O PÚBLICO FICARÁ BASTANTE SENSIBILIZADO COM A GRANDIOSIDADE DOS CENÁRIOS, PORQUE SÃO CENÁRIOS MUITO BONITOS, MUITO BEM EXECUTADOS".

OFF5: MAIS DE 300 ATORES ESTÃO ENVOLVIDOS NO ESPETÁCULO, QUE É CONSIDERADO UM DOS MAIORES DA HISTÓRIA DO TEATRO.///

SONORA COM GILBERTO CHAVES (DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL): "EU CREIO QUE É A MAIOR PRODUÇÃO JÁ FEITA NO THEATRO DA PAZ EM TODOS OS TEMPOS, MAS COM CERTEZA, A QUE EU VIVENCIO DE 2002 PRA CÁ, JÁ É UMA CERTEZA".

OFF6: O FESTIVAL DE ÓPERA COMEÇA DIA 8. O PROFESSOR SÉRGIO CASOY VEIO DE SÃO PAULO SÓ PARA VER AS APRESENTAÇÕES. ELE AVALIA DE FORMA POSITIVA OS AVANÇOS DO PARÁ EM APRESENTAÇÕES DO GÊNERO.

SONORA COM SÉRGIO CASOY (PROFESSOR DE HISTÓRIA DA ÓPERA): "FORTEMENTE IMPRESSIONADO COM A QUALIDADE DO ESPETÁCULO. É UMA COISA, QUE EU TE DISSE, TEM UM NÍVEL TOTALMENTE EUROPEU DE QUEM SABE FAZER ÓPERA HÁ MUITOS ANOS..."

CORTE E ENCERRAMENTO EM CIMA DA FALA DO ENTREVISTADO.

TV CULTURA

MATÉRIA: ABERTURA/ FESTIVAL DE ÓPERA

REPORTAGEM: CLÁUDIO LOBATO TEMPO: 3'26" DATA: 09/1/2011

S/S INICIAL

OFF1: A PAIXÃO ENTRE UM PINTOR E UMA CANTORA LÍRICA./// UMA GUERRA ENTRE O IDEAL REPUBLICANO E A TRADIÇÃO MONÁRQUICA REFLETIDA NA INVASÃO DA ITÁLIA PELAS TROPAS DE NAPOLEÃO BONAPARTE.

S/S

OFF2: INGREDIENTES QUE DÃO A TOSCA A CONDIÇÃO DE OBRA-PRIMA DE GIACOMO PUCCINI.
S/S ÓPERA

OFF3: O DIA É 17 DE JUNHO DE 1900. TRÊS DIAS DEPOIS DA BATALHA DE MARINGO, QUANDO AS TROPAS DE NAPOLEÃO DERROTAM OS EXÉRCITOS QUE PROTEGIAM A PENÍNSULA ITALIANA.

OFF4: A FUGA DE UM EX-CÔNSUL DA REPÚBLICA DÁ ORIGEM A TRAMA QUE ENVOLVE O PINTOR MÁRIO CAVARADOSSI, A CANTORA FLORIA TOSCA E O PODEROSO SÁDICO CHEFE DA POLÍCIA POLÍTICA ROMANA, BARÃO SCARPIA. S/S ÓPERA

OFF5: ROMANCE, CIÚMES, EROTISMO, TRAIÇÃO E IDEIAS POLÍTICAS CONDUZEM A TRAMA A UM FINAL TRÁGICO, ONDE TOSCA ASSASSINA SCARPIA E VÊ MORRER O SEU AMADO, CAVARADOSSI, SE SUICIDANDO LOGO EM SEGUIDA.

SOBE SOM ÓPERA/ TRECHO SUICÍDIO

OFF6: A ÓPERA TOSCA FOI REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ EM BELÉM EM 1905, NESTE MESMO PALCO, QUE MAIS DE CEM ANOS DEPOIS VÊ RENASCER O INTERESSE PELO GÊNERO E O CARINHO DE UM PÚBLICO PREPARADO PARA AS GRANDES OBRAS. S/S PÚBLICO APLAUDINDO

SONORA COM SILVIANE BELLATO (SOPRANO): "ME SINTO EM CASA AQUI, COM TODO CARINHO QUE EU TENHO RECEBIDO".

OFF7: OBRA DE GRANDE ESFORÇO TÉCNICO PARA TODOS OS PAPÉIS, PRINCIPALMENTE PARA OS SOLISTAS. S/S

SONORA ERIC HERRERO (TENOR): "SÃO PAPÉIS DENSOS, DE MUITA FORÇA. MUITA DRAMATICIDADE E CONHECIDOS. TODO PÚBLICO DE ÓPERA CONHECE".

OFF8: AS ESTRELAS SÃO DE FORA, MAS A QUALIDADE DE NOSSOS ARTISTAS TAMBÉM IMPRESSIONA.

SONORA COM CARLOS MORENO (MAESTRO): "A ORQUESTRA É ESTA GRATA SURPRESA. ESSA QUÍMICA DE JOVENS, MÚSICOS MUITO EXPERIENTES, OU SEJA, E UM TRABALHO QUE TAMBÉM DE FORMAÇÃO".

OFF9: MÚSICOS, CENÁRIOS, CANTORES, FIGURINOS. A OBRA-PRIMA DE UM OUTOR MERECE UMA MONTAGEM CUIDADOSA. NOSSA, SEGUNDO QUEM ENTENDE, NÃO FICA DEVENDO NADA A NINGUÉM.

SONORA COM GILBERTO CHAVES (COORD. DO FESTIVAL): "É UM ESPETÁCULO QUE NÓS FIZEMOS PARA SER DE PRIMEIRO MUNDO. EU ACHO QUE PASSOU ASSIM".

SONORA COM GOVERNADOR SIMÃO JATENE: "O QUE NÓS ASSISTIMOS AQUI É UMA COISA QUE DEVE MEXER NO FUNDO DO CORAÇÃO DE CADA UM DE NÓS. EU SEMPRE DIGO QUE O PARÁ TEM MUITOS DESAFIOS, MAS O PARÁ TEM UMA CAPACIDADE FANTÁSTICA DE SUPERAR DESAFIOS".

OFF10: NOITE DE GALA QUE PROMETE MARCAR POR MUITO TEMPO A HISTÓRIA DOS GRANDES EVENTOS CULTURAIS DO ESTADO.

S/S FINAL- 20 SEGUNDOS DE IMAGENS DA ÓPERA

4.3.2.2 Análise de matéria coberta pelas três emissoras

Na cobertura da abertura do X Festival de Ópera, observa-se semelhanças de abordagem entre as três emissoras, no sentido de mostrar o primeiro dia de evento como um serviço, chamando o público para os próximos dias de apresentação. A TV Liberal e a TV RBA seguem uma estrutura similar de construção do texto, a TV Cultura apresenta uma matéria completamente diferente das outras duas emissoras.

O tempo destinado para cada matéria foi de dois minutos e dez segundos pela TV Liberal, dois minutos e vinte segundos pela TV RBA e de três minutos e vinte e cinco segundos pela TV Cultura.



Cena da "Ópera Tosca" exibida pela TV Liberal

Quanto ao conteúdo de cada matéria, a TV Liberal apresenta um *VT* de caráter documental, em boa parte do tempo apenas registra o que aconteceu no primeiro dia do evento, quem compareceu, como as autoridades de estado, ou seja, até um minuto e vinte e cinco do *VT* só se fala disso, só nos últimos 45 segundos vai falar da ópera em si. Como exemplo desta ênfase em outras questões, que não a obra, temos as entrevistas no início da matéria, uma delas é com o governador Simão Jatene que fala dos esforços para recuperar o teatro e resume as colocações sobre o espetáculo dizendo que o evento representará estes esforços.

Já inicialmente o nome da ópera "Tosca" é citado em uma entrevista e na passagem do repórter, mas não traz explicações ao que se

refere, o que pode dificultar a compreensão da mensagem por quem desconhece o tema. As explicações mais detalhadas sobre a Ópera Tosca só vem a partir da sonora com o coordenador do festival, Gilberto Chaves, passado mais da metade da matéria.

O repórter apresenta superficialmente o enredo da ópera, o número de artistas e técnicos envolvidos e alguns dados históricos, como o ano em que foi apresentada pela primeira vez e o período em que se passa a estória. Um erro grosseiro é não citar a autoria da Ópera Tosca, este é corrigido pelo apresentador, que, ao fim da matéria, diz em nota, que esta é uma das obras-primas de Giacomo Puccini. Ele aproveita e dá o serviço, dizendo que será apresentada nos próximos dois dias, informando também os horários do evento, na comum estratégia da agenda.

Em relação às questões técnicas, as imagens da ópera só são exploradas passados um minuto e vinte e seis segundos, considerando que a matéria tem dois minutos e dez segundos, foi uma utilização tardia. Também não há grandes possibilidades de observar os cantores líricos em atuação, pois há apenas um sobe som na matéria mostrando os mesmos cantando. O instrumental da ópera, assim como o canto lírico, fica quase todo tempo encoberto pela locução do repórter, servindo de trilha para o *OFF* da matéria. O sobe som final mostrando a satisfação da plateia trouxe imagens das pessoas se retirando do teatro, o que ficou estranho (a matéria da TV Cultura conseguiu captar o momento em que o público aplaude de pé a apresentação, ou seja, na TV Liberal houve ou uma falha na captura das imagens, ou na seleção pela edição), afinal o repórter diz que a ópera “emocionou o público” e aparecem pessoas aplaudindo e outras saindo, é incoerente.

A matéria tem uma estrutura que começa com o registro do evento, assim como destaca a reabertura do Theatro da Paz após oito meses em reforma, para só a partir daí falar da Ópera Tosca. A matéria da TV RBA vai seguir a mesma estruturação. Talvez a necessidade de dedicar boa parte do tempo do VT à história, beleza e reabertura do teatro seja uma coincidência, porém, o mais provável é que os repórteres tenham seguido a estrutura dos releases de divulgação do evento.

A busca por pautar o Festival como sugestão de programação para o público também é um objetivo da matéria da TV RBA. Ela foi feita

durante o ensaio geral da Ópera Tosca. No trecho inicial do *OFF*, a repórter já localiza os dois grandes temas da matéria, a reabertura do teatro e o Festival de Ópera: “... o Theatro da Paz reabre as portas em grande estilo. O prédio vai ser palco do X Festival de Ópera”.



Cena da “Ópera Tosca” exibida pela TV RBA

Assim, a estrutura segue com a primeira metade da matéria dedicada a contar um pouco da história do Theatro da Paz, como o ano de sua abertura e o que representa para o estado, para confirmar a importância do teatro, uma entrevista com o secretário de cultura, Paulo Chaves onde ele fala que o teatro, na época em que foi construído, representava avanço, uma grande capital. Na segunda metade da matéria, o foco é o espetáculo. Sobre este, a repórter se resume a informar a autoria da obra e que o enredo mostra “a trágica história de um triângulo amoroso”. A sonora que cai na sequência poderia complementar ou aprofundar o que é dito no *OFF*, mas Mauro Wrona, diretor cênico do espetáculo, é questionado sobre a expectativa em relação ao espetáculo e diz acreditar que o público ficará sensibilizado, não são dadas informações adicionais sobre a Ópera Tosca, a não ser a respeito da grandiosidade do cenário.

A matéria segue mostrando a relevância da ópera, que envolve mais de 300 artistas e é uma das maiores realizadas no Theatro da Paz e segue com uma entrevista com Gilberto Chaves, coordenador do Festival, para

legitimar o que é dito em *OFF*, e ele fala exatamente que acredita que este é um dos maiores eventos de todos os tempos.

Na finalização do texto, é informada a data em que inicia o evento e na sequência é realizada uma entrevista com um professor de história da ópera que diz estar fortemente impressionado com a qualidade do espetáculo e a matéria termina com um corte em cima da fala do professor paulista, baixa-se o áudio e aparece só a imagem do professor falando e gesticulando, um acabamento ruim.

Em resumo, pouco é dito sobre a obra a ser apresentada, a preocupação maior é em destacar as grandes proporções e importância do evento. Apesar de trazer belas imagens do espetáculo, a matéria tem apenas dois sobes sons com o som da ópera, o resto do tempo é apenas a narração da repórter, sem nenhum tipo de trilha. Se estamos falando de uma ópera, por que não aproveitá-la como sonorização da matéria? Seria uma opção para o público ouvir trechos do elemento principal da informação.



Cena da "Ópera Tosca" exibida pela TV Cultura do Pará

A matéria da TV Cultura diverge das demais. Do início ao fim o foco é no espetáculo. Explora as imagens da Ópera Tosca, assim como a música, que serve de trilha sonora da matéria. Já no início temos um sobre som com os solistas em cena, muitos outros sobes sons ao longo da matéria demonstram ao telespectador a qualidade musical da ópera.

Apesar de informar que esta é uma obra-prima de Giacomo Puccini, o repórter não se estende a falar do autor. O texto narrado explica onde a história se passa e a contextualiza historicamente, conta um pouco de seu enredo e apresenta os personagens principais da história. As descrições são acompanhadas por imagens de cenas da ópera que facilitam a compreensão do que é dito em *OFF*. Mas, o repórter acaba contando também o final da ópera, o assassinato do barão, a morte do amado de Tosca e seu suicídio. Esta é uma grande falha, afinal, se escolhe-se o papel de instigar o público com uma sugestão de programação e a peça seria apresentada nos dois dias subsequentes, contar o final é tirar um pouco das surpresas do espetáculo de quem se interessar em assisti-lo.

Os trechos de entrevista escolhidos, em edição, para a matéria são pequenos e sofrem cortes antes que os entrevistados concluam o raciocínio, são superficiais e não acrescentam informações importantes ao texto, ora elogiam o público, ora elogiam os artistas que participam da ópera.

E por falar em valorização dos artistas o repórter anuncia “as estrelas são de fora, mas a qualidade de nossos artistas também impressiona” e que a ópera montada no Teatro da Paz “não fica devendo nada a ninguém” revelando uma busca por valorizar aos artistas locais. Nesta segunda parte ele diz que “segundo quem entende” a montagem da Tosa aqui não fica devendo nada a ninguém, só que ele segue com duas sonoras oficiais, uma do coordenador do festival e outra do governador, como se desse a palavra final da matéria a eles. Quem disse que eles é quem definem o que é bom ou ruim? A autoridade do cargo político? Temos aqui uma indução ideológica ao público, por parte de quem constrói o texto.

Mais uma vez a edição peca, ao escolher o trecho de sonora do governador, que pouco se encaixa ao conteúdo geral da matéria, ele fala: “o que nós assistimos aqui é uma coisa que deve mexer no fundo do coração de cada um de nós. Eu sempre digo que o Pará tem muitos desafios, mas o Pará tem uma capacidade fantástica de superar desafios”. Ficou no mínimo desconexo – talvez, e esta é uma interpretação possível, a fala do governador tenha sido colocada estrategicamente, por conta do estado, naquele período, estar passando por uma fase de decisão popular, através de um plebiscito, para uma possível divisão territorial, que acarretaria no surgimento de mais

dois estados, ação contrária ao posicionamento do governo. Exaltar as qualidades do estado e suas capacidades de superação é uma forma de dizer que ele é mais forte inteiro. A TV Cultura, também por estar associada a gestão pública acaba por incorporar alguns posicionamentos do governo.

O sobe som final é interessante e mostra o público inteiro aplaudindo de pé e intensamente os artistas e o espetáculo, Plasticamente é uma matéria bonita e que desperta o interesse pelo contato com a obra apresentada.

O que se pode observar nestas análises é que há maior intimidade com as temáticas artísticas em umas emissoras e em outras, menos. A TV Cultura, tradicionalmente, valoriza as pautas culturais, que são constantes em sua grade de programação, talvez por isso haja refinamento na edição e cuidado para trilhar, destacar as obras em sobe sons e construir o texto valorizando a obra em si, sem a busca por conexões que tragam um “quê” de notícia, factual. A TV RBA também revelou, em vários momentos este cuidado, apesar de já ficar mais claro que está ainda impregnada pela linha editorial sensacionalista em busca por audiência. Observamos por vezes, os repórteres deslocando o olhar do foco principal, a obra estética, para valorizar questões sem tanta importância para a temática da arte. A TV Liberal demonstra uma edição mais “dura” explorando menos o potencial das imagens e se atendo em informações básicas, sem grandes conexões, na busca por um jornalismo “imparcial” e factual mesmo nas matérias sobre arte, fazendo registros do que acontece.

Qual será o dia em que os telejornais vão deixar de ser convenientes e todos, confirmando o que já é conhecido e deixando intactas as estruturas mentais, como afirma Bourdieu (1997)?

No caso da arte, é preciso abarcar a riqueza significativa da obra, sua forma e conteúdo. Conexões são necessárias. Aprofundar as informações sobre as obras, ater-se nelas, mostrar aspectos históricos, contextualizar os momentos em que surgiram. Levantar estes conhecimentos não é impossível e o melhor, pode favorecer o público com acesso a conteúdos que vão além de uma sugestão de agenda para o fim de semana.

Já temos a presença da arte no telejornalismo paraense, agora precisamos entender e respeitar as peculiaridades dela e caminhar para um

espaço maior e conduções mais adequadas dos temas. Refletir, discutir, analisar podem trazer grandes contribuições para o futuro da arte nestes veículos. O processo é contínuo e envolve comunicadores e artistas, afinal, se de um lado é preciso comunicar adequadamente ao público, do outro é preciso comunicar-se diretamente com as emissoras, informar sobre seus trabalhos e também contribuir para o conhecimento de suas obras.

CONCLUSÃO



Este trabalho partiu da crença sincera de que a arte tem um papel social importante, que ainda está ocioso. Ela pode ser capaz de construir, junto com outras áreas de conhecimento, possibilidades de acesso à cultura e à educação, contribuindo para a formação de um povo mais crítico e reflexivo. Posicionamento utópico? Talvez! Utopia ou realidade, acredito que ainda há caminhos de se transformar cenários de pobreza e alienação em que vive nossa sociedade. A arte é um deles.

Felizmente não estamos sozinhos em nossas assertivas. Ao longo deste trabalho, foram apresentados muitos referenciais que compartilham esta premissa, como em Costa (2004), que também acredita em um despertar da humanidade a partir do desenvolvimento da intuição artística, das formas de expressão e da capacidade de absorver a arte.

A arte é para sociedade tanto quanto nasce da cultura social. Surge de reflexões e experiências dentro de determinada cultura e propõe a libertação de olhar a realidade sob novas perspectivas. É mais que um simples produto ou mero objeto. Então, é preciso valorizar mais o conteúdo das artes, como em Argan (2010), ter em mente seu valor, pesquisar em que consiste, como se gera, transmite, reconhece e usufrui.

Da paixão pela TV e da certeza de seu grande alcance veio o insight: se a TV se envolvesse mais com as temáticas artísticas - neste estudo, através do telejornalismo - não poderia aumentar o interesse pelo tema, instigar o público a conhecê-los e assim fazer parte desta cadeia de construção de novos conhecimentos?

É uma combinação muito possível. Uma simbiose perfeita, a TV sendo capaz de exercitar o papel social da comunicação e a arte se abrindo para todo tipo de público, deixando de estar restrita a circuitos fechados.

A arte, hoje, necessita divulgar seus temas e trabalhos, mas nem sempre há verba para investir em materiais publicitários, assessoria de imprensa, então, ter uma porta aberta em emissoras televisivas é uma grande contribuição para que os eventos sejam também anunciados ao público.

Em se tratando da arte como objeto a ser mediado pelo telejornalismo, foi necessário buscar referenciais teóricos para entender os pilares de uma obra de arte, o que essencialmente tem que ser entendido e transmitido, sendo o passo inicial para interpretação da arte e de seus objetos estéticos. A ideia

era identificar nas matérias telejornalísticas como se falava sobre arte e se os pontos essenciais das obras eram abordados. Não há exigência por um jornalismo especializado no tema dentro do veículo televisivo, mas sim o mínimo de conhecimento sobre a informação que é transmitida

Observou-se que já há um espaço quase que regular para as temáticas artísticas, mas que ainda é confuso e pouco explorado. Não se vê, principalmente nas emissoras particulares, grande intimidade com a arte, ou um cuidado com as especificidades deste campo. Muitas vezes os textos são construídos com linguagem e abordagem similar aos textos factuais, que mostram notícias e acontecimentos, meramente relatando-os, sem informações mais detalhadas, propondo reflexões sobre o assunto.

Neste sentido, viu-se também a necessidade de encontrar dentro das temáticas artísticas elementos com carácter factual, apontando questões próximas as do jornalismo sensacionalista, espetacularizando as informações, como por exemplo no caso do projeto social de balé, exibido pela TV Liberal, que deu enfoque à necessidade de apoio para que as estudantes pudessem fazer um intercâmbio nos Estados Unidos, sem ao menos falar de como o balé tem transformado a realidade do lugar e auxiliado no desenvolvimento das crianças. A dança ficou nula.

Na RBA, por exemplo, vimos o caso da peça sendo exibida para ajudar vítimas de enchente no Rio de Janeiro. Além de destacar somente a questão da contribuição social, a reportagem ainda explorou a discussão de um homem com a organização do evento, dando até sobe som para a gritaria.

Em outros casos vimos o descompasso entre texto e imagem. Uma matéria televisiva que não explora imagens do objeto ao qual se refere não tem êxito na transmissão de sua mensagem, afinal, na televisão a linguagem universal da imagem constrói a mensagem da matéria junto com o texto.

As matérias de arte não combinam com estas abordagens, que por sua vez, não são capazes de levar informações condizentes ao telespectador.

Do jornalismo cultural trouxemos alguns apontamentos interessantes, passíveis de serem utilizados no telejornalismo, como por exemplo, seguir as velhas regras de um bom texto jornalístico, buscando clareza, coerência e agilidade, mas que também informar sobre as características gerais da obra, sua estrutura, sua linguagem, sua história, falar de seu autor e da importância

do mesmo, assim como os temas e percepções com que trabalha. Deve ser um texto que demonstre criatividade e preparo intelectual para ir além do objeto analisado, usando-o para refletir sobre a realidade. Não há aqui preconceito com boas metáforas, riqueza verbal e humor, na busca por um texto atraente.

Vimos também que é uma prática comum no telejornalismo local as matérias de arte serem dadas como serviço, quase como uma agenda de eventos culturais. Não vamos desconsiderar ou descaracterizar o valor desta ação. Chamar o público para participar dos eventos e conhecer as obras de arte é uma importantíssima contribuição para a formação de público de arte e consequente valorização dos trabalhos e dos artistas locais. Diria até que é um dos papéis do telejornalismo, mas é, mais que possível, é preciso, indubitavelmente, ir além. É necessário melhorar a mediação das matérias veiculadas como dicas de programação cultural e também abrir espaço para temáticas ligadas à arte que não estejam, necessariamente, ligadas a um evento, mostrando tendências, projetos, resultados.

É preciso pensar em reportagens que, ousadamente, não só apresentem, mas, sobretudo, analisem os contextos. A matéria da TV RBA sobre o tecnomelody é um exemplo interessante. Ela foi capaz de contar a história do ritmo fazendo conexões com outros ritmos, coletando depoimento de quem ajudou a cria-lo, aprofundando conhecimentos sobre música e dança. Não estava ligada ao acontecimento de um espetáculo, mas a informação sobre o estilo musical criado no Pará.

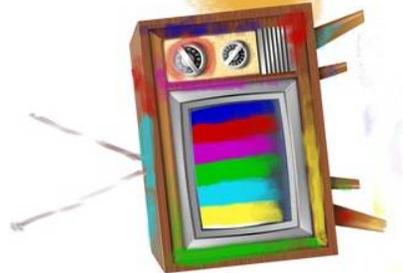
Esta dissertação escolheu a TV paraense e o trabalho de artistas locais por conta das grandes dificuldades que o cenário de arte enfrenta na capital, tanto em incentivos, quanto na formação de público e divulgação de eventos. Há pouco apoio aos artistas, que muitas vezes investem em espaços alternativos, na luta por manter aceso o circuito artístico e cultural paraense. As emissoras locais poderiam aproveitar a programação regional, e seus telejornais, para contribuir com a valorização dos trabalhos de artistas da terra.

Somos seres permanentemente mutantes. Mudamos ao longo de nossas trajetórias. Percebemos o mundo e agimos nele segunda cada etapa do nosso amadurecimento. O nosso lado sensorial, evidentemente, pode ser educado. Em outras palavras: sensibilidade se aprimora, se educa. Utilizando seu poder de envolvimento, transportando o telespectador para dentro das

notícias e reportagens, a TV pode motivar a ação de conhecer as galerias, teatros, museus, cinemas, seja onde estiver a obra estética, lá é que realmente os olhares, significações e interpretações de cada receptor serão construídos. Quanto maior a vivência da arte, maiores as possibilidades de compreendê-la.

Acreditamos que o nosso estudo aproximando estes dois campos, TV e Arte, em nível local, é pioneiro. Não houve aqui ainda uma busca por gerar uma revolução na maneira como se cobre arte na televisão paraense, e sim, apenas reflexões iniciais, que possam colaborar com novas formas de se fazer esta mediação em busca de um bem maior: levar a arte para a sociedade e fazê-la usufruir de seus benefícios.

BIBLIOGRAFIA



REFERÊNCIAS

SOBRE ARTE:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte e Crítica da Arte. Lisboa: Editorial Estampa, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARGAN, Giulio Carlo. Guia de História da Arte. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

ALVAREZ, Denise; BARRACA, Renato. Introdução a Comunicação e Artes. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1997.

BUENO, Guilherme. A teoria como projeto: Argan, Greenberg e Hitchcock. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

COSTA, Cristina. Questões de Arte. São Paulo: Moderna, 2004.

CRISPOLTI, Enrico. Como estudar a arte contemporânea. Lisboa: Editorial Estampa, 2004.

DUÍLIO, Battistone Filho. Pequena História da Arte. Campinas: Papyrus, 2003.

GERVEREAU, Laurent. *I – História dos métodos de análise das imagens; II – Uma grelha de análise.* In: _____. Ver, compreender, analisar as imagens. Lisboa: Edições 70, 2007.

JANSON, Horst Waldemar. História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MORAIS, Frederico. Arte é o que eu e você chamamos arte. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2002.

MUKAROVSKY, Jan. Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte. Portugal: Editorial Estampa, 1993.

OSÓRIO, Luiz Camillo. Razões da Crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

PRETTE, Maria Carla. Para Entender a Arte. São Paulo: Editora Globo, 2009.

VENTURI, Lionello. História da crítica de arte. Lisboa: Edições 70, 2007.

WOLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais de história da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOBRE TELEVISÃO E TELEJORNALISMO

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do Patrimônio Cultural e seus Significados. Revista Transformação. V.16. N.2. P. 111-112, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

BARBOSA, Gustavo. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

BITELLI, Marcos Alberto (Org.). Coletânea de legislação de comunicação social. Editora Revista dos Tribunais, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

CANCLINI, Néstor García. A Globalização Imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CAPARELLI, Sérgio. Televisão e Capitalismo no Brasil. Porto Alegre: LP&M, 1982.

CASADO, Alfredo. Os Meios de Comunicação Social e sua influência sobre o indivíduo e a sociedade. São Paulo: Cidade Nova, 1987.

CASTELSS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

CASTRO, Valdir José (Org.). Comunicação e Sociedade do Espetáculo. São Paulo: Paulus, 2006.

CHAREDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LE COADIC, Yves- François. A Ciência da Informação. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MARTINO, Luís Mauro. Comunicação: troca cultural? São Paulo: Paulus, 2005.

MEUCCI, Arthur. A criação de identidades virtuais através de linguagens digitais. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

PEREIRA, João Carlos (Org.). Memória da Televisão Paraense e os 25 anos da TV Liberal. Belém: SECULT, 2002.

PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. Por que as comunicações e as artes estão convergindo? São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e Artes do Pós-humano. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVERSTONE, Jaime. Por que Estudar Mídia?. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TRAVANCAS, Isabel. Comunicação de Massa e Diversidade Cultural. in Anais no Congresso anual da Intercom, 2004.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. Jornalismo: Comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

MACHADO, Arllindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. Galáxia: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC- SP. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/1309/1079> Acessado em dezembro de 2010.

BONNEMASOU, Vera. A arte como linguagem. *Cadernos da Pós-graduação:* Instituto de Artes/ UNICAMP, ano 6, v. 6, n.2, 2002, p.144-150 e *A Fonte - revista de arte*, Curitiba, maio, 2003. Disponível em: www.fonte.ezdir.net. Acessado em setembro de 2011.

BONNEMASOU, Vera. O sentido semiótico do signo de arte visual. *Revista Digital Art&*, ano 2, n. 1, abril 2004. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-01/trabalhos/pagina/13.htm>. Acessado em setembro de 2011.

BONNEMASOU, Vera. O objeto de arte como signo estético. *A Fonte - revista de arte*, Curitiba, dezembro, 2002. Disponível em: www.fonte.ezdir.net. Acessado em setembro de 2011.

FONTES, Carlos. Navegando na Filosofia: a linguagem da arte. Disponível em: <http://afilosofia.no.sapo.pt/10valeestet.htm>. Acessado em outubro de 2011.

SÁ, Olga. Psicanálise e Literatura: a interpretação. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cos/face/psicanal.htm>. Acessado em agosto de 2011.